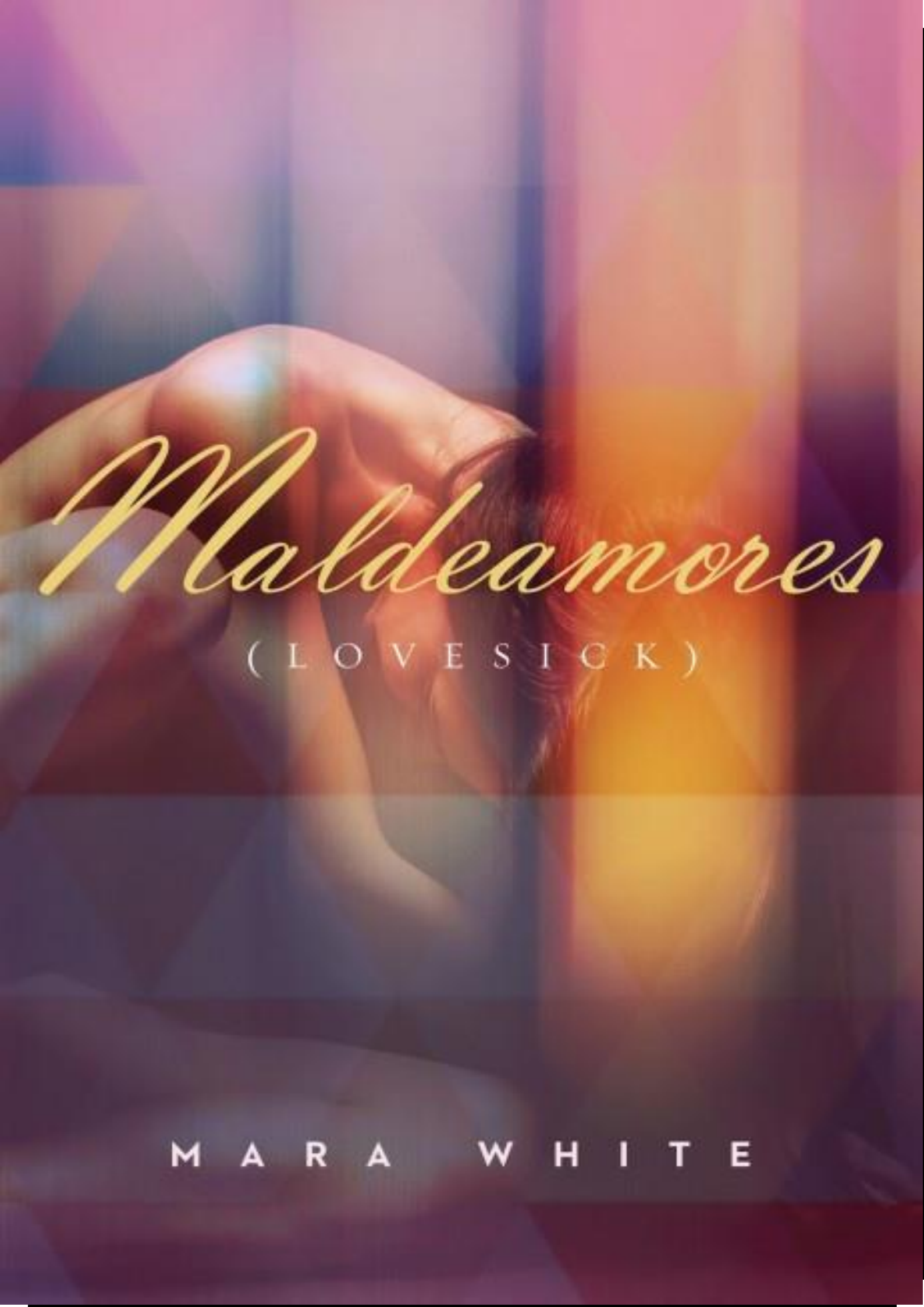

Maldeamores
(LOVESICK)
MARA WHITE



Queens of Shadows

1 Ano

Tradução: Mel

Revisão Inicial: Nathy

Revisão Final: Renata

Leitura Final: Ana Rita, Amanda & M.B.

Formatação Meghan Williams

Fev/ 2019

Maldeamores: Lovesick
(Maldeamores #1) by Mara White

Belén

Eu amei Lucky desde que me lembro, desejei-o antes mesmo de saber o que significava. Ele sempre foi o único homem da minha vida, meu protetor constante, e sua rejeição apenas intensifica minha necessidade.

Lucky

Nunca conheci um amor mais feroz do que o que sinto por Belén. Mas eu me forço a negar a ela, não importa o quanto dói.

Nosso amor é uma doença e nós dois estamos infectados.

Porque não há cura para ser da mesma família

***** Aviso *****

Este romance contém cenas de sexo gráfico, incluindo: incesto, F / F e ménage, M / M / F. Algum uso de drogas e violência.

Dedicação

Para Diana Rosa, que prova todos os dias que lindas flores crescem no Bronx.

Te amo como se fosse ciertas cosas oscuras,

Secretamente entre a sombra e a alma.

(Eu te amo como certas coisas sombrias devem ser amadas,

em segredo, entre a sombra e a alma.)

— Pablo Neruda

Cuando el amor não es locura, no es amor.

(Amor sem loucura não é amor.)

—Calderón de la Barca

Capitulo Um

Prólogo

Lucky

Aqui não há muito que possa me abalar. Eu nasci da barriga de um besta em um dia quente em julho. Tão quente que todos tiraram as tampas de seus protetores solares. Velhos puxavam suas camisas por cima de suas barrigas para se refrescarem e as meninas usavam menos roupa do que o normal, o que não é muito, na seção Hunts Point do South Bronx*. O ar condicionado era um luxo para os ricos, o único lugar para se refrescar era o hospital ou o serviço de táxi. Apenas não comece a sangrar de um ferimento de bala antes de passar totalmente pela recepção.

Minha mãe diz que a sua bolsa rompeu enquanto estava subindo as escadas para para ir ao banheiro. Sendo que eu fui o seu primeiro, pensou por um segundo que fez xixi nas calças. Ela saiu mancando de volta para a rua e gritou para alguém chamar um táxi antes de dar à luz ao seu filho em uma mesa improvisada de dominó.

Mas gosta de dizer que sua barriga pesava tanto que mal conseguia andar, e também que sabia que eu era um menino desde o primeiro chute no seu estômago, e me chamaria de Lucky depois da primeira luz do sol da manhã.

Como eu disse, não há muito que possa me bater. South Bronx, o Harlem espanhol, depois o West Harlem e a essa altura eu já tinha visto tudo aos dez anos. Vi tudo e depois mais um pouco. Eu não sou estranho à violência.

Mas a guerra é diferente quando ela passa de blocos rivais e pátios escolares para o deserto aberto ou cavernas e túneis escavados, a três quilômetros de profundidade na encosta de uma montanha. Aqui fora você não está lutando sua própria guerra. É parte de uma máquina que é inimaginavelmente maior do que qualquer um. Quando você está em uma missão, reza a cada passo para que a máquina vá cuidar de você.

Uma coisa é certa, esteja pronto ou não, a máquina vai fazer de você um homem do caralho.

Aqui fora sob o sol quente, eu penso sobre aquele dia escaldante no sul do Bronx em 89 quando minha mãe me trouxe a este mundo. E quem sabe se estava pronta ou não, mas ela lutou sozinha, toda a sua vida só para cuidar de mim.

O céu está vazio em um azul infinito e profundo. O que eu não daria agora pelas batidas da hélice de um helicóptero do exército para quebrar a monotonia. Meu sangue morno e pegajoso penetra na minha farda e a areia absorve como se estivesse esperando toda a sua maldita vida para tomar um gole de mim. Tudo o que seria necessário era uma única tempestade de areia para que eu ficasse enterrado aqui para sempre, sem registro, sem fechamento, sem corpo para se recuperar e voar para casa para um funeral honroso.

Então, penso em como ela descreveu o dia em que vim ao mundo: verão quente e desprezível, praias muito poluídas, nada

de nadar, nada de ar, exceto o próprio diabo para respirar na cidade. Ela jura que a música *bachata* (um ritmo musical da República Dominicana) parou quando ela chegou na rua e gritou que estava em trabalho de parto.

Que os velhos pararam seu jogo de dominó, para prestar atenção assim como os que passavam por ali naquela hora.

Que o céu se acendeu momentaneamente com um relâmpago e sentiu algo molhado. Ela pensou por um segundo, *chuva*, mas depois percebeu que a sensação era apenas sua própria água escorrendo por suas pernas.

Que a temperatura passou dos 40°C naquele dia. Ela disse que o calor facilitou o trabalho, ajudou a soltar todos os músculos. Sabia que eu seria um menino e que o calor me deixaria tão teimoso quanto forte.

Sabia também que eu sempre cuidaria dela, que nós cuidaríamos um do outro.

Contou – me a história de sempre: Havia uma onda de calor infernal passando pela cidade. Mas nada poderia se comparar a *minha* onda de calor em sua cabeça. Eu não poderia saber melhor aquele dia se estivesse lá para ver. *A onda de calor do meu Lucky foi a pior, foi a melhor, tivemos sorte de termos sobrevivido*. Que o calor era uma bênção disfarçada de maldição, que seu filho seria de sangue quente e naturalmente atraído pela luta. Mas minha mãe não estava com medo. Ela cerrou os dentes em vez de gritar de dor.

Em espanhol, para dar à luz, eles dizem, *dando luz*. Ela jura que eu nasci para salvar a sua vida. Lucky, me deu o nome de quem traz a sorte.

Naquela noite, um grande incêndio destruiu quase todo o nosso quarteirão. Problemas com a fiação, eles disseram. Seis pessoas morreram, todas em nosso prédio decadente. Tudo o que ela possuía se tornou cinzas. A única razão pela qual não estávamos também era por causa da minha chegada espontânea.

Nos mudamos a menos de um quilômetro de distância para um minúsculo apartamento que minha Tia Betty compartilhava com o meu tio. Um ano depois, Belén nasceu e, a partir daquele momento, dormimos no mesmo berço. Parece que minha vida toda, minha prima sempre esteve ao meu lado. Eu acordava quando ela chorava e voltava a dormir quando ela adormecia.

Agora eu deito de costas, ferido, sozinho, desarmado, no principal território inimigo. O que eu não daria para estar ao lado dela agora.

Belén. Minha prima, minha própria onda de calor. A chama do meu fogo.

Capítulo Dois

Belén

A frigideira está estalando em cima do fogão e o barulho nos leva para a cozinha. Nós puxamos nossas cadeiras para sentar. Lucky e eu somos bons em esperar pelos pastéis. Eu gosto deles com queijo, ele gosta com carne. Nossos pés não alcançam o chão, então rimos e os balançamos enquanto esperamos. Titi fala só o necessário para não se distrair e perder seu foco do fogão.

Não podemos nos aproximar dela, porque temos que ficar longe do fogo enquanto ela cozinha. Lucky tem uma cicatriz na testa de quando Titi o colocou muito perto com a cadeirinha e o óleo quente pulou e beijou-o na testa. Ele uivou alto o suficiente para que todos os vizinhos ouvissem e ela chorou ao ponto de nunca se perdoar por aquele pequeno erro. Não me lembro exatamente de como aconteceu, mas mami e Titi gostam de contar a história e é assim que sabemos que não devemos ficar perto do fogão.

Lucky esguicha uma bola de ketchup no meu prato primeiro e depois no dele. Ele faz muitas coisas para mim, mesmo que não seja nem um ano mais velho. Nove meses, mami diz. É por isso que todos na família nos chamam de *los heros primos*. Porque somos tão próximos em idade.

Minha mãe vai me pegar hoje à noite depois do trabalho, tarde, depois que todo mundo já estiver dormindo. Quando eu fico aqui, durmo perto dele e é por isso que eu gosto. Titi fica com raiva mais rápido do que mamãe e às vezes ela joga coisas no chão ou na parede sem pensar. Lucky nunca chora, mas entra no quarto e fecha a porta. Nós brincamos com seus trens e seus super-heróis. Eu não me importo de brincar com seus brinquedos de menino. Gosto dos sons que ele faz com a boca. Às vezes Lucky cospe em mim enquanto faz os ruídos do trem. Isso não me incomoda, no entanto, não sei porque. Talvez devesse. O cuspe deve ser nojento.

Quando Abuelo (vovô) morre, Mami recebe a ligação no meio da noite. Ela me faz colocar duas camadas de tudo antes de enfiar algumas roupas em uma sacola e pegar um táxi cigano da Broadway. Ela chora em uma mão e me segura perto com outra.

Assim que entra no carro diz coisas em espanhol para o motorista e ele responde que não vai cobrar. Não é muito longe da casa de Titi, pelo menos não como quando moravam no Bronx. Agora estamos todos no Harlem, Mami e eu no West Harlem e Titi e Lucky no East Harlem, mas todos eles chamam isso de Harlem Espanhol e eu não sei porque, todo mundo no lado Oeste fala em espanhol também.

Lucky ainda está dormindo e o rosto de de sua mãe está vermelho de tanto chorar. Ela e a Mami começam de novo assim que se vêem. Estão uivando e gritando, eu pulo quando escuto os sons horrorosos que saem de suas bocas. Nem parecem me ouvir quando pergunto repetidamente: —Onde está Lucky? —

— *Durmiendo* —, minha tia finalmente fala.

Corro para o quarto dele e abro a porta, ele está deitado em seu colchão com uma blusa branca e cueca. Eu o vi nú antes, já tenho oito anos, mas ainda me lembro de tomarmos banhos juntos há não muito tempo atrás. Se fosse outro garoto eu ficaria com medo, mas nunca tenho medo de Lucky.

Eu piso no calcanhar dos meus sapatos para retira-los enquanto abro o zíper da minha jaqueta. Estou tão suada dentro de todas essas roupas. Tenho uma camiseta e meu suéter. Lucky me provocaria se estivesse acordado e eu sorrio quando penso nisso. O ar está frio no apartamento, embora possa ouvir os aquecedores funcionando, então me deito ao seu lado e puxo as cobertas para cima de nós. Seus olhos se abrem e ele parece assustado, mas então sorri. Eu sorrio de volta para ele.

—É hora de levantar, Belén? —

—Não, mas Abuelo morreu. Temos que voar para Santiago de manhã. —

—Todos nós? —

—Eu não sei se Hemi está vindo. —

Eu fecho meus olhos e meio que rezo para que Hemi fique em Staten Island porque já sei que não quero andar de avião, com ela e todos os meus primos.

Titi Jimena tem quatro filhos e todos eles são — *desgraciados*— como Mami diz. Os gêmeos Raymond e Ramón são os dois mais velhos, ambos nascidos na ilha, Annalize vem em seguida e Briana é o bebê. Meus primos são malucos e não

têm medo de xingar ou desafiar ninguém, mesmo sendo os seus professores ou policiais. Mamãe diz que os filhos de Titi Hemi vão acabar na cadeia e que Raymond já está ajudando os números de namorado de Hemi.

Lucky e eu não choramos, mesmo que ambos possamos ouvir nossas mães faze-lo e falando coisas que parecem tristes, como se estivessem gritando com Deus por tomar Abuelito. Olhamos um para o outro e encaro fixamente sua cicatriz, examino suas sobrancelhas e o ponto bem em cima do nariz, seus cílios se contraem pelo desejo de dormir. Faço uma breve análise de todos os pequenos detalhes de sua face. Lucky tem um nariz de botão que se parece muito com o meu. Não demora muito para que ele caia em um sono profundo, enquanto ainda o observo. Sua boca se abre e posso escutar nitidamente o barulho de sua respiração, que acaba servindo como uma bela canção de ninar para mim e logo já estou na terra dos sonhos como o menino ao meu lado.

Capitulo Três

No verão já temos dez e onze anos, um pouco velhos para brincar nos parques infantis, mas fazemos assim mesmo. Lucky sempre me escolhe para sua equipe, sou a primeira, mesmo antes dos meninos que provavelmente são melhores no jogo.

—Belén—, diz ele e sorri para mim. Não se importa com o que as outras crianças pensam, seu objeto é sempre estarmos do mesmo lado. Eu sei que Titi diz a ele para cuidar de mim sempre que saímos. Mami diz a Lucky que sou sua irmãzinha aos olhos de Deus e que ele deveria cuidar de mim. Mas não é por isso que ele faz isso, somos iguais. diferentes de todos os outros, mas eu e ele somos iguais.

Nós jogamos por horas, mas depois paramos quando o sol começa a se por. A maioria dos pais vêm buscar seus filhos, pisoteando duro e putos porque não apareceram para o jantar. Lucky está suado e tira a camiseta, ele usa um rosário que seu pai lhe deu. Eu sei que é especial, e também sei que ele gostaria de ter um pai que pudesse morar com ele e Titi e para jogarem beisebol juntos no playground.

Deixo seu grupo para ficar com as meninas. Yaritza, uma amiga que conheço da escola está lá, exibindo seu novo piercing na orelha, junto com outras garotas que vi antes, mas não sei seus nomes.

—Esta é Belén—, diz Yari e eu digo: —Oi—, muito calmamente.

—Seu irmão é quente—, diz a garota mais alta, e sua língua rosa se lança para lamber os lábios. Ela tem aparelho e um pouco de bigode e um crucifixo de ouro em uma corrente fina pendurada no pescoço.

—Primo—, eu digo, acenando com a cabeça. Não tenho certeza se devo concordar ou discordar, então eu olho para Yari para pedir ajuda.

—Ele é tão fofo, Belén. Você tem sorte de ter uma festa do pijama. —

Eu sinto meu rosto vermelho e calor se espalha através do meu corpo. Lucky é lindo, mas não do jeito que elas estão falando. Eu sei sobre namorados porque Titi e Mami tiveram muitos. E não gosto do que eles fazem, que é: esquecer de ligar quando deveriam, fazer você chorar o tempo todo, e aparecer bêbado nas noites de fim de semana e ir ao banheiro no domingo de manhã vomitar.

Lucky é legal e ele sempre me deixa ir primeiro, ele compartilha suas batatas fritas e até mesmo seu sundae do McDonald's. Espera por mim depois da escola e segura minha mão no inverno para aquece-las e para me impedir de escorregar e cair direto com a cara no chão. Sua risada é como uma festa de aniversário, em que a música gira todo o caminho e todos os balões estão estourando.

Estou olhando para ele agora, pensando em como eu o amo, enquanto chuta uma bola de futebol para algumas crianças que

a perderam. Então olha para cima e me vê encarando e pisca para mim. Lucky e eu temos um segredo. Somos melhores amigos e não nos importamos com o que alguém pensa.

—Você já beijou ele? — A garota alta pergunta enquanto faz uma enorme bolha com seu chiclete azul. Ela coloca de volta em sua boca e eu me pergunto como consegue fazer isso sem ficar preso por todo o seu aparelho. Seus lábios parecem inchados e imagino se alguém já a beijou.

Yari me cutuca no ombro e sussurra: —Responda a pergunta de Mina!—

—O quê? — Eu digo, saindo do meu torpor. —Lucky é meu primo. Não é desse jeito. —

—Ela nunca beijou ninguém—, diz Yari revirando os olhos. Piso em seu pé o mais forte que posso.

—Youch!— Yari diz e faz a mesma coisa comigo.

Estou prestes a bater nela por deixar por vazar meus segredos, quando somos pulverizados com uma explosão de água gelada e todo mundo começa a gritar. Lucky tem uma mangueira em sua mão e está apontando diretamente para nós e rindo. Todas as meninas gritam e se saem e os meninos começam a persegui-las. A água arqueia e ventila para o ar. O objetivo de Lucky é bom, mas a água acaba logo depois de mim. Eu alcanço minhas mãos um pouco para frente e deixo meus dedos passarem. A parede de água faz arco-íris sobre o asfalto e vejo o sorriso de Lucky, parecendo um pouco distorcido pela lente da água. Seu sorriso cai e ele tira a mão do sprinkler.

—O que há de errado, Belén? — Ele grita, dando largos passos em minha direção, rapidamente limpo as lágrimas do meu rosto e sorrio fracamente enquanto ele se aproxima, está sem fôlego por isso se inclina para colocar as mãos acima dos joelhos.

—Vamos, vamos sair daqui—, diz sacudindo a cabeça na direção de casa.

Pega minha mão e vai embora do parque sem se despedir de nenhum de seus amigos.

Lucky não se importa com o que alguém pensa dele.

—Elas disseram algo para você? Alguém feriu seus sentimentos? —

Eu olho para o meu primo e as lágrimas estão caindo novamente, mas eu estou com muito medo de dizer a Lucky o que elas pensavam sobre nós dois. E triste demais para confessar que não tenho e nunca tive um, e que talvez eu não queira um.

—Estou com medo de crescer—, é tudo que posso dizer.

Ele joga o braço em volta do meu ombro e me dá um abraço lateral bobo.

—Belén, você será o melhor adulto que já existiu. Eu não duvido de forma alguma !—

Eu sorrio e aceno, enxugando as lágrimas com as costas da minha mão.

—Eu acho que você vai o ser melhor, Lucky—, eu digo, e eu realmente quero dizer isso. As coisas vêm a ele da maneira mais fácil, e na maioria das vezes parece muito mais crescido do que eu.

—Bem, eu sempre estarei aqui quando você precisar de mim, Bey— diz enquanto me cutuca nas costelas.

—Promete? — Pergunto e meio que temo por sua resposta.

Lucky para em Fort Washington e coloca as mãos nos bolsos. Ele me enfrenta e sorri, mas não está realmente tirando sarro de mim.

—Belén, prometo-lhe diante do túmulo de Abuelito e da bíblia de Mami, que nunca te deixarei em paz, enquanto viver. Eu sempre estarei andando por aí te incomodando—. Ele puxa meu rabo de cavalo e me puxa para um abraço.

—Elas pensaram que você era meu irmão e quando falei que éramos primos, me perguntaram se já tinha beijado você—, eu acelero, então prendo a respiração esperando por sua resposta.

Lucky coloca o queixo no alto da minha cabeça e acarecia suavemente.

—Meninas estúpidas—, diz ele, pegando minha mão e balançando-a entre nós. Estou vermelha de admitir o que elas disseram, envergonhada por ter sido questionada sobre beijá-lo e nunca ter sido beijada.

O sol está se pondo enquanto faz sua última reverência sobre o Hudson. Há uma boa quantidade de pessoas fazendo

piquenique no caminho de volta do parque. *Bachata* e *merengue* explodem na rua, de aparelhos de som de dentro das casas, bem como carros estacionados com todas as janelas e portas abertas. Lucky diz —Oi— ou —B*uenas*— para conhecidos que encontra no caminho. Eu sorrio, aceno e me sinto crescida com a conversa que acabamos de ter.

Capítulo Quatro

Não estamos na mesma escola porque Lucky é um ano mais velho e moramos em bairros diferentes. Ainda estou na minha escola católica enquanto ele vai para uma pública. O vejo nos finais de semana e percebo que está mudando. Sua voz ficou mais grossa e agora tem alguns fios der barba. Ele e Titi estão sempre lutando e parece que há muita tensão entre os dois.

Lucky beija mamãe e a mim enquanto está no meio de uma tigela de cereal frio.

—Seja bom para sua mami—, minha mãe diz enquanto o beija de volta, e em seguida, dá um tapinha na bochecha dele.

—Diga a ela para mandar embora aquele idiota que não paga nem aluguel e está aqui o tempo todo. Eu odeio esse maldito apartamento!—

—Lucky!— Mami diz, surpresa com sua explosão.

—Pergunte a ela porque ela o ama tanto se ele está sempre fazendo ela chorar!— Lucky grita alto o suficiente para Titi ouvir no quarto dos fundos. —Eu estou indo para o parque—, diz enquanto bebe o resto do leite da tigela.

—Quer vir, Bey? — Ele pergunta, e eu balanço minha cabeça. —O que? Venha, você está do lado deles? Nós todos sabemos que ele é a porra de uma cobra. Por que temos que fingir? —

—Eu ficarei aqui. Talvez saia mais tarde. —

—Yari está por perto? Acha que ela veio aqui? Por que você não liga para ela? —

Sinto minha a boca ficar aberta sem reação quando ele pergunta, então fecho de novo. Yaritza é minha melhor amiga e eu a amo, mas ela está tão fora de controle ultimamente que mami não me deixa sair com ela mais. Temos a mesma idade, porém Yari já está os tendo relações sexuais, com apenas treze anos. Minha mãe diz que é porque seu pai nunca esteve por perto, mas o meu também não, e jamais deixei um garoto me tocar.

—Eu poderia ligar para ela por você. Onde você vai estar? —

—Eu sabia que podia contar com você—, diz ele e se inclina para beijar minha testa. —Estarei no Highbridge Park. Venha mais tarde, se quiser—

Mami entra no quarto de Titi e eu me jogo no sofá e ligo a TV. Pego o telefone da minha tia para ligar para Yari e choro quando faço isso. Dói muito pensar em Lucky beijando-a ou tocando-a. Mesmo apenas imagino nele querendo fazer isso, um soluço sai do meu peito. Envolvo meus braços em volta dos meus joelhos. Queria ser sexy e corajosa como minha amiga., mas não sou. Ao contrário disso sou tímida, apesar de ter boas notas e um bom sorriso e —bom cabelo— como Mami diz. Meu grande segredo agora não é que Lucky seja meu melhor amigo. Meu segredo é que na maioria das vezes eu tenho medo do futuro e me sinto muito sozinha.

Mami finalmente fala para Titi se mudar para a cidade porque há uma apartamento vago em nosso prédio. Ela me quer eu e Lucky na mesma escola diz que faremos melhor se formos todos mais próximos como uma família. Engraçado, porém, ninguém convida Hemi e seus filhos para morar nas proximidades. Minha tia e mamãe estão felizes em vê-la em feriados ou em festas longe da casa. Meu primo Raymond foi suspenso da escola e agora nossas mães nem querem que Lucky e eu fiquemos à sua volta.

Lucky ou só Luc agora, está estressado com a mudança. Ajudo a trazer as caixas e ele xinga muito e chuta a tábua solta no chão. O apartamento precisa de tinta, talvez também de reboco. Ele parece mais velho agora, embora ainda use as mesmas roupas, jeans rasgados caídos apenas o suficiente para que eu possa ver o cós de sua cueca, uma camiseta branca, o boné do New York Yankee virando parar trás.

—Este lugar está um nojo. Um fodido buraco de rato—, diz ele.

—Não é tão ruim assim—, falo enquando coloco uma caixa em sua cômoda. —Você vai estar mais perto da escola e mais perto de mim—, sorrio. Então eu olho para o chão, não posso acreditar que disse isso, procuro em meu cérebro por uma distração. Nós não somos mais parecidos assim. Nós não temos sido nos últimos anos.

—E mais perto de Yari—, acrescento rapidamente, tentando encobrir o meu constrangimento.

—Yari é quente—, diz Lucky e puxa a parte superior do boné sobre a cabeça. Ele ainda tem seu rosário, mas seu peito que parece mais definido, mais forte.

Mami a chama de *súcia*, os garotos a chamam de fácil. Mas ela ainda é minha melhor amiga, então eu apenas aceno de concordo.

—Venha aqui—, Lucky ordena enquanto enxuga o suor de seu corpo com a camisa que agora está enrolada em suas mãos. Ele joga na cama como se estivesse jogando uma bola de basquete. Chego mais perto hesitante e sinto todos os meus nervos pulando. Luc me abraça rápido e forte, meu nariz sente o cheiro familiar de seu corpo.

—Você é a garota mais bonita neste bloco e sabe disso—, seu sorriso aumenta ao ponto que sua covinha está aparecendo.

—Pensei que tivesse se livrado disso—, eu digo colocando a ponta do meu dedo nela. Ele bate na minha mão.

—Oh o que? O bloco não é bom o suficiente para você? Quer que eu te diga que você é a garota mais bonita do West Harlem? A garota mais bonita da escola ou de toda a cidade de Nova York? —

—Pare de me provocar, Lucky—, meu sorriso desaparecendo rapidamente.

—Minha prima Belén tem o corpo mais bonito da América!—, Ele grita e sei que fico vermelha. Sábio correndo do seu quarto para a cozinha. Mami está guardando os pratos de Titi e eu pego alguns para ajudar. Eu estou sem fôlego do nosso

encontro e meu coração está acelerado, minhas bochechas doem por sorrir tanto.

—Mãe ? — Eu digo colocando minha mão no meu quadril.

—O que foi *mi hija?* — Pergunta enquanto coloca a cabeça para fora do armário e olha para mim.

—Estou feliz que eles se mudaram para cá. Acho que vai ser bom—.

É bom, na verdade, é melhor que bom. Tanto Mami quanto Titi riem e cozinham mais, passam mais tempo umas com as outras do que com seus namorados, e fico mais perto de Lucky.o vejo todos os dias, porque mamãe o obriga a me levar para a escola. Ele age como se fosse uma chatice e reclama em voz baixa, mas assim que estamos a um quarteirão do prédio, carrega minha mochila e me trata como uma pessoa real. Faz perguntas de como são as aulas, se fiz o dever de casa e quais professores eu gosto. Me dá conselhos de quais caras devo ficar longe e com quem ele acha que eu deveria sair. De vez enquando, paramos na lanchonete e compramos donuts ou um bagel. Lucky sempre paga pelo meu, mesmo quando tenho dinheiro.

Eu adoro vê-lo comer quase mais do que qualquer outra coisa. Luc dá mordidas tão grandes e mastiga rápido como um cachorro faminto na rua. Às vezes ele fica com cream cheese ou farelos de donut no canto da boca. Digo a ele que está lá e rapidamente o limpa com as costas da mão. Tem dias que ele bebe café como um adulto, acrescentando leite e açúcar, coloca a tampa e sacode vigorosamente o copo entre o polegar e o indicador.

Na escola ele sempre encontra com seus amigos, fico por perto um minuto ou dois para que eu possa vê-lo se sorrir. Lucky fala sujo e começa a provocá-los com força. Todos agem como se fossem durões e jogam socos fingidos e cospem na calçada do quintal. Outros garotos o provocam sobre eu ser sua namorada. Se ganhasse um dólar para cada vez que ele fala: — *mi prima, filho!*— Seria rica o suficiente para sair desta cidade. Mas dizer que sou sua prima só incentiva o interesse deles, acham que isso significa que eles sempre começam a mexer e dar em cima de mim. Fico atenta ao sinal de Lucky, que vem na forma de um gesto agressivo em direção às portas da escola, acompanhado por um olhar. Rapidamente aceno um adeus e corro para as minhas aulas. Às vezes os ouço falar sobre meu corpo ou dizer que minha bunda parece boa, sei que é desrespeitoso e que deveria ficar brava com isso. Mas *quero que* eles digam na frente de Lucky, quero que ele saiba como me sinto quando ele fala sobre Yaritza.

Quase não o vejo muito durante o horário escolar. Lucky é um estudante de segundo ano enquanto sou apenas uma caloura, o que significa que ele é de Marte e eu sou de Júpiter. Faço aulas de AP e fico depois da escola para atividades extras. Lucky deixa a escola assim que pode com seus amigos e saem fumar maconha pelo cemitério. Costumamos jantar juntos, na minha casa ou na sua. Ele come pratos enormes e Mami diz que ele come como um homem.

—Diga a Belén para parar de me encarar—, diz mordendo uma baqueta. O chuto debaixo da cadeira e ele ri das minhas reações.

—Isso é o melhor que você pode fazer? —

—Eu coloquei sua escova de dentes dentro da privada—, falo a primeira coisa malvada que eu penso.

—Agora, eu sei que você não fez isso porque seus lábios ficam assim quando mente—, diz ele, imitando meu rosto, sua boca cheia de *arroz con gandules*.

Bato meu punho na mesa e chuto novamente.

—Ok, ok, vamos lá, *niños,* vamos comer—, diz Mami, acendendo um cigarro.

—Se é assim que você luta, Belén, vou te dar umas aulas de como se proteger de verdade. —

—Essa é uma boa ideia, Lucky. Você nem sempre vai estar por perto para protegê-la.

Essa é uma ideia terrível, Mamãe ! Eu não quero que ele me toque. O que significa que Lucky nem sempre estará aqui comigo? Para onde ele iria? Eu não sei o que faria sem ele. Não posso deixar o Lucky ir a lugar algum. Nunca. Sem mim.

O encaro enquanto termina seu jantar. Ele praticamente engole tudo sem mastigar, como senão tivesse comido há dias.

Capítulo Cinco

No sábado de manhã, Mami me pede para descer para pegar uma chave de fenda de Titi. A haste da cortina caiu ontem à noite e o parafuso precisa ser apertado. Ela está usando uma faca de manteiga, mas não esta funcionando.

Estou trabalhando nos meus trabalhos de matemática e digo a minha mãe para ligar para ela.

—Sua tia passou a noite no Eduardo, mas Lucky deveria estar lá. —

Pulo tão rápido que minha cadeira ai atrás de mim. Meus olhos se dirigem para Mami e balança a cabeça para mim.

—Não há problema em ser melhores amigos *carinho, más* você precisa parar de sufocar seu primo. —

—Eu não estou!— Grito defensivamente e minhas mãos encontram o caminho até meus quadris. —Eu acho que ele é nojento. Seus pés fedem e é repugnante o jeito que fala sobre garotas. —

—OK. Eu só não quero que você machuque seu coração. —

—Nossa, mãe, cala a boca!—. Coloco meus chinelos e saio de casa. Corro pelos dois lances de escada e bato na porta do apartamento dele. Eu me pergunto se serei tímida em torno dele por causa do que Mami diz. Se ela pode dizer, provavelmente

todo mundo sabe que estou apaixonada, sinto meu rosto ficando vermelho.

Lucky abre a porta apenas de cueca e pisca os olhos sonolentos para mim.

—Oh, hey Bey—, diz voltando-se para o quarto sem sequer perguntar como estou ou por que vim até aqui. Ele tem a mão presa em sua cueca, coçando, enquanto lentamente se afasta de mim.

—Lucky, eu preciso de uma chave de fenda—, falo olhando para suas costas.

—Ugh, não me lembre—, diz ele, virando-se para mim. Seu cabelo está bagunçado em todas as direções, seu peito parece tão quente e convidativo. —Faça o café, sim? Vou encontrá-la em um segundo. —

Começo a trabalhar na cozinha fervendo a água no *olla* para fazer-lhe um *café bustelo.* Titi ainda faz isso no fogão, não em uma cafeteira como mamãe que comprou em uma loja barata..

A água esquenta um pouco enquanto meço três colheres de sopa da lata e adiciono-as. Então eu ouço vozes e minha mão para no ar e meu coração também.

Lucky tem uma garota e eles estão no banheiro., mesmo que a água esteja correndo, eu posso ouvi-los falando em voz baixa um com o outro..

Eu olho para baixo e misturo o café, tentando esconder as lágrimas e enxugá-las antes que alguém perceba. Sei que ele tem

namoradas e que provavelmente está fazendo sexo. Mas meu peito está se contraindo dolorosamente e é difícil respirar.

Quando eles saem, olho para cima e, em seguida, volto rapidamente meu olhar para o pote. A reconheço da escola, é uma das garotas populares. Talvez até a mais bonita, com um corpo e cabelos bons e um estilo interessante. Ela está usando uma blusinha que mami não me deixaria sair de casa nem morta. É um top destinado a festas de sexta à noite, não nas manhãs de sábado.

Ela sorri para mim e acena, mas seu sorriso parece falso, beija Lucky nos lábios e não consigo afastar meus olhos. Suas bocas estão se movendo e abertas, a mão de dele se move para sua bunda. Volto minha atenção de para o café e engulo um nó gigante se formando na minha garganta.

Vou ter que me acostumar com isso, porque é assim que vai ser. Todas as garotas querem Lucky e nenhum menino me quer.

Ela está mascando um chiclete quando abre a boca e fala :—Até mais—, e não tenho certeza se está direcionada para mim ou para Lucky. Ele bate a porta atrás dela e entra na cozinha vestindo jeans, sem camisa, ambas as mãos enfiadas nos bolsos traseiros.

—Está pronto? — Ele pergunta, espiando por cima do meu ombro.

—Sim—, eu digo. —Você quer leite e açúcar? —

—Eu vou pegar a chave de fenda—, se ajoelha e começa a remexer embaixo da pia.

—É a sua namorada? — Pergunto, tentando parecer casual enquanto adiciono leite ao seu café.

—Porra, eu tinha bebido demais—, diz segurando a cabeça entre as mãos. Fica agachado, embalando seu rosto. Tenho vontade passar a mão pelo cabelo como a mami faz para mim sempre que tenho dor de cabeça.

—Obrigado—, diz ele, pegando a caneca de café das minhas mãos e caindo em uma cadeira perto da mesa da cozinha. Toma um longo gole e fecha os olhos.

Estou tremendo toda. Coloquei minha caneca para baixo por medo de derramar.

—Não, ela não é minha namorada. Apenas uma garota da festa—, fala descansando a testa na palma da mão.

Ele desliza a chave de fenda para mim e seus dedos tocam os meus. O pequeno toque desencadeia um zunido de sentimentos. Sufoco o soluço no meu peito, quero que me amordaçar ou talvez gritar, qualquer coisa para vomitar esse sentimento horrível dentro de mim. É inveja. É feia e está torcendo tudo dentro de mim.

—Espere um minuto, Belén, o que há de errado? Você vai chorar? —

—Eu vou dizer a Titi que você teve uma menina e que você dormiu com ela. — Eu estava fazendo o meu melhor para segurá-los, mas agora as lágrimas estão caindo livremente.

—Que porra é essa, Bey? Eu pensei que nós estávamos no mesmo time. Por que diabos você quer contar? —

—Aquela garota é uma puta e eu nem quero saber o que ela estava fazendo no seu quarto!—

Eu me levanto e pego a chave de fenda. Estou com tanta raiva que parece uma arma na minha mão trêmula.

—Espere, Belén, você está com ciúmes? — ele se levanta.

Eu ergo a chave de fenda e coloco-a na minha frente como se precisasse me defender dele.

—Largue isso, *loca* —, diz com as mãos no ar, esperando pela minha reação.

Eu não tinha pensado em machucá-lo, mas de repente quero que ele sinta a mesma dor que estou sentindo. Tento bater nele com a chave de fenda, mas segura minhas duas mãos pelo pulso a testa que possa fazer outro movimento. Lucky possui uma força mil vezes maior que a minha e quase sinto que deveria desistir e começar a rir, mas estou muito explodindo de emoções, o empurro de volta o mais forte que posso. Ele prende meus dois pulsos na porta da geladeira ao lado do meu rosto. A prata da chave de fenda é visível na minha visão periférica, posso ver a confusão na testa de Lucky enquanto seus olhos vasculham meu rosto tentando avaliar o quão séria estou. Empurro meu braço para frente, aquele que está segurando a chave de fenda, com toda a minha força. Luc aperta meu pulso com força, apenas uma vez, e a ferramenta bate no chão do linóleo. Puxo uma respiração forte porque não quero que o ranho escorra pelo meu nariz. Não posso limpar meu rosto porque ele tem meus dois braços. As lágrimas não param de chegar e Lucky está olhando para mim parecendo que perdeu

toda a sua névoa de ressaca, está apertando meus pulsos com força e vai deixar marcas.

Tento dizer algo, mas tudo o que sai é um soluço., empurro para frente novamente, tentando escapar da gaiola que ele fez. Empurra-me de volta com ainda mais força e coloca um joelho entre as minhas pernas, usando o peso do seu corpo para me imobilizar completamente. Seu foco está nos meus lábios e o olhar em seu rosto é uma maravilha completa. Devolvo o olhar para os seus lábios e choro novamente, lembrando o quão apaixonadamente ele a beijou. Eu nunca fui beijada, nunca quis estar com ninguém até este minuto.

Empurro contra ele de novo, desta vez usando meus quadris que me empurra de volta e agora estamos ainda mais perto. Sua pélvis contra a minha, nossas cabeças ligeiramente inclinadas para impedir que nossos rostos se tocassem.

—Belén? — Ele pergunta baixinho.

—O quê? — Pergunto ainda incapaz de controlar o choro.

Olho nos olhos dele e vejo um lampejo de raiva e frustração, posso sentir fisicamente sua hesitação. Eu empurro para frente com meus quadris e ele puxa um braço para baixo, deixando o outro ainda preso ao lado da minha cabeça. Não posso deixar de olhar para os lábios dele, o superior um pouco mais cheio que o inferior. A boca que conheço muito bem têm o arco perfeito, o sorriso escandalosamente fofo e maravilhoso

Eu lambo meus lábios e sei que minha expressão está tensa. Ele empurra seus quadris para frente novamente e eu faço um som que não é um choro, mas algo mais relacionado ao prazer.

—Você quer que eu te beije? — Pergunta em um sussurro rouco.

Não posso dizer nada, continuo a empurrar meus quadris para frente, buscando mais do calor e prazer que está me trazendo.

Seus olhos estão nos meus enquanto ele abaixa a cabeça e coloca a boca contra a minha, solto um gemido mas o som que deixa meu corpo é implorante e carente. Seus lábios são como uma pena suave mas ao mesmo tempo queima do desejo. Ele mal usa sua língua, sua boca funciona tão gentilmente contra a minha, está me persuadindo, ele está me guiando e estou mais do que ansiosa para aprender. Então sua língua se lança para me provar e toca hesitantemente nos meus lábios, abro minha boca para que possa deslizar sua língua para dentro e, finalmente, eu o provo.

Meu corpo inteiro está em chamas. Calor corre através de mim, acendendo cada centímetro. A superfície da minha pele está eletrificada, viva de uma forma que nunca foi. Imagino as marcas de mãos quentes devem ser deixadas para trás em todos os lugares que ele está me tocando. A dor no meu coração é substituída lenta mas seguramente por uma mais insuportável entre as minhas pernas. Dou mais um aperto em torno de sua perna e empurro meus quadris ainda mais nos dele, o atrito me faz choramingar junto com nosso beijo.

Então eu sinto isso. Sua ereção pressionando minha coxa. Eu mal consigo entender o que está acontecendo ou o que a essa dureza significa, instintivamente movo meu centro para mais perto procurando sua ereção com o meu núcleo, empurro

ainda mais e desta vez é ele quem quebra nosso beijo com um barulho próprio.

Lucky solta a mão que tinha mantinha presa minha perna e procura minhas nádegas, sua mão livre apertando e amassando, o tempo todo me puxando para mais perto dele, ambos estamos emaranhados um no outro.

—Foda-se—, ele sussurra todo gutural direto na minha boca. —Foda-se—, novamente quando ele me levanta do chão para que seu pênis duro esteja entre as minhas pernas. Não faço ideia do que estou fazendo, mas abro mais a minha boca e deixo a língua dele entrar e fazer o que quer.

—Oh foda—, ele fala de novo enquanto se esfrega contra mim. Sei que ele geralmente só diz quando algo está errado, mas o tom ofegante e a entrega que usa agora fazem soar como uma oração em vez de uma palavrão. Lucky empurra para frente novamente e solto outro gemido implorando cada vez do sua boca.

É quando a porta da frente bate e Titi entra no apartamento.

Lucky me empurra para o lado com tanta força que me seguro na pia para não cair no chão. Ele abre a geladeira e pega algumas sobras, colocando-as com um baque alto no balcão.

—Oh, oi, Belén—, diz Titi quando ela chega na entrada da cozinha.

Então olha para Lucky e volta para mim e volta para Lucky novamente.

—O que está acontecendo? —

—Lucky teve uma garota na noite passada e eu a peguei saindo—, digo para tirar os holofotes de nós, qualquer coisa para distrair minha tia do que aconteceu minutos a atrás.

— *Cochino* —, grita Titi. —Você é igual ao seu pai! Nem mesmo quinze anos e já tem meninas passando a noite? Que diabos você está pensando? —

Pego a chave de fenda e a levanto no ar. —Vejo vocês no jantar—, grito e saio o mais rápido que posso para fora de lá. Eu corro ao virar da esquina e quando chego ao meu andar paro e encosto as costas contra a parede para desacelerar todo o meu sistema. Meu coração está acelerado, minha respiração rasa, meu pulso batendo tão forte que parece que pode pular para fora. Não sabia que beijar poderia ser assim. Não, eu não tinha idéia que beijá-*lo* poderia ser como pular para o espaço e descobrir um novo universo. Como a primeira vez que fui fazer mergulho em Porto Rico na primavera passada. Flutuando minha cabeça no oceano azul e de repente percebendo o quanto eu *não* sabia. Outro mundo, uma existência simultânea, beijar Lucky me mostrou o quão pouco sei da vida até agora.

Eu quero mais. Anseio fazer mais por ele do que aquela outra garota poderia fazer, quero mostrar a Lucky que sou tudo que ele precisa. Ele pode esfregar em mim, entrar em mim. Vou até coloca-lo na minha boca. Vou deixá-lo fazer o que quiser ao meu corpo enquanto continuar me beijando.

O jantar é ridículo. Mami e Titi conversam sobre compras, culinária, seus namorados e nossos planos de férias. Lucky come sem nunca tirar os olhos de mim. Eu fico aquecida e tímida sob o olhar dele e pulo um pouco toda vez que ele diz alguma coisa para mim.

—Passe a salada, Belén—, diz, e nossos dedos se tocam enquanto o entrego a tigela.

—Você vai COMER sua carne? —

Por que tudo parece sexual?

—Você vai? — Ele me olha por baixo, parecendo desonesto. Obviamente, aproveitando o tormento que está me causando.

—Eu não estou com fome—, sussurro.

Empurro meu arroz ao redor com o garfo. O futuro está se aproximando, escuro, barulhento e cheio de incógnitas. Ele vai me beijar de novo? Somos namorado e namorada? Olho para ele e percebo que sua atenção está toda no celular. Seu pai que o comprou quando veio de Porto Rico visita-lo. Titi diz que é muito jovem para possuir um, mas boa sorte fazendo Lucky desistir. Ele já ama essa coisa. Espero que não esteja conversando com Yari ou a garota da noite passada. Quero ser a única menina a ter todo sua atenção. Então Mami percebe como o estou olhando e para de falar. Ela tem um sexto sentido para essas coisas, não consigo esconder nada dela.

—Quem está chamando? Sua namorada? — Pergunto a Lucky, tentando quebrar ou pelo menos cobrir a tensão.

—Yari—, diz ele, sorrindo diabolicamente para mim. Todo o sangue no meu corpo corre direto para o meu estômago. Eu sinto que posso estar doente, ele não me quer, a verdade que Lucky apenas um monstro que come meninas no café da manhã.

—O que há de errado, Belén? Você perdeu toda a sua cor—, Mami diz, tirando o meu cabelo do rosto.

—Estou saindo!—, Diz Lucky, afastando o prato e empurrando a cadeira para trás.

Sinto algumas lágrimas começarem a cair e fujo para meu quarto.

Capítulo Seis

O menino de boné com os olhos dourados está jogando basquete com seus amigos. Eu sempre o noto quando está por perto. Sua pele escura e seus olhos claros fazem com que pareça com uma pantera, um gato que está à espreita, ele é dono desse playground inteiro. Sinto que algo puxa minha atenção para ele como um ímã, não sei como descrever isso. Penso que é por isso que todo mundo gosta dele. Sou apenas uma garota com pernas magras, cabelos bons e notas ainda melhores, talvez as melhores da escola. Todos os meninos vão em direção a ele porque sempre tem as drogas que precisam e as garotas pelo seu corpo cheio de músculos definidos.

Eu assisto o Lucky ir até ele e começarem a conversar, Seus gestos e linguagem corporal mudam quando somos apenas nos dois, em casa, a caminho da escola, ele é apenas Lucky. Mas quando está com outros meninos, especialmente os da vizinhança, fica com as pernas mais afastadas, sua voz fica mais alta, tudo é exagerado. De repente, suas calças estão mais baixas, ele fala mais espanhol e xinga entre poucas palavras. Eu provavelmente não deveria gostar quando ele está agindo assim, mas eu faço. Na verdade gosto muito disso, até sei o que Titi e Mami diriam. Elas não tolerariam isso nunca.

Pego meu chiclete rosa que estava esquecido deentro do meu bolso. Está coberto de fiapos, mas o coloco na minha boca de qualquer maneira. É tão suculento e grande que meus olhos lacrimejam e meu cuspe corre., uso minha língua para achatar e

tento fazer uma bolha. Eu ouço Lucky dizer meu nome e quando olho para o garoto com os olhos dourados, está indo direto para as barras de macaco nas quais estou sentada. Ele dá grandes passos como se estivesse em uma missão e eu automaticamente puxo minhas pernas com mais força por baixo de mim.

Quando me alcança, ele estoura minha bolha com o dedo, coro e abro meus olhos, vejo seus pés saltarem do chão para pegar a barra.

Tênis caros, músculos bonitos, sorriso sexy, olhos da mesma cor do mel. Seus olhos de pantera o fazem parecer como se ele viesse de algum outro planeta - o planeta dos homens.

—Luc é seu primo criança? —, Ele me pergunta, começando suas flexões nem mesmo grunhindo.

—Lucky? — Eu pergunto. —Luc? Quer dizer, Lucky Cabrera? —

—Eu o chamo de Luc —, diz e pula para baixo, aterrissando nos dois pés como um ginasta, pula novamente e pega a barra mais alta. Ele puxa-se todo o caminho e vira as mãos ao redor. Então começa a fazer flexões com o corpo todo suspenso, a barra na cintura.

—Conte comigo—, fala e depois pisca para mim. Seu rosto está iluminado com um sorriso e eu posso sentir o sorriso me agradar todo o caminho até os dedos dos pés e coro, olho para baixo, mas eu conto em voz alta com ele.

Quando eu olho para cima novamente tenho que apertar os olhos. Ele é tão bonito e seus olhos estão brilhando, seu sorriso

é malicioso e me deixa meio tonta. Contamos quarenta e dois e nunca perde o ímpeto.

Ele pula novamente e se inclina com as mãos nos joelhos, respirando com dificuldade. Usa as costas das mãos para limpar o suor do rosto. Eu estou apenas observando, até parei de mastigar meu chiclete.

—Por que você o chama de Luc? —

—Porque ele tem você como prima. — Ele sorri e enxuga o suor dos olhos.

Eu sinto flutuações no meu estômago. —Não mesmo. Por quê? —

—Lucky Lucky—, um OG New York Gangster. Máfia. Já ouviu falar dele? —

Eu balancei minha cabeça e lembrei de mastigar meu chiclete novamente.

—Quer tentar? —, Pergunta ele.

—O que, as barras? Eu não sou forte o suficiente. —

—Claro que você é, eu vou te ajudar a pular. —

Fico de pé e ele coloca as mãos na minha cintura. É fácil pular com a ajuda alguém me segurando. Seguro a barra e consigo ficar por cerca de cinco segundos antes de cair.

—Tente de novo, eu vou mante-la desta vez. —

Eu pulo novamente e seguro por alguns segundos, ele me segura pela minha barriga, solto da barra e meu peso cai em seus braços. Estou muito ciente de que Lucky está nos observando, meu peito está contra o seu e desliza mais para baixo lentamente, fazendo minha camisa subir sobre a minha barriga.

—Bey!— Eu ouço Lucky chamar, ele não deve ter gostado de ver o cara bonito me tocando.

Meu primo está acordando. Ele vem com passos largos, balançando os braços, cabeça inclinada um pouco para o lado.

—Ei, Jay, caia fora da minha prima, bebê!—

—Eu não sou um bebê—, digo, olhando fixamente para Jay, ele é tão lindo.

—Está apenas com ciúmes porque quer você—, diz e pisca para mim novamente.

Lucky chega mais perto e eles batem as mãos, agitam e batem os punhos, até se abraçam rapidamente em meio a insultos murmurados em espanhol.

—Bey, você conhece Jaylee da 159th St? —

Eu apenas dou de ombros e olho para os dois. Eles são meninos indisciplinados e ambos bonitos, eu gosto de como eles parecem juntos. Eu acho que eles provavelmente não são bons.

—Como é que nunca ouvi alguém te chamar de Luc? —, Pergunto a meu primo. Jaylee está no chão fazendo mais flexões.

—Assim como você não gosta quando eu te chamo de Lenny—, diz ele e pega um cigarro.

—Estou dizendo a Titi que você estava fumando. —

—Não, você não vai, porque você me ama—, fala Lucky, batendo no meu braço.

—Eu vou. Vai ficar escuro e eu estou com fome—, digo, de pé e limpando minha bunda com as mãos.

Lucky salta e joga o cigarro.

—Eu vou levá-la para casa—, diz.Na hora de dizer tchau eles fazem o mesmo aperto de mão, mas desta vez, quando entram no abraço, Jaylee flexiona o bíceps e abaixa a cabeça. Eu posso claramente ouvi-lo dizer para Lucky: — *Mano,* você está tão fodido. —

Talvez eles estejam falando sobre drogas ou talvez estejam falando de mim, mas eu não sei o que isso significa ou se é mesmo uma coisa boa.

Nós caminhamos de volta pela Riverside Drive enquanto o sol se põe. As cores rosa e laranja refletem sobre o Hudson, competindo contra o céu que escurece. Lucky pega minha mão e a seguro com força. Às vezes ele faz isso no caminho da escola quando ninguém está olhando. Produz uma sensação de calor no meu estômago quando acontece, mas quando ele mantem distância eu quase sinto náuseas.

Paramos em quase todas as esquinas para dizer oi aos amigos. Esta noite porém ele não deixa cair a minha mão e sinto que pode ser porque seu amigo, o menino do parquinho,

prestou atenção em mim. Realmente gosto de como ele fala com as pessoas, como elas provocam umas às outras. Eu também gosto de como, apesar de serem maus garotos, eles são educados comigo na maior parte do tempo.

Quando nos despedimos, Lucky me puxa para um abraço. Ele não costuma me abraçar a menos que haja um bom motivo, o puxo com força e aperto o máximo que posso. Ele cheira a casa de Titi e amaciante de roupas, fumaça de cigarro, tudo com um forte tom de cheiro de menino. Achei que não gostava de sentir o cheiro de nenhum garoto, mas com o Lucky, adoro isso. Quando nos despedimos, subo correndo as escadas para o meu quarto, tranco a porta e choro.

Agora que Lucky mora no mesmo prédio, vem o tempo todo aqui. Tanto ele quanto Titi têm uma chave e tenho uma do apartamento deles que mantenho no meu chaveiro.

Nossa porta da frente se abre enquanto estou sentada na mesa da sala de jantar fazendo lição de casa. Eu olho para cima, esperando ver Mami entrando com as compras, mas ao invés disso é Lucky e ele não parece bem.

O lábio dele está inchado e sangrando, o olho também por ter levado um soco e está quase fechado pela pressão. Lucky está muito machucado e isso me assusta. Levanto e minha caneta rola para o chão, mas fico em silêncio, esperando que ele diga alguma coisa primeiro.

—Eu não achei que você estaria em casa—, diz. Seu rosto é totalmente neutro, sem expressar qualquer emoção.

—A biblioteca foi fechada para um evento especial. Houve uma briga? Você está bem? Você está sangrando. —

Ele balança a cabeça e não diz nada.

—Deixe-me pegar um pouco de gelo—, digo correndo para a cozinha.

Eu coloco gelo em uma tigela e logo depois molho uma toalha limpa debaixo d'água, pego a gaze e água oxigenada do banheiro e levo tudo para a sala onde ele está sentado.

Ajoelhando-me ao seu lado, coloquei cubos de gelo na toalha molhada e levantei-a para o ferimento no resto. Eu peço permissão com meus olhos e Lucky me dá um aceno rápido. Ele se encolhe com o frio ou a pressão e coloco minha mão em seu peito para acalmá-lo. É um gesto automático.

—Dói? — Eu pergunto.

Ele sacode a cabeça.

Sinto seu peito sólido sob sua camiseta e tocá-lo faz coisas estranhas ao meu corpo. Mas tento me concentrar na tarefa na minha frente.

—Titi vai te matar—, digo, puxando minha mente longe de seu peito duro. —Você deve tentar ficar de fora das brigas—, acrescento, resistindo à vontade de envolver meus braços em torno dele ou rastejar em seu colo. Lucky é e sempre foi o único homem da minha vida. Sempre que eu olho para me tranquiliza, me traz paz, o tempo todo, embora tenhamos quase a mesma idade.

Eu limpo o corte sob o olho que está sangrando mais.

—É mais fácil falar do que fazer—, diz, e depois agarra meu pulso com força, olho para a onde onde sua mão encontra meu braço. Suas juntas estão brancas e minha pele que está embaixo das mãos dele está ficando rosa brilhante.

Meus lábios imediatamente se separam e meu estômago se enche de desconforto. Eu sempre posso ler Lucky, mas agora não posso dizer o que está acontecendo. Ele tem suor na testa e há sujeira no rosto e também em seu braço, e continua seguindo minha mão.

—Lucky, você está me assustando. —

Ele solta meu pulso meio sem jeito e seus olhos passam lentamente pelo meu corpo. Eu olho para o meu próprio peito e de repente lembro que tirei meu sutiã quando entrei, estou usando uma camisa branca de botões, com alguns deles abertos. Meus mamilos estão duros por causa do gelo frio no pano que está muito perto. A camisa roça meus seios apenas o suficiente para me dar arrepios nas costas.

Lucky me empurra para longe e se levanta abruptamente, ajusta seus shorts na frente sem se virar para olhar para mim.

—Belén, coloque algumas roupas fodidas—, ele afirma friamente.

Eu coro de um vermelho profundo e sinto o desejo de gritar que não é minha culpa, mas ao invés disso olho para baixo e desejo poder consolá-lo, não sei o que aconteceu. Mas quero ser a pessoa que pode ajudá-lo.

—Sinto muito, Lucky. Eu não sabia que você viria. —

Capitulo Sete

Lucky

Eu tentei evitá-la o máximo possível, sei que não é culpa dela, mas não posso suportar em ficar em um lugar que ela também está por muito tempo, Isso me faz sentir como se estivesse lutando comigo mesmo, todo esse estresse e tensão em seguida, sendo ligado por seu corpinho apertado. Sei que não posso ir lá, não posso ser tão fodido assim., apenas continuo dizendo a mim mesmo que sou jovem e excitado, nada mais que isso.

Mas se estou sendo honesto, Belén faz uma coisa estranha em minha mente. É como se eu quisesse protegê-la e comê-la ao mesmo tempo. Tudo o que sei é que me sinto louco quando estou perto dela, então tento me deitar e preencher meu tempo com merda o suficiente para evitar correr para dentro dela.

Prometi a Tia Betty que eu ensinaria Belén a se defender. Não é como se eu estivesse dando a ela uma lição por trás de portas fechadas, minha mãe está em casa e Betty está trazendo ela de volta. Mas elas não sabem que eu beijei Belén ou o quão fodido eu me sinto sobre isso.

Eu fumei um baseado na escada de incêndio para tentar domar meus nervos um pouco, estou alto como uma pipa e mal consigo lembrar da merda que eles me ensinaram nas minhas aulas de artes marciais. Abro a porta quando elas batem e Belén

parece tão nervosa quanto eu. Tenho que sorrir, porque ela está suando como se estivesse vindo de um treino.

—E aí, Bey? Pronta para chutar minha bunda? —

A cor some do rosto dela como se quisesse morrer ali mesmo..

—Não se preocupe, eu prometo ter calma com você—, eu digo para Tia Betty tanto quanto Belén.

— *Gracias, mi hijo—,* diz Betty, colocando Belén para dentro e passando por mim.

A sala de jantar está vazia porque não conseguimos uma mesa ainda, ando ate lá e ela me segue. Nossas mães estão na sala ao nosso lado, conversando e assistindo TV.

—Isso é tão estupido. Não posso acreditar que ela está me obrigando a fazer isso. —

—Não é tão ruim assim. Este bairro está fodido, você pode precisar usar em algumas hora. —

—Não tire sarro de mim—, diz ela, movendo as mãos sobre o peito.

—Isso é bom. Fique assim—, eu digo e me movo atrás dela. Eu envolvo meus braços em torno dos dela e aperto-a com força. Ela é tão pequena e seu cabelo cheira bem o suficiente para eu querer acariciar meu rosto nela.

—Como você me atacaria se eu tivesse você assim? — Eu pergunto.

Belén tenta abrir os braços e geme com o esforço. Ela não se move um centímetro, embora esteja tentando o máximo que pode. Eu não posso deixar de sorrir com o quão fofa ela é.

—Faça isso para mim e eu vou te mostrar como sair disso. —

Belén envolve seus braços em volta de mim e eu rio do tamanho dela. Ela me da uma joelhada na bunda e nós dois começamos a rir da situação. Eu deveria ter compartilhado o baseado com ela para soltá-la.

—Você vai dobrar os joelhos rapidamente e sair disso. Ele não está esperando que você vá para baixo, então seu aperto está centrado em você se libertar da frente. —Eu mostro a ela algumas vezes. — Viu? Agora você tenta. —

Belén desliza pela frente e sua bunda escova minha virilha. Eu luto com tudo dentro de mim para ignorar isso e seguir em frente. Ela desliza pelos meus braços com facilidade no próximo par de rodadas. Estou deixando que ela ganhe, porque é tudo que posso fazer para impedir meu pau de ficar duro.

—Está quente aqui—, diz Belén, tirando uma mecha de cabelo de sua bochecha.

—Sim—, eu digo, olhando para o rosto corado e pensando em como ela é bonita.

Eu lhe ensino a mesma técnica surpresa para rolar seus braços para dentro e para baixo quando alguém agarra ambos os seus antebraços. Ela consegue isso rápido e ri com sua

própria habilidade. Eu sorrio enquanto vejo sua confiança aumentar.

—Como está indo aqui? — Tia Betty pergunta, entrando para observar.

—Belén é natural. Eles vão se arrepender de terem pego as mãos nela. —

—Deus me livre!—, Diz Betty.

—Bem, ela tem um ótimo professor. — Minha tia acena com a cabeça, olhando para mim carinhosamente. Seu elogio me faz sentir bem, como se eu fosse útil para eles. Belén é uma maldita natural em tudo. Às vezes me sinto como um perdedor em comparação.

—A última coisa que vou te mostrar é como sair de debaixo de um straddle*(posição em que o agressor fica por cima da vitima). Eu sei que parece impossível, especialmente quando você é pequena, mas há um truque para isso. —

Belén parece nervosa e lança os olhos para o chão. Ela não quer que eu fique em cima dela. Eu menos ainda mas ao mesmo tempo é tudo que quero fazer.

—Deite-se no chão—, digo, ela faz o que eu peço, parecendo assustada. Eu fico em cima dela, um pé de cada lado da cintura dela sua cintura. Bey está brincando com os dedos nervosamente. Eu meio que quero dizer algo para que ela se acalme, mas ao mesmo tempo seus nervos são adoráveis. Sei que deve estar pensando sobre o beijo agora, mas eu não posso deixar minha cabeça ir para lá.

—Belén!— Eu falo, e ela olha para o meu rosto. —Eu não vou te machucar, eu prometo. —

—Eu sei—, diz, tão baixinho que é quase um sussurro.

Me ajoelho sobre seus quadris e depois abaixo o meu peso sobre ela. Agarro seus braços e levanto-os acima da cabeça, coloco pressão em seus pulsos e olho em seu rosto. *Jesus fodido Cristo eu quero beijá-la!*

—Tente me jogar fora—, eu digo. Belén luta pateticamente. Ela não se move nem um centímetro. Não é que não esteja tentando, mas é a posição mais vulnerável possível. Aprendi isso em uma das aulas e sei que você pode jogar alguém com o dobro do seu tamanho se usar a alavancagem correta.

Tento não sentir a área onde nossas coxas se juntam, não notar o calor que irradia de seu centro. Eu tento ainda mais difícil não perceber que meu pau está se contraindo. Ela está tentando também, fingindo que não sente isso.

—Mova seus pés, até mais perto de sua bunda—, eu comando. O rosto de Belén está vermelho e seus olhos me dizem que está em outro lugar. Mas ela ainda responde ao chamado da minha voz. Quando levanta os pés e eu finjo que não percebo o movimento de seus quadris sob os meus e quão inocente e doce ela se sente presa embaixo de mim.

—Agora você tem uma alavanca mais forte, então vai empurrar seus quadris para cima e para o lado, ao mesmo tempo, use a força de seus braços para elevar todo o seu corpo. Compreende? —

Balança a cabeça e nossos olhos se encontram. Ela não quer sair dessa posição. Eu também não. Meu pau começa a crescer apenas de fazer contato visual.

—Me empurre—, eu digo e Belén faz o que é muito, segue as instruções e tem um pouco de poder. Mas por algum motivo idiota eu não posso deixar ela ganhar essa, por isso fico bem em cima dela.

Sua respiração está chegando rápido e empurra novamente, desta vez rolando seus quadris para a direita, pressiono mais forte com a minha e forço as mãos para o chão novamente. Neste ponto, estou apenas transando com ela.

—Eu não posso fazer isso, Lucky!—, diz ela, ainda tentando ferozmente.

—Mais uma vez!— Falo e ela puxa seus pés para mais perto de sua bunda e empurra, levantando sua pélvis para cima. Eu saio de e cima dela ainda segurando seus pulsos. Ela acaba em cima de mim, nossas posições se invertem. Mas em vez de sair, solta meus braços e me dá um tapa.

—Que porra é essa? — Eu digo, agarrando meu rosto, me esforço para pegar seus pulsos e rolo desta vez, mais rápido, puxando-a para baixo de mim. Estou de volta ao topo e ela está respirando com tanta força que seu peito está levantando. Eu posso ver seus mamilos através de seu sutiã esportivo e agora meu pau estúpido está totalmente duro.

'Por que você me deu um tapa, Belén?', Pergunto, sem fôlego.

—Porque você merece! Você é um agressor —, responde, e sorrio um pouco.

—Eu vou te ensinar como realmente acertar. Você não pode sair por aí dando tapas nas pessoas. —

Eu a levanto contra a parede e ajusto minha virilha.

—Faça um punho assim, Bey—, digo, segurando meu punho até o rosto.

Ela imita meu punho mas o dela é minúsculo, coloca as duas mãos em posição de ataque como se estivesse pronta para me atacar. Ela não é uma garota durona e quase começo a rir.

—Venha de baixo, apenas assim, em direção a minha mandíbula. — Envolvo minha mão em torno de seu punho e guio-o em um corte superior para o meu rosto. Belén olha para mim com tanta confiança que me decepciona. Seus olhos estão arregalados, as bochechas rosadas, o cabelo bagunçado, mastiga o lábio enquanto traça a linha no ar com o punho.

—Vá em frente, me bata. —

—Eu não quero—, diz, parecendo frustrada.

—Sim, você vai !—

—Eu não quero, Lucky. —

—Porra me bata, Bey. Eu preciso saber que você pode se cuidar!—

—Não!— diz e eu a puxo de volta com força. Agarro seus braços novamente e prendo-os na parede. Não acho que estamos falando de bater mais, estamos falando do beijo.

Quero agarrar seu queixo e forçá-la a me beijar novamente com tudo o que tem. Eu quero empurrar meu corpo contra ela e mostrar o poder que tem sobre mim.

Mas em vez disso deito minha testa contra a sua e as pontas dos nossos narizes se tocam, fecho meus olhos e aceno com a cabeça levemente.

—Fim de jogo!— falo e me afasto. O rosto de Belén entra em choque quando eu simultaneamente abandono todos os pontos de contato entre nossos corpos.

—Eu terminei!— Grito e vou para o meu quarto.

Bato a porta no caso delas não entenderem o quão fodido eu sou.

Capítulo Oito

Belén

Eu usei uma escova de cerdas e um pouco de gel para amarrar meu cabelo em um rabo de cavalo alto, depois arrumo os inchaços escovando-o e apertando-o até ficar tudo perfeitamente uniforme. São duas semanas até o meu aniversário e eu não posso esperar.

Lucky provavelmente esqueceu e nem vai aparecer para cortar o bolo na minha festa. Ele está me evitando desde o dia em que me deu a aula de autodefesa e parecia que poderíamos nos beijar novamente. Agora só fica por perto se nossas mães o forçam.Penso que ele deve estar muito ocupado ou deve ter achado nojento nosso beijo e por isso está me evitando. Mas eu não achei isso e nunca vou esquecer nosso beijo.

Me sinto culpada, porque quando fomos à igreja naquele domingo, no dia seguinte, pedi perdão e orei a Deus que me desse outra chance. Eu prometi a ele que permaneceria pura até o casamento. Beijar não é algo que vou tomar de ânimo leve. Isso me fez sentir como se estivesse tendo um ataque cardíaco enquanto estava acontecendo e, em seguida senti uma camada de culpa tão espessa que levou quatro velas, três Ave-Marias e dois rosários para me sentir melhor. Então acho que isso significa que o beijo valeu algo.

Depois de terminar todo o meu dever de casa, procuro sem rumo pelos canais de TV com os pés na mesa de café. Mami não estará em casa até a hora do jantar e Yari está no dentista. Normalmente eu ia encontrar Lucky, mas tenho medo de vê-lo. Ele vai dizer alguma coisa sobre o que aconteceu e então vou morrer de vergonha. Mas está quente npórtamento e minha pele está coçando para sair. Talvez eu apenas vá sentar na varanda um pouquinho e observar as pessoas, ver se alguém está lá fora.

Checo meu cabelo mais uma vez e depois desço as escadas. Sinto o cheiro agradável de todos os jantares dos vizinhos começando a ser feitos, mami vai trazer algo para casa, porque nas noites em que trabalha até tarde precisa cozinhar para o senhor que ela cuida. Sempre faz a mais e depois trazer para casa para nós. Precisa ser feito no liquidificador porque ele não tem dentes para mastigar.

Mami usa roupas turquesa para trabalhar e cuidar de duas pessoas diferentes que não podem cuidar de si mesmas. Ela diz que já teve prática com o meu pai e depois ri como se fosse a piada mais engraçada. Meu pai não esteve por perto, ele foi embora quando eu era um bebê. O pai de Lucky também foi embora, e agora ele é o único garoto da nossa família se você não contar os meninos de Hemi, e acredite em mim, ninguém conta.

Mas eu tenho os olhos do meu pai e minha mãe diz que todos os meus ossos magros vieram dele também.

Ela diz: —Olhe para os meus quadris!— Quando estamos lado a lado no espelho, e está certa, meus quadris não se parecem com os dela.

Lucky se parece com o pai, é de onde vem suas sardas e sorriso. Seu cabelo era até mesmo loiro quando era pequeno, mas agora ficou escuro como o meu. Ele parece forte, musculoso e duro. Os caras não mexem muito com ele na rua porque a notícia é de que Lucky não tem medo de foder ninguém. Mas em casa não podemos falar assim ou até mesmo agir como se estivéssemos na rua. Nossas mamães teriam nossas cabeças em espetos e nos alimentariam nossos próprios pés se elas souberam como diferentemente nós agimos fora da casa, especialmente Lucky. Titi o enviaria para a escola militar e para o DR no verão. Dentro de casa ainda é um filho e na esquina é um homem. E não apenas um homem normal, mas um que consegue o que quer. Lucky quer ser como Jaylee. Eu não sou burra, sei bem o que ele faz.

Coloco minha bunda no topo da varanda, gosto de me afastar dos últimos degraus. Dessa forma posso sair mais rápido e correr para dentro se algo de ruim acontecer. Não é como se as pessoas estivessem sendo baleadas na calçada todos os dias, mas acontece o suficiente para eu sempre manter minha guarda.

O sol está quente e pegajoso, embora eu esteja usando um top. Ando até a loja e compro um refrigerante de laranja. O cara atrás do balcão me entrega um canudo e uma sacola, contorno a fila de pessoas esperando para comprar bilhetes de loteria ou cerveja e cigarros soltos.

—Ei, Belén, como vai você? —

Coloquei o dinheiro no pequeno balcão em frente à janela de acrílico. Sorrio e digo obrigada, ele me entrega um pacote de chicletes. Eu sempre recebo coisas de graça dele. Deve ser

porque o cara tem uma queda por mami, posso dizer só pelo jeito que ele olha para ela. Tiro o papel do meu canudo e coloco na lata, mas mantenho a sacola em volta só porque é assim que o Lucky faz.

Ele está parado na esquina com os amigos quando volto para a varanda. Olho para o chão e disfarço para fingir que não o vi e que não me importo com o que está fazendo. Eles estão falando principalmente em espanhol. Há um monte de FOBs por aqui, ou caipiras, como nós os chamamos, Não sabem como andar de metrô quando chegam aqui ou até mesmo o caminho para o centro da cidade. Lucky e eu falamos inglês melhor do que em espanhol. Mas Lucky é muito bom em falar com outras pessoas em qualquer idioma.

Nós olhamos para cima ao mesmo tempo e nossos olhos se encontram. Eu olho para baixo rapidamente e posso sentir meu rosto ficar vermelho. Talvez não devesse ficar envergonhada, foi ele quem me beijou, mas eu realmente queria, e quando ele me pegou contra a geladeira eu estava implorando pelo beijo. Quando estava me ensinando a lutar, eu não queria que parasse de me tocar. Mas não sabia que seria tão horrível depois e que isso o faria me odiar. E também me sinto culpada, mas sei de fato, na escola, que muitas garotas beijam seus primos, por isso não pode ser tão ruim quanto ele está agindo.

Sinto que seus olhos estão me contando uma história e eu só quero continuar ouvindo. Acho que há muita coisa dentro de Lucky e eu vi muito disso desde que éramos crianças, mas tenho a sensação de que é ainda maior e gostaria de ver ainda mais dentro dele iluminar todos esses cantos escuros. Sei que ele gostaria que tivéssemos mais dinheiro ou que nossos pais

estivessem por perto. Que também se preocupa com o futuro e por quanto tempo sua mãe irá conseguir segurar o emprego atual. Eu os ouvi brigando para ele continuar na escola, e vi Titi chorar quando Lucky falou que quer conseguir um emprego para poder ajuda-la.

—Ei, Belén!—, Um dos rapazes chama, e olho para cima para ver todos olhando em minha direção. Pego a minha bebida e levanto-me, em seguida, saio devagar. Espero que eles não estejam brincando ou me provocando, sei que sou a piada do bairro. Não sei como Yari pode sair com eles, não confio em garotos com a idade deles. Meninos da vizinhança são más notícias, especialmente aqueles que praticamente moram na esquina.

—Deixe-a em paz—, diz Lucky e olha para mim bruscamente, sacudindo a cabeça em direção à nossa porta da frente. Quer que eu entre e não seja a vítima de suas brincadeiras. Mas quero mostrar a Lucky que sou durona, posso aguentar, mostrar a ele que posso ser durona. E talvez outros garotos também se apaixonem por mim.

—Belén, suba as escadas—, diz enquanto ando para mais perto de seu grupo.

—Deixe-a ficar, Lucky—, fala um deles. —Ela se parece com Eva Mendes. —

—Ei, Lucky, a sua prima chupa pau? — Outro diz, e agora eu sei que deveria voltar. Mas meus pés continuam andando e me levando mais perto..

Minha mãe uma vez me disse que os homens podem cheirar o medo como os cavalos, então você tem que fingir quando está perto deles. Mostre–os que é durão e que não recuará por nada. Se sentirem o seu medo, podem enlouquecer e acabar te atacando.

Lucky agarra meu braço e me puxa para o centro do grupo, bato contra o seu corpo por um momento e um sorriso desliza pelo meu rosto, mesmo que eu não queira.

—Mesmo que eu chupasse um pau, você não seria uma opção— é tudo o que penso pra responder a esse idiota. Eu quero ser uma dessas garotas que não tem medo, ser legal.

—Puta merda, Belén!—, Um menino logo atrás de mim diz.

—Oh, foda-se!— Diz outro e agora todos estão rindo.

Estou sorrindo e corando, porque não tenho certeza do que estão falando. Lucky pega meu braço e me puxa para o nosso prédio.

—Me larga!— digo com firmeza. —Eu quero ficar fora até mais tarde. —

—Não, você não vai. Venha. Agora— diz, e não posso contraria-lo. Ele está muito chateado e eu posso dizer que aceitaria um não como resposta.

—O que eles estão falando, afinal? — Eu pergunto enquanto ele me arrasta para casa novamente.

—Espere até chegarmos lá em cima—, diz Lucky ainda me puxando com força.

—Qual é o seu problema... — falo, mas paro na varanda quando olho para baixo para ver uma mancha escura e avermelhada nos degraus de cimento onde estava sentada antes.

—Não!— Eu suspiro e então corro para o meu apartamento.

Isso não pode estar acontecendo comigo agora. Não na frente daqueles garotos, não na frente do meu primo. Estou fazendo barulhos que são como soluços cheios de arrependimento. Mas Lucky me alcançou nas escadas e está tentando me consolar.

—Minha mãe está no trabalho—, digo, escondendo meu rosto dele.

—É a primeira vez? — Pergunta.

—Eu não quero falar sobre isso!—

Estamos no seu andar e ele pega suas chaves. Eu apenas paro, soluçando, desejando poder apagar todo esse dia estúpido.

—Entre, Belén—, diz apontando com a cabeça para o apartamento. Ele colocou a chave na porta e a está abrindo, o sigo, segurando meus próprios ombros. Sinto que não tenho escolha e não tenho certeza do porquê. Eu deveria subir para o meu próprio apartamento, tirar minhas roupas sujas e me lavar na banheira. Ele joga as chaves sobre a mesa e desaparece no banheiro. Logo depois sai com absorventes e segura o pacote verde para mim.

Estou morrendo de vergonha, não poderia me sentir mais humilhada, pego os absorventes sem dizer nada e vou para o banheiro. Eu puxo minhas calças para inspecionar e nem sequer parece sangue. É escuro e meio que me assusta, eu sento no vaso sanitário. Lucky abre a porta e eu grito em protesto.

— *Cálmate,* Belén!—, Ele grita e joga uma calcinha de Titi e algumas leggings pretas na minha direção. Ele volta alguns segundos depois e empurra uma sacola plástica que pertence a loja da esquina.

—Coloque as roupas sujas aqui. Podemos mandá-los para a lavanderia. —

—OK. Obrigada—, me sinto absolutamente mortificada.

Jogo as roupas sujas na sacola e coloco um absorvente na calcinha. Então puxo as leggings da minha tia e cuidadosamente lavo minhas mãos, procurando por vestígios de sangue em todos os lugares.

Quando finalmente tenho coragem de sair do banheiro, Lucky está no sofá assistindo televisão como se nada fora do comum acontecesse.

—Obrigada—, falo, me sentindo mais estranha do que nunca. —Acho que vou subir e esperar minha mãe chegar em casa. —

Lucky se vira para olhar para mim e gesticula com a cabeça novamente. Na mesa há um copo de água com uma pílula ao lado.

—Oh, não obrigada, eu estou bem, eu digo. —Eu realmente não sinto nada. —

—Minha mãe sempre leva eles. Você terá cólicas se não o fizer. E se você for parecida com a minha mãe, então você vai senti – las em breve—.

Tomo a pílula e é difícil de engolir. Sinto-me muito grata a Lucky, mas também me sinto idiota e envergonhada do que aconteceu.

—Você acha que esses caras vão tirar sarro de mim na escola? — Pergunto, com medo de sua resposta.

—Se eles tentarem, Belén, eu prometo arrancar todos os dentes deles. —

—Eu me sinto tão idiota. —

—Por quê? Toda garota passa por isso. Melhor na varanda do que na escola ou longe de casa— ele diz e encolhe os ombros como se fosse algum tipo de especialista em período.

—Como é que não é grande coisa para você? — Eu pergunto.

—Porque eu moro com uma mulher e não é grande coisa, Belén, isso iria acontecer mais cedo ou mais tarde. Você não é mais uma criança. —

—Ok, obrigada Lucky—, mas sai em um sussurro.

Ele está olhando para a TV novamente e mudando de canal sem parar. Eu quero perguntar a ele sobre o beijo, e meio que quero beijá-lo novamente. Mas Lucky parece ter perdido o

interesse em mim, então saio sem realmente saber como agradecê-lo.

Três meses depois, meu período é a notícia velha.Eu tenho almofadas e tampões, Advil e notas para as aulas de educação física. Lucky permaneceu fiel à sua promessa de que ninguém iria me provocar. Não tenho certeza de como ele os faz ouvi-lo, mas o escutaram e acho que isso é tudo que importa. Penso que talvez fosse bom ficar mais perto de Lucky, porque pelo menos ele é da família. Talvez agora me leve mais a sério desde que eu sou uma mulher adulta. Mas nós não não ficamos sozinhos sem Mami ou Titi por perto. Eu quero dizer a ele obrigada e realmente quero beijá-lo.

Uma noite, depois do clube de teatro, quando destranco a porta da frente, sinto cheiro de maconha no corredor. Eu sei como cheira por causa que mais de um dos velhos namorados de Mami usavam. O cheiro fica mais forte quando subo as escadas. Quando chego ao andar de cima, posso ver que a porta do telhado está aberta e alguém está fumando lá em cima, então termino de abrir a porta.

—Belén!— Eu ouço alguém sussurrar. Eu pulo quando ouço e fecho a porta novamente.

—Lucky? — Pergunto, olhando para a porta escura.

—Eu estou no telhado, venha ver a lua. —

—Sozinho? — falo, pensando que ele está lá em cima com uma garota.

—Sim porra, sozinho, agora traga seu traseiro aqui. —

A porta é como uma escotilha e você tem que subir por um escada de aço. Nosso prédio não tem acesso ao telhado, então Lucky deve ter mexido no alarme, empurro de volta a escotilha e enfio a cabeça para fora do buraco. Ele está sentado em sua bunda perto da abertura, olhando para as estrelas.

Tem um charuto oco ao lado dele e uma pilha de tabaco. Há um saquinho cheio de maconha e eu realmente não quero entrar em apuros. Mas o desejo de estar perto de Lucky é mais forte do que o meu bom senso. Não há barreira em nosso telhado e você pode simplesmente rolar e cair na escuridão, dividir sua cabeça em vários pedaços na calçada. Torne-se a principal notícia de amanhã.

Eu empurro com meus braços, mas não consigo fechar a distância entre o último degrau e a abertura. Solto pequenos gemidos de frustração e Lucky se levanta, cambaleia e coloca ambas as mãos sob minhas axilas me puxando, e passo através da escotilha aberta. Está quase quieto aqui no escuro, tão longe da rua. O céu noturno é aberto, claro e perfeito para observar as estrelas, isto é, se você pudesse realmente ver estrelas em Manhattan.

—Quer fumar? — Lucky diz, levantando um cigarro meio-queimado.

Eu balancei minha cabeça e ele colocou de volta e deu de ombros.

—Por que você está aqui sozinho? —

—Só precisava de algum espaço—, diz Lucky, suas palavras soando melancólicas.

Eu entendo completamente porque a mãe dele é como a minha mãe e elas podem ficar fora de controle as coisas fogem de seu controle. Lucky cruza os tornozelos, olha para o céu, suspira e eu olho para cima como ele.

—Isso é legal. Eu sinto que não saímos há anos —, eu digo, mas depois me sinto idiota porque minhas palavras soam muito honestas.

Lucky acena, então olha para mim e eu olho para as minhas mãos.

—Eu tentei, você sabe, ficar longe de você depois do que aconteceu. —

Concordo, sabia que estava chegando, mas ainda sinto a dor de suas palavras. Ele está me evitando há quase um ano porque o beijei, deve pensar que eu sou nojenta.

—Desculpe—, sussurro, lágrimas deslizando livremente pelo meu rosto. Eu os enxugo com as mãos e me pergunto se devo ir embora.

—Não se desculpe, Belén. Eu não deveria ter te beijado—, ele diz, puxando o cabelo para longe do meu rosto. Eu olho para baixo e aceno. Nunca deveria ter vindo aqui.

—Você é linda, inteligente e boa em todos os sentidos. Você é perfeita, Belén, e eu não deveria, estava me aproveitando de você. —

—Eu não sou tão inocente—, digo e olho em seus olhos. —E eu queria te beijar. —

—Eu não quero ser o cara mau—, diz ele, e realmente não sei o que ele quer dizer. —Você é a melhor parte da minha vida e quero que continue sendo assim. —

—Você nunca foi o cara mau, Lucky. Nunca. E para registro, eu ainda quero beijar você. —

Puta merda! Eu disse isso. Pode ter me levado séculos, mas borbulhou até a superfície.

Lucky olha para mim e o olhar é suficiente para parar a rotação da Terra.

—Eu faria tantas coisas para você, se pudesse—, diz inclinando-se e murmurando diretamente em meu ouvido. Seus lábios roçam no meu lóbulo da orelha e disparam pequenos pontos de tremor em todo o meu corpo. Eles correm pelos meus ombros e deslizam pela minha nuca. Parece mágica. Lucky sempre foi feito de mágica para mim. Mas agora ele está encantado e assim é esta noite. Os arrepios se transformam em pontos de calor e eu posso ouvir meu próprio pulso batendo forte em meus ouvidos.

—Eu quero você—, eu digo, surpresa por ser tão ousada.

Sempre digo que quero me guardar para o casamento, que não quero beijar um bando de caras que todos acham que me enganaram. Eu não quero ser a garota que se fala na escola. Eu não quero acabar grávida e monoparental como Mami e Titi. Mas o que eu mais quero é que o Lucky me leve e me use como

ele usa as outras garotas. Mesmo que ele me jogue fora depois, ainda quero viver os momentos de ser o que ele quer, enlouquecê-lo com meu corpo, ter sua língua na minha boca. Eu quero senti-lo duro na minha perna novamente e acariciá-lo com as minhas mãos. Anseio pelos seus pequenos gemidos e respiração rápida, seus quadris rolando e pressionando. Isso foi Lucky com a guarda baixa. Eu nunca vou abalar a memória e não posso me impedir de querer tudo de novo.

Em um momento de impulsividade, eu pego sua mão e puxo-o com força para que fiquemos de frente um para o outro.

—Eu quero que você me beije novamente, Lucky. Por favor? Foi quase um ano atrás, mas agora parece que nunca saímos daquela cozinha. —

Ele levanta uma sobrancelha e parece quase com dor, passa a mão pelo cabelo enquanto a outra o apoia, o cotovelo trancado, a cabeça inclinada de modo que o queixo bate no ombro. Ele hesita por tanto tempo que eu acho que realmente não quer. Eu sou uma idiota. Agora provavelmente vai tirar sarro de mim. Evitar-me para sempre.

—Não importa—, eu digo e puxo meus pés para ficar de pé. Lucky agarra meu ombro e me segura no chão.

—Não me diga que você quer que eu beije você, Belén, e depois fuja!—

—Não importa, eu estava errada. Foi estupido, eu apenas me empolguei. — Estou chorando de novo. Eu me sinto tão perdida, como se tivesse tirado todas as minhas roupas e ele me dissesse para me vestir de novo.

Lucky respira fundo e fecha os olho, então suspira. Ele está ponderando sobre isso. Eu não aguento mais.

Eu vou para o beijo.

Garotos deveriam beijar garotas, não o contrário, mas quero muito isso. Eu não posso continuar sem que isso aconteça, minha boca o esta beijando. Os de Lucky são os únicos lábios que eu conheço, talvez seja por isso que eles não conseguem parar de querer ele.

Eu provavelmente perdi a cabeça. Mas de alguma forma estou confiante de que será bom. Já o beijei antes e lembro como era, cada segundo dele, cada pequeno golpe de língua, a sucção, a sensação aveludada de seus lábios cheios deslizando sobre os meus.

Ele puxa o ar quando eu toco minha boca na dele, mas não abre os olhos. Eu estou de joelhos e ele ainda está reclinado em suas mãos, move a boca para aceitar o beijo e seus braços se movem ao meu redor, me aperta apreensivo no começo, mas depois mais e mais forte quando minha boca se derrete na dele e nos juntamos.

Lucky senta de repente e me puxa para o seu colo. Eu não posso arrancar minha boca da dele ou abrir meus olhos, tudo isso parece muito frágil. Tudo o que sei é que eu quero tanto isso que dói. Em vez de alívio do beijo, sinto o impacto do trauma no meu peito, já com medo do que vai acontecer quando terminar. Eu sei que somos família, sei que não deveria querer isso. Eu sei que Mami me mataria se soubesse que eu iniciei, que eu sou a malvada.

Eu sou uma garota safada, assim como ela sempre me avisou.

A mão de Lucky desliza pela minha bochecha e depois volta para a parte de trás da minha cabeça. Ele me beija muito e com força e meu coração bate acelerado no meu peito. Uma grande fera dentro de mim está lentamente saindo do sono. Ele boceja e se alonga, tomando conta de todo o meu corpo. A fera avança, ansiosa por mais do que Lucky pode dar. Eu não sei bem o que é, mas a fera sabe exatamente o que quer. Minhas mãos estão em seu peito, em seus cabelos, procurando em todo o seu corpo por uma resposta. É onde o mundo acaba? Porque o que poderia acontecer depois disso?

Eu choramingo e depois gemo e minha mão vai para a sua braguilha, olho para baixo e para fora do beijo. Não acho que eu queira sexo, não quero tocar o pênis dele, mas preciso saber que o deixo ligado. Estou desesperada para confirmar que sou tão capaz quanto todas as outras mulheres. Ele olha para mim com uma sonolenta culpa, um olhar sensual. Seus olhos dizem sujo. Seus olhos dizem que ele quer ir para lá.

Lucky guia minha mão sobre a protuberância em seu jeans e eu o ataco, tomando sua boca novamente. É a minha língua que mergulha primeiro, usando a sucção para puxá-la para dentro da minha boca. Outro barulho é liberado de dentro de mim. A besta acordou e assumiu completamente, eu não sou mais a mesma menina na cozinha, esperando que ele me toque. Mesmo que eu me sinta confusa, meus instintos sabem o que fazer. Puxo o zíper dele e abro o botão da sua calça, eu coloco minha mão dentro de sua cueca e procuro o calor de seu

pênis, suspiro quando eu agarro e ele geme no meu beijo. Eu nunca mais quero sentir outro. Apenas o de Lucky. Só ele.

—Belén—, geme, e meu nome soa tão sujo em seus lábios.

Ele está de joelhos, então está em cima de mim e me abaixa de volta para o alcatrão preto do telhado. É macio e esponjoso e ainda mantém o calor do sol. Minhas pernas se espalharam involuntariamente, acolhendo seu corpo ao meu. Assim que nossos corpos se juntam, eu pressiono minha virilha na dele. Parece tão certo, isso é tão bom. Como algo que pode parecer assim e estar errado?

—Belén—, ele diz novamente contra meus lábios, nunca quebrando o nosso beijo. Eu sei que ele quer me dizer não. Lembrar-me de que somos primos, só quero ouvir sim dele. Com a boca e com o corpo, eu estou morrendo por ele me querer, farei qualquer coisa para ele me dar isso, para ele sentir isso tanto quanto eu estou sentindo. Pego os lados da minha camiseta branca e ouso levantar sobre a minha cabeça. Seus olhos dizem: —O que você está fazendo? — Mas então vê meu sutiã de algodão branco que empurra para cima os meus seios, posso ver a batalha claramente, tocando em seu rosto.

—Isto é para você, Lucky. Eu quero dar a você. — Estou falando da minha virgindade, meu corpo, meu coração, mas não consigo articular as palavras.

Eu quero que sua luxúria conquiste todos os outros pensamentos, que Lucky me leve, perca o controle. Para tê-lo dentro de mim. Eu desabotoo meu short e me contorço para leva-lo mais baixo em minhas coxas.

—Por favor, Lucky—, eu sussurro.

—Por favor, Belén? Cristo!—

—Por favor, não me diga não—, digo, esfregando minha virilha coberta de algodão contra a sua protuberância. Primeiro, ele balança a cabeça como um bêbado em busca de sobriedade. Então, balança a cabeça com raiva e realmente olha para mim.

Ele empurra para trás até que esteja sentado e dobra os joelhos, seus cotovelos descansando sobre eles, empurra o rosto em suas mãos, em seguida, esfrega as sobrancelhas com a palma da mão.

—Foda-se!— Ele diz, balançando a cabeça e olhando para mim.

Eu tenho minha camiseta apertada no meu peito, estou absorvendo minhas lágrimas enquanto tento ganhar o controle. Fui rejeitada e ainda estou transbordando de coisas que quero dizer, coisas que quero fazer.

—Eu, eu me empolguei, Belén. Eu deixei ir longe demais. —

—Eu queria que fosse você. Eu quero que seja com você, Lucky. Ninguém mais. Passei um ano esperando por esse momento. Mais de trezentos dias presa a esse único beijo na frente da geladeira. —

—Não, Belén. Não *pode* ser eu. Apenas continue guardando como você queria. Espere pelo cara certo. Isso vai acontecer mais cedo do que você pensa. —

—Eu não quero mais ninguém. Eu só quero você!— Eu imploro, balançando meus punhos ao meu lado. Como ele pode pensar que eu deixaria alguém mais me tocar assim? Me olha por cima do ombro e balança a cabeça em frustração, não pode dizer isso de volta. Ele não se sente da mesma maneira que eu. Por que deveria? Sendo que tem Yari e muitas outras mulheres. Talvez elas sejam mais sensuais e façam coisas melhores que eu. Talvez ele simplesmente não me queira porque acha que sou nojenta.

Quero dizer algo, mas tudo o que sai é um pequeno grito e um sopro de ar, me viro para o outro lado do meu primo e corro de volta para a escotilha. Revertendo facilmente de volta para dentro, assim que meus pés atingiram o primeiro degrau, desço a escada. Eu puxo minha camisa por cima da cabeça e deslizo para dentro do meu apartamento e fecho a porta suavemente para não acordar minha mãe.

Capítulo Nove

Lucky namora muitas garotas, e por muito eu quero dizer toneladas, algumas meninas são seniores, juniores como Yari e outras que já se formaram, mas que estão, por qualquer motivo, ainda por perto. Eu não namoro ninguém. Mas recebo resultados tão bons que, na décima primeira série, estou fazendo quase todas as aulas de AP.

Passo minhas noites estudando e Lucky passa seu tempo com os amigos da vizinhança ou transando com as garotas, provavelmente indo até lá com elas. Só o vejo às vezes quando chego tarde em casa, na varanda, no corredor, na esquina, em qualquer lugar antigo. Às vezes é com Yari, o que ainda me deixa desconfortável. Sempre que saímos, tudo o que ela quer fazer é conversar e reclamar de Lucky. Tenho certeza que ele faz sexo com ela enquanto ainda está fazendo com as outras meninas. Digo a Yari essas coisas, mas ela ainda não me escuta. Espero que ele não engravide alguém porque Titi ficaria tão chateada.

Eu estou trabalhando como uma louca para entrar na faculdade. E Lucky *ainda* é o único garoto que eu já beijei. Ainda mais triste do que isso, Lucky é o único garoto que eu sempre quis beijar.

Titi diz que ele vai se juntar ao serviço, talvez o exército ou os fuzileiros navais. Ela diz que é uma boa maneira de ver o

mundo. Eu acho que é uma boa maneira de ser morto, mas Mami me disse dez vezes para deixar minha opinião de fora. Então não falo nada quando tocamos no assunto sobre o futuro em torno de Titi e Lucky. Ele trabalha o tempo todo, então parece um homem adulto. Não sou uma pervertida por dizer isso porque todo mundo diz. Lucky comprou cerveja antes e ninguém lhe pediu identidade, eles apenas presumiram que ele tinha idade suficiente.

Então, ele vai para o exército e eu para a faculdade. Talvez ele se case com uma dessas garotas antes de ir para que possa ter uma família quando voltar. Yari chama as outras garotas de prostitutas e fica com ciúmes de todas elas. Eu não quero ser rude, então me afasto de apontar o óbvio. Sorte que não falo muito. Ficamos desconfortáveis quando estamos sozinhos, nem sequer nos abraçamos em reuniões familiares ou caminhamos juntos para a escola.

—Belén!— Mami grita e olho para cima do meu dever de casa. Estamos nos encontrando com Hemi e seus filhos na Times Square para jantar e assistir a um filme. Se Hemi está chegando, isso significa que mamãe está pagando e ela já está de mau humor. Eu ajustei meu despertador agora, caso eu esteja muito cansada para fazê-lo quando chegarmos em casa.

Mami está toda arrumada em um vestido preto apertado e saltos. Estou de jeans, suéter e meias felpudas para manter meus pés aquecidos.

—Você está ótima!— digo, sorrindo para seu reflexo.

—Me ajude com meu zíper, baby—, diz Mami.

Movo o cabelo dela antes de levantá-lo. Ela cheira a loção para bebê e spray de cabelo e tenho uma enorme necessidade de abraçá-la.

—Eu não posso acreditar que no ano que vem nós estaremos nos preparando para a sua formatura. Estou tão orgulhosa de você, Belén, sempre soubemos que você era inteligente, mas excedeu as expectativas de todos. —

—Eu apenas estudo muito, isso é tudo. Mami, não me envergonhe, e não diga esse tipo de coisa na frente de Tía Hemi.

—Oh, agora eu não tenho permissão para me orgulhar da minha *única* filha? — Ela pega os dois rolos restantes no topo da cabeça e bate-os no balcão.

—Não, você pode se orgulhar, mas não exagere, sabe que meus primos são as últimas pessoas que querem ouvir isso. —

Mami tira um delineador preto e escurece a borda interna dos olhos. Eu adoro quando ela faz isso porque me lembra de ocasiões especiais e o quanto eu adorava quando era pequena quando Mami se vestia para ir a uma festa.

—Lucky sempre gosta de ouvir como você está—, diz. Ela tem grampos de cabelo na boca e ela está prendendo um lado do meu cabelo.

—Lucky me odeia porque eu não sou tão legal como ele é—, digo categoricamente, afastando a mão dela. —Eu só vou usar isso. Vamos, nos atrasaremos e Hemi e as crianças já terão comido metade do restaurante. —

—Vocês dois costumavam ser tão próximos, como irmão e irmã. O que aconteceu? —Minha mãe pergunta enquanto eu a ajudo a vestir seu bom casaco.

—Nós crescemos, eu acho—, digo com um encolher de ombros.

—Parece mais do que isso—, diz enquando estamos saindo, ela tranca a porta do nosso apartamento.

—Oh, bem, talvez tenha algo a ver com o fato de que ele começou a sair com minha melhor amiga. Talvez seja isso—, eu digo, minha voz carregada de sarcasmo.

Mami joga a cabeça para trás por cima do ombro e olha para mim. olho para cima e Titi e Lucky estão de pé no fundo do patamar.

— *Hola*!— Mami diz, indo beijar suas bochechas.

Lucky me dá um olhar que diz: —Sério? —

Cruzo meus braços sobre o peito, murmurando: —Eu não sabia que eles estavam vindo. —

Nós entramos juntos no trem para o centro da cidade e Mami e Titi riem e conversam como se não se viam há anos e não morassem no mesmo prédio. Eu propositadamente não me sento ao lado dele, mas todo o caminho do outro lado, ao lado da minha mae.

Quando chegamos à Times Square, saio do trem e ando rápido. Eu não posso nem fazer contato visual com ele. Tenho certeza que acha que estou doente ou como uma pessoa louca e

faminta por sexo. Acima do solo, esperamos que a luz se cruze e eu meus olhos no outro lado da rua, o sinto de pé ao meu lado, mas me recuso a olhar para ele.

—Esqueçeu isso? — Ele pergunta e viro minha cabeça para ver. Ele está segurando minha bolsa para mim pela alça com dois dedos.

Devo ter ficado tão nervosa que a deixei no trem. Eu nem percebi ele pegando para mim, minha boca está aberta e balanço minha cabeça.

—Obrigada—, eu digo, pegando a bolsa, estou corando. Ele provavelmente acha que eu sou uma idiota completa. Uma idiota completa *e louca por sexo* que não consegue acompanhar suas coisas e está apaixonada por seu primo.

—Oi—, diz Lucky, sorrindo para mim. Estou olhando para a frente de novo, mas ele coloca seu sorriso amigável na minha cara. Me pega desprevenida e uma risada sai de dentro de mim. Lucky também ri e pelo menos quebra parte da tensão.

Chegamos a um restaurante barulhento, e cheio de gente na Times Square. Hemi já está lá e os filhos dela também. A mais nova, Briana, está chorando por derramar sua bebida. Hemi está usando uma gigantesca pilha de guardanapos para limpar o vazamento. Ela xinga Raymond e um monte de cabeças se vira para nos olhar. Hemi é grande, ela sempre foi. Mas agora ela é *muito* grande, porque Tia Hemi está grávida. Mami e Titi são magras, mas ela é enorme. Enquanto enxuga o derramamento, todo o seu braço balança e sua calça está tão baixa que sua

bunda está exposta. Briana e Annalise estão lutando, ela joga um cubo de gelo em sua irmã e cai direto no chili de alguém.

—Oh Senhor—, suspira Mami.

— *Dios m í o,* — sussurra Titi.

—Aqui, eu vou pendurar o seu casaco—, diz Lucky, e suas mãos roçam meus ombros.

Eu exalo forte, e minha pressão arterial sobe.

—Nós estamos bem? — Lucky sussurra em meu ouvido enquando ele remove o meu casaco.

—Tudo está bem—, respondo, mas de alguma forma sai quase como uma pergunta.

Então Hemi me dá um abraço, seguido pelos gêmeos e pelas outras crianças até eu chegar ao final da mesa quadriculada vermelha e branca. Eles comeram todo o pão livre, não há nada além de crostas deixadas na cesta. Sento-me e tiro meu garfo do guardanapo, em seguida, olho para cima e sorrio para a minha família, sentindo-me determinada a ter um bom tempo e fazer-me aproveitar até como todo o sundae no final.

Eu vejo Lucky no lugar onde ficam os casacos flertando com a garota que esta trabalhando lá. Ele ri e sua postura muda. É fascinante ver como ela suaviza imediatamente para ele. Provavelmente é menos de vinte segundos antes de ela pegar o telefone. Eu olho para eles batendo nos números de telefone um do outro e me sinto doente. Seu beijo foi tão lindo e tão extremamente especial para mim. Mas é um beijo que ele compartilha com qualquer garota que queira. E todas parecem

querer. Meu coração afunda no meu peito quando ele sorri para ela. Lucky nunca vai se apaixonar por mim, nunca vai pertencer a mim e tentar fazer acontecer só vai doer mais do que isso já me machuca.

—Belén!— Mami chama e fecho meus olhos para ela. — Passe as baguetes, baby. Você está sonhando acordada. —

—Desculpe—, eu digo, forçando um sorriso de desculpas. *Estamos de boa?* Provavelmente só quis dizer, *você* está bem, Belén? Ou você vai sair por aí agindo como uma tola triste?

Lucky volta e fala sobre esportes, televisão e videoclipes enquanto mal come. Ele é barulhento e gregário e tem os gêmeos e Hemi em pontos, agindo de forma completa com uma rotina de comédia do programa de variedades do Caribe que ele viu na TV. Eu não posso deixar de rir também em sua imitação do sotaque dominicano mais grosso que você já ouviu, o que não é incomum em nossa vizinhança. Mas do jeito que Lucky está falando, eu também acho que ele está em alguma coisa.

Lucky sai com os gêmeos e Annalise para jogar no arcade. Eu me sento com Mami, minhas tias e Briana, mexendo meu sorvete sem realmente comer. Eles me perguntam sobre a faculdade e eu dou a resposta pré-gravada que eu dei a todos, desde o orientador do ensino médio até todas as senhoras que moram no meu prédio.

Às vezes eu sinto como se estivesse vivendo todo mundo na fantasia da minha família sobre o que eles gostariam de ter feito em vez do que *eu* realmente queria fazer. Eu sou o equalizador, o pagamento pelos pecados, a segunda chance na nova geração.

Eu não posso engravidar, abandonar o ensino médio ou mudar para o Colorado com um condenado, como Mami, Titi e Hemi, respectivamente. Eu não posso xingar. Eu não posso fumar maconha ou até mesmo tentar beber cerveja. Eu não posso perder o toque de recolher, usar muita maquiagem ou até mesmo falar como as outras garotas da vizinhança. Eu não posso ficar presa nas alturas ou voltar para as ilhas. Não posso reclamar que não tenho pai ou uso saias curtas que façam os homens olharem mais do que já fazem. Eu não posso ser eu mesma. Eu nem sei o que quero fazer.

Eu entrego minhas falas sobre o que eu quero com meu futuro, é apenas um monólogo que eu memorizei, não um plano real que estou seguindo. Mami fica com os olhos marejados e Titi segura as mãos no peito. Hemi apenas bufa para mim com desaprovação e toma um gole de sua margarita virgem gigantesca e salgada.

Os meninos e Annalise voltam e nos levam para juntar nossas coisas, pagar a conta, colocar todos em suas jaquetas e sair pela porta. Lucky pega nossos casacos com a garota que ficou responsável. Eu vejo como ele sorri para ela e ergue uma sobrancelha. Ele diz as palavras —Me chame— para ela e eu poderia vomitar no chão. Fettuccini Alfredo está encenando uma revolta. Eu não quero mais ir ao cinema, quero ir para casa. Lucky me oferece meu casaco, segurando-o para que eu possa colocar meus braços nele.

—Madame—, diz ele, sorrindo.

Eu sorrio um pouco, mas não estou me apaixonando por isso. Desperdice seu charme em outra pessoa, Lucky. Isso me machuca demais.

—Porque somos pessoas ricas com boas maneiras—, digo em vez disso. —Basta olhar para a tia Hemi. —

Hemi está escondendo todos os tokens de arcade, até mesmo pegando-os do chão. E Deus sabe porque, provavelmente, nunca mais voltaremos aqui. Ela está empilhando todas as sobras em uma bolsa.

—Hemi é especial, basta olhar para a camisa dela—, diz Lucky e sorri novamente. —O que você acha que isso significa? —

Hemi tem na camisa que diz —Bitch A $$— - Eu não sei onde ela consegue essas coisas. —

—Eu acho que ela tem um monte de bocas para alimentar—, eu digo.

—Hemi vai alimentar sua própria boca, Belén, e você sabe disso. ——

Uma neve fraca está caindo quando saímos do restaurante. O ar o aqueceu, então o que bate no chão desaparecendo em lama. A calçada está molhada e coberta por um caleidoscópio de cores refletidas nas luzes berrantes da Times Square. Lucky e eu ficamos atrás de todos e quase parece com os velhos tempos.

Eu e o Lucky. Sempre juntos. Praticamente inseparáveis.

Ele é meu membro da família mais próximo além da minha mãe. O pensamento faz o calor correr pelo meu corpo. Eu me sinto horrível pelo meu desejo. Eu acho que Deus deve ter deixado de fora algo crucial quando ele me fez. Lembro-me de aprender na escola que —desgosto— é uma emoção. Assim como o amor ou o medo, não é algo que você escolhe. Talvez Deus tenha deixado fora de mim, ou ele tenha esquecido de colocá-lo. Quero que Lucky me ame, e não de maneira fraternal.

No cinema, nós fazemos uma cena. Briana está chorando de novo e tia Hemi está despejando praticamente sua bolsa inteira no chão para encontrar sua carteira. Sua bunda é exposta novamente para o prazer de ver das outras oitocentas pessoas na fila. Então Hemi não pode encontrar seu cartão de débito para que a Mami tenha que pagar. Próximo Raymond está fumando e Hemi bate na cabeça dele quando ela o pega. Quão estúpido você tem que ser para fumar na fila de quatro pessoas em volta de sua mãe quando você não quer que ela veja?

Lucky geme e depois ri. Eu rio com ele e isso é muito bom. Hemi e sua equipe são sempre bons para uma distração. Então nós discutimos sobre o filme, porque todas as crianças querem ver a ação, mas Mami diz que Briana é muito jovem e que devemos ir para um filme da Disney. Há um romance que eu prefiro assistir, mas sou muito tímida para fazer um discurso para ele no caos ensurdecedor de gritos.

No final, os garotos vão para o filme de ação com Lucky como acompanhante, porque ele é o —responsável— no grupo. Mami, Hemi e Titi vão para a Disney com Annalise e Briana. Eu sou a única que recebe um bilhete para o romance. Então, na fila de entrada, todo mundo começa a

discutir novamente. Eu me separo do grupo para ver os trailers de tela grande na parede oposta. Estou prestes a entrar para ver o meu filme quando Lucky me vê. Ele está carregando um grande balde de pipoca em sua mão e se aproxima.

—Ei, Belén, onde você está indo? —

—Eu vou ver este—, eu digo. Onde diabos ele esteve?

—Sozinha? — Ele pergunta e é alto o suficiente para algumas pessoas virarem a cabeça.

—Sim, sozinha. — Ok, eu sou uma perdedora. Mas raramente vou ao cinema e gostaria de ver um em que estou realmente interessada.

—O que é isso? — Lucky pergunta, esfregando o rosto como se ele estivesse confuso.

—Um romance—, eu digo. —Chick flick, filme de garotas. Você não gostaria disso. —

—Espere, deixe-me pegar esses perdedores e então eu vou encontrar você. — Ele diz isso tão casualmente, como se estivéssemos voltando ao normal.

Eu sinto a onda de excitação ir do meu coração para a minha cabeça. Ele se move tão rápido que eu posso desmaiar, seja isso ou cair de um ataque cardíaco. Ação normal. Não faça xixi. Ele se sentiu mal porque você estava indo sozinha. Acalme-se, isso não significa nada. É apenas um filme, não um compromisso ou uma declaração de amor. Mas veja, esse é o problema, tudo significa algo para mim e isso não significa nada

para ele. Eu sou apenas sua prima e ele provavelmente já esqueceu que me beijou há alguns anos atrás.

Lucky leva uma eternidade para vir e eu começo a pensar que fui abandonada. Eu até sentei na parte de trás, longe de todos, para ter certeza de que ele não sentiria minha falta, tenho que colocar meus óculos para que eu possa ver a tela. As prévias são boas. Eu veria cada um desses filmes.

—Belén!— o escuto gritar, curto e cortado, seguido por um apito. Um apito que conheço da fazenda do meu avô em Santiago. Um apito que nossas mães usariam quando ficássemos fora até tarde no playground ou nos perdêssemos na mercearia. Eu simplesmente levanto a minha mão e ele segue em direção a mim.

—Desculpe-me, desculpe-me—, diz enquanto pisa sobre as outras duas pessoas na fila. Ele se inclina um pouco e derrama um pouco da pipoca. Eu ri dele e meu sorriso é tão grande porque estou transbordando de felicidade ao pensar em sentar ao se lado, apenas passar o tempo com ele.

—Óculos, hein? — Diz ele quando ele chega em mim.

—Legendas. É em francês, eu esqueci de te contar, — eu sussurro. Lucky bate com força no assento, salta e mais pipoca cai do balde.

—Você tem que estar brincando com a minha cara. —

—Não—, eu digo, mal contendo o meu sorriso.

O filme é lindo. É incrivelmente romântico. Sobre o amor verdadeiro de duas pessoas que são totalmente loucas, de

cabeça para baixo um pelo outro. Existem obstáculos, mas juntos eles os vencem. O par romântico é tão lindo que estou embriagada de amor só de olhar..

Toda vez que eu chego no balde de pipoca, minha mão bate em Lucky e sinto uma pressão. Toda vez que o casal se beija na tela, lembro do beijo dele. Sinto ele exalando pelo elo nariz tão perto do meu rosto, o calor de sua respiração se espalhando pelo meu lábio superior. O que senti como tê-lo duro e pressionado entre as minhas pernas. Eu daria qualquer coisa para voltar ao telhado novamente, para ser o objeto de sua afeição.

Eu olho furtivamente para ele. Ele está olhando para mim. Olho para a tela.

Estou molhada entre as minhas pernas e precisando e querendo ele. Nao sou capaz de dizer se o filme me excitou ou se me sinto assim só de sentar ao lado do meu primo. Eu olho para trás novamente e Lucky está me observando em vez do filme. Corajosamente agarro seus olhos por um momento e algo não dito passa entre nós. A troca dura muito e posso sentir o calor subir no meu rosto. Isso é o que Lucky tem evitado e sou eu quem não pode ficar longe.

Ele agarra sua cabeça entre as mãos e geme alto e depois fica em pé., deixa a pipoca em seu assento e se move para o lado do corredor até que ele possa andar para a frente normalmente e escapar através da saída.

Eu estou esmagada, sou humilhada novamente. Pensei que ele me queria por um momento, um momento que eu julguei mal. A realidade de como ele se sente afunda em meu

intestino. Ele só quer ser meu primo, então por que não posso fazer isso? Por que tenho que ser o pária com desejos inapropriados? Por que eu tenho que ser a garota desajeitada que está apaixonada por seu primo? Pego o balde de pipoca, mas não como.apenas quero segurá-lo porque Lucky estava.Eu quero recapturar um pouco dessa energia.

O balde recolhe minhas lágrimas enquanto eu choro sozinha no escuro nao estou prestando atencao no filme porque ver pessoas apaixonadas dói demais. Vou para o corredor, tenho que ir ao banheiro para me limpar. Lavar meu rosto antes que todos os filmes terminem e eu tenha olhos vermelhos, e inchados, uma revelação que estou apaixonada.

Depois de jogar a pipoca na lata de lixo, lavo o rosto debaixo da torneira fria. Eu posso controlar o choro, é apenas embaraçoso que ele me afete tanto. Seco minhas mãos e rosto sem me olhar no espelho e saio para a área principal. Uma mulher grita e um monstro rosna e então a música de sequência de ação começa a tocar, desorientando-me mais. Eu posso sentir que ainda estou inchada e molhada entre as minhas pernas. Eu me sinto volátil e realmente não confio em mim mesma para não chorar novamente.

Quando saio, olho para cima e vejo Lucky saindo do banheiro masculino em frente a mim. Sua cabeça está para baixo, mas me encara, fazendo seu olhar muito mais intenso. Eu quero morrer no local.

—Eu sinto muito—, eu digo, torcendo minhas mãos juntas, não queria estragar tudo.

—Foda-se isso!— Lucky ruge e eu tenho medo que ele esteja realmente bravo comigo. Ele vem para mim com força, mas não me toca agressivamente. Ele me empurra para a parede coberta de carpete e eu quase caio para trás sobre os meus pés, me pressiona com força, depois inclina a cabeça e me beija.

Eu o beijo de volta tão ferozmente que me esqueço de respirar. Minha boca desliza contra a dele e eu juro, nada pode me parar.

Isso é tudo que eu quero. Sempre.

Sua língua acaricia a minha, tão quente e suave, mas seu corpo está me esmagando. Não é apenas um beijo, porque as mãos dele estão em cima de mim. Ele toca a parte de trás do meu pescoço, agarra minha bunda e sente meus seios através da minha camisa. Eu vou para a sua braguilha, posso sentir seu pênis pressionando contra seu jeans, quero fazer coisas terríveis com ele e quero que faça o seu pior para mim.

—Não aqui, Belén—, me cala e tira a mão de sua virilha. Ele coloca minhas mãos contra a parede e lambe meus lábios inchados. Eu sinto isso na minha virilha. Tento capturar sua boca, mas ele está provocando e sorrindo e abaixando a cabeça para longe de mim. Eu pressiono minha virilha na dele e de repente nada é engraçado.

—Foda-se—, Lucky geme e mete a língua profundamente na minha boca., chupo sua língua e seus lábios, querendo puxar qualquer parte dele para mim.

—Primos se beijando—, diz Raymond enquanto passa preguiçosamente por nós para o banheiro masculino.

—Oh meu Deus—, eu digo, me afastando de Lucky e limpando minha boca.

—Merda—, diz Lucky, abaixando os braços para os lados. Ele dá um passo para trás e depois bate contra a parede, socando-a com força.

—Ele vai dizer alguma coisa assim que eles saírem—, digo, minha mente frenética de pânico. Estou prestes a ser pega por fazer algo vergonhoso pela primeira vez na minha vida. Maneira de destruir a ilusão que trabalhei tanto para construir. Toda a merda que eu soltei no restaurante quando na verdade, eu sou fodida.

—Não Bey, não se preocupe. Raymond é praticamente retardado. Vou dar-lhe um baseado para calá-lo. —

—Você tem certeza? — Eu pergunto, minhas mãos tremendo de nervosismo. Quando beijo Lucky, fico tão excitada que até o meu medo de ser flagrada com ele sai do barco e desaparece ao mar.

—Eu nunca vou deixar nada de ruim acontecer com você. Eu prometo. —

Quando ele diz isso, é meio desdenhoso, casual, como se não estivesse dizendo a coisa mais monumental que já me disseram. Para uma menina sem pai e uma mãe solteira que trabalha duro, um tanto ausente, ter alguém que diz que sempre a protegerá é imensamente grande. Um homem que se preocupa comigo e promete cuidar *de* mim é como um beijo do Papa. É como ganhar na loteria ou andar na lua.

Mas quando Lucky vira e entra no banheiro depois de Raymond, sinto que acabou. Os créditos estão rolando. A apaixonada história de amor com o lindo casal francês não termina tão feliz, afinal.

Capitulo Dez

Lucky

Ela deveria ser como minha irmãzinha, em algum momento foi e eu quase me lembro de sentir nada além de amor fraternal. Apenas querendo brincar com ela. Para protegê-la.

Nós sempre fomos colados. Eu e Belén assistindo desenhos animados. Eu e Belén roubamos coisas do prato e as comemos no tapete do meu quarto. Jogando, vestindo-se, tomando banho juntos. Eu brincava com bonecas para ela e ela brincava com meus carros. Nós vestimos fantasias de Halloween, abrimos presentes juntos na manhã de Natal. Em todas as imagens antigas e desbotadas, ela está lá, sempre pendurada em mim.

Nao sei porque as coisas mudaram ou exatamente quando aconteceu. Talvez eu seja um babaca e foi justamente quando o T e A entraram em ação que eu realmente comecei a acreditar nela. Entre em jogo eles já fizeram. Belén, aos oito e aos dez, era uma coisinha tão magra que fiquei apavorado que os cachorros da vizinhança a pegassem. Eu costumava dar-lhe alguns dos meus doces de Halloween na esperança de torná-la mais forte, não sabia que isso era ruim para seus dentes. Senti-me terrível e chorei quando ela ficou com cáries e minha mãe disse que era minha culpa.

Belén aos treze anos era uma criatura totalmente diferente, se transformou em uma mulher do nada e eu não conseguia

parar de olha-la, tendo sonhos sexuais sobre ela, querendo tocá-la. Eu acho que quando ela completou treze anos foi quando eu encurralei e a beijei.

Pegar garotas sempre foi algo em que eu era bom. Minha mãe diz que herdei isso do meu pai. Eu poderia fazê-las enlouquecer com minha camisa ou quando eu sussurrava em seu ouvido, acho que é porque sempre foi só a minha mãe que me fez entender as mulheres. Belén também parecia gostar daquelas coisas, e de repente a vibração mudou, mas eu não tinha certeza se estava imaginando.

Costumava me sentir como se pudesse me comunicar com ela melhor do que qualquer outra pessoa. Às vezes nós apenas olhávamos um para o outro e podíamos dizer o que a outra pessoa estava pensando.

Depois que nos beijamos pela primeira vez, eu sabia que levaria todo o caminho com ela se não fosse cuidadoso. Belén tinha uma maneira de me abrir que era viciante. Eu queria transar com ela. Jesus Cristo, como eu queria transar com ela! Queria coisas dela que nunca quis de uma garota. Como quando ela começou a menstruar, o desejo de dormir com ela só aumentou. Que tipo de cara quer fazer isso? E o que é ainda mais doentio, é que depois que soube que ela tinha tido seu primeiro período eu fantasiava sobre engravidá-la. O que? Porra! Como *isso* faz algum sentido?

Belén assusta a merda fora de mim e eu estou constantemente lutando para manter a calma agora quando estou com ela.

Eu tive que fazê-la esquecer de mim. Eu precisava fazer ela me odiar.

A maneira mais fácil de fazer isso? O truque mais antigo do livro. Comece a foder sua melhor amiga.

Eu acho que isso me faz um idiota. Mas sou um idiota para proteger Belén. Yaritza é quente. Ela usa roupas apertadas e cede facilmente, então contava a todos os meus amigos. Eu costumava me perguntar o quão amigas Yaritza e Belén realmente eram, não eram muito parecidas, Yari gostava de meninos e chupava paus equando Bey estava em livros e igreja.

Eu poderia dizer que Yari tinha uma queda por mim, ela me encurralou uma noite em uma festa quando eu estava bêbado. O resto era história, e eu sempre ligava para ela quando não conseguia encontrar ninguém para a noite. Isso esmagou Bey duro quando ela descobriu e eu podia ver todo o seu rosto. Mas ela não podia dizer o quão fodido era porque o que ela ia falar? Eu e ela somos primos de primeiro grau. Somos família.

Belén

Lucky vai para a guerra e eu vou para a faculdade. Talvez nem moremos perto um do outro ou mal vamos nos ver. E tudo bem comigo porque a tensão entre nós é espessa como sopa de ervilha, eu não posso estar na mesma sala com ele sem suar e gaguejar. Quando ele olha para mim meu coração dispara e meus olhos piscam todos os tipos de emoções que eu não quero

que veja. Isso torna a vida meio difícil, considerando que vivemos no mesmo prédio. Estou tão nervosa em torno dele que nossa família pode ver claramente. Até agora ninguém disse nada. Mas o que eles diriam? Talvez pensem que somos loucos ou nojentos. Raymond deveria ter contado a Hemi, nao tem como ele não ter. Vai sair algum dia e espero que, quando esse dia chegar, esteja morando longe de todos eles.

Eu já estou olhando para as faculdads como júnior, porque minhas notas são muito altas. Meu orientador, Sr. Sanchez, está me conduzindo pelo processo porque ninguém na minha família jamais fez isso antes. Nós nos sentamos lado a lado em seu computador e ele me ajuda a decidir quais universidades considerar. Nós olhamos para uma tonelada de escolas, incluindo algumas da Ivy League. Estou nervosa porque não pareço bem no papel, que poderia ter feito mais atividades extracurriculares ou ganho alguns prêmios, ser presidente de alguma coisa.

A porta está aberta no corredor e as crianças passam correndo e gritando porque o último sinal tocou e isso significa liberdade. Eu costumo ir à biblioteca depois da escola e terminar meu dever de casa. Se levar tudo para casa, fico distraída com a televisão ou a geladeira ou com o fato de que Lucky está apenas dois andares abaixo de mim.

Estou dizendo todos os meus agradecimentos e despedidas ao Sr. Sanchez quando Lucky enfia a cabeça na porta e olha com desaprovação.

—Vamos, Bey—, diz ele, olhando para o relógio.

—Com licença? —

—Vamos, eu disse—, ele diz com mais força e sacode o queixo de maneira desafiadora em direção a Sanchez.

—Hum, está bem. Sr. Sanchez, este é meu primo Lucky, — eu digo, segurando minha palma na direção de Lucky na introdução.

—Sim, Belén. O Sr. Cabrera e eu estamos familiarizados. Desde o primeiro ano, Sr. Cabrera, não? —

—Sim—, diz Lucky, balançando a cabeça muito rápido e me fazendo sentir como se estivesse drogada. —Vamos, Bey, nós temos que ir. —

Ele pega minha mochila, joga por cima do ombro. Então agarra meu braço e me puxa para o corredor.

—Obrigada, senhor Sanchez! Eu vou deixar você saber assim que eu decidir qualquer coisa!— Eu grito de volta para o escritório enquanto sou levada para longe.

—O que diabos está errado com você, Lucky? —

—Vamos apenas, ok? — Lucky diz, preocupação, franzindo a testa.

—Está tudo bem? — Eu pergunto. —Eu não estava indo para casa, estava indo para a biblioteca. —

—Aquele cara é um babaca, Lenny, e todo mundo sabe disso. Não vá para o escritório sozinha com ele novamente ou eu terei que fazer algo que nós dois lamentaremos. — Seus olhos continuam mudando para o lado como se preocupado que alguém estivesse assistindo.

—Você está com ciúmes ou algo assim? — Eu pergunto, meus olhos se abrindo. —Ele nunca foi nada menos que um perfeito cavalheiro para mim. Eu nem saberia como me inscrever nas escolas sem ele. —

—Eu vou matá-lo se ele colocar um dedo em você—, diz Lucky e seus olhos estão trabalhando em todo o lugar, deve estar usando anfetaminas para estar agindo tão louco. Eu me sinto zangada com Lucky por mandar em mim. Como ele pode me dizer o que fazer quando tudo o que faz é me evitar? Alguns de seus amigos passam e o cumprimentam e Lucky apenas acena com a cabeça em resposta. Ele traz os braços para cima do peito.

—Você sabe que você tem que passar por um teste de drogas como parte do seu exame físico. Você nunca vai fazer a academia marinha com merda no seu sistema—. Eu cruzo meus braços também, espelhando sua postura.

—Só estou tentando te proteger, Lenny. Eu não quero que você se machuque. Nunca. —

Eu odeio quando ele me chama de —Lenny—, é ainda pior do que —Bey—. Ele me ligou dizendo que a partir do momento em que podíamos conversar e me lembro na minha festa de aniversário de cinco anos, disse na frente de todos os meus amigos, não queria me provocar, mas todo mundo zombou de mim e disse que eu tinha o nome de um menino. Titi o fez se desculpar e ele chorou quando fez isso. Derramou ponche de frutas em sua camisa branca de botão e estava apenas vestindo sua camiseta, tinha uma corrente de ouro e uma pulseira de

ouro para bebê. Seu pai deu a deu, em uma das poucas vezes que ele o visitou em Porto Rico.

Meu coração amolece com a lembrança e meus joelhos parecem massa idiota. Eu amei Lucky por tanto tempo quanto me lembro e às vezes esse amor parece um feroz animal selvagem.

—Por que você não vai para casa e fica sóbrio no sofá? Faça um pouco de chá, jogue seus videogames até que Titi chegue em casa—. Eu digo suavemente para tentar persuadi-lo. Ele parece ao mesmo tempo volátil e frágil. —Você pode limpá-lo do seu sistema, Lucky, antes do teste. Por favor, não faça isso de novo. Eu prometo que não vou mais ver o Sr. Sanchez. Só me comunico por e-mail a partir de agora. —

Lucky assentiu vigorosamente, limpando o nariz com as costas da manga. Todo o seu corpo parece estar tremendo e não posso deixar de agarrar a mão dele.

—Eu tenho que ir estudar para a minha prova final, Lucky. Você pode ir direto para casa e apenas tentar se acalmar? Saia daqui e não faça nada estúpido. —

—Sim. Sim eu posso. Lenny, eu te amo. —

—Eu também te amo—, eu digo enquanto algumas lágrimas perdidas escorrem pelo meu rosto. Lágrimas de vidro escorregando sobre a pele quente. Ele rapidamente beija minha bochecha. Lucky e eu estamos sempre dançando bem no limite do ponto de ruptura.

Ele se vira e vai embora pelo corredor, seu andar rígido em vez de cavaleiro. Sua confiança ou soprou com o vento, ou foi totalmente engolida por drogas. Ele disse essas palavras exatas para mim na festa de aniversário, onde ele primeiro divulgou meu apelido. Isso me faz pensar se seria possível que estivéssemos compartilhando a mesma memória.

Lucky

Eu estaria mentindo se dissesse que não entrei no quarto dela. Ela praticamente nunca está em casa, sempre tem alguma coisa acontecendo na escola. Drama, debates e combina outras merdas. Eu tenho sacos de moedas de dez centavos na esquina na maioria dos dias para tentar compensar quando minha mãe fica aquém do aluguel.

tenho uma chave para o seu apartamento, assim como ela tem um para o meu. Às vezes vou pegar uns petiscos ou uso a máquina de lavar que o velho de Tia Betty instalou ilegalmente ao lado da máquina de lavar louça. Betty costumava colocar roupas na máquina de lavar louça quando não tinha tempo de ir à lavanderia. Ela trabalha no hospital como uma técnica de raios-X e suas horas são ainda maiores que as da minha mãe. Nos fins de semana, ela é uma ajudante de saúde em casa, ela nunca tem tempo livre. Ela pegava as roupas molhadas e jogava no aquecedor. Hector, seu namorado, disse que queimaria o lugar se não fosse cuidadosa. Ele pegou aquela máquina para o Natal e o isso fez o rosto de Belén se iluminar. Se levar apenas

uma máquina de lavar roupa para fazê-la feliz, não importa o que aconteça no futuro, vou me certificar de que ela tenha uma.

Eu me deixo entrar no lugar deles e tenho que admitir que pareço um ladrão, não abro a porta todo o caminho por causa do guincho, deslizo para dentro e a fecho suavemente, tiro meus sapatos para que ninguém possa ouvir meus passos. Há alguns Pop Tarts de morango no armário e eu os abro. Isso me faz sorrir ao pensar em Belén comendo isso na mesa da cozinha enquanto ela aperta os olhos em seus livros. Eu jogo minhas roupas de trabalho em sua máquina, ligo a televisão e depois vou para o quarto de Belén.

Eu venho muito aqui, sou provavelmente um total idiota. Faz me sentir bem. Por alguma razão, este lugar sempre me traz paz.

Nada está fora do lugar. A cama está feita. Nenhuma roupa no chão, nem um traço de lixo ou sujeira. Eu corro minha mão sobre a colcha e penso nela enrolada lendo. Belén adora livros como o maior nerd, ela sempre os tem, foi Belén na escola que fez minha mãe me dar um cartão de biblioteca. Seus livros costumavam empilhar ao longo de sua cômoda comprida, mas agora eles assumiram completamente. Todas as três janelas estão cheias e há pilhas por todo o chão. Principalmente são clássicos para a escola, mas também tem outras coisas. Há um livro sobre anatomia humana e outro sobre vulcões. Há romances de bolso e uma merda de histórias em quadrinhos. Há livros sobre jardinagem e um milhão de livros de filosofia, todos empilhados em um canto separado. E há um livro sobre sexualidade aberto em sua cômoda. Eu fecho meus olhos,

porque isso iria me esmagar para saber quem ela pensa quando olha para isso.

Ando até a cômoda principal e confiro seus frascos cheios de vidro do mar. Ela tem sido louca por essas coisas desde a terceira série, quando fizemos uma viagem em família para a Flórida, passou as férias inteiras vasculhando a praia só para encontrar mais. Passei as férias inteiras chorando por não ir à Disney World e vomitar no carro.

Ela pensou que o vidro era um tesouro e segurou-o na palma da mão. Eu me lembro de seu punho se abrindo e ela me entregando uma pedra quent, tinha pedaços azuis, claros e verdes, e Tia Betty os guardava em um pote. Belén procurou na praia por um vermelho até o sol se pôr. Quando voltamos para o hotel, ela teve que tomar aspirina para uma dor de cabeça e uma queimadura solar.

Na manhã seguinte, comemos Fruit Loops no buffet continental do hotel. Eu perguntei por que ela precisava de um vermelho, e ela meio que revirou os olhos para mim, mas depois sorriu.

—Lucky, os vermelhos são os melhores porque são os mais difíceis de encontrar. Quando você pega uma, significa que você é especial. —

—Mas alguém já pegou todos e é por isso que eles se foram? —

—Não. Eles se foram porque não fazem mais vidro vermelho. Você já bebeu refrigerante em uma garrafa vermelha? —

Eu balancei a cabeça e escutei cada palavra que disse. Ela sempre foi muito inteligente, mesmo quando criança. Era como se compensasse seu tamanho com as coisas do cérebro. Belén nunca poderia me amar. Eu nem estou no seu nivel. Eu sou estúpido. Eu tenho agido como um idiota. Tudo o que tenho para mim é força e bom senso para não ficar neste bairro e deixar isso foder minha vida.

O menor pote em sua cômoda é aquele que provavelmente foi usado para comida de bebê. Ele segura alguns pedaços vermelhos de vidro do mar polido e fica como um santuário no meio de todo o material azul-esverdeado.

Eu verifico minha roupa e ainda restam quinze minutos. Preciso dar o fora do seu quarto antes que um deles chegue em casa. Sento-me no sofá e mudo os canais, sirvo-me das nozes cobertas de chocolate na mesa.

Belén entra e parece surpresa ao me ver. Ela tira o casaco e joga as chaves na mesa. Seu cabelo está solto e ela parece cansada, mas ela é tão bonita. É uma beleza que é dolorosa porque não é minha para tocar, nem mesmo para olhar.

—Sentindo-se melhor? — pergunta enquanto eu a ouço remexer na geladeira.

Ela sempre acaba fazendo coisas boas por acidente, como se eu não tivesse tirado dois golpes de metanfetamina no banheiro masculino, nem estou realmente nessa merda. Mas às vezes é tudo que você pode para manter a imagem. Eu posso passar isso às vezes e ainda manter o meu chão, mas hoje isso não estava acontecendo, então eu tive que usar alguma merda.

—Você vai para a festa de formatura de Jeremy neste fim de semana? — Belén me pergunta casualmente enquanto coloca a tampa em uma lata de refrigerante.

—O que você está fazendo para o jantar? —

— *Chuleta.* A festa? —

—Sim, eu provavelmente vou checar em algum momento, aquele garoto é um idiota com um fundo fiduciário. Eu nem sei o que o pessoal dele está fazendo neste bairro—, digo tudo com um encolher de ombros, franzindo os lábios. Não me ocorre perguntar como ela sabe disso ou por que está perguntando. É início da primavera, daqui para frente haverá festas de formatura para todos os fins de semana.

—Ele me convidou—, diz Belén de costas para mim, enquanto coloca algumas canecas de café em um armário de canto perto da mesa da sala de jantar.

Eu me levanto. Eu não quero dizer, mas de alguma forma a realidade do que está por vir abate minhas pernas e eu pareço como se estivesse pronto para correr, não posso mantê-la escondida para sempre. Chegará um momento em que vou embora e ela estará sozinha.

—Vocês são amigos ou algo assim? — Eu pergunto e sai como estivesse acusando-a de se juntar ao exército inimigo. Eu quero rosnar e puxar meu cabelo para fora e pegar Belén, arrastá-la para seu quarto e mostrar a ela exatamente do que eu sou feito. Eu quero rasgar a roupa dela e assustá-la e lamber sua buceta até que ela goze na minha boca. Eu quero transar com ela com tanta força que ela nunca deixará qualquer outro homem

tocá-la. Eu tenho vontade de escrever —Minha—, em todo o corpo dela com um marcador permanente. *Propriedade de merda privada, agora caia fora.*

—Mais ou menos—, Belén diz como se estivesse cantarolando ou sorrindo, ou talvez como uma garota normal, quando é convidada para sua primeira festa. Eu sou um maldito monstro e as drogas ainda estão chutando no meu sistema. Eu tenho que dar o fora deste apartamento antes de fazer ou dizer ou mesmo *pensar em* qualquer coisa que nos arrependeremos.

Eu voo além dela tão rápido que ela bate a cabeça e diz —O que? —

Ela vem até a cozinha para ver o que estou fazendo, estou colocando minhas roupas molhadas em uma sacola de plástico e despejando água com sabão por todo o piso.

—Lucky, não estão limpas ainda! O que em nome de Deus você está fazendo? —

Estou suando como um cachorro de novo, mas não quero que ela se preocupe comigo.

—Tenho lugares para ir, Len. Pessoas para ver. Tenho que ir buscar um kit de desintoxicação para poder passar no meu teste de mijo. Você sabe, a vida de um soldado. —

Eu estou fora da porta antes mesmo de terminar a frase, correndo os degraus e batendo a porta do meu apartamento. Ainda posso ouvir sua voz doce no corredor chamando meu nome. Ela parece tão preocupada. *Deus, porra, me ajude.*

Capítulo Onze

Belén

Yari e eu não saímos juntas há muito tempo. Mas se é sobre festas escolares, então ela é a melhor pessoa para acompanhar. Ela não apenas conhece todo mundo, mas também é hilária e ousada, a vida real da festa. Ela bate em meninos no beer pong e pode rolar um baseado com os olhos fechados. Ela também supostamente dá a melhor chupada da escola, então os caras todos clamam por sua atenção, grunhindo e rosnando como se ela fosse a capa vermelha de seu touro furioso por dentro.

Yari e eu ficamos com os cabelos alisados no salão. Estamos colocando o cacho de volta com ferros no banheiro, trabalhando no cabelo uma da outra. Ela me faz rir porque ninguém além de Yari consegue fazer uma impressão totalmente precisa de todos os garotos da vizinhança.

—Bey, você tem alguma bebida? — Ela diz maliciosamente.

Eu levanto minhas sobrancelhas para ela e me pergunto o que está pensando. Minha mãe está em casa e ela com certeza não vai permitir que beba.

—Hector tem cerveja e batata frita, mas Mami me mataria!—

—Eu vou pegar, apenas observe. Você precisa de mais delineador. —

Eu pego o modelador de cabelo de Yari enquanto meu cabelo ainda está meio enrolado. Ela entra na sala de estar onde Mami está assistindo uma novela e fumando seu cigarro noturno.

—Sra. Heredia, tudo bem se eu fizer a Belenny um lanche? —

—Claro, *mi hija,* há sobras se você está realmente com fome, posso fazer sanduíches. Não vai ter comida na sua festa? —

—Ok, obrigada!— Yari grita e vai para a cozinha. Eu não quero ser pega, estou animada com essa festa e não quero que nada estrague isso. Yari volta com duas latas de refrigerante e um enorme saco de batatas fritas. Ela pega o saco de batatas e tira uma latinha de cerveja que aparece no topo e entrega para mim. Ela faz o mesmo com o dela e depois esmaga contra o meu em um brinde.

—Aqui é para meninos quentes com paus grandes e para festas de formatura do ensino médio. —

—Saúde!— Eu digo e, em seguida, tomo minha cerveja.

Nós nos vestimos no meu quarto e Yari trouxe um saco inteiro de roupas de festa para escolher. Eu coloco meu jeans mais bonito e blusinha de manga comprida e Yari apenas balança um dedo para mim e diz: —Hum, não. Nem perto, B. —

Ela tem um vestido que mostra sua bunda muito grande. É baixo corte na frente e você pode ver todo o seu decote.

—Eu tenho um vestido que é assim, mas é azul, quer experimentar? —

—Ok—, eu digo e dou de ombros, mas isso é realmente a cerveja falando porque, normalmente, eu não seria pega nem morta naquele traje. Entro no vestido azul e ele abraça todas as minhas curvas. Aposto que se eu me vestisse assim o tempo todo, poderia conseguir um namorado de verdade.

Nós terminamos nossas cervejas, lustramos nossos lábios e jogamos casasos sobre nossas roupas. Passamos na ponta dos pés pela minha mãe rindo e ela grita para nós duas.

—Meia noite, sem garotos, sem beber! Lucky vai estar lá? Se não, ligue para Hector e ele vai buscá-la depois que sair do seu turno no hospital. Mantenha seus telefones ligados, escreva o número do cara no quadro de marcadores. Tire essa merda dos seus lábios, *hija,* parece que você está comendo frango frito! —

Eu reviro meus olhos, mas eu amo minha mãe e o quanto ela se importa. É engraçado que ela ache que é —mais seguro— para nós com o Lucky lá. Se ela soubesse o que acontecia atrás de portas fechadas, ficaria horrorizada, me trancaria no meu quarto e jogaria fora a chave. E ainda conseguiria que Titi mandasse Lucky para escola reformatória. Minha mãe levou muita merda quando era mais nova. Seus pais não sabiam como ajudá-la a ter sucesso no mundo real e ela fez tudo sozinha. Então ela ajudou minha tia e fez com que ela pegasse seu GED,

teria ajudado Hemi também, mas ela fugiu com um condenado antes que alguém pudesse impedi-la.

A festa está em pleno vigor no andar da cobertura de um edifício antigo imponente na Riverside Drive. O apartamento de Jeremy é um andar inteiro do prédio e Lucky estava certo, não há muitas pessoas com esse tipo de dinheiro em nossa vizinhança.

Esta tocando música eletrônica e muitas crianças já estão bêbadas. A maioria dos garotos cumprimenta Yari e depois pergunta surpreso, —Belén? — Como se tivessem visto um fantasma. Eu acho que eu não costumo usar meu cabelo solto ou tirar meus óculos ou fazer maquiagem para esse assunto. Mas não sei onde eles estiveram, porque eu me visto todos os anos para as fotos do anuário, para a volta ao lar *e para a* semana de inverno.

Mas todos percebem e isso me faz sentir muito bem. Não preciso de cerveja nem drogas para me senti alta, estou recebendo alguns elogios. Ou aquilo ou a bebida rosa que Naomi nos entregou quando entramos na cozinha, está fazendo efeito. As luzes são mais brilhantes na cozinha e assim é a atmosfera.

Jeremy está aqui e faz todo mundo rir contando uma história de Econ. Ele vem quando nos vê e nos agradece por ter vindo. Ele beija primeiro Yari e depois eu na bochecha e diz: — Belén você está deslumbrante—.

Coro porque atordoamento não descreve realmente como me sinto.

—Obrigada!—

—Como eu pareço? — Yari diz e eu ri quando ela dá um soco no braço dele.

—Impressionante também, Yaritza!— ele diz enquanto a brinda.

O apartamento é maior do que uma casa real e tem uma vista incrível do Hudson. Há enormes janelas com vista para o rio em todos os quartos. Os móveis, os tapetes, até os óculos parecem caros. Espero que ninguém mexa no lugar de seus pais. Algumas das crianças da nossa escola são tão malandras pue eu ficaria preocupada se elas embolsassem os talheres ou roubassem as bugigangas em exibição.

Jeremy é estranhamente formal e eu acho que se encaixa com o seu entorno. Ele me segue o tempo todo e começo a pensar que me convidar para sua festa significava convidar-me para ser sua namorada. Jeremy é muito legal, e tem muitas aulas de AP como eu, *e* definitivamente vai entrar em uma boa faculdade. Ele tem cabelos castanhos arenosos e grandes olhos azuis. Eu quero perguntar se gosta de mim, mas eu sei que não deveria fazer isso. Parece uma novidade que eu quero mostrar isso a todos..

Lucky e seus amigos aparecem uma boa hora depois de nós. Eles chegam ao local como se fossem astros do rock, mas são todos os garotos maus do bairro. Lucky vai até Yari e tira-a de um cara. Nem parece que ele está com ela, mas dá a ela um olhar que a deixa saber para recuar. —Onde está Belén? — E Yari apenas encolhe os ombros.

Eu espero que ele me note nas sombras. Estou sentada em silêncio em um banquinho ao lado de Jeremy, tomando meu drinque rosa e falando sobre professores na escola.quando Lucky entra na cozinha.

Jeremy se oferece para me fazer um tour pela casa. Ele me mostra o quarto de seus pais, que tem uma enorme cama de dossel, onde todos os móveis e detalhes estão em uma bela madeira escura. Então me leva para a biblioteca, o que me excita. Imagine, ter uma biblioteca inteira dentro da sua casa! Eu conto a ele sobre a minha coleção de livros, deixando de lado a parte crucial de que não tenho estante de livros.

—O que você gosta de ler, Belén? — Jeremy pergunta e soa como uma pergunta sexy. Acho que estou bêbada de bebida rosa e esta casa chique e a atenção total desse garoto.

—Qualquer coisa que eu possa colocar minhas mãos—, eu digo sem fôlego e sai em uma espécie de sussurro.

—Você leu Joyce? — Jeremy diz e ele aponta para a escada. —Meu pai tem uma coleção dos capítulos quando *Ulisses* foi serializado pela primeira vez. É laminado, porque o papel é muito frágil. É legal de se olhar. Você leu na aula de inglês da AP em Parson? —

—Eu fiz—, eu digo, mas acho que estou apenas olhando para seus lábios.

Talvez seja assim que a vida deveria ser. Garotos ricos e meio gordinhos em camisas polo azul claro com os primeiros folhetos de James Joyce para impressioná-lo. Quem tem carros extravagantes em vez de tatuagens e fundos fiduciários, em vez

de cicatrizes. Estou intrigada. Eu acho que ele usa colônia. Estou me imaginando vindo aqui para jantar e sentada na longa mesa polida com os pais dele. Uma bacia de cristal cara, cheia de frutas perfeitas como peça central, em vez de uma tigela de contas de agências de cobrança e um pequeno santuário para os deuses da loteria do estado de Nova York.

Jeremy vai para a faculdade, se tornar um financista ou um advogado. Nós nos casaríamos em uma grande igreja e minha família se comportaria, até mesmo Hemi e os primos. Tudo o que tenho a fazer é pensar na palavra —primo—. Meus olhos se abrem quando estão a meio mastro com álcool e fantasias. Eu pensei que ele ia me beijar, mas ele está no meio da escada.

—Ou você pode gostar disso—, diz Jeremy. —Minha mãe está na moda. Então ela tem todas essas edições antigas da *Vogue* voltando aos anos setenta. Eu acho que ela os referencia muito para o trabalho. Eles são bem legais de se olhar. —

Talvez Jeremy seja gay. Talvez nenhum garoto queira me beijar, exceto Lucky e isso é só quando ele está bêbado. Ele me entrega um livro com Twiggy *(modelo,atriz e cantora britânica) na capa. Eu sorrio e deslizo através dele.

—Jeremy, devemos voltar para a festa? —

A música está batendo e as pessoas estão dançando e provavelmente arruinando sua casa. Mas Jeremy está bêbado e alegre e ele se junta em vez de tentar derrubá-lo. Se eu fosse ele, eu expulsaria todo mundo. Eu ando por aí e sinto tontura. Não consigo encontrar Yari, não consigo encontrar Lucky, mas

encontro doze outras pessoas que conheço da escola e faço duas doses de tequila, o que é absolutamente terrível.

Jeremy me pede para dançar e eu não tenho certeza se entendo como você faz isso com uma música rápida, mas nós dançamos na sala de estar e é tão divertido que estamos rindo e sorrindo. Eu acho que Jeremy pode ser meu novo melhor amigo. Nós podemos nos casar mesmo que ele seja gay, vamos apenas decorar a biblioteca e ter bebês e ler livros juntos. Talvez coloque danças na sala de estar para música eletrônica sem qualquer *bachata.*

—Venha para cá—, diz Jeremy, pegando minha mão e me puxando para um corredor que se projeta para o lado. Seu lugar é como um museu porque a música desaparece quase inteiramente quando você se afasta em direção a outra exposição. Há pinturas a óleo nas paredes exuberantes, cobertas de seda verdadeira, e os pisos são forrados com grossos tapetes orientais. Ele abre uma porta e acende a luz. É tão brilhante quanto a cozinha aqui e tudo é branco. É um banheiro. É real. Parece que saiu de uma mansão ou uma revista, ou um palácio. É tão intocada que todo o cromo brilha e pisca reflexos das luzes brilhantes. Eu sinto que estou sujando só de pé nela.

Eu pulo no balcão como Jeremy e dobro minhas mãos no meu colo.

—Por que entramos aqui? — Eu sussurro. —Você tem que ir ao banheiro? —

—Eu pensei que nós poderíamos usar alguma privacidade. —

—Você vai me beijar? — sei que você não deveria perguntar em voz alta assim e certamente comia toda a intimidade. Mas estou nervosa porque a única pessoa que já beijei antes é Lucky.

Jeremy pula do balcão e apaga a luz.

—Eu não sei. Você quer que eu te beije? —

—Sim—, eu digo, fechando os olhos e inclinando o queixo. Jeremy se aproxima de mim e respira pela boca, o que provavelmente significa que sofre de alergias.

Ele me beija suavemente e é um beijo molhado e escorregadio. Sua língua desliza na minha boca e eu deixo ele deslizar seu corpo entre as minhas pernas. Nós nos beijamos assim por muito tempo, as mãos dele descansam mecanicamente na minha cintura. Nenhum barulho sai de dentro de mim e ele também não faz nada. Eu não posso deixar de comparar este beijo para os outros e como é apenas o beijo de Lucky que libera a fera dentro de mim.

Em um movimento ousado, ou talvez um bêbado, eu pego sua mão e coloco no meu peito sobre o meu vestido. Ele aperta imediatamente e faz meu sangue correr um pouco. Eu o beijo mais forte para deixá-lo saber que eu gosto e para minha surpresa, ele alcança dentro do meu decote e enfia a mão no meu sutiã. Meu mamilo fica duro com a escova dos dedos. Eu escorrego para frente no balcão e envolvo minhas pernas ao redor dele.

—Oh, Belén—, diz ele, endireitando-se e puxando meu vestido dos meus ombros, puxa meu sutiã para baixo também e

meus seios caem no ar frio. Ele toca os dois ao mesmo tempo e eu não posso deixar de esfregar minha virilha contra ele. Ele é duro através de suas calças, mas não tão duro quanto Lucky. Eu gosto que isso aconteça, que posso fazê-lo se sentir assim com o meu corpo.

Ele beija meu pescoço e depois mergulha para puxar um mamilo em sua boca, ofego em choque com o que a sucção dessa pequena parte de mim pode fazer. O sangue ruge pelo meu corpo e eu esfrego descaradamente contra a sua dureza. Eu empurro meu outro mamilo para sua boca porque não consigo me impedir. Eu gemo novamente quando ele chupa e desta vez ele roça com os dentes. Eu gemo alto e sinto a umidade encharcar minha calcinha. Acho que Lucky não é o único que pode me deixar louca.

Jeremy coloca suas mãos debaixo da minha saia e agarra os dois lados da minha calcinha.

—Levante sua bunda, Belén—, diz e eu cumpro, um pouco ansiosamente. Ele desliza minha calcinha pelas minhas coxas e elas escorregam dos meus pés. Ele chega ao redor e suas grandes mãos agarram minha bunda e me empurram para frente até que minha buceta esteja pressionada contra seu pênis. Ele esfrega para cima e para baixo algumas vezes e o deslizamento do tecido contra meus lábios sensíveis é quase mais do que eu posso suportar.

—Você quer foder? — Ele pergunta e eu não posso acreditar no que estou ouvindo. Eu acho que isso significa que ele fez isso antes. Nós realmente não viemos aqui para passear.

O que me surpreende ainda mais é a minha voz rouca e sem fôlego dizendo —sim—, sem perder o ritmo, mantém seu pênis pressionado contra mim e eu esfrego suavemente contra ele. É como se meu corpo tivesse uma mente própria e minha cabeça não faça mais parte da equação. Sem mexer o corpo, ele abre uma gaveta e alcança um pacote de folha de ouro.

Aha, é *por isso que estamos no banheiro, porque é onde os preservativos são mantidos!*

Eu nunca pensei que perderia minha virgindade assim, em um banheiro, em uma festa. Com um cara que mal conheço e sem saber se vai ou não ser meu namorado mais tarde.

Ele abre sua braguilha tira seu pênis. A visão disso faz meu sangue acelerar ainda mais. Eu quero ele dentro de mim eu quero sentir isso. Eu quase não posso esperar para ele colocar o preservativo.

Ele desenrola-o ao longo de seu comprimento sólido e agarra-o na parte inferior do seu eixo. Parece enorme quando faz isso, mas não estou com medo. Eu ainda quero isso.

—Você parece tão sexy—, diz ele e eu inclino a cabeça para trás, pronta para a sua entrada.

Mas, em vez disso, há um segundo suspenso em que ambos olhamos para a porta. Eu ouço meu nome gritado. Parece bravo. Então a porta se abre quase com força suficiente para sair de suas dobradiças. E Lucky está no banheiro com a gente, xingando Jeremy como se ele fosse arrancar sua cabeça.

Eles brigam e não é bonito. Lucky é forte e ele derruba Jeremy com um golpe. Mas a pior parte é que, pela força disso, a cabeça de Jeremy entra em contato com o toalheiro, que é duro e é de metal. Eu juro que posso ouvir sua cabeça sendo dividida. Então Jeremy está no chão com as calças abaixadas e tem sangue por todo o banheiro branco perfeito. Há sangue nas toalhas, na parede e no tapete macio e branco como a neve. Lucky está respirando pelas narinas como um touro e seu peito está ofegante. Ele agarra meu braço. De uma vez só, ele se inclina e pega minha calcinha, em seguida, me puxa para fora do banheiro com meus seios expostos e gotas de sangue de Jeremy que respingam sobre eles.

—Pare, Lucky, pare!— É tudo que posso dizer. Mas em vez de me trazer de volta para a festa, ele me puxa por um corredor escuro que termina na cozinha, abre uma porta e eu posso sentir o frio da noite. Há um elevador de carga na nossa frente e ele aperta o botão para baixo. Eu puxo minhas alças de sutiã e puxo meu vestido de volta sobre eles.

—Ele vai sangrar até a morte—, eu estou chorando. —Onde estamos indo? —

Lucky não diz nada e apenas balança a cabeça e olha para o chão. Parece que ele está lutando..

—Chame uma ambulância—, eu soluço. A porta do elevador se abre.

—Ele não vai morrer, Belén. No pior dos casos, ele abriu a parte de trás da cabeça. Uns pontos, alguns Neosporin. Esse bicho estará bem. —

—Não diga isso! Você não deveria dizer isso! Como eles vão encontrá-lo? —

—Talvez, eu não sei, *dezesseis carros*- patrulha que arrebentaram a festa? —

—O que? —

As portas do elevador se fecha e Lucky me entrega minha calcinha. Seus olhos captam os meus e estou com medo que ele grite comigo. É claro no elevador e apenas um lado é neutro, os outros dois são espelhos. Eu pego minha calcinha dele e a coloco. Eu nunca fui tão humilhada. Sinto o suor se acumulando no meu lábio superior e minha testa. Estou quase enjoada de vergonha.

Lucky não vai desviar o olhar ou me dar um pouco de espaço. Ele me olha implacavelmente, com entusiasmo desmascarado. Eu levanto meu vestido por cima da minha bunda e deslizo a calcinha de volta. Eu sei que ele viu minhas partes íntimas e um calor crepitante atravessa meu corpo com o pensamento. Lucky lambe os lábios. Ele olha o mais baixo. Nossos olhos se conectam. Ele só viu cada parte de mim e sei que ele podia sentir que minha calcinha estava ensopada.

—Por que tantos policiais detonaram uma festa de bebedeira de menores de idade? — Pergunto, tentando tirar os holofotes da minha nudez. Ele acena com a cabeça rapidamente como ele faz quando está irritado ou chapado.

—Seu pequeno amigo bicha Jeremy vende cocaína e esta noite foi a idéia dele de uma coisa divertida. —

—O quê? — Eu digo, balançando a cabeça. —Ele gosta de livros e se sai bem na escola. —

—Sim, então fez a porra do Ted Bundy. Lenny, não me faça falar sobre isso. —

—Como você saiu? Você tem alguma droga com você? —

—Esse é o ponto, não é? Porra, Jay me ligou e me disse que um policial estava indo para baixo. É por isso que gritei tão alto. Eu procurei por todo aquele maldito lugar por você e depois me escondi no armário de vassouras quando eles derrubaram a porta.

—Jaylee do parque? —

—Sim. Mas onde estava a pequena Lenny? Ela estava se escondendo no armário também, deixando algum babaca estourar sua cereja! —

—Isso não é justo!— Eu grito, virando meu rosto para longe dele. —E sobre todas as coisas que você faz com as meninas bem na minha frente? E quanto a Yari? Que tal foder minha melhor amiga, então eu tenho que ouvir todos os pequenos detalhes terríveis? Que tal me ignorar até você partir meu coração? Que tal isso, Lucky! Você acha que é melhor que eu? Você é um covarde e eu te odeio!—

O elevador se abre para uma sala de lixo escura que cheira a ratos e urina de gato. Eu tiro meus sapatos e apenas fujo correndo dele. Provavelmente não é seguro, já que estou bêbada e já é tarde. Mas estar com Lucky também não é. Lucky é provavelmente o erro mais perigoso que eu poderia cometer.

Capítulo Doze

Lucky

Eu fiquei dentro de casa todo o dia seguinte e depois daquele. Provavelmente parece que estou mentindo, mas é muito, muito mais do que isso. Algumas pessoas podem achar que meu relacionamento com Belén está fodido. Mas é assim que é, e eu não posso mudar.

Nossas mães são da República Dominicana, elas cresceram em uma fazenda na zona rural de Santiago, depois seguiram seu tio para Nova York. Um por um, eles vieram e tentaram fazer algo de suas vidas. Awilda, minha mãe, Beatriz, a mãe de Belén e Jimena, Tía Hemi, essa é a ordem de suas idades e a mesma ordem em que saíram da ilha. Depois que Hemi nasceu, a vovó ficou muito doente. Ela morreu de uma febre que pode ter sido causada por um mosquito. Então Gramps tinha três garotas por conta própria e uma fazenda inteira para cuidar, para não mencionar que Hemi ainda era apenas um bebê. Gramps começou com leite de vaca quente, espumante e não pasteurizado. Direto do celeiro para sua mamadeira. Minha Ma sempre disse que é por isso que Hemi não pode deixar de comer como um animal de curral.

Mas a merda é que o segredo mais sujo da nossa família não está no celeiro, é no Bronx, aqui mesmo em Nova York.

Tia Betty tinha dezenove anos quando chegou em Nova York. Ela parecia uma mulher adulta, mas provavelmente era mais como uma criança. Ela perdeu a mãe, não falava a língua e não tinha nenhuma habilidade para o sucesso, também estava muito solitária e assustada até a morte. Ela não se mudou com sua irmã Awilda, porque minha mãe já estava morando com meu pai. Isso deixou Luis, seu único outro contato na cidade.

Ela conheceu seu tio uma vez antes, o único irmão de sua mãe. Luis veio para a cidade jovem, partiu para sua fortuna. Quando Betty chegou, ele era um homem de trinta e sete anos com seu próprio carro de táxi. Ele também estava solitário. E eu acho que não é muito difícil descobrir o que aconteceu. Solitário, solteiro que ainda deseja alguém, ganha uma jovem companheira de quarto madura, recém-saída do barco sem dinheiro, sem ajuda e não com outra alma a quem recorrer.

Portanto, nem é preciso dizer que Belén parece o lado da mãe da família, porque Belén tem DNA unilateral. Mas de qualquer forma. Foda-se o que isso significa. Ela não está confusa.

Belén ficou perfeita.

Mas Tia Betty deu a ela uma história sobre ser meio porto-riquenho com um pai inventado que partiu de volta para sua terra natal quando não se incomodou em se acalmar ou cuidar de bebês. Essa foi a minha história, então eles deram a Belén também. Nós todos acreditávamos tão bem que quando éramos crianças, ela e eu conversávamos sobre nossos pais voltando ou

fugindo para o para procurá-los para um encontro. Ela nunca duvidou, porque realmente não havia necessidade.

Belén não é realmente a imagem cuspida de Betty, então ela apenas disse a si mesma que ela se parecia com seu pai e tinha todos nós acreditando nisso. Acreditamos em uma mentira que nós mesmos inventamos. E Belén era tão perfeita que nenhum de nós queria azarar e estragar tudo. Então minha primazinha acha que ela é meio Boricua como eu, quando ela é cem por cento dominicana. Ela é duas vezes relacionada com a mesma maldita família.

Então o pecado de seus pais complica nossa própria história. Belén e eu não somos apenas parentes, é pior que isso. Nós somos um total de três quartos. Eu nem sei o que diabos somos. O que você chama mesmo? Estamos mais relacionados do que apenas primos de primeiro grau. E Belén nem sabe disso.

Belén

Minha mãe sempre disse que toda família tem uma ovelha negra. Hemi deve ser da geração da minha mama e eu devo ser da minha. Mesmo que os filhos de Hemi sejam detidos e expulsos da escola e mesmo que Lucky esteja nas ruas fazendo Deus sabe o quê. Eu sou a garota safada e sem vergonha que faria qualquer coisa para que seu primo a amasse. Não, ainda

mais feio que isso. Quem faria qualquer coisa só para ter seu primo querendo transar com ela.

Ligo para Jeremy, embora leve um dia inteiro para trabalhar o nervosismo. Encontro-o para tomar café e peço desculpas profundamente pelos pontos na cabeça e pelo ligeiro novo ângulo no nariz. Ele leva tudo para o lado e afasta o a história da polícia como se eles fossem os acompanhantes regulares da festa.

Ele segura minha mão enquanto fala comigo e circula a ponta de seu polegar sobre minha unha.

—Sinto muito que ele tenha batido em você, Jeremy. —

—Belén, eu lhe disse, pare de se desculpar pelo seu primo. Eu sei como os homens hispânicos ficam!—

Deixa um gosto ruim na minha boca, mas eu concordo com a cabeça, acho que estou tão desesperada por um namorado que brincar de casinha com Jeremy está preenchendo alguma fantasia estúpida. Ele nos compra café chique e croissants de chocolate. Nós nos sentamos perto da janela e ele pega minha mão em seu colo.

—Você já decidiu em quais faculdades se inscrever? — Pergunta ele, passando os dedos pelo meu braço. Essa é uma pergunta normal. Este é um relacionamento normal, eu continuo dizendo a mim mesmo.

—Estou chegando o mais longe possível—, digo enquanto tomo uma espuma branca do topo da minha caneca fumegante.

—Eu não posso acreditar o quão perto estávamos quando Lucky estourou a porta!—

Aparentemente, nossas mentes estão viajando em lugares diferentes. Eu não consigo parar de pensar que ele parece gay. É só porque ele é um cara branco rico que eu estou recebendo essas vibrações? Que homem hetero de dezoito anos gosta de ver a revista *Vogue* ? E eu sou suspeita porque ele parece gostar de mim. Nenhum garoto além de Lucky nunca se interessou por mim.

Nós escolhemos nossos croissants e ele se inclina e me beija.

—Somos alguma coisa, Jeremy? — Eu pergunto, não tenho certeza se quero que a gente seja.

—Eu acho que se chegássemos tão longe como fizemos na outra noite, então talvez devêssemos estar. Você não acha? —

Eu aceno com a cabeça e penso em como ele chupou meus seios e como isso me fez ficar molhada. Como tirou minha calcinha e como eu o deixei sem me sentir culpada. Finalmente, algo sexual sem a horrível vergonha para montar e construir.

Mas o que mais me assusta é quando penso naquela noite. Não é a cena no banheiro que me faz corar com o calor e abanar meu rosto. Não é o beijo molhado de Jeremy ou seu pau duro em suas mãos com a intenção de entrar em mim.

Não.

É Lucky. Agarrando-me pelo braço quando meu vestido estava pendurado no meu corpo. Arrastando-me pelo corredor

enquanto ele pegava minha calcinha. Olhando para os meus seios com saudade, seu peito arfando enquanto esperávamos o elevador. Entregando-me minha roupa íntima molhada e me encarando, me humilhando, enquanto eu, completamente exposta, puxei meu vestido e deslizei de volta, tentando esconder minha excitação.

Eu nunca experimentei nada tão sexy.

O que faz meu corpo mole e quente não é Jeremy. Estar vendo o rosto de Lucky novamente quando ele olhou para a minha nudez. Vejo-o lamber seus lábios e zombar enquanto eu cobri meu corpo de volta.

Estou molhada de novo apenas imaginando. O que eu não teria dado para que fosse Lucky no banheiro querendo me levar. Para ele usar o meu corpo por prazer, mesmo que seja apenas para me descartar.

É por isso que eu sou a ovelha negra. Porque Lucky me faz sentir coisas que Jeremy jamais será capaz.

Lucky

Eu estou doente. Doente com drogas. Doente de paixão. Eu não posso parar de pensar mais e mais o que teria acontecido se eu não tivesse entrado naquele banheiro. Eu quero matar esse pedaço de merda por colocar as mãos sobre ela. Quero despedaçar qualquer homem que ache que é bom o suficiente para olhar para ela. Meus amigos, os caras da esquina, aquele

idiota do Jeremy, o Sr. Sanchez, até o Jaylee fodendo a Inoa. Eu quero tirá-los todos por imaginar transando com ela. Estou fisicamente doente. Eu não posso sair do apartamento. Entao chamo Yaritza para vir.

Eu tomo banho. Visto-me sento no sofá e olho fixamente, me pergunto se ela está lá em cima. Se está na biblioteca estudando ou se está ficando louca como eu estou.

Eu daria tudo para tê-la, qualquer coisa para ser seu homem. Mas não vou estragar a vida dela. Recuso-me a ser a razão pela qual Belén não consegue tudo o que merece. Eu simplesmente não imaginei isso me mataria tanto vê-la com outra pessoa, honestamente pensei que era o que eu queria.

Aumento a televisão para abafar o *merengue* alegre dos vizinhos.

Mas eu não posso sentar e assistir isso acontecer, isso vai me destruir. Eu o mataria primeiro e é por isso que tenho que dar o fora daqui e ir para os fuzileiros navais. Então Belén tem uma chance de uma vida normal. Uma vida normal com um cara normal.

Yari chega e tira sua jaqueta. Ela está com as mãos nos bolsos e examina o estado em que estou.

—Oh garoto, Lucky. Você é uma bola de diversão hoje—, ela diz, quadris empurrados para fora para o lado. —Obrigada por me convidar!—

É por isso que gosto de Yari. Ela é dura. Ela pode pegar o que eu lhe der e mais.

—Tire suas roupas e entre na minha cama. Eu estarei lá em um segundo. —

Yari encolhe os ombros e tira a camisa na minha frente. Ela inclina a cabeça para baixo e levanta a bunda e tira o sutiã. Ela puxa seu próprio mamilo em sua boca e, em seguida, coloca a língua para fora, lambendo tudo isso.

—Pare o show. Eu estarei lá em um minuto—, eu digo.

Yari encolhe os ombros e vai em direção ao meu quarto.

Eu ando devagar, me sentindo inválido, abro um dicionário gigante e dois pequenos pacotes de cocaína caem. Derramando um para a página, eu o cortei, depois me inclinei e cherei. Eu deveria desistir, mas agora é tarde demais para estar sóbrio. Está além de querer transar com ela, acho que estou apaixonado por ela.

Estou apaixonado por ela, minha prima.

—Lucky!— Yari grita do quarto e eu me arrasto no chão, sacudindo meu pau através da minha calça, tentando ficar duro antes de enfiar na boca dela.

Tenho que sair daqui e dar uma chance a Belén. Felicidade, sua própria família, bochechas rosadas para acompanhar sua boca de botão de rosa. Uma maldita vida perfeita e rosada. Ela merece uma vida real, não um maldito show de horrores comigo, sua própria carne e sangue. Eu nunca percebi que isso me mataria assim para tentar ficar longe dela. Não percebi que salvar a felicidade de Belén poderia me custar minha própria sanidade.

Belén

Junho vem antes que eu esteja pronta.

Eu me dou muito bem nas finais.

Eu acho que Jeremy é meu namorado e este será o primeiro verão de todos os tempos em que estou namorando alguém, mesmo que ele esteja indo para a faculdade no outono.

Lucky está distante e positivamente retirado. Ele vê Yari todos os dias depois da escola., está fazendo mais sexo com ela nos últimos meses do que nos cinco ou mais anos desde que a conheceu.

Como eu sei?

Yari vem ao meu lugar depois e lista todos os detalhes. Eu queria que ela fosse mais sensível, gostaria de poder contar a ela. Eu queria que Lucky tivesse me escolhido para liberar tudo o que ele tem dentro de si e ainda precisa se livrar.

Lucky passou pela ASVAB, a Bateria de Aptidão Profissional dos Serviços Armados, o primeiro teste básico para se tornar um fuzileiro naval. Ele está treinando duro todos os dias. No ginásio da escola, no playground, mesmo com pesos no porão. Não há como eles não o deixarem entrar, a menos que seja pelas drogas. Se ele ficar limpo, sei que pode fazer isso.

Junho significa a formatura de Lucky. Significa que estamos planejando uma festa. Nós fazemos muita festa na minha

família. Um DJ, mesas e cadeiras alugadas, bufê, bebidas e bolo dominicano. Mami já fazia seu cabelo, Yari comprou roupas novas. Titi ficou doente de preocupação. Ela acha que, se Lucky não passar, estamos todos com uma tonelada de dividas. Mas eu sei que Lucky vai passar por suas finais. Ele está de olho no prêmio e vai conseguir. Eu só queria poder ficar ao lado dele quando finalmente conquistar. Eu queria que fosse a minha boca, que ele beijaria depois que fizesse seu brinde em sua festa.

Estou na plateia quando ele atravessa o palco. Nós gritamos e batemos palmas mesmo que eles dissessem a todas as famílias para reter seus aplausos até o final. Tente dizer a Hemi e sua equipe para calar a boca. Boa sorte com isso. Eles são o grupo mais alto aqui e nenhum deles está se formando.

O sorriso de Lucky é genuíno e orgulhoso. Titi não pode parar de chorar e depois chora mais porque ela vê vai ficar inchada em todas as fotos.

Há balões azuis e amarelos por todo o quarteirão. Eles estão amarrados às árvores, ao poste de sinalização, eles até os colocaram na lata de lixo. A música já está explodindo no porão do nosso prédio. Ninguém está dormindo esta noite, muito menos o síndico do prédio, cujos alojamentos nós ultrapassamos.

—Que tal uma foto dos primos? — Hemi grita. Raymond e Ramón se aglomeram em torno de Lucky jogando cartazes de gangues e eu seguro o bebê mais novo :Jovani. Sua fralda cheira suja, sorrio de qualquer maneira e levanto sua mãozinha para cima.

—Aproxime-se de Lucky, Bey!— Hemi grita. Eu me aproximo até ficar colada com o meu primo e retomar minha pose para a foto. Nós sorrimos até nossos rostos doerem e Jovani começa a chorar. Raymond e Ramón entram no local para começar a beber e eu ajudo Titi a descarregar mais bebidas do carro.

O síndico aparece com um carrinho de mão para nos ajudar. Titi sorri para mim e me puxa para um abraço. Lucky sai pela porta da frente e vai para a calçada. Ele mudou para jeans e uma camisa de botão. Seu cabelo é recém cortado, e usa pequenos aros em cada orelha e vibra com energia.

—Lenny, que tal uma foto minha e você? Pelos velhos tempos? —

Eu sorrio e olho para ele. Ele é banhado pelo sol. Às vezes a vida acaba diferente do que pensamos que seria, mas isso não significa que ainda não possa ser bom. Estou feliz por Lucky. Tão feliz por ele que estou quase feliz por Yari também. Eles são como um casal de verdade agora. Eu provavelmente deveria superar isso.

Subo os degraus e jogo meu braço em volta de Lucky. Seu braço envolve minha cintura e me puxa apertado,um pouco apertado demais para o conforto. Nós dois sorrimos para nossas mães enquanto tiram algumas fotos.

—Você está me matando, Len, com aquele vestido branco e sorriso. A maneira como seu cabelo cheira. Está fodidamente me matando. —

—Desculpe? — Eu digo quando vejo Jeremy subindo o bloco.

—Eu te comeria viva enquanto ele observava se não houvesse regras, Bey. Se fosse só eu e você. Só queria que você soubesse disso. Divirta-se na festa. — Lucky agarra minha bunda através do meu novo vestido de primavera. Ele planta um beijo na minha bochecha e aperta a carne na minha cintura. — Você será o meu fim, eu juro. Meu pau ficou duro por ter seu cabelo roçando meu rosto. —

Tanto para o normal. Tanto por uma boa noite. Há lágrimas nos meus olhos quando Lucky finalmente se afasta e corre pelas escadas para a festa.

—Oi Belén!—

—Hey Jeremy. —

Jeremy está em cima de mim e mal consigo aguentar. Eu bebo mais bebida do que deveria e continuo ficando mais irrittada.

Lucky e Yari estão dançando salsa. Jeremy me pergunta se eu quero e não consigo tolerar isso. Não há como ele saber dançar esse tipo de música. Eu não quero que ele tente, eu morreria de vergonha por ele, por nós dois. Eu o convenço de que prefiro conversar e nos sentamos lado a lado contra a parede. Uma música lenta vem e me arrasta paelo chão. Suas mãos se sentem úmidas nas minhas costas e ele continua se esfregando contra mim, não importa o quanto tente recuar. Hoje

à noite, Jeremy parece um pouco estranho. A única razão pela qual eu continuo indo é porque eu tomei muitos goles de bebida, e estou instável em meus pés. Raymond e Ramón estão destruídos e eu nem quero saber como está Lucky. Nossas mães estão bêbadas e assim também é o síndico.

Eu coloco minha cabeça no ombro de Jeremy e fecho meus olhos, tentando me concentrar apenas na música.

Então sinto uma cutucada dura, e minha cabeça levanta. Lucky está de pé ao nosso lado, balançando e sorrindo.

—Não se importe se eu interromper vocês, Jeremy? — Lucky diz seu nome como se fosse o bocado mais estranho que ele já tentou engolir. —Que tal uma dança com seu primo mais velho, pequena Lenny? — Ele está perdido. Ele é um idiota. Jeremy parece com medo dele, provavelmente está temendo uma repetição do que aconteceu no banheiro. Ele se afasta do meu corpo enquanto ainda segura minha mão. Ele olha para Lucky com os olhos arregalados e continua balançando a cabeça.

Outra música lenta. Lucky me agarra e me segura inapropriadamente perto. Ele bate seus quadris nos meus e envolve seus braços firmemente nas minhas costas.

—Se você acha que está dando para aquele pequeno idiota hoje à noite, está enganada— diz ele com os dentes cerrados.

—Não é da sua conta, infelizmente, primo. — Quantas vezes uma pessoa pode partir seu coração?

—Venha para o meu lugar hoje à noite depois da festa—, ele sussurra em meu ouvido, seus lábios roçando na minha orelha.

—Por que, então você pode foder minha melhor amiga na minha frente? — Eu cuspi em seu rosto e me afastei de seu corpo. Lucky pega meu bíceps e agarra com muita força., ainda estou puxando para trás, mas não quero causar uma cena ou uma briga. É a porra da formatura dele. É suposto ser uma noite memorável.

—Eu não sou fodidamente FEITO, — Lucky rosna quando Jeremy paira ao nosso lado esperando por sua vez. Yari joga as mãos para o ar e sai tempestivamente do porão. Jeremy recua, senta-se em uma cadeira e pega o telefone. Ele nunca enfrentaria Lucky, Jeremy o teme demais.

Eu empurro Lucky o mais forte que posso até que estamos no meio da pista de dança. Minhas mãos apertam sua camisa e meu coração dói tanto que pode colapsar no local.

—Sabe o que eu tenho para você por sua formatura, Lucky? —

—O que? — Eu peguei ele desprevenido e ele finalmente olhou em volta para ver quem estava assistindo.

—Meu cartão V, Lucky. O mesmo maldito presente que estou sempre tentando te dar. Mas você não quer porra. Você vai levar qualquer outra pessoa. Quero dizer *qualquer uma*. Mas o meu não é bom o suficiente para você!— Minhas mãos apertam sua lapela. Eu estou gritando bem na cara dele.

—Acalme-se, Len. Você bebeu demais. —

—Eu não tive o suficiente. Eu nunca posso ter o suficiente para fingir que isso não faz mal. Eu te amo, Lucky! Eu estou apaixonada por você. Eu quero estar com você e é fodidamente impossível!— estou chorando e minha maquiagem vira uma bagunça e me afasto dele. Ele está segurando meu braço com tanta força que tenho medo que se quebre. Nosso pequeno interlúdio finalmente chamou a atenção de todos. Nossas mães estão olhando. Raymond está rindo e Jeremy vai embora depois de Yari, os dois correndo para fora do porão.

Lucky finalmente me solta, saio cambaleando da pista de dança. Eu olho de volta para ele em pé no meio de sua festa. Pernas abertas, olhos voltadas para mim. Os balões estão vazando o hélio e vagarosamente flutuando para baixo. As serpentinas há muito tempo puxadas para baixo, as taças de plástico vermelho espalhadas ao acaso por todo o chão pegajoso.

Eu choro no meu travesseiro pelo que parecem horas. Minha mãe finalmente abre a porta e deixa entrar um pouco de luz. Ela vai na ponta dos pés para a minha cama e puxa a minha cabeça em seu colo, acaricia meu cabelo do tira do rosto umido e me entrega um lenço de papel do bolso do seu suéter.

—Quanto tempo, *mi hija*? Há quanto tempo você tem esses sentimentos por Lucky?

—Eu não sei, Mami. Toda a minha vida miserável, — eu digo, meus soluços se renovam com a voz alta. Agora até minha

mãe sabe que sou uma aberração. Eles achavam que eu não tinha defeitos, então acho que mostrei a eles uma ou duas coisas esta noite.

—Ele fez alguma coisa para você? Ele tocou em você, Belén? —

—Nunca mãe! Não é desse jeito! Como você pôde dizer isso? Eu sou a doente. Foi *eu, q*ue o perseguiu. — Eu não posso mais falar como os soluços me levam mais fisicamente e estou puxado para baixo pela dor.

—Eu sei, Baby. Eu sei. Eu realmente entendo. —

Adormeço nos braços dela, ela esfrega minhas costas enquanto choro. Meus sonhos finalmente me levam para um lugar longe da dor.

Lucky

Belén finalmente me disse. Ela gritou bem na minha cara. Alto o suficiente para todos os meus amigos ouvirem, sem mencionar nossa família. Graças a Deus eu terminei o ensino médio. Ela ainda tem um ano sobrando e nunca vai viver isso. Foi bom o desempenho. Pelo menos apenas só alguns de

seus colegas estavam lá, a maioria dos meus amigos se formou este ano, se não alguns anos atrás.

Eu não posso deixar de sorrir quando penso nisso e puxo meu lábio inferior com culpa, não quero que ela se machuque, mas ao mesmo tempo, *nada* me fez sentir tão feliz. Ter Belén gritando na minha cara que ela me ama na frente de toda uma multidão de pessoas. Eu quase rio alto. Uma maldita proclamação de amor da garota que eu estou apaixonada. Eu estou feliz como um filho da puta pelo o que ela disse. Isso é melhor que drogas, muito melhor. Meu coração todo está cantando.

Eu faço uma pequena *bachata* passar com a mão sobre o meu coração. Minhas bochechas doem de sorrir, mas no fundo eu ainda estou um pouco doente com a realidade da situação.

Minha mãe não disse nada para mim quando ela finalmente subiu. Eu sei que ela e Tia Betty se limparam e provavelmente fofocaram as orelhas umas das outras e choraram sobre onde elas tinham errado. Mas talvez esse seja o maldito problema. Talvez não estejamos errados. Talvez Belén e eu tenhamos razão.

Eu pego meu cigarro da mesa e coloco minhas chaves no meu bolso.

—Onde você vai, Lucky? Você não fez dano suficiente por uma noite? —

—Não tente me parar mãe. Eu não quero ser desrespeitoso. Mas eu me formei como prometi, agora largue a

porra da bunda. — Eu jogo meu casaco por cima do ombro e caminho até a porta.

—Ela não vai deixar você entrar se você for até lá—, diz Ma do sofá.

—Essa é a escolha de Belén. Não é com você ou Betty—, eu grito por cima do meu ombro.

—Você fez o suficiente para a pobre garota, Lucky. Ela se esforça tanto. Não quebre o coração dela. — Ela me seguiu até a porta em seus chinelos de casa, não vai deixar isso passar.

—Alguma vez, por um segundo, ocorreu a você que também a amo? Que estou sofrendo, mãe, como ela está? —

Ela alcança o bolso da minha camisa e rouba um cigarro. É sempre uma indicação de que está bêbada. Ela bate o filtro contra a mão. —Você também está apaixonado por ela, Lucky? —

Eu aceno com a cabeça. —Você sabia, mamãe, que não há nada que sugue mais do que encontrar *um amor* e estar relacionado a ele? Sabendo que é certo e que você é bom um para o outro, mas se rasgando porque você não pode fazer amor com ela, porque, por quê, mamãe? Porque você pode escorregar e acidentalmente criar um monstro? Soa familiar? Soa como outra história que você conhece? —

Ela está chorando agora e eu não queria fazê-la chorar. Eu a puxo para um abraço e ela grita no meu peito.

—Sinto muito, mãe. Desculpe eu disse isso. Só precisava ser dito. —

Ela se levanta e agressivamente empurra as lágrimas de seus olhos.

—Eu sei que é tarde demais,mas vou lá pra baixo. —

envolvo meus braços ao redor da mulher que significa o mundo para mim.

—Eu saio daqui a duas semanas e depois estou treinando para mais doze. Quem sabe depois disso? Eu poderia ir a qualquer lugar do mundo. Eu não sei o que vou fazer, não sei se vou voltar. E serei amaldiçoado se não deixar Belén saber na cara dela que sinto o mesmo. Ela está dividida por dentro e é tudo culpa minha porra. Eu não vou tocá-la. Eu não vou tirar a virgindade dela, mãe. Eu prometo que não sou um cara mau. Especialmente quando se trata dela. Mas eu não posso fazer isso. Eu não vou deixar ela doer mais por dentro. —

Ela cruza os braços e aperta o roupão, acena com a cabeça em compreensão e me puxa em seu braço, em seguida, dá dois passos para trás.

Eu puxo a porta suavemente. *Ela me ama. Belén me ama.*

Capítulo Treze

Belén

No meio da noite eu ouço uma batida suave. Mami geralmente fica com a chave da porta, mas ela tinha bebido muito, eu acho que está realmente nocauteada. Eu coloco um robe, prendo o cabelo e saio para ver quem está batendo.

Eu abro a porta e tudo o que eu planejava dizer a Lucky voa pela janela. Eu não tenho um plano. Eu não tenho nada além de pura alegria em meu coração quando olho em seu rosto sorridente, pulo em seus braços e envolvo minhas pernas ao redor de sua cintura. Ele me beija abertamente duro e rápido, me pressionando contra a parede no corredor.

—Quarto—, eu digo em sua boca. Ele me levanta, suas mãos vindo para apoiar meu peso sob as minhas coxas. Ele deixa a luz e usa as costas para fechar a porta atrás de nós.

Eu nunca vou soltar ele. Eu vou dizer a ele o quanto eu o amo a cada momento de todos os dias. O Lucky é a luz da minha vida, ele é o presente mais lindo que eu já recebi.

Sinto-me livre da minha declaração e absolutamente despreocupada com o peso do julgamento da nossa família, pelo menos por esta noite.

Ele me deita na cama e eu o puxo em cima de mim. Nós não podemos parar de nos beijar como demônios, mesmo que ambas as nossas bocas doem.

—Eu te quero tanto, Lucky. Eu sinto que estou em chamas. Você é tudo que eu penso. Eu quero você dentro de mim. — Minha mão vai para a sua braguilha e eu puxo seu zíper.

—Uau, espere Belén. Espere, menina. Eu não disse nada sobre isso acontecer—, diz Lucky, recuando pela primeira vez, passa a mão pela cabeça e sua sobrancelhas se unem em preocupação.

—Não por favor. Eu quero você. Eu não posso esperar mais!— Minha mão encontra o botão em seu jeans e o abro.

—Belén, eu amo você de volta. Às vezes eu te amo tanto que fico doente disso. Mas não podemos fazer isso. Podemos nos amar sem essa parte. Nós temos que fazer isso. Não seria certo—, ele diz, ainda me beijando, usando sua voz para tentar me persuadir, me fazer ver seu ponto.

Eu o empurro de cima de mim o mais forte que posso. Eu bato em seu rosto e meus dedos raspam com força em sua testa enquanto eu pego meu punho sem tempero. Ele agarra meu pulso e me vira com a velocidade da luz, de modo que estou presa embaixo dele.

—Eu posso fazer você vir, baby. Mas eu não posso te foder—, ele diz, puxando meu braço para debaixo de mim. Então faz o mesmo com o outro e eu me sinto em pânico com o desamparo.

—Você faz com todas as garotas no playground. Toda vagabunda na escola. Você até fez com uma das professoras e eu *sei* porque eu escuto! Mas você não vai fazer amor comigo? Eu quero dar a minha virgindade para você, Lucky. Eu estive esperando todos esses anos por você!—

Ele me deixa ir e seus braços vêm ao meu redor. Lucky pega meus lábios e sufoca meus pedidos com o beijo dele. Ele fode minha boca com sua língua tão deliciosamente que eu estou inconscientemente esfregando minha boceta em sua coxa dura sem qualquer vergonha. Ele pressiona sua coxa para trás habilmente, em tempo perfeito com o rolo dos meus quadris. Eu respiro e choro, o tempo todo, nossas bocas entrelaçadas, nunca se separando, nunca procurando ar.

Talvez eu consiga ele tão ligado que ele não pode ajudar, mas puxe o seu pau. Então não haverá maneira de ele se afastar do meu corpo. Estou tão apaixonada por ele que o prazer dele é o meu prazer. Eu quero vê-lo vir tanto quanto eu quero experimentá-lo.

—Tire as calças, Lenny—, diz. O comando suave em sua voz, ele é o que está sempre no comando, sempre um pouco mais experiente do que eu. Sempre correndo um pouquinho à minha frente. Esse é o meu Lucky. Nossa confiança é enorme. Nosso vínculo tão profundo que eu respondo automaticamente à sua voz. Ele me ensinou tudo na vida. Eu tenho que confiar em seu julgamento sobre isso também.

Ele puxa meus braços acima da minha cabeça e envolve minhas mãos em torno dos postes da cabeceira da cama.

—Sente esses, Lenny? —

Eu aceno com a cabeça, meus olhos arregalados e olhando ansiosamente para ele.

—Agarre-se a esses e não desça as mãos por nada. Se você fizer isso, eu vou ter que amarrá-los lá e isso não fará qualquer um de nós feliz. Compreende? —

Eu aceno com a cabeça novamente e envolvo minhas mãos completamente em torno dos postes frios.

Ele empurra minha blusa acima dos meus seios e desliza pelos meus braços até que ela esteja em meus pulsos. Eu posso ver meu peito arfando, meus seios pendendo cheios e pesados enquanto meus mamilos respondem ao ar frio. Ele desliza pelo comprimento do meu corpo e puxa minha calcinha para baixo e meu moletom de onde eles estavam em meus tornozelos.

—Abra suas pernas, Belén—, diz ele, ainda usando a voz fria. Eu faço o que me é dito e eu tremo de antecipação. Eu queria que ele estivesse ficando nu.

—Jesus Cristo, menina. Você me mata com suas roupas. Mas você me destrói quando você está assim. Você é perfeita. —

Ele toma um mamilo tenso em sua boca e o chupa impiedosamente. Eu arqueio e abro minha boca, minhas pernas se espalham mais instintivamente. Sua mão percorre o comprimento do meu corpo e ele puxa minha coxa. Eu dobrei meus joelhos enquanto a mão dele deslizava suavemente pelo meu sexo. Ele usa toda a mão para me lubrificar, depois passa os dedos pelos meus lábios sedosos. Ele desliza entre as minhas pernas e me lambe até a minha bunda. Eu suspiro de surpresa e

mordo meu lábio inferior. Então gentilmente chupa meus lábios diretamente em sua boca, sua língua fazendo círculos em cada centímetro, chupando, degustando e deslizando, mas sempre evitando meu clitóris.

—Baby, eu não vou usar meus dedos na sua buceta porque eu não quero te quebrar—, diz ele suavemente. —Eu vou colocá-los na sua bunda ao invés e no começo vai parecer meio estranho, más você vai gostar. —

Eu levanto a cabeça do travesseiro e olho para o rosto dele.

—Você perdeu a cabeça, Lucky? —

—Baby, apenas confie em mim. E não mexa a porra das suas mãos ou eu vou te amarrar e fazer o que diabos eu quiser. — Ele agarra um pé e faz cócegas quando ele diz isso e eu me contorço de prazer. Mas então a sua língua está lá, me lambendo novamente. Ele bate no meu clitóris suavemente, contornando sua língua e acariciando, arrastando gemidos torturados de algum lugar dentro de mim. Ele se senta, puxa toda a pélvis para que fique inclinado sobre o joelho. Ele traz a boca para o meu sexo novamente, mas desta vez me entra com a língua. Minha cabeça rola em êxtase. A bomba de sua língua contra minhas paredes internas inchadas é quase demais para mim. Meus gritos aumentam de volume e estou à beira de um grito completo. Ele arrasta seus dedos através da lubrificação que criamos juntos, então ele pressiona suavemente meu traseiro, lentamente trabalhando em mim.

—Volte para a minha mão, baby. Eu prometo que não vai doer. —

Eu confio em Lucky com meu corpo. Eu confiaria nele com minha vida. Eu recuo e sinto seus dois dedos escorregando em mim. No começo, parece uma pressão, mas ele começa a me foder novamente. Depois de alguns golpes, ele arrasta a língua para fora e para o meu clitóris novamente, circulando, repetindo, batendo os dedos levemente na minha bunda. É demais, estou transbordando. Eu não posso conter toda essa sensação e meu corpo estremece quando caio no precipício. Lucky move a mão para a minha boca e coloca dois dedos nos meus lábios. Eu abro minha boca e mordo. Eu não sei como ele sabia que eu seria uma menina que não ficaria calada. Eu grito no teto enquanto quase desmaio de tanto prazer.

É possível ter três orgasmos através de você de uma só vez? Isso vem de três partes separadas da sua anatomia? Vou ter que checar meu livro.

Eu acho que foi o que aconteceu quando Lucky levou minha virgindade tão educadamente com sua boca.

Lucky

Len é perfeita. Ela é tudo que é bom na minha vida, embrulhada em um pacote minúsculo. Tudo o que eu sempre quis, agora dormindo em meus braços. Isso pode nunca acontecer novamente, então eu tento ficar quieto e me divertir.

Ela está sonhando comigo. Meu nome rola de sua doce língua enquanto ela mexe seus quadris em mim buscando essa conexão. Eu tenho bolas azuis tão ruins, eu acho que isso está me dando dor de cabeça. Meu pau está pressionando em sua pequena coxa quente e a fricção me faz gemer alto sem sequer tentar. Eu só quero dizer —foda-se— e levá-la. Ela ainda está molhada e eu sei que eu poderia fazê-la sair ainda mais do que ela já fez. Mas eu me mantenho sob controle. Este não é o começo de um romance entre nós, este é o nosso fechamento, depois de uma vida inteira de desejos.

Ela abre os olhos e envolve os braços em volta do meu pescoço. Seu pequeno corpo é quente ao toque e ela se abraça em mim com tanta força que não posso deixar de sorrir.

—Que horas são? — Ela sussurra.

—Realmente cedo —, eu digo e beijo o topo de sua cabeça.

Ela está se esfregando contra mim e não tem como ela sentir falta do quanto eu sou. Ela ainda está nua e ela sobe em mim. Ela monta meu pau através da minha boxer e eu posso sentir através do tecido o quão molhada ela está.

—Podemos, Lucky? Por favor, — ela pergunta, e meu coração se quebra. isto não é o que eu esperava, estamos de volta para onde começamos. Só vai ser pior agora porque nós dois tivemos um gostinho do que poderíamos ser.

—Len, por favor, por favor entenda. Não me implore. Dói-me dizer não para você. —

—Você não me quer? —

—Foda-se, amor. Nunca diga isso!— Eu digo, lançando-a para baixo de mim. —Você é toda a minha vida, Len. Eu quero isso mais do que qualquer outra coisa no mundo—.

Sua mão se esgueirou até a minha boxer. Ela está pegando meu eixo. Seu pequeno aperto vai me fazer explodir minha carga em uma fração de segundo.

—Posso te chupar? —

—Não. —

—Podemos apenas esfregar juntos sem penetração até que ambos venham? —

Seus olhos estão arregalados, a boca virada para baixo. Ela está me implorando por sexo. Eu me odeio por essa punição. Len e eu não somos nada além de mágoa um pelo outro.

—Não. — Eu retiro a mão da minha bermuda.

—Por favor, ensine-me como, Lucky. Eu quero aprender!—

—Não!— Eu rolo até sentar na beira da cama. Eu pego minha cabeça em minhas mãos e tento descobrir onde diabos vamos daqui.

Belén empurra o lençol e me mostra seu corpo nu. Ela dobra os joelhos e abre as pernas, me dando uma visão de sua boceta perfeito, rosa e úmida. Ela parece fodida, como se ela estivesse drogada. Mas isso é o que fazemos uns aos outros. Somos a destruição um do outro, mas também somos o único antídoto do outro. Belén está fora de si, fodida por amor.

Eu lanço o lençol sobre sua beleza. Ela se enrola em si mesma. Eu pisei em minhas calças e joguei na minha camisa sem me preocupar em abotoá-la. Destruir a garota que você quer mais do que qualquer coisa com rejeição. Tem que haver algo engraçado em algum lugar, talvez algum dia eu vá rir da ironia. Mas agora eu prefiro matar a nós dois, para poupar a dor que será se levarmos isso a diante, nos quebrando para sempre.

—Eu sinto muito. Eu te amo, Lenny. Eu sempre tenho amado, e sempre vou. Mas aqui é onde isso para, baby. Eu e você não pode acontecer e quanto mais cedo percebermos, melhor. —

—Eu vou morrer sem você—, ela sussurra, seus olhos agora fora de seu deslumbramento. —Nunca haverá mais ninguém para mim, Lucky. Nunca. Eu não *quero que* haja. —

Lágrimas escorrem pelo rosto dela e caem no lençol. Belén nunca pareceu tão bonita para mim como neste momento. Ela é crua. Emoção pura. Selvagem e apaixonada por mim, disposta a sacrificar o que for preciso.

Eu sou o maior babaca do mundo. Eu viro meu corpo, vou até a porta e saio deixando minha garota.

Capítulo Quatorze

Belén

Estou mortificada pela manhã. Eu não posso fazer contato visual com a minha mãe. Acho que nunca sairei da minha casa. Ela está estranhamente quieta também. Nós duas estamos tão ridiculamente aliviadas quando Jeremy liga e peço desculpas pela noite passada pelo telefone. Sou muito grata por ter um namorado fingido que sou excepcionalmente legal com ele.

—*Ese gringuito me cae bien*— (Eu gosto desse gringo), Mami diz quando eu desligo o telefone.

Isso não me surpreende. Agora ela gostaria de alguém que não fosse Lucky.

—Eu vou encontrá-lo para o café. —

—Divirta-se *mi vida.* Apenas tente ser feliz. —

—Não é como se eu não estivesse tentando, Mami. Eu não queria que isso acontecesse. —

—Eu sei. Talvez agora vocês dois possam seguir em frente. Lucky vai treinar e você e Jeremy podem continuar namorando e ver o que acontece. Você é tão jovem, Belén. Muito tempo à sua frente. —

Eu faço as pazes com o café na confeitaria preferida de Jeremy, pedindo desculpas pelo meu comportamento. Eu coloco toda a culpa na bebida, mas não acho que ele esteja totalmente convencido. Eu também não seria. Ele me convida para ir ao cinema no próximo fim de semana e meu primeiro instinto é recusar. Filmes me fazem pensar em Lucky e nosso beijo louco contra a parede. Mas eu sei que tenho que trabalhar duro para tentar tornar as coisas normais. Eu digo sim e deixo-o com um grande abraço.

No caminho de volta para casa, arrasto meus pés e hesito ao passar pelo apartamento de Yari. Eu sei o que devo fazer. Só porque estou doente de ciúmes não significa que posso ignorar os sentimentos dela.

Eu bati na porta de seu prédio, e ela com relutância, me deixou entrar. Agradeço a Deus enquanto subo as escadas que Yari saiu antes de todo o universo saber que estou apaixonada por meu primo.

Ela deixa a corrente do outro lado da porta.

—Me desculpe, eu era uma idiota bêbada—, eu digo.

—Você arruinou a festa de Lucky—, ela acusa.

—Eu sei que sim. Eu sinto Muito. —

—Só porque ele fica com ciúmes isso não significa que ele queira você—, explica ela.

—Eu sei que não. De qualquer forma, isso seria nojento. Estamos relacionados ele é como meu irmão—, falo como um autômato. —Você vai me deixar entrar ou não? —

—Eu acho que sim—, diz Yari, finalmente deslizando a fechadura.

Eu tiro minha jaqueta e coloco sobre as costas de uma cadeira Examino a casa, os pais dela estão fora. Eu me pergunto se Lucky vem aqui para vê-la.

—Desculpe, você é uma puta—, diz Yari, abrindo um sorriso.

—Desculpe, você é uma puta—, eu digo, socando-a no braço.

Tomamos mais duas Pepsis, comemos um pacote de Cheetos e assistimos quatro episódios de *Lost*.

—Você vai trabalhar neste verão? — Eu pergunto a ela, lambendo meus dedos cor de laranja.

—De jeito nenhum! Nós estamos indo para praia durante todo o mês de julho. Vou ficar com alguns irmãos Boricua e passar o dia todo no so!—

—Parece bom para mim. Nós vamos fazer viagens para conhecer as faculdades. Eu posso apenas ver se posso conseguir meu emprego de meio período no Y. —

—Você deveria viver um pouco, Belén. Vá em uma viagem com Jeremy. Desistir do cartão V que você está segurando desde o sexto ano, sua esquisita irmã-esposa. Você sabe que essas coisas expiram. —

—Jeremy não me excita. Eu gosto dele como amigo. Talvez esteja guardando para o casamento, Yari. Já pensou nisso? —

—Sim, mas vai crescer teias de aranha e, em seguida, se você começar a usá-lo tarde, quanto tempo é mesmo que você vai aguentar? —

—Você vai sentir falta de Lucky enquanto ele estiver no acampamento? — O silêncio é pesado. Eu provavelmente não deveria ter perguntado isso.

—Bey, Lucky está bem, e ele é bom na cama, eu não vou mentir. Mas a verdade é que ele não é muito gentil comigo. Ele meio que me trata como merda. Eu quero um cara que me compre coisas legais e que não olhe para outras garotas. —

Isso me deixa triste quando ouço ela dizer isso,triste por todos os três. Talvez seja bom que ele esteja saindo. Talvez todos nós precisamos de algum espaço.

Passo por quatro dias sem ver meu primo. Mas à noite não consigo dormir. Eu luto com os cobertores e me levanto trinta vezes para fazer xixi. Mami me compra melatonina e um pouco de chá de *botánica,* mas eu não consigo nem fechar os olhos, porque tudo que vejo é ele. Eu também não posso comer e estou perdendo minha energia, tenho ignorado os telefonemas de Jeremy. Tudo o que quero fazer é deitar na minha cama ler e chorar. Eu choro tanto que uma veia explode no meu olho. Parece uma aranha vermelha. Lucky, dói tanto que até meus olhos estão sangrando.

Mami me arrasta de volta para o *botánica* na sexta-feira à noite para que eu possa obter uma limpeza. Entramos em um quarto dos fundos separado do resto da loja por uma cortina de veludo verde escuro. Minha mãe fala em voz baixa para a proprietária e ela prepara algumas ervas com um almofariz e

pilão. Mami diz a ela que eu estou com *maldeamores, o* que me parece engraçado porque Lucky usou essas mesmas palavras, —*maldeamores*—. Eu não posso deixar de me perguntar se ele está ruim também ou se ele mudou para outra garota. Ele está fodendo com o cérebro, porque só pau já é difícil para outra pessoa.

Eu mal posso segurar minha cabeça quando penso em seu sorriso. Eu fico com calafrios quando me lembro do que ele fez comigo. Sinto um arrepio em todo o meu corpo, só de pensar em sua boca.

Eu ouço seus cantos e engulo a mistura que ela é tão cuidadosamente feita e medida. Ela e Mami conversam para sempre enquanto escreve um recibo à mão em um bloco de papel. —Temos algumas velas e um incenso para manter a limpeza em casa. — *Quem sou eu para atrapalhar a purificação que me livrará de meus terríveis desejos?* Eu acho que é sexista e antiquado, mas eu não vou dizer isso em voz alta.

Mesmo que a doença seja a coisa mais horrível que já senti, não estou totalmente convencida de que ela pare. A dor me mantém ligada a Lucky. Neste ponto, a dor é a única coisa que tenho.

Eu faço uma nota mental para comprar um livro de feitiços da próxima vez que eu estiver na livraria de usados. O problema é que o tipo de feitiços que desejo conjurar provavelmente contradiz tudo o que acabaram de fazer. Lembro-me de uma que Mami fez em Hector e observei-a com cuidado enquanto ela explicava os passos. Hector tem sido o mais longo de todos os

namorados de Mami, então talvez seja um feitiço que realmente funcione.

—Você acredita em todas essas coisas? — Pergunto a ela enquanto voltamos para o apartamento.

—Eu faria qualquer coisa para tirar sua dor, *mi vida,* qualquer coisa para ajudar. Lucky não é um bad boy, Belén, mas ele nasceu com fogo no coração. Se você o ama, passará sua vida tentando apagar o fogo. E você, *mi hija,* você é especial também. Para mim, você é como um vidro precioso. O vidro pode resistir ao fogo por muito tempo, minha garota, mas, eventualmente, vai se curvar. —

Eu aperto a mão dela e forço um sorriso. Eu odeio quando ela fala como uma cartomante, mas eu entendo o que significa, independentemente.

Lucky é demais para uma garota como eu lidar.

Lucky

Doze semanas para eu expulsar Belén do meu corpo. Doze semanas para eu provar que sou excepcional e que mereço me juntar às forças de elite e lutar pelo meu país. Oitenta e quatro dias para eu fazê-la sair da minha mente e me concentrar em algo real. Algo que eu posso realmente fazer em vez de apenas fantasiar.

Eu estou preocupado que eu vou enlouquecer por não poder ficar de olho nela. Estou com medo de perder a cabeça pensando nela com outros caras. Estou com medo de desistir de tudo só para estar ao lado dela. Que eu vou voltar correndo para ela sem nada para oferecer a, exceto uma vida cheia de vergonha. Eu tomo uma respiração de cada vez. Eu só sei de uma coisa, dói para caralho! Claro, estou saindo cedo, não há uma chance no inferno que eu possa dizer adeus a Len. Tudo o que eu preciso é que eu olhe nos olhos dela. Eu iria quebrar. Eu deixaria cair tudo que trabalhei apenas para segurá-la em meus braços.

A noite toda eu falo com ela várias vezes na minha cabeça. *Belén, você é melhor que isso. Não derrube uma única lágrima sobre mim. Belén, você tem todo meu coração, por favor, nunca se machuque por minha causa. Belén, você é perfeita. Eu arruinei você. Eu sinto muito por isso.*

Eu decido escrever uma nota para ela porque eu não posso ser tão frio a ponto de sair andando sem uma explicação. Deixa-la aqui se sentindo como se eu não me importasse e como se ela, não significasse tudo para mim. Só porque eu sou muito covarde para dizer adeus a ela. Pode ser estúpido, mas eu quero que ela saiba que eu não tenho andado por aí. Eu não toquei em outra garota desde aquela noite. Preciso que ela saiba que o corpo dela é sagrado para mim.

Eu tento milhares de vezes porque é impossível expressar o que eu quero dizer.

Len, se você não fosse minha prima, eu te foderia de mil e uma maneiras diferentes. Bey, eu arrastaria você para minha

cama e faria todos os meus bebês. Belén, mesmo que você tenha apenas dezessete anos, eu me casaria com você. Fodido, hoje, agora. Se eu mergulhasse em sua buceta doce, isso me estragaria para a vida. Eu nunca tiraria meu pau de você. Bey, estou ficando louco porque não posso ter você. Eu tenho medo de te machucar. Tudo que eu quero é o melhor para você.

Mas eu não escrevo nada disso. Em vez disso, pego uma agulha e injeto heroína na veia femoral da minha virilha. Eu sinto o calor afiado de alívio atirar direto na minha perna e perfurar meu coração doente.

Belén

Minha mãe uma vez me disse que a estação em que você nasceu afeta seu temperamento. Ela diz que os nascidos no verão são impulsivos e rápidos. As pessoas de inverno são lentas e calculadas, como peixes nadando em água fria. Eles se movem mais devagar, mas estão pensando mais profundamente.

Nasci no começo da primavera e minha mãe no de outono. Ela diz que significa que eu abro a loja e ela está sempre tentando fechar. Estou explodindo com novas idéias enquanto ela está tentando colocar as coisas para descansar. Mami diz que um dia, quando menos esperamos, eu vou florescer e coisas bonitas acontecerão. Que o sol estará brilhando e todos os pássaros cantando. Ela me disse que, apesar de todos sabermos do que um broto verde é capaz, ainda é um milagre assistir isso

acontecer. Espero que quando isso acontecer, eu estarei com alguém que importa.

Eu compro dois potes de mel doce no supermercado local. É uma loja decadente que cheira a baratas e água sanitária. Eu tento evitá-lo tanto quanto possível. Eu escondo o mel na minha mochila para o caso de encontrar alguém que eu conheça. Depois de debater por muito tempo na cozinha, eu finalmente decido escrever —Luc— em vez de —Lucky— no pequeno pedaço de papel. timidamente lambo ambas as extremidades. Eu os lambo de novo rapidamente, caso a primeira vez não seja suficiente. Em seguida, enrolo-o da direita para a esquerda, seguindo cuidadosamente as instruções. Largo o rolo minúsculo com o nome de Lucky no fundo de um pote vazio. Então eu aperto os dois copos de mel em cima. O mel é grosso e dourado e escorre preguiçosamente do vidro. Eu o vejo de perto enquanto ele se dobra e converge, dobra e converge, até que afogue o pequeno papel.

Coloco meu dedo sob o fluxo e levo-o aos meus lábios. Eu coloco na minha boca e deixo a doçura derreter na minha língua. Quando todo o mel é transferido, aperto a tampa com força. Eu ponho o pote de um lado para o outro e o nome de Lucky mal se move. Ele é ampliado pelo mel e o papel abriu um pouco. Isso está indo na geladeira atrás da cerveja de Hector, onde ninguém vai encontrá-lo.

Lucky Cabrera sentirá meu amor e será doce comigo para sempre.

Lucky

Sinto que estou morrendo e me enrolo em posição fetal até a cãibra começar a diminuir. O calor da febre passa através de mim, lentamente aquecendo e relaxando até que meus músculos voltem ao normal e eu me espalhe por todo o caminho até o chão. Eu olho para os danos causados pela água no teto até se tornar um céu azul claro, me sinto tão sozinho sem a Lenny. Abutres já estão circulando, esperando que eu morra. Talvez eu esteja esperando também. - Eu só quero que isso acabe.

Eu nunca estive com tanta sede. Minha boca está envelhecida. Lembro-me de ter beijado Belén, mas não me lembro de sair do lado dela.

Outra cãibra machuca meu corpo e eu me enrolo nele. Eu digo a febre para continuar se espalhando, para aquecer minhas veias para que eu possa deixar esta vida, fecho meus olhos para a ardência do sol. Eu posso ver minhas próprias veias iluminadas por trás das minhas pálpebras.

Meus olhos se abrem novamente e posso dizer que sou atingido. Mas Belén se inclina e bloqueia a luz do sol. Ela beija meus lábios com o mais doce beijo carinhoso que acalma minha sede e tem gosto de mel.

Belén

Estou na porta do boliche com o Jeremy. Foi minha primeira vez. Depois que eu acabei de usar sapatos de palhaços emprestados, eu realmente me diverti. Jeremy ainda é tão estranho para mim, mas eu deveria tentar superar isso. Pelo menos ele quer sair comigo, o que é mais do que posso dizer para a maioria das pessoas. Se não fosse pela minha família, o Sr. Sánchez e Yari, eu seria um vegetal absoluto com nenhuma pessoa para conversar.

Mami está na cozinha fazendo um café da manhã para amanhã porque ela está trabalhando em dois empregos, diz que não podemos depender do dinheiro da bolsa e nem saberemos quanto receberemos até o próximo ano, então é melhor economizar agora. Ela planeja me passar pela faculdade sozinha, ela é a mulher mais determinada do mundo. Ela me beija como se estivesse tudo normal, mas eu já posso dizer que algo está errado.

—Você se divertiu com Jeremy? —

—Sim, foi bom—, eu digo, abrindo a geladeira. Não conto a ela que o tempo todo que eu só conseguia pensar era o quão divertido se Lucky tivesse ido, como ele seria natural como é com todos os esportes. Ele ri e acena com a cabeça em todas as minhas bolas em vez de dizer —Boa tentativa— e mostrando um sorriso encorajador como Jeremy fez.

—Ouça, Belén, eu encontrei isso—, diz ela, deslizando meu pote de mel para fora do armário. Meus olhos se abrem enormes, mas minha boca decide não dizer nada.

—Eu não posso ajudar, mãe. Eu estou quebrada, desde que eu fiz isso, eu posso dormir à noite. Isso vale algo, pelo menos, não é? —

—Você provavelmente não acreditaria em mim se eu lhe dissesse que sei como você se sente. Eu me apaixonei quando tinha dezenove anos e foi com a pessoa errada. —

Eu balancei minha cabeça para ela.

—Estou tentando, mamãe. É o melhor que posso fazer. — Eu posso dizer que ela quer me abraçar e eu cruzo meus braços para afastá-la. Ela suspira alto e coloca uma mão no quadril e a outra no balcão.

—Esse feitiço funciona melhor se você colocar próximo ao nome dele, algo que representa você. —

Largo minha bolsa e corro para o meu quarto sem questionar. Agarrando o pote de comida de bebê fora da minha cômoda, eu corro de volta para a cozinha e os chocalhos de vidro na minha mão enquanto eu vou.

Eu tenho dezessete pedaços de vidro do mar vermelho, um para cada ano da minha vida. Eu não planejei assim, apenas aconteceu. Eu coloco o copo no balcão e olho com expectativa para a minha mãe.

—Vidro de praia—, diz ela.

—Sim. Os vermelhos. —

—Boa escolha—, diz ela, abrindo a tampa.

—Tudo bem se ficar no topo, mamãe? Ou deveria estar no fundo ao lado de seu nome? —

—Tem que estar ao lado do nome dele. O que você acha que nós deixamos cair e pode flutuar por alguns dias? Ele vai encontrar o caminho para o fundo, eventualmente, ao lado de Lucky. —

—Pode não ser. É muito leve. —

—Eu não posso esperar, mãe. Eu tenho um verão inteiro antes de ele ir.. —

—Ou mais—, diz ela quando abre o jarro e sacode um dos rubis em sua palma. Minha mãe trabalhou duro toda a sua vida e suas mãos estão desgastadas para mostrar isso.

Ela alcança a gaveta de talheres e extrai a pinça que usamos para frango frito. Ela clica no acendedor do fogão e aparece uma chama azul. Ela mergulha meu vidro de praia no fogo, depois olha para mim e pisca. Ela aquece até que o pequeno coração vermelho esteja negro da fumaça.

Eu tiro a tampa do meu pote de mel e mamãe solta a gota vermelha das pinças. Ele voa para o fundo como uma estrela cadente, cortando o mel viscoso e cai bem ao lado do nome de Lucky.

—Eu não estou fazendo isso para que você fique apaixonada. Eu estou te ajudando porque eu não suporto te ver doente. Você encontrará um bom garoto como Jeremy e esquecerá que se sentiu assim com seu primo. —

—Eu sei mamãe. Obrigada. — Eu duvido seriamente, mas não vou dizer isso a ela.

—Respire fundo, *hija* —, diz ela.

Eu me sento no banquinho, sabia que havia outra coisa, podia sentir o cheiro.

Ela me passa um envelope. Do outro lado da frente está meu nome. A caligrafia que eu conheço em qualquer lugar.

—Ele só deixou ou você viu ele? —

—Estava embaixo da porta quando cheguei em casa. —

—Você leu? —

Ela acena com a cabeça. Meu rosto cai.

—Mãe, é privado!—

—Eu amo Lucky, Belén, como se ele f osse meu próprio filho. Mas, independentemente disso, é meu trabalho protegê-la, mesmo que isso signifique que eu tenha que protegê-la dele. —

Espero até o sol se pôr para ler a carta. De alguma forma eu preciso de um manto de escuridão para me cercar, para me cobrir e me proteger da luz, de qualquer coisa que esteja me julgando. Eu sei que é adeus sem nem ler. Eu sei que ele já se foi, eu posso sentir isso.

Belén,

Não me lembro de uma vez sem você. Esta será nossa primeira separação, não será? Você me assusta mais do que qualquer outra coisa no planeta, mas você é a pessoa mais doce que eu conheço. Entrar em guerra sem experiência me assusta menos do que entrar em seus braços. Não sei se vale a pena viver sem você. Eu nem sei se quero descobrir. Mas vou continuar te afastando, Belén, um milhão de vezes se for preciso. Tudo isso significa que eu te amo mais do que eu mesmo.

Eu tenho que dar o fora antes que eu estrague os dois. Nunca pense que te deixar é eu te rejeitando. Te deixar é a única maneira que eu sei como proteger você. Fique longe de mim, Len. E tente colocar um pouco desse amor que você tem em si mesma.

Seu primo,

Lucky

Eu pego uma pequena mordida no papel e a como. Não sei porquê. Há um desejo igual em mim para destruí-lo e absorvê-lo, então deixo o papel crescer na minha boca, engulo para me ajudar a aceitar. Eu não posso nem pensar em outra saída, acho que vou ter que passar minha vida inteira fingindo. Fingindo que quero o que todo mundo quer. Afastar-me de Lucky será a minha própria procissão fúnebre com a verdadeira Belén morta no caixão. Eu nunca vou deixá-la sair para mais ninguém ver. Ela não é perfeita se estiver apaixonada por seu primo. Ela está com defeito e ele também.

Capítulo Quinze

Lucky

Ficar sóbrio é mais fácil do que superar Belén. Os tremores, e as merdas, uma febre sem parar que me mantém agradável e delirante. Eu uso metadona na primeira semana e Tylenol com codeína mais Xanex no dia seguinte. Na terceira semana, faço um jejum de dois dias e frutas e legumes por dois dias depois disso. Estou de volta a treinar para o acampamento até o final da minha terceira semana lá. A articulação de reabilitação é na Flórida, há jacarés e lagartos e tudo isso. As pessoas são legais e realmente religiosas, tudo é Jesus isso e Jesus aquilo. Mas o preço era algo que minha mãe podia pagar e eles prometeram manter suas armadilhas fechadas sobre eu estar no programa e nos garantiram que poderiam garantir um teste limpo de urina no prazo.

Nós temos terapia de grupo e eu sou tão diferente de todos os outros. Primeiro, sou a pessoa mais jovem aqui, sou o único nova-iorquino. Todo mundo parece um velho motociclista e o pior problema é sempre a metanfetamina. Nós não temos muitos ajustes em Manhattan, apesar de eu ter visto mais e mais metanfetamina chegando ao Bronx. Mas sou indiscriminado quando se trata de drogas. Eu faço um pouco disso e daquilo aqui e ali para manter a vantagem. Deus sabe que alguma erva daninha me ajudou a superar algumas dificuldades na vida. Mas

eu tenho que sacudir toda essa merda do meu sistema. Só estou aqui até poder garantir um teste limpo.

A droga real em que estou viciado é a minha prima Belén. A verdadeira doença que estou chutando no meu sistema, *é ela*. Ela entrou em cada esquina e assumiu. Eu não posso escapar dela quando estou dormindo, ela é quase tudo que vejo nos meus sonhos. Não consigo parar de procurá-la durante as horas de vigília, meio dormindo, meio sonhando que ela vai entrar pela porta. Nenhuma reabilitação pode me curar desse problema. Estou apaixonado. *Tengo maldeamores*.

Na terapia de grupo há esse careca branco, ele tem cerca de cinquenta anos, veste um colete de couro e ele tem um tat no meio da testa. Eu apenas olho para ele, me perguntando onde esse cara deu errado. Quando fala, ele não parece estar louco, mas deve ter sido em algum momento. Ele me trata imediatamente como seu *amigo* e nós fumamos do lado de fora juntos entre intervalos para o café. Ele é a única pessoa que conto sobre Belén. Ele é legal e entende imediatamente. Ele diz que eu não estou em reabilitação por ter atirado com beijos desde os quatorze anos. Eu não estou aqui por vender maconha. Estou em reabilitação para um vício sério. O nome dela é Belén e eu tenho que lutar para tirá-la do meu sistema.

Brett é o nome dele e ele chora nas reuniões, mas de alguma forma ele ainda consegue parecer durão. Seus dedos são grossos e ele tem dificuldade em se mover. Artrite reumatica e deterioração do revestimento do coração, por conta de anos de injetar tantas drogas. Eu digo a Brett que tenho deterioração do coração também, mas temos que trabalhar, não importa o custo. Eu o levo para fora e faço algumas flexões, o cara poderia tirar

um pouco de gordura do corpo. Ele me observa trabalhar nas tardes e as vezes em meus intervalos. Ele me dá um high five quando chego no tempo e mantém uma garrafa fria de água esperando debaixo de uma toalha. Isso me faz desejar ter tido um pai todos esses anos. Alguém para me dar um high five, alguém para me encorajar. É estranho estar sóbrio.

Eu nem mesmo chamo a minha mãe quando estou aqui. Ela e Belén estão muito perto. Eu estaria ligando para um telefone a dois andares de distância de seu telefone e não acho que poderia suportar o estresse.

Quando me formei no programa, há uma cerimônia com um ministro. Eu recebo um certificado com meu nome em letra cursiva e recebo meu primeiro teste de mijo limpo. Brett usa gravata para a cerimônia e tiramos uma foto juntos em frente à estação de café. Minha conselheira Virginia, dá um beijo de batom na minha bochecha. As pessoas fazem discursos e dizem coisas legais sobre mim. Brett quebra quando ele diz como está orgulhoso de mim, que ele mesmo sempre sonhou em ser um fuzileiro naval.

—Não é como se eu tivesse colocando a bola no campo ainda pessoal. Não fique todo empolgado. —

Eles gemem em protesto e dizem que eu sou um chato. Mas não é tanto a minha resistência física que me preocupa, na verdade, estou ansioso para não me matar. Eu acho que posso lidar com as coisas mentais também, você apenas obedece o que eles dizem e sempre dá o seu melhor. E não é como se eu não pudesse sobreviver longe dela, porque tenho certeza que também posso fazer isso. Estou com medo de voltar para casa

novamente. Vendo ela quando tudo mudou. O que acontece se um de nós seguir em frente e o outro ficar parado?

Belén

Eu escolhi ir para a faculdade e escolhi o melhor que pude. Eu acho que talvez seja superficial assim. O dinheiro da bolsa é suficiente para a Mami pelo menos relaxar um pouco. Ela chora tanto durante a semana dos pais que precisa tomar um tranquilizante. Eu não percebi o quanto isso seria um adeus. Eu prometo a ela que vamos conversar por Skype e se visitar o máximo possível. O passeio de Amtrak não é tão ruim e nós estamos pelo menos ainda no mesmo estado.

Minha colega de quarto é uma lésbica butch de Chicago chamada Lucy. Eu acho que eles nos colocaram juntas porque somos ambas hispânicas, mas não tenho certeza de como uma colega de quarto lésbica vai funcionar. Eu gosto de Lucy logo de cara. Ela é séria sobre estudar, mas também é muito engraçada. Ela me conquista em poucos minutos descrevendo seu temperamento, e se ofereceu para me deixar ter o beliche superior. Jantamos no refeitório juntas e acontece que ela come como um hulk. Ela devora duas tigelas de macarrão com queijo e depois termina o pouco que sobrou do meu também. Eu já a amo.

Durante todo o primeiro semestre eu a convenci que Jeremy é meu namorado. Nós conversamos no telefone e por e-mail e ele até veio me visitar em um final de semana. Jeremy

está mais loiro, parece bronzeado, perdeu um pouco do peso. Ele decidiu fazer um programa de três e dois na Wharton, na UPENN, na Filadélfia. Ele me provoca um pouco sobre meu diploma de artes liberais de quatro anos. Os jovens em sua escola aparentemente têm muito dinheiro. Alguns deles vivem fora do campus e dirigem carros sofisticados, eles já têm seus empregos garantidos após a formatura e estão usando esse tempo para festejar e usar cocaína. Eu não pergunto se ele está vendendo ou usando. Eu não pergunto a ele sobre minha casa. Ele me leva para jantar e dividimos uma garrafa de vinho com macarrão sem sermos identificados.

—Você está incrível, Belén. Ainda melhor do que no colegial—, Jeremy diz e corre o pé na minha canela. Não parece natural. Parece que ele está representando algo que assistiu em um programa de TV ruim.

—Obrigada, Jeremy. Você parece realmente crescido. Eu gostaria que meus objetivos fossem tão claros quanto os seus. Conhecer o seu caminho é bem invejável. —

No carro a caminho de casa, ele colocou a mão na minha saia. Eu nunca fui quente para Jeremy depois daquela noite no banheiro. Fizemos mais algumas vezes após o incidente. Todo o romance fracassou, mas sempre permanecemos amigos íntimos. Minha apatia pela mão de Jeremy me faz pensar que há algo errado comigo.

—Encosta, por que você não para? Talvez devêssemos nos beijar primeiro. —

Jeremy entra no estacionamento de um shopping vazio. Todas as lojas estão fechadas e as luzes estão fracas. Eu

tirei minha jaqueta e virei para ele e toquei seu rosto. Há um nó no estômago quando me inclino para encontrar sua boca, deixo ele me beijar e eu tento manter o ritmo. Não há calor nas minhas veias, nenhum sangue bombeando para os lugares que deveria. Ele pega minha mão e move-a para baixo em direção ao seu pênis que está duro através de suas calças e eu dou-lhe um aperto. Ele desabotoa meu vestido e desliza as pontas dos dedos dentro do meu sutiã.

—Lembra daquela vez, Belle, na casa dos meus pais no banheiro? Nós nos conhecíamos há cinco minutos e não conseguíamos manter nossas mãos longe uma do outro? —

Meu sangue corre agora porque ele não pode dizer meu nome. Eu disse a ele no começo que não rima com Belén. Eu quero gritar agora porque eu disse a ele tantas vezes e obviamente não deu ouvidos. Não é pedir muito, que pelo menos tente, é? E a coisa mais sexy sobre aquela noite foi quando Lucky me inspecionou implacavelmente no elevador, enquanto eu, humilhada, puxava minha calcinha na frente dele.

Nada é sexy agora sobre sua língua pontiaguda e quente, e pau pequeno. Ele tateia meu peito com a mão suada e me lembra de dançar com as crianças desajeitadas nas danças da escola, mas não tinha absolutamente nenhuma arrogância. Suas mãos estavam sempre úmidas e tremiam um pouco com os nervos. As espinhas, os aparelhos, vendo seus amigos, bem, pelo menos, Yari, rindo dos garotos no embaraço. Sentindo pena o suficiente para o cara aceitar a dança, mas corajoso o para chamá-la em uma. Eu não quero que sexo seja assim. Nunca foi estranho com Lucky. Eu sinceramente acho que cheguei tão

longe com Jeremy em primeiro lugar porque eu estava tão excitada com Lucky.

—Deixe-me amarrá-la, Belle. Eu tenho algemas e corda no porta malas—, Jeremy diz e continua a dedilhar meu mamilo.

—O que? — Estou tão surpresa que minha cabeça começa a doer um pouco. —Por que eu iria querer fazer isso? —

—Vamos tentar. Vamos lá, vai ser divertido—, diz ele, beliscando com força em um dos seios enquanto ele espalma o outro.

—Eu acho que você provavelmente deveria me levar para casa. —

Jeremy suspira e volta para o banco do seu Audi. Ele ajusta seu pênis em sua calça e empurra para trás enquanto liga o carro. Ele sai do estacionamento tão rápido que me assusta um pouco. Não diz nada enquanto dirige e olhamos direto para a estrada. Ele estaciona no meu dormitório em uma velocidade, me deixando assustada me perturbando ainda mais. Pelo menos fico feliz por ter me levado para casa e não ter sugerido mais preliminares estranhas.

Quando eu me inclino de volta para o carro para dizer adeus, ele diz: —Você poderia ter pelo menos terminado comigo, você sabe. Eu vim por todo esse caminho. — Ele está olhando para frente, com a mão no volante.

—Oh, é para isso que você veio? Você deveria ter especificado pelo telefone. Eu poderia ter te poupado muito

tempo de condução. Tenho certeza de que é mais fácil encontrar uma conexão rápida em casa. —

—Yari estava certa Belle. Você sempre foi um peixe frio. —

—Meu Deus! Você fodeu Yari também? Quando, naquela noite depois da festa de Lucky? — Pergunto, imaginando se essa é a única razão pela qual Lucky veio até mim.

—Supere isso, Belle. Nós éramos todos crianças!— Ele diz e sai com um flash, cantando os pneus, levantando as folhas de outono no meio-fio e me deixando em uma nuvem de poeira e exaustão.

Eu ando de volta para o dormitório sentindo como se meu corpo pesasse mil quilos. Eu queria ter transado. Eu queria que algo me excitasse. Sempre que me masturbo, penso em *seu* corpo e *seu* beijo. Eu só quero me tocar quando penso em Lucky, eu sequer tenho fantasias normais.

Lucy tem o rosto a um centímetro de distância de seu livro quando fecho a porta atrás de mim, tento tanto não chorar, más, meu rosto provavelmente parece distorcido.

—Como foi o jantar com o seu namorado? —

Lucy tem uma toca de lã preta sobre o cabelo escuro bem aparado. Ela está usando óculos hipster de armação grossa e batom vermelho brilhante. Eu sinto que prefiro ficar com ela do que com Jeremy e nem sou gay.

—Bom—, eu digo. Minha garganta dói de ser tão falsa.

—Bey, ele é realmente seu namorado? Aquele cara me impressionou e você está me animando agora, garota. —

Eu balancei minha cabeça e as lágrimas começaram a chover. Lucy pega nossos casacos e me arrasta para um bar local que sabemos que vende para menores de idade. Temos canecas de cerveja e nos sentamos em uma cabine escura atrás da mesa de sinuca.

—Ok, BeyBey. Me derrame o feijão agora, por favor, — Lucy diz, tomando um gole de sua cerveja.

Eu conto a ela toda a história. Desde os primeiros sentimentos até o primeiro beijo até a nota quando ele saiu, o que eu estou com vergonha de dizer a ela ainda está na minha carteira. Conto a ela sobre Jeremy, o banheiro, a festa de formatura, até o beijo e as algemas. Como nada me excita e como aos dezenove anos, ainda sou virgem.

Ela ouve como um profissional e tira os óculos para limpá-los, olha para mim enquanto exala nas lentes e depois as limpa na camisa. —Quando foi a última vez que você falou com ele? —

—Eu não tenho. Nem sequer pergunto à minha mãe ou à minha tia sobre ele. —

—Ele está implantado ou está aqui? —

—Eu acho que ele está no exterior. Mas eu não sei. —

—Você pode vir quando se masturba? —

—Sim. — Eu coro um pouco e tomo um gole da minha cerveja.

—Você já tentou se masturbar e pensar em Jeremy, ou em qualquer outra pessoa? —

—Sim, mas sempre volta para Lucky. —

—Você se sente atraída por outras pessoas? Você acha que alguém é gostoso mesmo que não o faça com tesão? —

—Sim as vezes. —

Lucy acena com a cabeça. —Quer jogar uma partida de sinuca? —

—Hã? OK. Eu pensei que talvez você estivesse avaliando e formando algum tipo de resposta. —

—Okay, certo! Eu não acho que há uma resposta para você. É uma situação estranha, Bey. Você acha que vai superar ele? —

—Eu estava realmente esperando que você tivesse alguma opinião. —

—Não. Apenas escutando. Sendo uma boa companheira de quarto. —

—Você acha que é nojento? Você acha que estou doente? Dormimos no mesmo berço. Aprendemos a andar juntos. —

—Eu acho que ninguém pode julgar ninguém. Essa merda só acontece e você tem que descobrir como lidar com isso. Eu não acredito que seja uma escolha. Nunca. —

Lucy parece triste, como se ela estivesse falando sobre sua própria experiência.

—Sua história é realmente triste, Bey, e também é meio que excitante. Eu sinto que é uma pena que ele nunca fodeu você, porque você sabe, então talvez você descubra. Parece que é aí que a resposta está. Ou pelo menos é aí que você foi enforcada e agora você não pode passar por isso. —

—Ele nunca faria isso, não importa o quanto eu tentasse. E acredite em mim, eu tentei. —

—Isso é estranho, porque você é gostosa. Você sabe disso, certo, Bey? —

Eu apenas dou de ombros.

Lucy me vê na piscina.

Nós saímos todos os fins de semana.

Eu faço a lista do reitor e Phi Beta Kappa e obtenho uma posição de estudo de trabalho na biblioteca.

Eu decido ficar no campus para as aulas de verão.

Lucy diz que sou louca. Ela está indo para a Espanha.

Todos partem. Este lugar é uma cidade fantasma.

Ela me escreve dois cartões postais de Ibiza e eu olho para eles na biblioteca. Ela diz que as bocetas são quentes e ela come

polvo, lula e manchego todos os dias, está tendo aulas de espanhol e aprendendo a dançar flamenco.

Eu escrevo de volta e digo a ela que eu sou a única que sobrou aqui, exceto por alguns estudantes do ensino médio recebendo crédito pela faculdade. Que toda a equipe me conhece pelo nome. Eu estou praticando na piscina todas as noites. Que acidentalmente acumulei tantos créditos nos últimos dezesseis meses que já sou um júnior. Ops!

Eu não vou para casa nem uma vez.

Foda-se isso.

Mas eu estudo todos os livros de feitiços que posso encontrar na biblioteca. Todas as noites sonho com Lucky quando começo a lançá-las. Quem sabia que havia tantos feitiços de amor de tantas culturas diferentes? Isso me faz pensar que algo está funcionando e todo o meu quarto começa a se encher de coisas de bruxaria. Eu até construo um altar.

Eu frequentemente o vejo em meus sonhos, como se estivesse olhando através de uma lente aquosa. Estou suspensa acima dele e vejo-o ampliado, mas ele é pequeno e muito abaixo, o vejo fazendo coisas como se eu estivesse olhando para um diorama em movimento. Eu às vezes vejo ele fazendo sexo com outras mulheres. Mas ele também está trabalhando, suando e rindo com os amigos. Ele parece mais velho, mais duro, mas seu rosto ainda é jovem e robusto. ainda é o Lucky que eu lembro.

Então, no começo da manhã, antes do início do semestre de outono, fico apavorada com todos os meus avanços parapsicológicos e puxo tudo para fora e jogo tudo no

lixo. Prometo-me começar de novo e fazer novos amigos e ir em algumas datas para casa No final de semana, Lucy volta. Estou tão aliviada que acabo chorando em seus braços.

—Eu acho que eu senti sua falta—, eu digo, rindo.

—Você parece um fantasma, garota do campus—, diz ela.

—Você parece muito saudável—, eu digo. —Como se você tivesse uma tonelada de diversão. —

—Eu fiz. E acho que precisamos de ajuda técnica para você. —

As quintas são sessões individuais com a Drª Davison. Eu estou fazendo terapia cognitivo-comportamental e tentando lidar com meus problemas de forma lógica e racional, também estou fazendo terapia de exposição, não exposição a Lucky, mas exposição social, saindo e fazendo novos amigos online e namoro rápido, que são coisas supostamente normais e saudáveis para uma garota da minha idade.

Nós também falamos muito sobre sexo. Minha colega de quarto acha que é incrível que eu tenha prescritos eroticos para terapia e ela rouba os livros assim que eu termino.

—Lucy, por que você quer ler sobre um lenhador quente se você nem se excita com homens? —

—A tensão sexual é tensão sexual, Bey. Mesmo que seja entre um lorde demônio e um príncipe sapo. Eu posso me relacionar com a experiência humana, não sou um alienígena. —

—Ok, você está certa. Desculpe, eu sou insensível—, eu digo. Tenho muito a aprender sobre lésbicas de verdade, não apenas garotas que se beijam em festas.

Minha terapeuta atribui um monte de coisas que li em minhas aulas de inglês, DH Lawrence, Anais Nin e Flaubert. Mas algumas coisas são novas para mim, como *Lolita,* de Nabokov, e *The Story of O, de* Pauline Réage. Eu não sei o quanto me relaciono com nada disso. Às vezes sinto que minha terapeuta está tentando expandir minha definição do que é normal, para que eu possa aprender a me aceitar.

Mas uma coisa eu sei com certeza, eu a odeio, e tudo que ela representa, mas troco seu amante René e o substituo por Lucky e eu estou no chão acorrentada ao lado dela, dando cada golpe.

A Dra. Davidson acha que eu não necessariamente tenho que fazer sexo ou perder minha virgindade, mas ela quer que eu me envolva com pessoas de fora da minha família.

Então, Lucy me ajudou a configurar meu perfil on-line para namoro, ela tirou todas as fotos. Eu estive em três encontros, mas Poughkeepsie é pequena e parece que todo mundo aqui vai para a Universidade ou trabalha lá. Isso, ou nunca saíram da cidade por alguma razão terrível, como pobreza ou doença mental ou total falta de ambição.

O que eu realmente gosto mais de exposição é sair com a Lucy. Ela me leva para o único bar de lésbicas da cidade, para sushi e festas. Lucy superou Yari no departamento de amigos. Ela não me julga nem tenta me obrigar a transar. Ela só gosta de se divertir, curtir a vida e aprender coisas novas.

—Bey, você é a única sexpert que eu sei que é virgem. —

—É bom entender as coisas antes de concordar em participar delas. Estudar variantes pode ajudá-lo a decidir o que você gosta. —

Lucy joga o braço em volta do meu ombro e dá um beijo na minha testa.

—Você é uma viagem e meia, garota. Eu vou comprar sua cerveja só para ouvir a merda que você diz. —

Tanto Lucy quanto o Drª Davidson sugerem que eu esteja aberta para namorar mulheres. Eles acham que eu tenho alguns problemas de repressão acontecendo e é por isso que eu fico apaixonada pelo meu primo, porque é seguro e me impede de sair da minha zona de conforto. Eu acho que eles não conheceram Lucky, porque nada sobre ele é seguro. Mas eu ainda posso ver o ponto deles. Lucky *está a* salvo, porque ele não pode me desassociar.

Então, eu tenho tentado estar aberta à idéias aqui que nunca poderia estar em casa. Eu não acho que namorar garotas fosse algo bom para minha mãe. Até agora, não acho que sou atraída por mulheres, mas o que sei? Eu tentei assistir um pouco de pornografia lésbica que a Drª Davidson me deu. Eu não gostava disso, mas também não gostava mais de pornografia direta. Talvez eu seja frígida, como Yari disse a Jeremy. Mas com certeza não me sinto fria quando estou na frente de Lucky. De fato, tudo que tenho que fazer para meu sangue disparar é

imaginá-lo parado aqui comigo agora, seu sorriso, sua boca e tudo o que ele pode fazer com isso.

Faço a sugestão da Drª Davidson de que talvez o que está faltando seja amor, que não posso ficar excitada por alguém que não estou apaixonada.

— Mas Belén, você ficou lubrificada quando ficou com Jeremy no banheiro, se você se lembra, você estava tão excitada que estava pronta para fazer sexo com ele, não é mesmo? —

—Eu acho que é porque eu estava bêbada. E eu *estava* apaixonada nesse momento, eu estava apenas direcionando isso para outra pessoa. —

—Amor e sexualidade são duas coisas separadas. Eu sei que, como os humanos sensíveis e românticos que somos, gostaríamos de acreditar de forma diferente, mas sexo e amor podem ser mutuamente exclusivos. É bem possível, Belén, que você tenha sido ligada por Jeremy e nem precisa gostar dele. —

—Discordo. Acho que me molhei... —

—Lubrificada—, sugere o Drª Davidson.

—Eu acho que lubrifiquei e queria que ele me fodesse. —

—Querido intercurso—, diz ela, levantando uma sobrancelha.

—Desculpe, *queria ter relações sexuais,* só para deixar Lucky com ciúmes e me desejar. —

Drª Davidson me envia para casa com uma pasta cheia de estudos impressos sobre sexualidade e excitação humana. Ela

não sabe que eu trabalho na biblioteca? Ela não sabe que eu passei um ano e meio tentando raciocinar com todos os meus sentimentos por Lucky?

Eu apareço na semana seguinte e digo a ela que terminei de ler seus estudos. Eu entrego a pasta de volta para ela e coloco minha cadeira em frente a sua mesa sem tirar a jaqueta.

—E? — Ela pergunta, empurrando os óculos no nariz.

—Eu decidi que sou diferente. Eu sou meu próprio estudo de caso. Eu não posso ser classificada. Eu ainda acredito no amor. —

Ela suspira e acena com a cabeça. Nós passamos a hora falando sobre como eu preciso me apressar e decidir sobre um princípio. Ela me manda para casa com mais alguns DVDs pornográficos e um local de encontro e tempo para terapia de grupo de co-dependência. Estou recebendo ajuda, mas pelo conteúdo da minha mochila você acha que eu estava ficando mais doente. Eu nem sequer tenho sexo, mas eu preciso de tudo isso a terapia.

Eu estudo o pornô como se fosse uma tarefa. Eu aprendo sobre boquetes, dupla penetração e boca a boca. Nada disso parece sexy para mim, mas eu acho interessante. Eu faria tudo, e depois mais alguns, mas apenas com Lucky e mais ninguém.

Na sexta-feira, Lucy me leva para um bar gay e eu fico completamente confusa. A amiga de Lucy, Kat, de Chicago, está visitando a cidade de Nova York, ela pegou o ônibus para sair com a gente, então temos motivos para comemorar.

Kat é linda, com cachos longos, escuros e exuberantes, lábios carnudos e um rosto redondo e macio. Seus seios chamam atenção, embora ela não esteja usando sutiã. Eu posso dizer depois que ela já tem algumas bebidas por ela está flertando comigo. Eu quero experimentar, quero tentar ser uma garota normal com sentimentos normais e não ser presa perpetuamente apaixonada por uma pessoa.

Peço a Lucy que me acompanhe ao banheiro. É individual sem cabine e ela faz xixi na minha frente. Nós somos companheiras de quarto, afinal, vimos tudo o que há para ver uma da outra.

—Você gosta dela? — Lucy pergunta enquanto rola papel higiênico em torno de sua mão.

—Ela é linda e doce. Parece um amor. Eu acho que ela é sexy. —

—Sim, mas você está atraída por ela? Às vezes, Belén, você é tão esquisita. —

—Estou atraída por ela, tanto quanto posso estar. —

—Então vá em frente! Quero dizer, pergunte se ela está interessada. Você quer que eu fale com ela sobre a sua situação? —

—Não. Porque então ela vai pensar que sou louca ou vai acabar se magoando. Não quero que ela pense que é uma espécie de experimento. —

—Só para você saber, Bey. A maioria das pessoas tem sexo casual. É bom, é divertido, as vezes até mais divertido sem as armadilhas de um relacionamento. —

—O que você está dizendo? —

—Dizendo que, mesmo que eles soubessem que você estava coletando estudos de caso, a maioria dos humanos estaria em baixo da porra, quero dizer, ser voluntário para a sua causa. —

—Bem, eu só não quero tirar vantagem de ninguém. —

—Adivinha o que, BeyBey? Eu realmente não acho que isso conta nesta situação. Quero dizer, pessoas normais fazem sexo casual umas contra as outras. As chances são de que ela não vai acordar de manhã exigindo exames de sangue e uma licença de casamento. Embora ela possa pedir o seu e-mail—, Lucy diz enquanto lava as mãos.

—OK. Obrigada pelo conselho. —

—Kat é uma garota legal. Tenho certeza de que, se você disser como se sente, ela ficará bem. Só não faça isso se você está apenas tentando ganhar pontos extras com sua psicóloga. Você deveria estar fazendo isso por você, não como uma tarefa. —

Saímos do banheiro juntas e estou nervosa e animada.

—Bey? —

—Sim? —

—Tente não falar muito. —

—Vou tentar. —

—E Bey? Talvez nem tente mencionar a coisa toda de Lucky. Isso meio que arruína o momento. —

Beijar uma garota é realmente muito romântico,elas têm lábios mais macios e o cabelo faz cócegas no rosto, além de cheirarem muito bem. Elas têm seios como travesseiros em vez de restolho de barba. Kat está meio sem fôlego e ofegante, o que é diferente de grunhidos e rosnados ou de palavrões. Estou com muito medo de tocar seus seios, mesmo que ela sinta o meu através da minha camisa.

Ela também me faz muitas perguntas, o que parece diferente dos meninos, pede permissão antes de fazer todas as coisas, talvez essa seja a conscientização sobre estupro na faculdade, mas parece estar a anos-luz de distância dos meninos..

Nós só nos beijamos um pouco e então eu não posso manter minha boca fechada. Eu digo a ela que ela se parece com a Branca de Neve e que seu cabelo é o mais macio que já senti.

Seus dedos dançam pela minha barriga e escorregam na minha calcinha. Eu suspiro de surpresa e ela arrasta o dedo para o centro do meu núcleo. Me tremo toda e sinto o calor me cescer lá. Ela empurra o dedo médio para dentro o máximo possível, choro um pouco e até mesmo movo meus quadris. Mas eu não posso dizer se estou com medo ou ligada é uma estranha mistura das duas coisas.

Eventualmente, ela puxa o dedo para fora e levanta-o para o rosto. Então delicadamente traça seus lábios com os sucos que ela puxou de dentro de mim, move toda a volta como se estivesse aplicando seu brilho labial favorito. Eu tremo um pouco com isso. Kat sabe algo sobre sedução. Nós beijamos um pouco mais e eu sinto o meu gosto em seus lábios. Em vez de aumentar minha excitação, isso estraga tudo. Cheira muito familiar, não sei como explicar isso. Nós acabamos conversando mais sobre faculdade e música.

Então, inevitavelmente, meus pensamentos se movem para Lucky. Eu conto tudo a ela, do meu primo, e Jeremy, à minha coleção de pornôs e ao meu novo grupo de co-dependência.

—Então você tem quase vinte anos e só beijou duas pessoas antes de hoje à noite? Uau, que viagem!— Kat diz, bocejando. —E nunca teve relações sexuais? —

—Ainda não—, eu digo estudando seu rosto tentando interpretar sua reação. —Mas eu sei muito sobre isso. —

—Você quer tentar? —

Eu aceno com a cabeça que sim, mas não tenho cem por cento de certeza que sim.

—Você? — Eu pergunto a ela.

—Claro que sim, eu totalmente foderia você. Mas você deveria pensar nisso primeiro. A virgindade é realmente importante para algumas pessoas. Se é para você, então devemos esperar. —

—Eu sempre imaginei que seria com Lucky, mas isso não vai acontecer. —

—Eu tenho medo que você se arrependa amanhã, então. Vamos apenas dar uns amassos e ver o que acontece. —

—Sua virgindade era importante para você? —

Kat move seu longo cabelo sobre um ombro. Ela tem lábios naturalmente vermelhos que são irresistíveis para beijar.

—Perdi minha virgindade com um menino. Foi meio desconfortável. Eu nem mesmo gostava dele, só queria acabar com isso. —

—Você se arrependeu depois? —

Kat acena com a cabeça e parece por um momento que ela pode chorar. Suas unhas são ovais perfeitos pintados de um vermelho cereja brilhante. Tudo nela é lindo, eu gostaria de estar mais nisso.

—Bem, ele foi o primeiro e último cara com quem eu já dormi. —

Eu gosto muito de Kat, gostaria de poder me apaixonar por ela, acho que ela tem um coração quente e que ela me amaria de volta com honestidade. Eu me inclino e beijo sua bochecha.

—Vamos para a cama. Eu não quero me arrepender de nada. —

Kat dorme na minha cama de solteiro comigo e abraça meu corpo. Ela envolve seus braços em volta de mim e joga uma perna por cima da minha. É muito bom abraçá-la, mas também

me faz chorar um pouco. Ela estava interessada em sexo comigo e eu congelei com medo de me arrepender mais tarde. Ela provavelmente teria sido uma amante entusiasmada. E eu quero acabar com isso.

Eu sonho que a respiração de Lucky é quente quando ele sussurra no meu ouvido. Então eu sinto o deslizamento molhado de sua língua enquanto desliza sobre o meu queixo e mergulha na minha boca. Eu abro tudo para ele, rolo de costas e abro minhas pernas, respiro em seu ouvido que eu tenho esperado por ele, que não há segundos suficientes nesta vida para eu conseguir o suficiente dele.

Eu acordo da minha excitação mas Lucky não está aqui. Eu estou moendo na perna de Kat e eu imediatamente me sinto envergonhada com isso. Ela não parece estar acordada. Eu deito lá e olho para o teto em frustração até que meu pulso diminui e minha respiração volta ao normal.

Eu acho que estou condenada a amar apenas uma pessoa impossível. O beijo de Lucky me arruinou para todos os outros beijos. Meu coração de vidro fica preso no fundo de um pote de mel com o nome de Lucky permanentemente escrito em cima dele.

Capítulo Dezesseis

Belén

—Jan, fique em pé e diga seu nome e conte-nos um pouco sobre seu relacionamento co-dependente, se estiver pronta. — Eu não estou preparada. Mas meu boy é o cara da roupa de safári todo bege. Ele nos fala sobre Jan e como eles se conheceram e como se casaram e como ela se tornou alcoólatra e usuária de drogas prescritas. Ela é viciada em oxicodona e leva Valium em cima disso. Ele nos conta como costumava sentar do lado de fora do bar em sua pick-up esperando por ela enquanto ela brincava com outros caras e se perdia, tudo porque ele não queria que nada acontecesse com ela quando voltasse para casa bêbada. Então, quando ela tropeçou para sair com um cara e ele tentou levá-la para o caminhão, ela o acertou, ou às vezes os caras com quem estava também. Ela dizia todo tipo de coisas terríveis e desagradáveis para ele. Eu não posso acreditar nesta pessoa Jan. Eu não posso acreditar que ela é tão sortuda por ter o cara do Safari e como ela é má para ele. Nós fazemos uma pausa para biscoitos e café depois que nós ouvirmos sobre Jan. O Cara de Safári obviamente ocupou muito de nosso tempo designado. Mas eu posso ver porque, é porque ele tem muito o que falar.

Eu sou a pessoa mais jovem aqui. Não posso deixar de me perguntar se cheguei ao grupo de apoio certo. Talvez eu precise de um fetiche sexual inadequado, ou talvez um amor não

correspondido, ou talvez um grupo para adolescentes com problemas de adolescente.

Eu sou a última a falar e posso sentir isso chegando. Todos os seus olhares cheios de piedade, todos os seus pensamentos fofoqueiros flutuando. Todos os co-dependentes provavelmente conhecerão minha história pela manhã. A fodida doente que se apaixonou por seu primo e quer transar com ele.

—Meu nome é Belén e sou co-dependente do meu primo, por quem estou apaixonada—, acrescento um pouco mais calmamentr, mecho meus pés e olho para o chão.

Eu olho ao redor para ver se o cara do Safari não me julga, ele já está bem com a minha história, sorri para mim e acena com a cabeça como se eu tivesse a sorte de ser menos fodida do que ele.

Eu aprendo duas coisas em terapia de grupo de co-dependência. Que a dinâmica entre Lucky e eu poderia ter muito a ver com o fato de que ele usa drogas, algo que eu nunca pensei antes. E em segundo lugar, que Jan assou os biscoitos que todos nós estamos comendo, então mesmo que ela seja uma bêbada podre, tem algumas qualidades. Os biscoitos estão maravilhosos e eu como quatro e embolso outros dois para levar para casa para Lucy.

A parte mais insana nem acontece na sala. Quando todos nós estamos subindo as escadas do agora extinto restaurante chinês, há um caminhão esperando pelo Cara do Safári com seus faróis brilhando. Quando ele sobe no caminhão, a luz se acende e ilumina mostrando uma mulher que se inclina e lhe dá um

beijo na bochecha. Eu fico congelada e estupefata no brilho de seus faróis.

Cara do Safari se inclina e grita para mim, —Precisa de uma carona? Nós ficaríamos felizes em levá-la!— Eu decido que ele se parece com John Denver e Jan tem um sorriso bonito. —Jan, esta é Belén, nosso novo membro. —

—Eu estou bem—, eu digo levantando a mão humildemente e caminhando em direção ao caminhão. —Esses cookies eram tudo de bom. Eu roubei dois para a minha colega de quarto—, digo para Jan, confusa sobre por que ela não está chapada ou bêbada. Ela parece meio desgastada, mas diferente disso parece ser uma pessoa muito legal.

—Obrigada! Eles são minha especialidade—, diz enquanto faz a volta com o caminhão. Ambos, o cara e Jan, acenam como se estivessem se afastando da igreja.

Quando a época do Natal chega, decido ir para casa. Será a primeira visita em um ano e meio. Minha mãe está tão animada que compra a árvore em novembro. Eu digo a ela que vai secar e perder as agulhas antes mesmo de eu chegar lá. Ela não consegue parar de fazer planos, quer visitar todas as pessoas, todos os lugares que já estivemos.

A realidade de ir para casa me atinge cerca de um mês antes de eu sair. Eu começo a trabalhar arduamente em ambas as minhas terapias, tentando construir resistência para voltar aos meus velhos hábitos. Estou com medo, não, estou com medo

de que Lucky esteja lá. Estou com medo de ver Titi, eu nem quero ver Yari.

Mami me encontrano na estação centry, toda cheia de blusas porque está nevando. Parece que pode ser um Natal branco. A estação de trem é esmagadora. Eu não estou acostumada a ser empurrada contra tantas pessoas. Todo mundo tem uma tonelada de sacolas de compras, todos eles estão se movendo tão rápido que parece que eles estão correndo.

Mami me sufoca com abraços e beijos e segura minha mão no metrô da cidade. Eu falo sobre minhas aulas finais e o que estou fazendo no próximo semestre. Nao falo sobre terapia, não quero que ela pense que sou infeliz. Não estou infeliz, estou meio que presa.

Nós fazemos *modongo* para o jantar. Titi está vindo. Lucky não chega até amanhã.

Eu abro a geladeira e espio para ver se o meu pote de mel ainda está lá. Eu o encontrei atrás da cerveja de Hector, exatamente onde a deixei. Meu quarto também é o mesmo, exceto que parece frio. Deito-me na cama e olho para o teto, adormeço desse jeito, e eu acordo com Titi e Mami se inclinando sobre mim dizendo que o jantar está pronto. Eu choro quando vejo Titi, não percebi o quanto senti falta dela. Ela me abraça com força e me diz — *hay que engordarte ni* ña—, porque ela acha que eu sou muito magra. Nós comemos na cozinha e Mami e Titi são tão loucas, tão engraçadas que elas me deixam feliz. Acho que estou transbordando de felicidade e uma barriga cheia de sopa quente. Titi correu para baixo para trazer seu lote

de *coquito* para me engordar. Eu faço de tudo para evitar falar sobre Lucky, mas, no final, ele finalmente aparece.

—Ele sente sua falta, *cariño*, se sente mal por você e como deixou as coisas. Ele cresceu muito. —

—Eu também—, eu digo, sorrindo para minha tia.

—Vocês eram apenas crianças entrando em brigas. Tendo aqueles paixões que todos nós temos e você olha para trás e ri deles depois. —

As sobrancelhas de Mami se levantam. Ela não quer que eu contradiga Titi em sua bem cuidada história do que aconteceu entre nós. Ela não quer que eu diga que Lucky era o amor da minha vida. Que eu não me mudei, nem um centímetro, nem um pouquinho. Que eu ainda sonho com o seu toque e choro antes de cair no sono novamente..

—Ele está ansioso para ver você. E Yari também, eles mantiveram contato, — Titi diz, girando as grossas pulseiras de ouro em seu pulso. Ela diz algo que me machucou, como um aviso, como um chute rápido e forte no estômago.

—Eu deveria ligar para ela—, eu digo, puxando meus joelhos para cima na cadeira da cozinha. —O que ela está fazendo? —

Ninguém parece ter ideia.

Depois que Titi voltou para o andar de baixo e Mami toma um banho quente e se deita, dizendo que tem que trabalhar de manhã, eu me retiro para o meu quarto. Ainda está frio aqui e pacífico. Folheio os livros e olho meus velhos diários. Eu confiro

as roupas na minha penteadeira. É engraçado como você pode se imaginar no futuro e nunca se parece com o que aquilo que imaginou.

Eu puxo uma caixa de debaixo da cama. Tem uma camada de poeira e eu sopro. A caixa contém fotos antigas e anuários. Eu sei que a coisa toda está repleta de fotos minhas e do meu primo, olho com cautela.

Mas não demora muito para que elas se espalhem ao meu redor. Dezenas de fotos nossas sorrindo para a câmera. Dentes perdidos, roupas ridiculamente datadas, com os filhos de Hemi, mesmo com Yari. Minha vida toda, sempre com a de Lucky.

Disquei o antigo número de celular de Yaritza, mas ninguém atende. São apenas dez horas. Ela ainda pode estar acordada.

Eu coloco meus tênis mesmo que esteja nevando. Eu jogo meus braços no meu casaco de ervilha e enrolo um lenço enorme em volta da minha cabeça.

Está quieto na rua, tudo suavizado pela neve. Estou fazendo rastros na neve, que está a caminho de passar meus tornozelos. Paro em frente ao edifício familiar de Yari. É possível que ela tenha se mudado. É possível que ela esteja sozinha agora. Parei de falar com ela quando fui para a faculdade. Eu não sei se isso é por causa de nossa amizade ou se tem a ver com Lucky. Um cara com uma jaqueta North Face e um trapo de boné de beisebol por cima empurra a porta de segurança. Eu agarro antes que se feche.

—Você conhece Yaritza no quarto andar? — Eu pergunto a ele.

—Merda, Yari? Quem não conhece Yari?

—Ela ainda mora aqui? —

—Sim, ela está por perto, eu acho. Por que você é uma amiga dela ou algo assim?

—Eu fui. Quando éramos crianças. Obrigada. — Eu pisco com a luz fluorescente e subo as escadas para o apartamento de Yari.

Eu posso ouvir a televisão explodindo no corredor e parece que o rádio está ligado para competir com isso. Eu bato com força na porta com os dedos e ninguém ouve. Eu bato de novo e então desisto e assovio e grito: —Yari!—

Ela abre a porta com um bebê no quadril., usa shorts curtos e uma camiseta de bebê com meias nos pés, o cabelo dela está com grampos. Talvez ela tenha feito isso para uma festa de Natal.

—Ei, Belén, você voltou para o Natal? Obrigada por manter contato, cadela. Aposto que você não sabia que eu tinha uma criança, sabia? —

—Meu Deus! Esse é o seu bebê? Qual é o nome dela? Parabéns! Quem é o pai dela? — Estou chocada e confusa. Eu me sinto feliz em ver Yari, mas é óbvio que ela está com raiva de mim.

—Você não gostaria de saber? O que você me trouxe para o Natal? Você está aqui para ver Lucky? —

Meu coração cai da pequena cavidade onde está todo cercado de órgãos, direto no chão. Exatamente onde alguém pode pisar nele e triturá-lo com o pé.

—Lucky está aqui? Porquê ele está aqui? Eu pensei que ele viria amanhã? —

—Não sei. Cheguei cedo. Perguntou se ele poderia passar a noite. Ele, ao contrário de alguns esnobes, mantém a porra do contato. —

—Eu sinto muito, Yari. Eu fui muito egoísta. Estou toda envolvida na minha própria merda. Foi tão imprudente contigo. Eu deveria ir. Talvez pudéssemos nos reunir esta semana? —

O telefone da casa toca. É bem alto, mesmo acima do barulho.

—Aqui, segure o bebê—, diz Yari, passando-me sua filha.

Eu pego o pacote gordinho e a pressiono contra o peito. Sinto o cheiro de seu cabelo de bebê e sussurro: —Olá, bebê de Yari— para ela.

Eu a balanço um pouco porque ela começa a mexer. Quero que Yari volte depressa porque quero dar o fora daqui, sem ofensa para o bebê, mas eu não estou preparada. Eu brinco com ela, tentando impedi-la de chorar. Quando olho para cima, um Lucky sem camisa e vestido de jeans está de pé na minha frente.

Eu olho o bebê e congelo, e apenas olho de novo para ele.

Ele parece o mesmo, mas seu corpo está todo tonificado. Cada músculo definido, cada linha que pode estar lá é delineada claramente. Ele deve trabalhar duro nos fuzileiros navais, mais do que em uma academia de Washington Heights. Ele parece saudável também, como se comesse bem e dormisse e talvez não se encha de drogas mais. Seus braços estão tatuados. Ele cheira como um homem. Ele está na casa de Yari. Eu estou segurando um bebê, talvez seja dele, e não posso fazer nada além de olhar.

—Feliz Natal, Belén. Eu não achei que veria você até amanhã. —

—Você veio do exterior? —

—Não. Estou na Carolina do Norte na base. Eu dirigi até aqui em um carro de aluguel. —

—Este é seu bebê? Você vai ficar com Yari? — Eu pergunto, segurando o bebê para ele como se eu estivesse dando ela de volta.

Lucky sai rindo e se inclina, segurando a mão no peito.

—Não, Bey, esse não é meu, amor! Essa é a filha de Yari, Amari. Eu vim até aqui porque o Yari estava acordada e eu não estava com vontade de dormir ainda. Eu não sabia que você estava em casa. Mas eu vou sair com você. *Meu amor,* você é hilária.Eu nem moro aqui. —

—Bem, você não tem que, quero dizer, para fazer bebês. — Toda a cor escoa do meu rosto. Eu posso apenas desmaiar se alguém não tirar esse bebê de mim.

—Vamos, eu vou pegar minha camisa. —

Eu entro no apartamento depois de Lucky e coloco o bebê Amari em seu andador. Ela dirige-se para a cozinha, onde Yari está ao telefone, colocando cinzas de um cigarro em um cinzeiro de vidro azul.

—Ligue-me amanhã, idiotas, eu vou levar Amari para a Macy's para ver o Papai Noel se todos vocês quiserem vir. — Lucky rencolhe o casaco e dá um beijo na cabeça de Amari.

—Nós chamamos você, Yari—, diz ele.

—A menos que Belén seja boa demais para isso!— Ela grita enquanto seguimos para o corredor.

descemos as escadas em silêncio. Eu não estava esperando essa tortura até amanhã.

—Vou deixar meu carro aqui. Não há como encontrar um lugar—, diz ele, olhando por cima do ombro.

Há algo que eu posso detectar em Lucky que nunca esteve lá antes. Apreensão, nervos? Talvez seja difícil para todos voltarem para casa.

Subimos a colina no silêncio da neve, meu Converse escorrega um pouco e Lucky agarra meu braço. Os sentimentos que nadam através de mim são tão intensos e dolorosos que me

sinto enjoada. Mas eu me agarro ao seu braço como se nunca tivesse me agarrado a nada.

—Eu não sabia que Yari tinha um bebê—, digo em voz baixa.

—Sim, ano passado. Você realmente não manteve contato com ninguém, Bey. Incluindo nós. —

—Eu sei. Acho que eu estava meio que fugindo. — A neve cai em seu cabelo curto e se derrete em gotas claras que refletem as luzes da rua. Eu quero passar meus dedos pelos cabelos dele. Eu quero abraçá-lo. Quero dizer a ele o quanto senti falta dele e como é difícil viver sem ele.

—E você, Lucky? Você manteve contato com todos? Você já esteve em casa para visitar? —

—Duas vezes, com esta viagem são três. Cheguei aqui no ano passado para o Natal e uma vez no verão. Mamãe já foi algumas vezes quando eu saí de licença. Com amigos, apenas através do Facebook. Não é como se eu chamasse alguém ou escrevesse cartas. Yari gosta de fofocar, ela me mantém atualizado. —

—Eu não falei com ninguém—, eu digo, desenrolando meu lenço para pegar um pouco de ar.

—E o norte do estado? Você está vendo alguém lá em cima, Lenny? Você está namorando? — Lucky pergunta e ele parece confiante em sua pergunta. Talvez isso signifique que *ele esteja* namorando. Ele tem namorada na Carolina do Norte, mantendo a cama aquecida.

Chegamos ao nosso prédio e ficamos em frente à luz da rua. Eu balancei minha cabeça e abri e fechei a boca para falar, mas eu não quero deixar Lucky entrar em toda a minha dor de cabeça fodida. Não é realmente culpa dele, e é ótimo se está seguindo em frente. Eu não quero que minha aflição seja dele também, eu não desejaria isso a ninguém.

—Estou vendo um terapeuta—, eu digo, tentando manter minha cabeça erguida com convicção. —E Jeremy quando vem me ver. Eu tenho uma colega muito legal chamada Lucy. Isso é tudo para mim. —

—Você está namorando um terapeuta, ou você vai a um para pedir ajuda? — Lucky pergunta, colocando a mão no meu ombro.

—Eu não estou namorando ninguém—, eu digo e arrisco um olhar para seus olhos. Ele parece tão preocupado. Ainda mais atraente do que alguns minutos atrás. Eu tenho aquela mesma sensação de que eu fico em meus sonhos. Quando a mão de Lucky me toca é a única coisa na terra que eu preciso.

—Você parece um homem—, eu sussurro para Lucky.

—Eu sou um homem, Belén—, diz ele.

Seu contato visual é demais para mim. Eu olho para os meus pés.

—As coisas estão bem, Bey? Você está bem? — Ele pergunta, preocupação sombreando sua testa.

—Eu estou bem, Lucky. Estou tomando isso dia a dia. —

—Isso é por causa de mim? — Ele pergunta e vejo seu rosto, assumindo o alarme. —Eu estraguei tudo, porque eu juro, eu vou... —

—Você vai o que? Sou eu. Não é você, Lucky. Há algo errado comigo. —

— *Belén*, não há nada de errado com você. —

—Eu vou entrar, Lucky. Vejo você amanhã. —

Eu deixo ele parado do lado de fora na neve. Ele não me segue e eu não pergunto para onde ele está indo. Talvez apenas volte para a Yari. ou procure uma festa.

Tudo o que sei é que agora é óbvio, Lucky está bem sem mim, e eu sou assim, quebrada, sem ele.

Lucky

Belén parece exatamente a mesma. Um pouco mais cansada, talvez, e magra, como se ela tivesse perdido algum peso. Não posso acreditar que ela me encontrou na Yari. Esse foi o último lugar que eu pensei que ela iria e eu não estava planejando encontrá-la até amanhã. Mas Belén sempre me surpreende com sua independência. Ela sempre foi dona de si e fez suas próprias coisas.

Eu ainda quero rasgar sua roupa e lambê-la toda, enterrar meu rosto entre as pernas dela, quero que ela venha, até que chore meu nome. Eu acho que ela é tão solitária que está

triste. Eu quero tirar tudo isso. Eu pensei que poderia tirá-la do meu sistema, mas tudo o que preciso é vê-la uma vez para eu sair do controle novamente.

Eu sinto vontade de ficar chapado. Ir pegar uma garota. Eu quero beber até ficar no esquecimento e dar o fora. Eu não quero ver nenhuma dor no rosto dela, especialmente se eu a coloquei lá. Achei que se afastar iria nos ajudar, mas parece que eu a prejudiquei para sempre.

Capítulo Dezessete

Belén

Nós estamos tão bêbadas, como loucas de bêbadas. Nós temos bebido desde Macy. Yari deixou Amari no berço e começamos a beber do barzinho de canto da Yari antes mesmo de comermos o jantar de Natal. Em seguida, paramos no apartamento de Titi e *fizemos* algumas fotos e *coquito* feitos com Coco Lopez pelo novo e corpulento namorado de Titi.

Lucky conseguiu seus presentes e subimos as escadas com Yari seguindo atrás de nós, gritando em seu telefone com o seu atual namorado sobre onde diabos ele estava na noite passada. Lucky olha para mim e ri e murmura a palavra —Típica—. Eu abaixei minha guarda e também ri e juro que posso ver os olhos de Lucky brilharem. Eu sinto falta quando ele olha para os meus lábios.

—Não, foda-*se,* desculpa, desculpa !— Yari grita ao telefone, segurando-o direto para a boca. Lucky e eu rimos mais um pouco e Yari levanta o dedo.

—Vocês também podem se foder—, ela diz, e volta a gritar.

—Cinquenta dólares em Raymond, Belén. Dentro de cinquenta minutos—, Lucky diz e sorri para mim mais um pouco.

—Para Yari bater nele? Vou colocar cinquenta no Raymond de qualquer forma, temos que mantê-la bebendo. —

Mal nos encaixamos no salão com nossas jaquetas e botas de inverno, eu procuro através dos bolsos pela minha chave. Meu corpo está agitado e Lucky coloca a mão em mim. É só uma mão no meu quadril. Um simples gesto, más luzes vermelhas começam a piscar por todo o meu corpo e uma sirene toca na minha cabeça.

—Vou colocar cinquenta com quem você vai ficar, Belén—, diz Lucky, colocando as costas para a porta e bloqueando o meu caminho.

—Oh sim, quem é esse? Não há muita opção. — Eu digo, finalmente encontrando a chave. Eu enfiei na fenda que fica entre o braço dele e a cintura.

—Eu não sei. Quem você quer que seja? —

Eu acho que estou corando vermelho brilhante, do calor ou da bebida ou talvez seja Lucky, que eu ainda estou apaixonada, de pé bem aqui na minha frente.

—Estamos na casa de Belén e depois vamos vir!—, Grita Yari em seu telefone.

—É o pai de Amari? —

—Não, idiota, esse é o novo. Ele tem um bom carro. —

Mami nos beija e nos força a comer mais. Abrimos presentes debaixo da árvore e até me lembrei de pegar rapidamente coisas para Yari e Amari enquanto eles estavam

distraídos na Macy's. Eu dei para minha mãe uma camiseta Vassar e ela chora quando abre.

—É só uma camiseta, mãe—, eu digo.

—Eu sei, mas estou muito orgulhosa de você!— Ela diz, chorando e me abraçando com força.

—Estamos todos orgulhosos de você, Lenny—, diz Lucky enquanto abre presentes de sua mãe. —Eu tenho uma coisa para você, aqui, pegue—, ele diz, me jogando uma pequena caixa.

Eu abro lentamente com todo mundo olhando. O que ele poderia ter me dado? Estou com medo de abri-lo. Eu rasgo o papel e parece uma caixa de jóias. Levanto a tampa e dentro vejo quatro pedaços de vidro de praia carmesim aninhados num quadrado de algodão.

—Oh meu Deus, Lucky! Onde você os encontrou? —

—Eu não estou longe do oceano. Às vezes eu faço caminhadas na praia. Eles se inundam com a maré. —

Eu olho para ele e amo o jeito que ele está olhando para mim, com tanto carinho em seus olhos. —E há muitos vermelhos lá? —

—Não, não muitos. Você tem que realmente procurar por eles. —

—Isso é porque eles não fazem mais vidro vermelho. Ele tinha chumbo e eles usaram ouro real para obter essa cor de

amora—, eu digo, animada com as novas peças. Yari revira os olhos para mim, mas todo mundo está sorrindo.

—Sim, Lucky levou o lixo de Belén para o Natal! Vamos ver o que ele me deu. — Ela abre um pacote que tem pequenos sapatos prateados para Amari. Ela abraça Lucky por muito tempo e beija ele na bochecha. Brindamos aos presentes e à nossa saúde, à faculdade, aos militares e ao novo bebê de Yari.

Nós limpamos o papel de embrulho e fitas. Yari e eu ajudamos Mami a mudar a mesa para preparar mais comida. Hemi e sua equipe estão chegando e todos gostam de comer. Eu coloquei uma garrafa de *Anis del Mono,* bem ao lado da natividade.

Os gêmeos aparecem primeiro e já estão destruídos. Hemi vem em seguida com Briana que está arrastando Jovani, o mais novo. Annalise está presa carregando todos os presentes.

Cantamos músicas natalinas, comemos mais e bebemos coquetéis até que as garrafas secam. Yari está no colo de Raymond e Lucky me pega quando saio do banheiro e sussurra em meu ouvido que lhe devo cinquenta pratas.

—Eu acho que eles têm que fazer isso para contar—, eu digo, colocando meu cabelo atrás da minha orelha.

—Essas são as regras, huh, Len? Eles têm que beijar? —

—Obrigada pelo vidro vermelho do mar. É o presente mais atencioso que já recebi. —

—Qualquer coisa por você, Bey. Qualquer coisa. Realmente—, ele diz, mas é o máximo que conseguimos

porque Tia Hemi está correndo em direção ao banheiro e ela nos espreme em um abraço bêbado e nos conta o quanto sente falta de nós. Ela nos pede para, por favor, pegar os gêmeos, porque ela não pode tirá-los da casa e eles estão arruinando quaisquer perspectivas que ela tem para uma vida amorosa.

—Hemi, acho que Yari é quem você está procurando. Veja como ela está com Raymond, — Lucky diz, me dando um sorriso.

—Eu pensei que ela estava apenas bêbada. Você realmente acha que ela gosta dele? —

—Lucky tem dinheiro apostado nisso—, digo a Hemi.

—Não. Esqueça. Eu não estou criando outro maldito garoto—, Hemi diz e continua para o banheiro.

Lucky está encostado na parede, parecendo todo tipo de sexy. Ele toma um gole de sua cerveja e sorri, apontando para minhas meias de Natal.

—Eu os peguei hoje—, eu digo, tomando sua cerveja. Mexo os dedos dos pés e me sirvo de um gole, juro que queima minha boca por tocar a garrafa onde eu sei que seus lábios e língua a atingiram.

—Sim, eu percebi isso, Bey. Porra, eu realmente senti sua falta—, diz ele, passando a mão sobre a cabeça. Quando seus olhos encontram os meus, sinto que alguém acabou de me tirar de um buraco escuro e profundo. Eu ficarei aqui para sempre e me aquecerei com a luz do sol dele.

—Eu também senti sua falta, Lucky. Todos os dias. —

—Mas você está bem? Você está indo bem na faculdade e fazendo amigos e todas essas coisas boas? —

—Eu me saí muito bem e minha colega de quarto é incrível—, eu digo. Eu não sei onde nossa conversa poderia ir, já não discutimos isso? Eu não sei como não ser atraída por Lucky. Eu mal estou aprendendo a viver minha vida sem ele.

—Você vai sair com Yari e seu namorado? —

—Se você vai, eu também vou. Eu vim para casa para te ver, Bey. Ma disse que ninguém tinha ouvido falar de você, disse que até Tia Betty estava preocupada. Eu estou contente que você esteja bem. —

Lucky me dá um abraço, me sinto tão frágil que acho que posso me desintegrar em seus braços. Eu tento abraçá-lo de volta o mais normalmente possível.

Na casa de Mike namorado de Yari, bebemos ainda mais. Eu mal consigo ver diretamente e todo o seu apartamento está coberto de luzes de Natal multicoloridas. Cada uma delas emite uma pequena aura de cor, elas estão grudadas na parede e passam por cima de todas as janelas. Mike e Lucky rolam um baseado e eu dou a ele uma olhada.

—Bey, eu tenho estado completamente limpo. Não me olhe assim. —

—E se você tiver que fazer um teste de drogas logo depois de voltar? —

—Eu tenho um mês de folga. Eu só estou comemorando o Natal, eu vou direto depois disso.'

Eu vou ao banheiro com Yari. Ela faz xixi e reaplica o brilho labial ao mesmo tempo.

—Você está namorando alguém ? —

—Não realmente—, eu digo, inclinando minhas costas contra a porta. —Minha terapeuta quer que eu esteja aberta para namorar mulheres, então eu fiquei com uma garota muito bonita chamada Kat. Mas é isso. —

—Espere, você beijou uma garota? —

—Sim—, eu digo e encolho os ombros para ela. Não parece grande coisa. Estou acostumada a Lucy e tudo o que ela faz é brincar com garotas.

—Isso é meio quente, Bey. Você contou a Lucky? —

—Não, eu realmente não tive a chance de falar com ele. — Eu tiro minha camisa. Eu estou usando apenas um pequeno top por baixo, mas de repente eu me sinto quente.

Voltamos para a sala e nos sentamos no chão. Lucky parece chapado e Mike parece estar desmaiado. Yari se senta atrás de mim e me puxa para perto dela, envolvendo os braços em volta do meu umbigo. Lucky se anima. Yari começa a sentir meu peito através da minha regata, ela circula meu mamilo com o dedo até que ele enrugue no pano. Eu bocejo e depois dou uma risadinha.

—Yari, que porra você está fazendo? — Exige Lucky.

—Acalme-se, Lucky, Belén está com garotas agora. Ela me disse no banheiro— Yari se inclina e puxa minha boca para a dela. Ela me alimenta muito com a língua, parece que estamos atuando em um filme pornô.

—Isso é verdade, Lenny? — Lucky pergunta. Eu olho para cima para vê-lo se elevando sobre nós. Eu posso ver sua ereção através de suas calças e seu fascínio na maneira como está olhando para nós.

—Nem todas as meninas—, eu digo e um soluço escapa. — Apenas bonitas como Kat. —

—E Yari? —, Pergunta ele.

—Eu não sei. Eu nunca pensei sobre isso. Ela só começou a me beijar. —

—Vamos para o quarto—, diz Yari. —Você quer vir, Lucky? —

—E quanto a Mike? —, Pergunta Lucky.

—Ele está desmaiado, não tem como ele conseguir de qualquer maneira. Venha, Belén. Vamos ficar nus. —

No quarto de Mike, Yari me desmonta. Ela começa a chupar meus seios e lamber meus mamilos. Tenho a sensação de que ela fez isso antes. Eu olho para Lucky e seus olhos estão queimando. Sorrio para ele e dou risada quando Yari pega ainda mais meu seio. Eu saio da minha calcinha de renda o mais graciosamente possível, nunca perdendo o contato visual com Lucky.

—Você vem ou o que? —, Diz Yari, jogando sua própria calcinha em Lucky.

Ela está nua, é bem gostosa. Eu nem teria sido capaz de dizer que teve um bebê recentemente.

Lucky caminha até nós e Yari agarra seu rosto. Ela está beijando-o e e fazendo um show com a língua. Ela nem sempre pode beijar assim. Eu acho que ela ainda está seduzindo. Eu assisto com admiração quando Lucky se afasta um pouco e levanta a camisa sobre a cabeça. Ele esta tão gostoso agora, como alguém de uma revista fitness. Eu acho que são os fuzileiros navais. Ele continua beijando Yari, mas olha para mim. Ele estende a mão para mim e me puxa para mais perto. Eu estou vacilando em meus pés, tropeço e sinto meu corpo fazer contato com o dele.

Então Lucky está me beijando. Eu estou viva sob o seu toque, como se tivesse entrando em erupção de repente. Minha pele se arrepia e amor corre através de mim como uma droga. Com uma nova onda de adrenalina me animando, fico na ponta dos pés e pressiono meu corpo contra o dele. Ele envolve seus braços em volta de mim e me leva até a parede. Seu beijo me abre e eu sinto que estou caindo em queda livre.

Lucky esmaga sua boca na minha e nosso beijo é uma batalha. Estamos lutando para ver quem pode colocar mais sentimento nisso e nossas línguas são as armas. Eu esqueço onde estamos. Eu esqueço que somos primos. Eu me perco em seu beijo, porque é uma batalha que não quero ganhar. Eu quero perder e ser tomada, perder e ser conquistada por ele.

Lucky me empurra para a cama e está imediatamente em cima de mim, levantando meus braços acima da minha cabeça. Ele beija meu pescoço e se mexe contra mim.

—Jesus Cristo, Bey, eu senti sua falta—, diz ele como está lutando por ar. Meu peito também está arfando e eu pressiono meu corpo contra o dele. Eu quero morrer aqui assim, nos braços de Lucky, cercada por seu amor. Ele está fodendo minha boca com sua língua, o amor de Lucky para mim é primitivo, isso não é uma paixão. Eu abro minhas pernas e empurro minha pélvis para o centro dele buscando ser preenchida. Ele morde com força meu lóbulo da orelha e eu sacudo e gemo em resposta.

—Com licença, filhos da puta!— Yari diz, limpando a garganta. Ela está com a mão no quadril e balança a cabeça. Ela se inclina para o chão e pega uma das camisetas descartadas de Mike e a coloca sobre a cabeça. —Vocês estão fodidamente nojentos. Isso é chamado de incesto, você sabe. —

Eu choro em resposta e me afasto do peito de Lucky. Ele responde com um forte puxão nos meus braços, me pressionando mais forte, recusando a separação entre nossos corpos.

—Você começou, Yari. Eu estava indo muito bem até você me provocar!—

—Lucky, eu estava apenas tentando me divertir um pouco porque estamos todos fodidos e é Natal. Eu não estava planejando a reunião de amor da sua família pervertida. Ela é como sua irmã, então derrepente a esta fodendo, doente! Agora

saia da cama do meu namorado, ele não quer suas bundas sujas nela. —.

Eu pego meu sutiã e o puxo de volta em humilhação, puxo minhas calças para cima e fico em pé, então corro para a sala para pegar minha camisa. Estou desesperada para sair, para dar o fora daqui, voltar para Poughkeepsie. Estar perto de Lucky, traz a doença em mim.

—Len, diminua a velocidade. Tudo está bem—, diz Lucky. Ele está de pé apenas em seu jeans e não se preocupou em colocar a camisa. —Nada aconteceu que não tenha acontecido antes. Nós podemos passar por isso. Nós apenas ficamos bêbados e bagunçados, isso é tudo. —

—Isso não pode acontecer novamente. É por isso que não posso voltar para casa. Eu não posso te ver, Lucky, sem voltar a amar você!—

Os olhos de Lucky se arregalam quando digo isso, seus lábios se abrem em surpresa. Ele me olha como se eu tivesse chocado ele em silêncio. Ele não tem resposta.

Mike parece que acordou e não consegue descobrir o que está acontecendo. Yari está nos olhando presunçosamente e balançando a cabeça. Lucky tem os braços sobre o peito e parece que está com dor. Eu pego meu casaco fora do gancho e corro para fora da porta. Eu tenho que fugir.

Eu mal durmo, apesar de ter bebido mais álcool do que nunca. Quando fecho meus olhos, tudo que vejo é Lucky em todo

lugar, vejo seu corpo duro e seu coração macio e ardente. Eu sinto sua carne contra a minha e estremeço com apenas o pensamento de seu toque. Levanto-me no meio da noite e vou para o armário de remédios. Tomo aspirina para minha cabeça e Advil para minha febre. Eu corro Vaporub debaixo do meu nariz e na minha testa. Eu não tenho ideia para que, mas Mami esfregou essas coisas em cima de mim sempre que eu ficava doente, então de alguma forma é reconfortante, apenas o cheiro medicinal e mentolado dele.

Estou doente, em mais de uma maneira. Eu nunca deveria ter voltado para casa, como eu fiquei tão idiota? Mami estaria disposta a fazer a viagem ao norte do estado. Eu tenho que ficar longe da Lucky, não aguento mais a tortura.

Exausta e desesperada, eu então puxo o pote de mel da parte de trás da geladeira. Eu desaperto a tampa e mergulho meu dedo na gosma âmbar e trago aos meus lábios, chupo o mel do meu dedo e coloco a tampa. Eu deveria esvaziá-lo e liberar meu coração de vidro, deveria colocar o nome de outra pessoa lá, então tenho uma chance de amar nesta vida. Eu deveria esmagar o jarro, jogá-lo no topo do telhado. Porque meu coração está sufocando no fundo de um poço grosso, sob uma vida inteira de camadas do doce amor de Lucky.

Estou fraca demais para resistir a ele. Eu não sei como dizer não. Quando minha vida ficará mais fácil? O estresse está me destruindo, nem sei como querer mais ninguém.

Quando serei libertada dessa doença? Quando o amor vai parar de se como uma maldição?

Saio de manhã cedo e Mami chora quando digo a ela.

—Por favor, reconsidere, *mi vida,* a neve está caindo forte—, diz ela enquanto me ajuda a arrumar minha mala.

—Eu não posso estar perto de Lucky, mãe, está partindo meu coração. —

Mami chora, assente e dobra minhas calças. Talvez ela realmente entenda afinal. Ela não me acusa de ser suja ou inadequada ou qualquer coisa. Apenas me diz que me ama e tenta me fazer tomar um monte de dinheiro. Ela puxa para baixo da lata de farinha em cima do armário da cozinha, pressionando-o na minha mão e acenando com a cabeça, — *S* í, *Belén, toma.* —

—Eu não preciso disso, mãe. Eu tenho meu trabalho na biblioteca. Você já está fazendo o suficiente para mim. Guarde para que você possa fazer a viagem quando eu me formar.'

Eu arrasto minha mala pela neve e saio com um táxi cigano na Broadway. Eu digo a ele, —Autoridade Portuária—. Eu gosto do trem, mas o ônibus é mais barato e estou bem sentada e pensando nas próximas horas. Preciso limpar minha cabeça e meu coração de tudo sobre Lucky. Eu me sinto um pouco desajeitada por não dizer adeus a Titi, a Yari e a todo o resto da minha família. Mas eu não posso dizer me despedir a Lucky. Eu não posso vê-lo novamente. Nunca mais. Eu tiro os pedaços de vidro vermelhos da praia do meu bolso e os atiro em um banco de neve. Eles parecem tão bonitos contra o pano de fundo branco, quase como se estivessem brilhando. Alguém os encontrará. Alguém mais terá sorte. Enquanto me afasto, não

posso deixar de sentir que deixei os pedaços do meu coração despedaçado por toda a calçada.

Lucky

Ser um Grunt não é tão ruim. É como um trabalho legal, onde você está sempre saindo com os amigos. Mas, nunca há tempo suficiente e nunca durmo o suficiente. Todos os dias estamos aprendendo algo novo, e nem tudo é para se preparar para o combate. Aprendemos todos os cenários possíveis antes da implantação. Fizemos cordas e rapel em penhascos, sobrevivência na selva e até um dia aprendendo como salvar civis em afogamento. Acontece que eu sou um forte nadador. Quem teria pensado? Eu cresci no sul do Bronx. Não é como se estivéssemos nadando no East River ou subindo e descendo o Hudson.

Eu amo o clima na Carolina do Norte e a maioria dos caras aqui são legais. Há outro cara do Bronx no meu batalhão e nos demos bem desde o primeiro dia. Nós temos o mesmo histórico, então tivemos mais ou menos a mesma educação.

Nos fins de semana, quando fazemos uma pausa, entramos em Jacksonville para nos embebedar ou jogar dardos e sinuca. Eu nunca vou para casa nem quando chegamos às 96, eu fico qui na base. A verdadeira razão pela qual vamos para a cidade é pegar mulheres. Eu tenho minha arrogância e estou tão em forma como sempre estarei. Não é difícil transar. Eu praticamente tenho garotas rastejando em cima de mim. Não

conheço ninguém especial, não sei o que faria se o fizesse. Mas eu gosto de foder por esporte. Eu sou sempre o vencedor, um campeão natural.

Estar aqui me faz sentir diferente, e não me importo de ser um número, tira toda a pressão. Eu sou um daqueles caras que aguarda a implantação. Alguns dos fuzileiros navais que já estão por aí dizem que é típico de um Grunt estar ansioso para sair daqui. Eles dizem que pode ser chato por lá, que você pode ficar preso por semanas em uma missão onde tudo que você faz é sentar e esperar. Ou essa merda pode ficar cansativa, você se arrastar por quilômetros de uniforme carregando armas e peso, apenas para se arrastar de volta no escuro de onde você veio sem disparar sua maldita arma.

Mas eu não sei, ainda estou ansioso para ir. Eu quero *fazer* alguma coisa, é como eu tenho que tirar isso de mim. Há uma parte de mim que está instável e não sei como colocar isso em palavras. O fogo está sempre lá. Está continuamente queimando. Eu sinto que nada me deixa mais forte. Mesmo quando estamos correndo e nos escondendo em valas, disparando armas ou aprendendo combate corpo-a-corpo, eu ainda não estou recebendo carga suficiente, aquele sentimento onde a adrenalina rasga através de você e tudo que você pode ouvir é o seu próprio coração batendo no seu peito, a batida de tambor ensurdecendo seus próprios ouvidos, só para lembrá-lo de que você é feito de sangue e coragem mesmo que se sinta indestrutível. Eu anseio por esse sentimento, o máximo supremo. Eu costumava levar aquela merda facilmente de volta às alturas com uma agulha no braço.

Eu também tinha outra fonte, que nunca ficava seca. Eu poderia ter a mesma sensação de estar perto de Lenny. Respire seu perfume e meu coração está em chamas e meu sangue está correndo pelas veias. Ela me transforma em uma porra de animal sempre que estou perto dela. Tudo o que posso pensar é transar com ela sem sentido e arrastá-la para que nada e ninguém a toque. Belén, a doença volta mesmo quando eu apenas me deixo pensar nela. Ela é o maldito espinho do meu lado, mas ela também é a centelha secreta que me inflama.

Belén

No semestre da primavera eu ganhei o prêmio de antropologia pelo meu trabalho sobre casamento consanguíneo no Norte da África e como ele preserva a continuidade cultural. Eu gosto de estudar o que sei e não consigo me cansar de pesquisar esse assunto em particular.

Lucky é implantado pela primeira vez e eu ouço de minha mãe e minha tia. Ele foi enviado para uma pequena turnê no Iraque. Titi me diz para não se preocupar, que Lucky está animado para ir e ansioso para obter alguma experiência real. Observo as notícias como um falcão e examino os papéis. Eu estudo a história do conflito como uma maníaca e recebo alertas da CNN e do Google no meu telefone, para que eu nunca perca uma atualização.

Eu também não sinto falta da terapia de grupo, e o Cara do Safari e eu nos tornamos amigos. Seu nome é Bryan e nós meio

que naturalmente nos tornamos os padrinhos uns dos outros. Mas na terapia de grupo de co-dependência você tem que assistir a um vídeo de quarenta minutos muito ruim e datado sobre como *não* se tornar co-dependente com seu padrinho.

Então, Bryan e eu saímos para comer torta e tomar café depois da nossa sessão. Ele fala sobre Jan e eu realmente não falo sobre Lucky. Ela ainda está bebendo e o mais recente é que ela bateu seu caminhão. Então Bryan pega o ônibus para o grupo e hoje ele tem que ir trabalhar até o seguro entrar em ação. Jan não trabalha. Ela dorme o dia todo e vai para os bares à noite. Ela tem cirrose hepática agora e tem que tomar medicação, e não deveria estar bebendo.

—Bryan, você trabalha tão duro por sua parte. Você já conversou com Jan sobre ir para a reabilitação?

—E deixá-la sozinha com as contas e a casa? Não tem jeito. Eu não pude. —

—Uh, eu quis dizer Jan. Ela provavelmente poderia usar uma temporada em Betty Ford ou em um desses lugares. Eu acho, e é apenas minha opinião, Bryan, que você está recebendo ajuda suficiente para si mesmo. Vamos fazer com que Jan assuma alguma responsabilidade. Veja como ela faz sem você. —

—Não posso me separar dela, Belén, ficaria infeliz sem ela. Além disso, ela nunca iria sobreviver. Quem se certificaria de que ela não fizesse DO? Eu conto seus antidepressivos, todos os remédios dela toda noite!—

—Acho que é esse o ponto, que você deixaria ir para ficar saudável—, eu digo, dando uma mordida na minha torta de chocolate-manteiga de amendoim, que é composta basicamente de pudim e barras de chocolate em forma de cunha pressionado em cima de um biscoito.

Eu não quero nunca ser Bryan, prefiro nunca mais ver Lucky do que ficar com o fôlego dele e ficar obcecado com o bem-estar dele, que é o tipo de coisa que estou fazendo. Eu sinto meu celular zumbindo no meu bolso, o coloquei em silêncio e paguei a conta para nós dois.

A porta do nosso quarto está aberta e eu vejo Lucy saindo com a nossa televisão. As cordas estão se arrastando pelo chão e ela está suando.

—O que você está fazendo, Lucy? Você quer que eu ajude com isso?

—Livrar-se do seu feed de notícias. Eu não posso fodidamente pegar isso. —

—Eu me transformei em Bryan—, digo, largando minha mochila.

—Eu não posso ficar com você, BeyBey, se você continuar obcecada. Ele escolheu o que queria fazer e você não pode controlá-lo. —

—Você está certa. Eu sinto Muito. —

—Você nem sabe o que ele está fazendo ali! Por tudo que você sabe, ele ainda pode estar em banheiros de limpeza de base!—

Eu fico acordada a noite inteira apagando os favoritos do meu computador e tirando os alertas do meu telefone. Eu mando e-mail para minha mãe para dizer a ela que sou livre de notícias e que, se algo realmente grande acontecer, eu estou confiando nela para me mandar um e-mail.

Lucy e eu planejamos conseguir um apartamento juntas fora do campus para o nosso último ano. Vou ter que convencê-la de que sou sensata se quiser que isso aconteça.

Na manhã seguinte, digo a ela que limpei meu ato. Que eu terminei com essa de ser apaixonada e estou seguindo em frente com a minha vida.

—Com o tempo, você é louca. Vamos celebrar com panquecas. —

Depois do café eu faço algo que nunca pensei que faria. Eu chamo Jeremy e o convido para o fim de semana.

—Mas eu pensei que você não gostasse dele? — Lucy diz quando conto a ela. —Aquele garoto me assustou. —

—Eu não acho que sim, mas vou descobrir. A Drª Davidson sempre traz à tona que eu me molhei por ele e ela acha que é significativo. —

—Belén, não traga o assunto sobre a sua boceta molhada enquanto eu estou comendo meu café da manhã. —

Capítulo Oito

Belén

Eu vou me formar antes de Lucy, estou mais do que um semestre à sua frente. Mas acho que vou ficar por aqui e descobrir o que quero antes de ir direto para a outra faculdade. Eu gostaria de viajar e conhecer o mundo, talvez se juntar ao Corpo da Paz, não quero abandoná-la com o nosso contrato de aluguel, mas Lucy jura que é legal de qualquer maneira. Mas eu não acredito nela.

Temos uma pequena pausa chegando e Jeremy me convidou para sair. Acontece que sua família tem uma casa que aluga e Jeremy tem as chaves e pode usar quando quiser. Ele vai me levar de volta para a cidade e de lá vamos voar para a Carolina do Norte para o fim de semana.

Jeremy apareceu algumas vezes desde que eu tentei reacender a nossa —coisa—. Nós fizemos muito fortemente e eu tentei dar-lhe um boquete, não sei se fiz certo, mas ele veio em cima de mim. Eu não sinto muita atração, mas na verdade, estou desesperada para sentir algo e perder minha virgindade antes de me formar na faculdade. Vou me sentir estranha com um diploma de bacharel e sem experiência sexual suficiente para impressionar uma criança de doze anos.

Jeremy e eu vamos para o hospital e pegamos Mami no intervalo do almoço. Ela me abraça com força e me surpreende,

puxando Jeremy para um abraço caloroso também. Nós a levamos para almoçar em um novo e sofisticado bistrô destinado a médicos ricos. Incentivo ela pedir aperitivos e tentamos um monte de coisas no menu. Jeremy é tão gentil com ela e isso meio que derrete meu coração. Ele insiste que ela peça sobremesa, mesmo que seja para levar, para que ela possa levar para casa. Falamos sobre a minha formatura e como Jeremy e seus pais estão planejando vir.

Mami me beija e me abraça com força quando nos separamos e sussurra: —Belén, não posso acreditar o quanto você cresceu—.

Nós vamos para o lugar bonito de Jeremy para que possamos ver seus pais. Eu os conheci brevemente antes, mas esta é a primeira vez que eu sento e converso com eles. A mãe de Jeremy, Belinda, tem seus olhos azuis chocantes. Ela está impressionada por eu estar me formando cedo e surpresa por ter me formado em biologia.

—Eu não sei, Belén, eu sempre levei você para ser o tipo de artista. —

Ela me conta sobre os Outer Banks e como sua família costumava passar as férias lá quando eram jovens. Mas depois que Jeremy nasceu, eles começaram a ficar perto da Emerald Isle. O pai de Jeremy, Tom, recebe uma ligação em seu celular e ele se levanta para pegá-lo. Ele ri cordialmente com quem quer que esteja falando e depois diz: —Não, Jeremy está aqui com a namorada—.

Estou chocada e um pouco assustada com a palavra e meus olhos procuram por Jeremy. Ele está arrastando sua mala para a

porta, sorri e pisca para mim. Eu sinto o calor fluir através do meu corpo e penso, este será o fim de semana em que vou perder minha virgindade, goste ou não.

O vôo é sem sem problemas e Jeremy tem champanhe e eu bebo espumante na primeira classe. Ele brinda para o nosso primeiro fim de semana juntos, tilintando seu copo no meu, ele diz: —Para nós!—

Parece ridículo, como algo saído de um manual para passar um tempo significativo e de qualidade como um casal.

—Para nós—, eu repito e bato meu copo no dele. Eu tomo um gole e tento engolir todas as minhas inibições. Jeremy é ótimo, digo a mim mesma. Eu não poderia fazer nada melhor.

O timeshare (casa alugada para as férias) é lindo, talvez o melhor lugar que já fiquei. Tudo é limpo e branco e decorado como uma antiga plantação do sul. Há uma cama king size no quarto onde nós colocamos a nossa bagagem e eu olho para ele com apreensão.

Não é que eu não queira. Estou decepcionada com o quão sem graça tudo parece. Não deveria parecer mágico e excitante? Eu não deveria estar desmaiando e tendo sonhos de nosso lindo encontro? Eu só quero que ele a coloque como se você estivesse assando algo no forno. Retire, verifique a temperatura e depois tome um banho muito quente.

Nós nos vestimos. Eu uso uma camisa branca esvoaçante com uma mini saia turquesa, a camisa de Jeremy combina com seus olhos.

O amigo de seu pai é dono do restaurante e não apenas me deixam beber, como também nos não precisamos pagar a conta. Nós comemos ostras e bebemos rum escuro e a noite toda a mão de Jeremy continua voltando para acariciar minhas coxas.

—Belén, eu queria você desde que eu coloquei os olhos em você na escola—, diz ele, deslizando a mão um pouco mais alto, desliza um dedo na minha calcinha e eu quase engasgo com o meu mojito.

—Eu acho que preciso ficar um pouco mais bêbada—, eu sussurro. Ele passa o dedo pelo meu clitóris, meus mamilos respondem. Eu exalo lentamente. —Podemos ir a um bar? —

Dirigimos quinze minutos para um lugar que parece um bar de esportes no meio do nada. Saímos do carro e Jeremy bate a porta, um pouco mais do que aborrecido comigo. Eu gostaria de poder canalizar Yari e aproveitar minha sexualidade.

—Eu estive aqui algumas vezes nos finais de semana. Fica meio louco, as pessoas gostam de se perder. Eles não pedem identidade, eu entrei antes de completar vinte e um anos. —

É alto por dentro, sem muita luz, e algumas pessoas estão dançando. Há mesas de bilhar e placas de dardos, mas principalmente há muitos sujeitos intoxicados gritando e bebendo.

Nós nos sentamos no bar e Jeremy nos manda dois tiros. Eu tomo o meu de uma vez só. Ele queima no caminho para baixo e de repente me sinto muito bem. Eu posso fazer isso. Eu posso ser uma boa companhia.

—Obrigada por me trazer aqui, Jeremy. Eu realmente precisava me soltar. Isso é exatamente o que o médico receitou. —

—Deixe-me pegar outra para você!— Jeremy grita e me beija nos lábios, rapidamente deslizando sua língua para dentro.

Meu telefone toca na minha bolsa e eu puxo para fora e olho. Minha tela está acesa. Lucky está me chamando. Ele *nunca* me ligou antes.

—Lucky? — Eu digo ao telefone, imediatamente temendo o pior.

—Bey, me diga que você não está em um bar na Carolina do Norte com aquele idiota da festa—, ele diz, parecendo bastante bêbado.

—Eu não sabia que era um bar da Marinha, espere, vou perguntar ao Jeremy. — Eu ponho o telefone no meu peito, olho para Jeremy e sorrio. —Bem, você não sabe, meu primo Lucky está neste bar. —

O pensamento passou pela minha cabeça quando decidimos vir para cá. Eu até fantasiei em ligar ou acidentalmente me deparar com ele. Mas eu mantive isso em cheque e me forcei a me concentrar em Jeremy. O que diabos é o destino? Ele está apenas sendo cruel ou está tentando me dizer alguma coisa?

—Eu pensei que ele tinha sido enviado para fora? —

—Eu acho que ele está de volta e ele está tomando alguns drinques com os caras. —

—Não estou surpreso, todos eles vêm aqui para serem destruídos. Onde ele está? Vamos encontrá-lo, talvez ele tenha alguma merda boa!— Jeremy diz, tomando outro tiro. Jeremy parece mais animado em ver Lucky do que entrar na minha calcinha.

—Onde você está, Lucky? — Eu pergunto ao telefone.

—À beira da mesa de sinuca, Belén. Olhando para as suas pernas. — Eu descruzo minhas pernas lentamente e coloco meu celular de volta na minha bolsa. Eu olho para o canto e sinto um reconhecimento rastejante quando meus olhos fazem contato com um par de amarelos queimando através da luz fraca. É Jaylee com Lucky, eles se levantam de sua mesa, parecem tão bem juntos, e eles se destacam como loucos, dois garotos das Alturas cercados por fuzileiros navais de linha reta e norte-carolinianos.

—Isso é Jaylee com ele. Todo o bairro está aqui. Vamos lá, Jeremy, eles estão lá na mesa de sinuca. —

Lucky e Jaylee apertam a mão de Jeremy e me beijam na bochecha. Jeremy agarra uma cadeira e me puxa para o seu colo. Eu assisto a mandíbula de Lucky bater tão fortemente quanto ele examina o braço de Jeremy envolto sugestivamente ao redor da minha cintura.

Jaylee pede uma rodada de tiros e paga em dinheiro de um estoque grosso em sua carteira.

—Que porra você está fazendo aqui com a minha priminha Jeremy? — Lucky pergunta, com o punho na mesa.

—Estamos aqui para o longo fim de semana na bela casa dos pais de Jeremy. Vocês devem voltar conosco, certo, Jeremy? Há uma linda piscina e quadras de tênis. —

—Claro que sim, eles deveriam, se eles estão trazendo as mercadorias!— Jeremy diz e bate de volta outro tiro.

Nós bebemos mais e as mãos de Jeremy se soltam e tocam minhas costelas. Os olhos de Lucky vagueiam com eles e seu rosto está em um clarão.

Estou tão bêbada, eu mudo o colo e arremesso meus braços ao redor do pescoço de Lucky. Jeremy não parece se importar ele está mais interessado em Jaylee. Eles têm suas cabeças juntas e estão falando em voz baixa. Os dois se levantam juntos e saem para fumar. Lucky se levanta e me puxa para um abraço forte e eu me sinto como massa de modelar, derretendo em seus braços que parecem tão certos e tão familiares.

—Desculpe como nós deixamos isto, Len. Não quero perder o controle. —

—Está tudo bem, Lucky. É só essa coisa entre nós, nada disso é culpa sua. Eu vim para perder a minha virgindade neste fim de semana. Jeremy é uma espécie de meu namorado. —

—Oh, ele é? —

—Eu ainda não terminei com isso, então é por isso que estou aqui. — Achei que deveria contar antes que Jeremy dissesse alguma coisa.

—Isso é fodido, Bey. Não deveria ser assim. Não é uma tarefa que você aceita. Não deixe ele te foder só para acabar com

isso! Isso deveria acontecer naturalmente. — A mão de Lucky permanece na parte de trás do meu pescoço. Ele está de camiseta branca e calça militar preta.

—Como foi com a gente? Eu pensei que essa parte não era natural? —

—Eu não sei, Bey. Eu preciso de outra bebida. Eu não me canso de ver você em uma saia. Por que você nunca se vestiu assim para mim? —

—Por que você não saiu com eles? —

—Porque estou limpo. Algumas bebidas nos fins de semana, mas isso é tudo para mim. —

—E se eu abandonar Jeremy e você tomar a minha virgindade em vez disso? — Eu pergunto, colocando minha cabeça em seu peito. Eu digo isso como se fosse uma piada. Mas não é. Em absoluto.

É o que eu quero, como sempre imaginei.

Ele agarra meu cabelo e respira meu cheiro no topo da minha cabeça, então sua mão vagueia mais baixo e permanece no meu quadril.

—Eu não sei. Eu não acho que Jeremy gostaria disso. Ele tem trabalhado tão duro, Bey, para entrar na sua buceta. Por anos. —

—E se eu deixar ele me foder enquanto você estiver lá e assistir? —

A bebida está me soltando e eu estou dizendo o que diabos eu quero. Estou falando a verdade.

—Isso é a coisa mais estranha que eu já ouvi da sua boca. Venha aqui. — Aparentemente, ele gosta, porque pega meu queixo e levanta. Lucky pega minha boca e me beija selvagemente até minha cabeça girar e eu não conseguir respirar. A língua de Lucky é venenosa e tudo que eu quero é que ele me infecte.

Quando olho para cima, Jeremy e Jaylee estão olhando e Jaylee está rindo. Seu enorme sorriso me diz que eles estão lá assistindo.

—Jesus, vocês dois nunca desistem!— Jaylee diz, socando Jeremy no braço. —Vamos voltar para o seu lugar, cara, parece que isso pode ser divertido!—

Eu não acho que nenhum deles deva estar dirigindo. Jeremy e eu chamamos um táxi, mas Lucky insiste que ele está sóbrio. Eles seguem atrás de nós em carros separados porque Jaylee não está ficando e está planejando dirigir de volta para a cidade hoje à noite. Jeremy não diz nada para mim no táxi até pararmos em sua casa.

—Ainda vamos foder, Belén, ou você vai sair de novo, porque nós encontramos Lucky? —

—Eu ainda quero fazer isso. Talvez até mais do que eu fiz antes. Eu acho que eles deveriam participar. Todos podemos nos divertir e talvez seja ainda melhor assim. —

Saímos do carro e batemos as portas. Jeremy aparece atrás de mim no cascalho.

—Você, que se recusa a me deixar te amarrar, acha que você está deprimida por tanto tempo? Você a pervertida puritana, que não passa da primeira base? —

—Me chame de maluca se quiser, Jeremy, mas me sinto segura quando ele está perto de mim. —

—Tudo bem, mas você não é minha namorada se você está brincando com outra pessoa. —

—Eu estava realmente em primeiro lugar? —

Ele apenas encolhe os ombros em resposta. Eu sei que Jeremy fará o que Jaylee e Lucky acharem que é legal. Ele sempre foi um aspirante e olhou para aqueles dois.

Jeremy destranca a porta e todos nós quatro entramos no lugar luxuoso, Jeremy está suspirando alto e passando as mãos pelos cabelos loiros. Ele tira os sapatos e pega uma garrafa do balcão e um punhado de copos que todos se juntam ruidosamente. Ele está agindo como se estivesse irritado comigo, mas parece que é falso e ele só quer impressioná-los.

Jaylee relaxa no sofá, joga uma perna por cima da mesa de café e pisca para mim sugestivamente. Ele é tão quente que quase sinto que poderia fazê-lo sem precisar do meu primo, Lucky se aproxima de uma cadeira e se senta, abrindo as pernas em um grande V.

—Yo, Belén, você está pronta para uma foda em grupo? Ou qual é o problema? — Jaylee diz depois que ele serve uísque direto em todos os quatro copos.

—Foda-se, Jay!—, Diz Lucky, enquanto lança o tiro e empurra o queixo agressivamente para o amigo do bairro.

—Ela é minha namorada—, acrescenta Jeremy, soando um pouco choroso.

—Cara, é o corpo dela—, diz Lucky, olhando para Jeremy como se ele não tivesse direito a mim. —Como essa idéia começou de qualquer maneira? —

—Foi idéia minha—, eu digo, me surpreendendo. De repente tenho três pares de olhos me estudando atentamente.

—Eu realmente tenho dificuldade em me ligar. Muito *difícil.* Eu não sei porque. Eu não sei o que há de errado comigo. Eu fiz de tudo, desde estudar sexualidade humana até terapia especial, assistir pornografia e usar brinquedos e beijar garotas e nada, *nada* funciona para mim!— Eu digo a última parte um pouco alto demais. Todos os três estão fixados. Eu tenho toda a atenção deles.

—Whoa—, diz Jaylee.

—Exceto por Lucky. Lucky funciona para mim. —

—Você faz isso por mim também, Bey—, diz Lucky da cadeira.

Não soa como um tabu ou repugnante. Parece certo dizer isso, assim como deveria.

Jaylee bate as mãos e sorri para todos nós. —Isso é seriamente alguma merda fodida! Eu amo isso! Jer, você nos dá um pouco de gelo e eu vou rolar um pouco. Estou triste pelo que quer que a moça queira. —

Ele parece em êxtase quando começa a trabalhar. Lucky senta em uma cadeira e simplesmente olha para mim.

Talvez seja estranho passar a vida em abstinência e, em seguida, uma noite enquanto estiver bêbada, decidir transar com três homens ao mesmo tempo. Mas eu não me importo com julgamento. Eu preciso superar o que quer que esteja me bloqueando. Eu quero uma vida sexual normal. Eu me contentaria com apenas uma *vida* normal. Eu quero sentir alguma coisa. Porque eu já sei que o amor não é bom.

Todos os três estão inspecionando meu corpo e minha pele está em chamas. Jaylee é lindo. Eu pensei que desde o primeiro momento eu o vi, anos atrás. Lucky é irresistível e cem por cento masculino. Jeremy está bem também em seu tipo formal, com cabelos loiros desgrenhados que caem em seus olhos. Eu poderia querer todos os três. Talvez eu faça.

Eu me levanto e abro a minha saia e deixo cair no chão. Eu mantenho meus calcanhares e levanto minha camisa branca sobre a minha cabeça e a coloco em cima da minha saia, estou em um sutiã de renda branca, calcinha e saltos pretos, um conjunto que comprei especialmente para perder minha virgindade, solto meu cabelo e me sento no sofá entre Jeremy e Jaylee.

—Tudo crescido, Belén—, diz Jaylee, assentindo e me examinando. —Sinta-se bem para tirar essa merda do seu peito? —

—Eu só quero me sentir sexy pela primeira vez. Eu sei que não sou frígida, não acho que sou uma puritana! Mal consigo sentir atração por um cara, muito menos alcançar um orgasmo. —

—Eu posso ajudá-la—, diz Jaylee em voz baixa, em seguida, se inclina e leva minha boca.

Ele é agressivo é rápido. Ele tira meu sutiã em um segundo e está chupando um mamilo enquanto ele está acariciando o outro. —Você só quer que ele esteja assistindo ou você quer que ele participe? — Jaylee pergunta como se fosse uma pergunta simples e cotidiana. Talvez seja para ele? Talvez eles gostem em grupos?

—O que ele quiser—, eu digo, inclinando-me para Jaylee e procurando sua boca. Seus lábios estão cheios e macios, ele tem um beijo que é intenso e fácil de se perder.

—Eu assistirei. Eu não posso tocá-la. Se ela disser pare, pare. Vocês duas cadelas ouvem melhor ou eu vou cortar seus paus com uma faca de cozinha. Isso é sobre o que Belén quer, não uma porra de orgia. Seus idiotas vão ajudá-la. É sobre o corpo dela!—

—Prometo—, diz Jaylee e desliza os dedos na minha calcinha. Ele esfrega minha buceta só um pouquinho e depois me empurra de volta no sofá, se inclina para a minha barriga e escova os lábios. Sua língua mergulha por uma fração de

segundo, espalhando calor por todo o meu corpo. Ele morde meu quadril e puxa minha calcinha com os dentes. Eu vejo meu próprio estômago tremer enquanto eles deslizam pelas minhas coxas. Estou despida em um instante.

Jeremy senta atrás de mim e manobra minha cabeça em seu colo. Ele começa a brincar com meus seios enquanto ele beija meu pescoço. Meu corpo inteiro se arrepia e eu mantenho contato visual com Lucky. Estou excitada, posso sentir o calor da umidade entre minhas pernas. Meus músculos se apertam involuntariamente, prontos para alguém me levar. Eu nunca paro de olhar para Lucky. Ele é duro, mas seus braços ainda estão ao seu lado. Mesmo que ele não queira me tocar, basta ter ele assistindo. É mais do que suficiente tê-lo olhando para mim. Seu contato visual aumenta cada um dos meus sentidos.

Jaylee bate na minha bunda com força e afasta meus joelhos.

— *Relájate, chula* ! Não vou fazer nada que você não goste. —

Ele lambe a minha fenda e brinca com o meu clitóris. Eu deixei minha cabeça cair para trás e não paro de gemer. Jeremy se levanta e deixa cair as calças, aproveitando a oportunidade para enfiar o pau na minha boca. Eu provo pré-sêmen em seu pênis e giro minha língua ao redor da ponta. Dois homens ao mesmo tempo são uma sobrecarga sensorial. Tanta coisa está acontecendo, é como estar em dois lugares ao mesmo tempo. Eu sei que estou sendo usada, mas é disso que eu gosto. Eu deixo ir um pouco e parece que o mundo inteiro se abre.

Eu não consigo parar de olhar para Lucky, mesmo que eu tenha o pau de Jeremy na minha boca. Ele estremece quando fazemos contato visual, mas logo ele relaxa e desfaz as calças. Ele pega seu pênis e desliza seu punho pelo seu eixo. Meu sangue corre para vê-lo com sua masculinidade em suas mãos. Seu pênis é grosso e brilha na cabeça. Estou chupando o pau de Jeremy, mas é Lucky que eu quero na minha boca.

—Belén—, diz Lucky. —Finja que sou eu, se isso te ajudar. —

Meu coração dispara quando ele diz isso. Tudo que eu sempre quis é que Lucky tome meu corpo.

—De joelhos—, diz Jaylee, batendo na borda exterior da minha coxa. Eu me levanto de quatro. Ele puxa meus quadris para trás com força até que eles acertam os dele e ele pega a umidade entre as minhas pernas e espalha tudo com os dedos.

—Acho que podemos fazer você vir, Belén. Quantos anos você disse que tem? — Ele pergunta, e eu posso ouvi-lo desembrulhar um preservativo. Ele deve estar usando os dentes porque uma das mãos dele está cavando na carne do meu quadril com força.

—Acabei de completar vinte anos. — Não posso acreditar que estou prestes a perder minha virgindade com Jaylee, o traficante de drogas do parquinho. Yari ficaria louca. Ela e todas as outras garotas fizeram uma jogada para ele.

—Len, sou eu, colocando o preservativo. —

A voz de Lucky é tão suave e dominante. Eu visualizo em minha mente o que ele me diz e minha adrenalina dispara uma milha.

Eu sinto que deveria dizer alguma coisa, porque tudo parece muito sem cerimônias, mas Jeremy está gentilmente tomando minha boca de novo e eu não posso realmente falar.

Jaylee empurra seu pênis dentro de mim com força e eu grito de surpresa, afastando-me de Jeremy.

—Lucky!— Eu choro. Eu sei que há medo na minha cara e Lucky parece alarmado.

—Jay. Pare porra! —Lucky fica parecendo pronto para lutar.

—Não, Lucky. Está tudo bem, — eu digo, nunca quebrando o contato visual com meu primo.

—Puta merda, ela é apertada, — diz Jaylee enquanto ele meche seu pênis ao redor, fazendo-me aproveitar ainda mais.

—Porque ela é uma maldita virgem, Jay!— Lucky grita, levantando as mãos para cima e depois batendo-as novamente. —Vá para a porra fácil nela!—

—Que diabos? Ninguém me disse! Você está bem, Belén? Você quer que eu puxe para fora? —

Eu sacudo minha cabeça.

Não. Por favor, não.

—Boa menina—, diz Jaylee e bate na minha bunda novamente, causando uma picada aquecida no local. —Pequena boceta apertada para ir com aquele corpinho apertado. —

—Apenas seja gentil com ela, ou eu vou te matar—, diz Lucky, fervendo.

Dói e parece incrível ao mesmo tempo tê-lo deslizando para dentro e fora de mim. Quando seus quadris se chocam com os meus, inflama todos os tipos de sentimentos desesperados. Tão cheio, mas tão faminto. Eu relaxo enquanto ele se move dentro de mim e começo a me sentir ainda melhor. A intensidade aumenta. Eu nunca senti tal fogo. Eu poderia enlouquecer com a luxúria, a ardência quente do desejo.

Jeremy levanta e prende meu cabelo, esfregando seu comprimento duro contra meus lábios e bochecha. Eu enrolo minha língua ao redor da cabeça de seu pênis e lentamente trabalho tudo isso na minha boca com sucção. Ele geme e agarra minha cabeça levemente enquanto ele inicia um ritmo. Eu não posso acreditar que tenho dois homens dentro de mim.

—Cara, Lucky você tem que parar de me olhar assim ou eu não vou conseguir transar com ela—, diz Jaylee.

Eu olho para ver Lucky fervendo com uma mistura inebriante de luxúria e raiva brincando em seu rosto.

—Apenas faça-a gozar, Jay, e depois dê o fora dela—, diz Lucky, soando duro.

—Diga-me o que é bom, Belén, e empurre de volta para o meu pau, se você gosta. — Jaylee bate na minha bunda com

tanta força que deixa o fogo residual de seu toque. Jeremy bate na minha boca e minha saliva engrossa. Eu estou em algum tipo de zona estranha mentalmente, onde eu estou impressionada com o corpo humano e minha própria habilidade de querer isso com Lucky observando.

A mão de Jaylee encontra meu clitóris e ele pressiona a palma da sua mão para baixo, enviando uma pressão estranha no meu abdômen. Então ele usa a palma de seus dedos para suavemente criar algum atrito e eu empurro de volta em seu pênis.

—Uh-huh, esse é o lugar—, diz Jaylee, todo rouco e coberto de suor.

Eu gemo, mas sai soando dolorido porque eu tenho Jeremy na minha boca. Eu adiciono sucção às suas investidas e isso faz Jeremy acelerar. Eu posso senti-lo ir duro e, em seguida, espasmo na minha boca. A pele lisa do seu pênis faz minha língua parecer áspera. Eu provo seu sêmen e parece aumentar meus sentidos. Eu não cheiro nada além de homens ao meu redor o que faz liberar minha adrenalina. Que sentimento poderoso de estar cercado por todos os lados, para que todos os três me desejem. Jaylee começa novamente no meu clitóris e meu corpo todo se aperta. Eu recuo no prazer e então ele coloca uma mão no meu ombro e com a outra pega meu cabelo.

—Eu vou te foder mais forte, Belén. Acha que pode aguentar?

Eu aceno com a cabeça.

—Deixe-me saber se dói e vou parar. —

Ele empurra em mim com mais força e toda vez que seus quadris batem em minha bunda, faíscas voam por todo o meu corpo. Eu viro minha cabeça para olhar para Lucky. Quando meus olhos captam os dele, fico fora da nossa conexão. Eu sei que é Jaylee, mas tudo que sinto é Lucky. Tudo que eu posso ver é Lucky.

Eu gemo quando venho, mais alto do que eu pensava ser possível. Eu sinto meus músculos apertarem ao redor dele. Eles se agarram e soltam, pulsando, relutantes em soltá-lo. Eu desmorono no sofá, de frente para o travesseiro. Eu ouço o estalo quando o preservativo sai.

—Baby, eu só vou gozar na sua bunda—, diz Jaylee quando ele começa a acariciar-se. Eu aceno com a cabeça e afundo meu rosto no travesseiro. Jaylee se sacode rapidamente, então geme, e eu sinto seu sêmen quente bater na parte de trás das minhas pernas e minha bunda. Eu chego de volta e sorrio enquanto eu sinto a boca dele por todas as minhas bochechas. Eu vi uma vez em uma fita pornográfica da coleção da minha terapeuta. Do jeito que Jaylee respira, parece que ele aprecia o gesto.

Eu olho para Lucky e ele usa a mesma expressão severa.

—Isso conta como meu primeiro orgasmo real!— Eu digo, sem mover minha posição. —Obrigada pela aula. — Eu rio e não posso apagar o sorriso do meu rosto.

—Sempre que você quiser, garota—, diz Jaylee. —Eu vou ligar você. — Ele está respirando com dificuldade.

—Puta merda—, diz Jeremy, de pé atordoado em sua camisa com suas calças e boxers em seus tornozelos.

—É melhor limpar isso—, diz Jaylee, apontando para um ponto próprio na frente da camisa pólo de Jeremy.

—Tem outro quarto aqui, Jeremy? — Pergunta Lucky, dizendo o nome dele como se cortasse sua garganta.

—Sim, logo depois da cozinha há um. Por que, você vai dormir pela noite? — Jeremy pergunta.

—Porque é onde vamos dormir—, diz Lucky, inclinando-se para me tirar do sofá. Ele levanta meu corpo nu por cima do ombro como se estivesse levantando um tapete de chão. — Obrigado por ter vindo, Jay—, diz Lucky, apertando a mão de Jaylee. —Vejo você de manhã, Jeremy—, diz ele, e nos leva pela cozinha, chuta a porta e me coloca de pé. Lucky dá dois passos para o pequeno banheiro e liga a força total da água.

—Na banheira, Len. Eu quero te limpar. — Ele joga uma toalha para mim do toalheiro. —Limpe essa merda. —

Lucky se despe e eu o observo com tanto carinho. Estou intoxicada pelo meu amor por ele e não posso acreditar até onde ele estava disposto a ir para mim. Eu acho que testemunhar ele com outras mulheres teria massacrado meu coração. Mas Lucky tomou como um homem e sacrificou tanto por mim. Eu o amo ainda mais do que pensei que pudesse. Ele tira suas roupas e entra na banheira. Eu subo na água quente atrás dele e enrolo em seu colo.

—Obrigada Lucky—, eu sussurro em seu pescoço.

—Qualquer coisa por você, Len. Qualquer coisa. Não há *nada de* errado com você. Nunca pense isso de novo, — diz,

puxando minha cabeça o mais perto possível e tirando meu cabelo do meu rosto.

Eu me sinto tão bem em seus braços, eu nunca quero deixá-los.

—Você sempre pode pensar em mim para chegar lá, Belén, se é o que é precisa. Todos podem pensar em qualquer coisa que precisem pensar que os leve a esse lugar. Não tenha vergonha de me usar, ou o que aconteceu lá fora. Todo mundo tem que pensar em alguma coisa e eu ficaria *honrado* se o que você pensou era eu. —

Sinto meu próprio coração suspirar, se contrai e se expande no meu peito. Eu quero chorar, mas algo está florescendo. O amor é uma força vital e eu posso sentir o seu ao meu redor. Eu ouço um soluço profundo engasgado, mas não vem de mim.

—Então toda vez que você vem, Len, eu posso estar com você, de certa forma. —

Lucky

Eu posso sentir seu coração batendo contra o meu e seu corpo limpo solta tanto calor. Eu tenho dormido ao lado dela desde que me lembro, mas esta noite não consigo dormir. Eu fico doente e preocupado que ela acha que eu sou um buceta. Que eu não quero transar com ela. Nada poderia estar mais longe da verdade, mas acho que é hora de contar a ela. Eu nunca pensei que estava tudo bem para Tia Betty mentir sobre o seu

pai. A mentira transformou-se em um segredo sujo, como se algo sobre a própria Belén fosse ruim. Mas parte da razão pela qual eu a rejeito é porque estou com medo de que fique pior. E eu não quero continuar com o maldito legado de me apaixonar por sua própria maldita família.

Ela se move contra mim e eu recebo o doce cheiro de sabonete e shampoo de Belén com um cheiro almiscarado que é particularmente dela. Eu corro meus dedos pelos seus cabelos, que se enrolaram depois do banho. Ela bate a minha mão e joga uma perna por cima do meu quadril. Eu imediatamente fico duro. Eu não vim mais cedo hoje à noite e pensando sobre ela dando sua pele como ela fez, isso me entupiu e me deixa louco, mas apesar de tudo isso, me deixa com tesão. Eu caio de costas e gemo e aperto meu pau no meu punho.

—Foda-se, Belén. O que você faz comigo. Eu não sei se eu sou homem o suficiente para levar isso, — eu digo para o teto enquanto eu aperto meu pau e tento convencê-lo a se acalmar.

—Você está bem, Lucky? — Belén pergunta, sentando-se de repente.

—Porra, Bey, você me assustou. Sim, está tudo bem. Apenas dizendo ao meu pau para ter calma. Você tem as coxas mais sexys e você estava esfregando-as em cima de mim. —

Ela sorri para mim no escuro e eu posso sentir meu corpo relaxar.

—Eu poderia te dar um trabalho de mão, Lucky. Quero dizer, se você acha que está tudo bem. Eu nunca fiz isso antes, mas sou uma aprendiz rápida. —

—Obrigado, Len. Eu amo suas mãos em mim, mas eu odeio dizer, nós temos que conversar sobre coisas de família. —

Ela me olha apreensivamente e recua um pouco. —Você nunca quer o que eu tenho para dar. Isso sempre me deixa envergonhada. Como se você achasse que eu sou nojenta por querer você— O rosto dela parece tão dolorido.

Isso me destrói fazê-la se sentir mal. —Lenny, eu quero você mais que tudo na vida. Mais do que dinheiro, mais do que os fuzileiros navais, mais do que eu sempre quis as drogas. Eu não sei como te convencer. Mas não posso te tocar assim e há uma merda que preciso te contar. — Ela se senta e puxa os joelhos para o peito. Estamos espremidos juntos na cama, mas posso dizer que ela quer manter distância. Ela está colocando paredes antes mesmo de começar a falar. E eu não a culpo. Tudo sobre mim e Len dói tanto quanto se sente bem. Nós nos afastamos, mas não podemos parar de se querer.

—Eu não direi a ninguém o que aconteceu. Eu não acho que Jeremy falaria. Ele provavelmente ficará mais envergonhado do que qualquer coisa. —

—Len, nada de ruim aconteceu esta noite. Todo mundo concordou, tire isso da sua cabeça. Você não tem nada do que se envergonhar. Ninguém vai falar. —

—Então por que você está chateado? —

Eu inclino minha cabeça para trás e esfrego meus dedos no meu pescoço e sobre o meu queixo. Estou fodidamente frustrado como o inferno, o suficiente para abrir um buraco na parede.

—Len, eu preciso te contar uma merda sobre a família. É parte da razão pela qual eu não faço amor com você e eles deveriam ter dito a você desde o início. —

Eu também puxo um joelho e envolvo meu braço em volta da minha perna, eu abaixo meu pescoço enquanto estou falando, tentando soltar meu corpo. —Eu nem sei porque *eu* sei. Acho que minha mãe me disse ou alguma merda e depois me puxaram para a história jovem. Eu nem sequer tive a escolha de mentir para você, era mais como se eles me dessem à comida. —

Eu olho para cima e Belén está se escondendo de mim. Ela está tremendo e lágrimas escorrem pelo rosto e ela esta branca como a fronha.

—Len, espere! O que está errado? O que foi que eu disse? —

—Lucky, você é meu irmão? Por favor, não me diga que você é meu irmão!— Ela grita e cobre o rosto. Seu corpo inteiro treme com soluços e eu a puxo para os meus braços. Ela se encaixa ao lado do meu corpo tão perfeitamente, é como se ela fosse feita para eu segurar.

—Shhh! Menina, está tudo bem—, eu digo, balançando-a e acariciando sua cabeça. —Merda, não é tão ruim assim. Mas *é* sobre o incesto em nossa família. —

E eu falo sobre essa onda de calor no Bronx no verão em que nasci. Como o prédio da minha mãe foi incendiado e ela teve que sair do hospital com um recém-nascido para a casa de seu tio, um homem que ela mal conhecia, mas que estava disposto a aceitá-la. Como Betty já estava morando com ele. Ele dirigia um táxi e tinha

roupas bonitas e sempre levava Betty para dançar nos fins de semana. Betty e Awilda eram jovens, sem noção e muito dependentes do único irmão da mãe falecida. Betty e ela se apaixonou por ele. Ela tinha apenas dezenove anos quando chegou e ele já era um grande homem de Nova York. Ele jurou para cima e para baixo que ele cuidaria dela e do bebê. Mas o que eles não apostavam era que todos os vizinhos fofocavam. Luis apresentou Betty como sua sobrinha quando ela chegou e agora ela estava grávida e Awilda também tinha um novo bebê, mas ninguém nunca viu seus namorados então, logo toda a vizinhança estava conversando. Eles disseram que Luis havia se aproveitado delas, pobres meninas ignorantes da ilha. Alguém chame as autoridades, chame a polícia, prenda Luis antes que ele corrompa todas as nossas filhas. Você sabe como eles falam, Bey. Isso se transformou em inferno para todos eles. Quando, na verdade, o homem da minha mãe a abandonou para voltar a Porto Rico e Luis estava pagando por todas as minhas fraldas e similares e até mesmo os compromissos do médico. E Betty, bem, ela estava apaixonada. Luis não a traía e ele ficou longe do jogo e bebendo Brugal para economizar seu dinheiro. Ambos estavam muito animados com o bebê. Eles sabiam que ela seria uma menina e Betty já poderia dizer que ela ia ser inteligente da maneira como ela se sentia dentro dela.

Mas os vizinhos falavam lixo, e encurralaram Betty e Awilda no corredor. Disse a ela que o bebê seria deformado e que sairia retardado. Eles tinham Luis tão no limite, ele começou a quebrar na garrafa. Então ele bateu o Cadillac e perdeu o medalhão. Conseguiu uma intimação e uma carta de deportação. Ele tirou todo o dinheiro de sua gaveta de meias e o maço de sua carteira.

Beijou ela, deu um beijo em seu sobrinho e pegou o próximo vôo de volta a Santo Domingo.

Betty estava tão confusa que entrou em trabalho de parto prematuro. A linda menina nasceu e eles a chamaram de Belén e a levaram para casa gritando com um saudável conjunto de pulmões. Eles a colocaram no berço ao meu lado e começaram a pensar em como pagariam o aluguel e o que poderiam fazer pelo trabalho para sustentar seus bebês. Elas juraram se ajudar e superar suas circunstâncias. Elas também decidiram esconder a verdade sobre Belén. Betty ficou de coração partido porque Luis foi o primeiro homem que ela amava. Mas elas não queriam que o azar os seguisse. Então elas inventaram um homem que veio de Porto Rico. Quem namorou Betty, engravidou e fugiu. Elas o criaram tão bem que até elas acreditavam na história.

—Então você e eu, Belén, estamos relacionados ainda mais do que você pensava que éramos. —

Belén me observa com o rosto em choque, os olhos escuros e distantes. Ela esfrega a parte inferior do nariz e acena com a cabeça, mas ela está olhando para o espaço. Eu estendo minha mão para ela.

Ela olha para cima e pega minha mão e eu a puxo para o meu colo novamente. —Você está bem? É muita história. Mas achei que você precisava saber a verdade. —

—Obrigada por me dizer, Lucky. Eu não posso acreditar que ela nunca me disse—, ela diz, mas parece estar longe e não na sala comigo.

—Ela estava tentando proteger você, Belén. Ela te ama muito. —

—Ela deveria ter me contado! Não há problema em mentir para o seu filho sobre quem é o pai dele, mas talvez ela tenha vergonha de mim. Talvez ela queira mentir para si mesma porque sou algo de que ela se envergonha. —

Eu não disse a ela para fazê-la se machucar mais. Eu disse a ela para tentar explicar por que eu tento manter distância dela.

—Eu te amo, Len. Eu sempre te amei. Ninguém tem vergonha de você, você é a melhor parte de nós. Você é a jóia, Bey. Todo o resto de nós é apenas um bando de amadores tentando acompanhar você. —

—Então essa é a razão pela qual você não vai dormir comigo, Lucky? Porque se dermos um jeito, criaremos algo terrível? —

—É mais que isso, Bey. Se eu te levasse uma vez, nunca desistiria. Eu iria esmagar a cabeça de Jeremy, mesmo olhando para você e eu seriamente fuderia Jaylee por tocar em você. —

Eu a puxo para mais perto e acaricio levemente sua têmpora. Ela está congelada e distante e parece que toda a esperança foi drenada para fora dela.

—Você merece o tipo de vida em que seu homem ande cuida de você abertamente. Você merece ter filhos e ter orgulho de sua família. Nosso amor seria rejeitado por todos que conhecemos, nossa família, nossos amigos, toda a vizinhança. O

que nós faríamos? Vai se esconder e nunca mais ver ninguém? —

Eu beijo sua doce testa.

—Amar você, Bey, não deveria ser algo que está escondido do mundo. Seu amor deve ser um privilégio, não um segredo sujo. Quero que você tenha uma vida feliz, da qual tenha orgulho. —

—Eu só quero você, Lucky. Eu não me importo com mais nada—, ela diz e enterra o rosto no meu pescoço. Ela não chora, ela é uma garota forte. Ela apenas me segura mais forte.

Tenho tanta certeza dessas coisas na minha cabeça, mas quando tenho meus braços ao redor dela, posso sentir minha vontade quebrando. Eu não sei mais o que é certo ou errado. Eu só sei que Belén me faz tão bem que eu não quero deixar ela ir. Eu não quero saber como é encarar uma vida sem ela.

Belén

Ficamos presos em um abraço enquanto o sol nasce e a luz muda na sala. Não há nada mais assustador do que deixá-lo ir. Não apenas de volta à base ou de volta ao exterior novamente, mas realmente me soltando, como parar minha paixão por ele. Nós resolvemos todos os meus problemas na noite passada e agora é hora de seguir em frente para sempre? Eu me caso com um cara e imagino Lucky entre minhas

pernas sempre que estou na cama com ele? Eu grito o nome de outra pessoa, mas sempre será Lucky quem eu estou pensando?

Eu faço café para Lucky na cozinha enquanto Jeremy ainda está dormindo.

—Conte-me sobre sua implantação, para onde você foi? —

—Iraque, Len. Eu prefiro não falar sobre isso. —

Eu me viro e olho para ele por cima do meu ombro enquanto pego alguns waffles torradeira que encontrei no freezer.

—Foi muito ruim? Traumatizante? — Eu pergunto a ele.

—Não. Foi entediante, mas aprendi muitas novas habilidades por lá. —

Lucky está me observando com dor no rosto. Estou confusa porque pensei que tivéssemos passado por algo ontem à noite, achei que estávamos bem. Seus olhos parecem vagar para o sofá onde a cena da noite passada se desenrolou.

—Você está pensando sobre o que aconteceu? Você perdeu todo o respeito por mim? —

—Não, Bey, nunca. Você sabe quantas vezes eu usei sexo para me sentir melhor? Sem dar a mínima sobre como a garota se sentia ou o que ela esperava sair disso? Como posso desrespeitar você por querer isso? —

—Então por que você está tão pensativo e quieto? — Eu pergunto, colocando o café da manhã na frente dele.

—Porque toda vez que te vejo fico com medo, é a última vez que vou te abraçar. Não porque eu vou morrer em uma missão ou qualquer outra merda assim, mas estamos ficando mais velhos, Bey. As coisas estão mudando. As coisas mudaram ontem à noite. —

—Por causa do que você me contou? —

—Não, porque talvez isso tenha sido um avanço para você. Talvez você se mude e se case e eu a vejo nos feriados. Jeremy está açoitado, mas duvido que algum marido seu deixe dormir na minha cama ou transar comigo. — Um pequeno sorriso triste aparece em seu rosto.

—Há uma maneira de evitar isso, Lucky. Tudo o que você precisa fazer é dizer isso. —

Ele toma um gole de café e põe a minha mão na dele, olha nos meus olhos e há uma faísca de fogo lá. Eu sei que estou apaixonada por ele, mas eu nunca posso realmente dizer *como* Lucky me ama, se é o tipo de amor que faz seu coração disparar, ou se é um amor obrigatório, como o amor do irmão.

—O que aconteceria se não durasse? Será que vamos transformar nossos pais uns contra os outros? —

—Seríamos adultos sobre isso, seguir em frente com nossas vidas. —

—Eu nunca superaria você, Bey. Eu não acho que isso é algo que eu possa me recuperar. —

Eu olho para cima e Jeremy está de pé nos olhando, ele dormiu em boxers e uma camiseta e seu cabelo está todo bagunçado. Eu puxo minha mão para fora da de Lucky e a escondo no meu colo.

—Hey Jeremy, bom dia. Você gostaria de um pouco de café? —

Ele não parece convencido, como se nos pegasse em flagrante. Mas se Jeremy já não soubesse que havia algo entre Lucky e eu, você pensaria que a noite passada o teria mostrado a verdade. Se ele ainda está no escuro, é porque ele está andando com os olhos fechados.

—Eu deveria ir—, diz Lucky, tomando seu café.

—Eu vou sair com você—, eu digo, pegando meus tênis.

Jeremy pega uma xícara de café e despeja um pouco de creme. Ele puxa uma cadeira para fora da mesa e preguiçosamente cai nela. —Até mais, Lucky—, diz ele, com a voz baixa e ilegível.

—Se você machucá-la, eu vou te encontrar e te matar—, diz Lucky em voz baixa, passando por Jeremy e puxando o cabelo.

Eu ando com Lucky até o caminhão dele e cada passo se torna mais pesado com o meu medo de dizer adeus. Eu sinto que é triste e eu gostaria que fosse diferente. Lucky me deu um presente enorme na noite passada, mas ele parece esmagado de qualquer maneira.

O sol está alto e já está quente. Não estamos longe da água e posso sentir o cheiro do sal no ar e sentir sua suavidade na

minha pele. A brisa sopra meu cabelo no meu rosto e me volto para o vento.

Eu nem comecei a processar as informações sobre meus pais. É demais para lidar sozinha, e eu prefiro trabalhar com o minha terapeuta. Mas, embora eu nunca soubesse quem era meu pai, gostava de imaginá-lo como alguém especial e alguém que me amava, mas não conseguia lidar com as circunstâncias. Mas meu pai era meu tio-avô e não sei o que isso faz de mim. Isso faz com que Lucky tenha mais medo de como ele se sente em relação a mim e faz minha mãe ficar apavorada por me dizer de onde eu vim. Todos mentiram para manter a verdade oculta, porque a verdade é que fui cortada de coisas ruins, sou um produto do incesto.

Meu peito arfa quando Lucky me dá um abraço de adeus.

—Não chore, Lenny. Eu odeio quando você se machuca. Seja feliz, nós colocamos algumas coisas para fora. Estou feliz por ter visto você. —

Eu aceno e enxugo as lágrimas dos meus olhos.

—Eu te amo—, diz ele e beija o topo da minha cabeça.

—Eu também te amo, Lucky, é muito doloroso. —

Ele entra no carro e fecha a porta. Ele liga o motor e abaixa a janela.

Eu recuo para lhe dar algum espaço. Eu dobrei meus braços em meu peito e o vento chicoteia meu cabelo ao redor.

—Tchau, Len—, diz ele e, em seguida, começa a sair do estacionamento.

Eu corro para o carro por impulso e me inclino para a janela. Lucky agarra meu pescoço e me beija com força nos lábios.

—Por favor, não me deixe te machucar. Eu gostaria que não fosse assim. —

Eu sorrio para ele e cruzo meus braços em volta de mim.

—Eu amo minha dor, Lucky, e eu amo como isso me machuca. Quando não sinto mais, significa que perdi minha conexão com você e nunca quero que isso aconteça. Eu amo essa dor porque é parte de amar você. —

Lucky me olha com uma intensidade feroz, sua batida de pulso tocando visivelmente em sua têmpora.

—Eu não sei o que é certo, Belén—, diz ele e sobe janela. As nuvens escolheram aquele momento para encobrir sol. A sombra afugenta o brilho que nos animava. E Lucky sai naquela sombra e a distância entre nós aumenta.

Eu faço sabe, o que é certo, porque meu coração sempre me diz. Diz a mesma coisa, sussurra como uma oração: *só Lucky, sempre Lucky.*

Capítulo Dezenove

Belén

—Belle, sei que não é da minha conta e eu não quero assumir as coisas. Mas você e eu temos sido amigos por um tempo—, Jeremy diz quando ele está me deixando.

Eu me encolho porque acho que sei o que está por vir, Jeremy tem algumas idéias que ele quer compartilhar sobre o meu —problema—. Eu prefiro que ele apenas tenha guardado para si mesmo.

—Fiz cursos de pré-lei, meu pai me fez fazer para ver se eu estaria interessado em estudar Direito depois da graduação. Os primos de primeiro grau podem se casar em muitos estados. Incluindo aqui em Nova York. Só para você saber, na verdade é uma opção. —

Eu coro mil tons de distância da minha cor natural. Lucky e eu nos casaríamos com os corpos de nossas mães, não em um milhão de anos que voariam. Além disso, Lucky não parece o tipo de casar.

—Obrigada, eu acho, pela informação, Jeremy, mas temo que não seja assim. É mais como um vício do que um relacionamento. —

Estou frustrada por não ter uma explicação melhor e envergonhada que Jeremy já sabe muito. Ele me deixa na frente do meu apartamento e prometemos manter contato. Nosso fim de semana foi estranho, mas acho que tudo entre Jeremy e eu sempre foi estranho. Ele provavelmente acha que estou fudida, mas por alguma razão ele permanece na minha vida, namorado ou não, eu acho que porque somos amigos. Nós nunca continuamos com a exploração depois que Lucky e Jaylee deixaram o Timeshare. O momento passou e Jeremy ainda não é tão atraente para mim. Eu devo estar ilegível com minhas reações quentes e frias, sempre querendo, mas nunca retribuindo o suficiente.

Eu não confronto minha mãe sobre quem é meu pai, mas eu olho para ela de forma diferente agora que eu sei. Eu me pergunto o que ela passou e como foi difícil para continuar sem ninguém para ajudá-la. Eu vasculho suas coisas enquanto ela está no trabalho. Eu encontro fotos do meu tio-avô e ele parece familiar, talvez ele se pareça comigo. Há apenas uma foto dos dois juntos. Mamãe parece tão bonita e seu homem parece ferido. A foto está desbotada e seus olhos estão vermelhos. Mamãe está vestida de forma conservadora para uma garota da idade dela e meu tio-avô parece mais elegante, como se tivesse um estilo liso para acompanhar o Cadillac. Eu coloco a foto na minha mala. Eu sei que é propriedade dela, mas sinto a necessidade de estudar um pouco. Eu também anotei seu nome e tudo que eu sei sobre ele. São quatro palavras em uma folha de papel de caderno. Não muito para prosseguir.

Mamãe tenta me convencer a ficar, para não voltar para Poughkeepsie. Eu tecnicamente já quase me formei, mas não vou terminar até maio.

—Belén, você poderia conseguir um estágio na cidade. Eu posso ter algumas pessoas no hospital em posições de pesquisa que correspondam à sua experiência. —

—Eu não tenho mais amigos aqui, mãe. Todos os meus amigos estão na lá. Eu preferiria continuar assim e trabalhar na biblioteca.

Que se traduz em: Eu quero sair com Lucy e minha terapeuta e Bryan meu padrinho do grupo de co-dependência. Ela me deixa ir com um monte de lágrimas, dois sacos de produtos de higiene pessoal da loja de um dolar e quatro recipientes de Tupperware cheios de comida espanhola para Lucy e meu jantar.

Lucy e eu temos um lugar a cerca de vinte minutos do campus. Nossa casa é pequena e caindo aos pedaços, mas tem uma varanda e um quintal. Lucy adotou um pit bull do abrigo local. Ela nomeou o cachorro de Napoleão, mesmo sendo fêmea. Ela tem uma longa corrente para poder andar por toda a nossa casa e reivindicar seu território. Ela tenta matar o proprietário, o carteiro e todos os pobres namorados de Lucy. Mas ela se aconchega conosco como um bebê e mantém a casa alegre. Lucy está lutando combos créditos para se formar e eu estou me transformando em um fantasma pálido, sozinha na biblioteca.

Eu digo a Lucy sobre o fim de semana, como Jeremy e eu encontramos com Jaylee e Lucky e como eu finalmente perdi minha virgindade.

—Como um circo de três picadeiros, Belén. Eu não esperaria menos de você. Você fez um gráfico para cada cara e então fez um gráfico da experiência? —

—Eu tive um orgasmo. Isso é tudo que importa. —

—Você ensinou a eles uma coisa ou outra sobre boquete, mesmo que você fosse a única virgem na mistura? —

—Eu era o líder. —

—Você ainda está apaixonada por seu primo? —

—Sem dúvida. —

—Boa. Porque esse cara, Jeremy, estou convencida de que é um serial killer. —

Eu me torno, em um semestre, a deusa da paranóia médica do Google. Desde que Lucky me contou sobre meu pai, estou convencida de que estou contaminada e estudo todos os resultados genéticos e estatísticas para a reprodução consanguínea. Em vez de dormir, deito-me na cama à noite e me aterrorizo acreditando que qualquer pequeno tique ou tosse ou coceira vai se transformar na falha terminal que agora estou convencido de que possuo. Eu reli Shelly *Frankenstein* e solucei com nossas semelhanças. Eu gasto quatrocentos dólares, dinheiro que não tenho, no site ancestry.com, apenas para não encontrar respostas. Acho que eles ignoraram a República Dominicana e ignoraram as Alturas. Eu gasto horas na biblioteca estudando as mutações genéticas recessivas. Eu estudo as tradições matrimoniais do Norte da África, Ásia Ocidental e Sul da Índia, especialmente as populações onde os relacionamentos

de tio-sobrinha são comuns. Eu pesquiso tudo o que posso encontrar sobre primos duplos. Eu choro porque as células reprodutivas têm apenas 26 cromossomos. Eu secretamente me pergunto se minha atração por Lucky é um defeito biológico e não causado por abstrações como amor ou atração. Eu sou uma bagunça, um desastre. Eu estou perpetuamente desamparada e sinto que eu posso quebrar pela metade do peso disso.

Mas, duas vezes por dia, ando com Napoleão e preparo suas deliciosas refeições preparadas em um blog de celebridades sobre culinária para animais de estimação. Eu subo no peitoril da janela, embora o sol tenha se escondido e deixado algum círculo branco, embaçado e frio pendurado em seu lugar.

Um dia, saindo da biblioteca, vejo um folheto rosa brilhante para os assistentes de pesquisa no laboratório. Chama a minha atenção imediatamente porque, do alto, está escrito: Quimera.

Eu me inscrevo para a posição assim que chego em casa. Depois de enviar meu currículo, recebo uma ligação do diretor do laboratório, John, e ele me pede para ir em uma entrevista. Minha tarefa consistirá em isolar células embrionárias de minúsculas rãs em uma placa de Petri. Também serei responsável por observar as rãs quimeras resultantes por quaisquer sinais externos de mutação, ou comportamento irregular em seus hábitos alimentares, de acasalamento e reprodutivos.

Eu aceito o trabalho e saio da biblioteca depois de três anos. Eu terminei de pesquisar mutações, estou pronta para ser testemunha em primeira mão de experimentos reprodutivos.

Lucy diz que eu sou louca e preciso sair. Mas quanto mais eu estudo, mais me sinto no controle, e é fácil para ela falar quando não é composta de partes homogêneas e de uma família unilateral.

À noite, sonho com corações minúsculos de rã e suas suaves e inchadas baforadas de prata olhando para a lua. Eu sonho com sapos pulando na neve para vir me encontrar na minha casa. Eu sonho que o batalhão de Lucky se perde em uma tempestade de areia gigante e ele desaparece peça por peça, despigmentando como grãos de areia diante dos meus olhos. Eu sonho com a gente em pé no asfalto no playground, de mãos dadas e sorrindo. Eu sonho com aquele primeiro beijo na cozinha e como meu coração disparou.

Ainda vejo minha terapeuta, Drª Davidson. Quase um ano se passou e nós passamos para brinquedos sexuais. Eu recebo tarefas para me masturbar. Eu sou uma cliente regular em ambos os sites pleasurechest.com e babesintoyland.com, embora eu não invista muito tempo em me dar prazer. Eu estudo os brinquedos. Eu ligo-os e guardo-os em uma caixa no meu armário. Não é como se você pudesse doá-los ao bazar da igreja local ou à Boa Vontade por caridade. Eu acho que minha terapeuta desistiu de tentar me fazer namorar pessoas. Eu ainda assisto pornô na internet, mas eu acho que assisto como um cientista, não como o resto da população humana, e eu nunca pareço ficar ligada.

Lucky me liga na véspera de Natal. Ele não discou o meu número desde aquela noite no bar, que agora parece muito tempo atrás. Mami está tomando o trem para passar o fim de semana comigo. Lucky está em casa com Titi..

—Eu sinto sua falta, Len, não é Natal sem você aqui, sabe? —

—Eu tinha coisas que eu tinha que entregar para o trabalho. Eu sou a única aqui para cuidar de Napoleão. E mamãe pensou que seria bom sair da cidade pela primeira vez. —

—Estou prestes a ser implantado novamente em algumas semanas. Pensei que talvez fosse vê-la antes de ir embora. —

Sua voz soa tão hesitante que puxa meu coração. Como pode Lucky pensar que eu nunca iria querer vê-lo? Eu digo a ele sim? O que eu disse? Minhas células estão batendo dentro do meu corpo, e eu vibro e estou zumbido como se tivesse sido ligada a uma tomada. Quantos cromossomos compartilho com meu primo? Quão semelhante é o nosso DNA? Cada pequeno pedaço de mim, não importa quão pequeno ou como se originou, ainda me diz que o quer.

—Lucy se foi por todo o mês, é por isso que eu tenho que ficar. Mamãe estará aqui até segunda-feira. Talvez você possa vir depois disso? — Meu corpo ainda está zumbindo fisicamente, esperando que ele responda.

—Vou ir na terça. Vou levar comida da cidade, o que você quer? —

—Traga-me *mofongo* e frango assado daquele lugar na Broadway e um pouco do *coquito* de Titi, se houver algum. —

—Eu não posso esperar para ver você, Len. —

Mami acaba cancelando a viagem. Não porque ela quer, mas porque uma tempestade de neve épica foi prevista e os trens não estão nem correndo. Há um aviso para todo o condado de Dutchess. Eu acho que Napoleão e eu ficamos lá dentro para o Natal. Eu faço uma refeição festiva de lamen e pipoca. Napoleão come alguns grãos, mas ela parece deprimida e desinteressada. Adormeço assistindo *Nosferatu* pela trigésima vez.

Eu acordo de repente ao som de tosse. Meu pé está dormente e eu sacudo e tento correr em direção à cozinha. Napoleão está doente, vomitou sua comida por todo o chão. Eu limpo e dou a ela uma tigela fresca de água, me sentando para acariciá-la. Ela está ofegante e está frio aqui. Eu coço o topo de sua cabeça e ela lamenta como se estivesse chorando. Ela coloca a cabeça no meu colo e seus olhos olham para mim para me assegurar de que tudo está bem. Já passou da meia noite, é natal.

Eu procuro o nosso caderno de contatos pelo número do veterinário. Disquei em vão e recebi um serviço de atendimento que está fechado para a semana. Napoleão lamenta e seus olhos estão vidrados. Temo que ela tenha sido envenenada. Ela vomita novamente e desta vez é acompanhada de ânsia de vômito e mais vômito. Eu procuro no meu telefone um hospital de animais de emergência. Há um, a um quilómetro e meio e eu disquei o número, o veterinário responde no terceiro toque. Ele administra o hospital em um celeiro convertido em sua propriedade. Ele concorda em ver Napoleão por trezentos dólares. Eu digo a ele que estarei lá em uma hora. Provavelmente estou arruinando o Natal dele, mas ele me garante que tudo bem.

Eu pego as chaves do carro de Lucy e atraio Napoleão para dentro do caixote - ela nem sequer fareja o biscoito canino, ela só está concordando com a caixa porque ela me ama. Temos uma pequena garagem ao lado da casa. Eu deslizo para fora e destranco a porta lateral. A neve está descendo rapidamente e cobre toda superfície em um pó delicado. Quando eu aperto o botão da porta da garagem, ele se sacode e geme, mas não abre. Está congelado. Tudo está fodido.

Eu ando para fora e quase perco o equilíbrio no gelo escorregadio que se esconde sob a neve. Eu me seguro na maçaneta da porta e passo com mais cautela. O dreno da tempestade é gelo sólido, a água parece congelada no meio da fuga. Eu volto para a cozinha e arrasto cada panela que possuímos debaixo da pia.

—Não se preocupe, Napoleão. Vou tirar a gente daqui em pouco tempo. —

Eu pego a escada de metal atrás da geladeira e a puxo pelos degraus de trás. Quando a coloco contra a porta da garagem, tenho a visão de que isso pode ser mais perigoso do que esperar até a manhã seguinte. O vapor da cozinha é espesso com a condensação que escorre pelas vidraças negras. Com duas luvas pego a primeira panela de água e volto para a garagem. A neve no ar, misturada com o vapor da minha panela, repentinamente torna meu rosto molhado, com cabelos soltos grudados como algodão doce. Eu dou o primeiro passo para a escada e panela e a água fervente cai sobre os meus dedos. Eu solto a panela que acaba caindo no meu cotovelo. A água quente queima minha mão e meu ombro através da minha jaqueta de lã.

—Não!— Eu choro e agarro meu cotovelo. Eu juro que está quebrado.

Eu manco por dentro e examino meus ferimentos no espelho do banheiro. O cotovelo é vermelho e parece quebrado, mas não há fratura exposta, fragmentos ósseos flutuantes do que eu possa dizer. Eu tranquilizo Napoleão e pego outra panela de água quente. A neve cobre tudo, abafando todo o som. Os flocos de neve são grossos, como se estivessem chegando em huddles. Esta panela eu atiro contra a porta da garagem, onde a costura atende a estrutura. Repito mais duas vezes e, em seguida, corro para verificar o mecanismo da porta, que protesta, mas se abre com relutância.

Eu pulo de alegria e seguro meu cotovelo. Agora eu tenho que colocar o cachorro dentro do carro e já estou com um machucado no braço.

É um feito heróico, seria mesmo sem o tempo, mas vinte minutos depois, Napoleão está no banco de trás e eu estou ssindo da garagem. A visibilidade é horrível, quase condições de branco. Nós rastejamos pelas ruas residenciais onde as casas estão vestidas para a temporada. Suas luzes de Natal estão completamente cobertas de neve, fazendo com que os telhados se pareçam com marshmallows brilhantes e multicoloridos.

Tento lembrar tudo o que sei sobre dirigir enquanto saímos para a estrada. Eu sei que você controla os freios em vez de bater quando você bate no gelo para evitar derrapagens. Minha experiência completa de dirigir pode ser resumida em menos de uma dúzia de vezes, cinco vezes para os exercícios de roda atrás, duas vezes para testes, o primeiro eu falhei e o segundo eu

passei. As outras poucas vezes poderiam ser consideradas emergências, quando não havia absolutamente nenhum outro motorista qualificado e eu tirei minha licença. Lucy normalmente não me deixa dirigir seu carro. Mas por qualquer motivo, estou confiante de que conseguiremos.

As luzes da rua aparecem com mais distância entre elas. Eu tenho os limpadores de para-brisa no poder total, mas eles mal conseguem acompanhar o ataque de flocos de neve monstro. Estou correndo na velocidade da avó de noventa anos de alguém. Não há outro carro na estrada.

—Napoleão, tudo bem. Eu vou nos levar lá, eu prometo. — Um Deus benevolente nunca deixaria uma garota caribenha como eu morrer em uma tempestade de neve e menos ainda no Natal, não temos nada com que nos preocupar. Esta menina vai estar debaixo de uma palmeira quando ela morrer..

Meus faróis pegam o vermelho das luzes traseiras de outro veículo. Parece estar fora da estrada e eu olho para a linha central para me certificar de que não sou eu quem está fora da faixa. À medida que nos aproximamos, meus faróis iluminam a cena. Percebo que é um acidente e que o carro está inclinado sobre o banco de neve e parece ter colidido com um poste de telefone. Eu lentamente piso nos freios e paro o carro de Lucy, mantendo minhas luzes apontadas para o acidente, a fim de vê-lo.

—Eu já volto, Napoleão. Você está bem? —Eu pergunto. Ela choraminga e bate a cauda duas vezes no fundo da caixa.

Eu saio na neve até os meus tornozelos na estrada. É tão silencioso que me sinto sozinha no universo. Minha mente

prepara algumas referências rápidas de filmes de terror, como cadáveres transformados em zumbis ou assassinos à espera de eu verificar a cena e depois pular e me matar. Isso é o que eu ganho por assistir Drácula no Natal. Eu ando em direção ao carro em passos suaves sem trituração.

—Olá? — Eu chamo e minha própria voz sacode no silêncio.

A porta do lado do motorista está aberta e eu posso ver que alguém está caído, sendo segurado pelo cinto de segurança. Eu corro o resto da distância, meus pés afundando na neve profunda quando chego ao banco. Eu subo a inclinação e puxo a porta. Uma garrafa de vodka cai e a pessoa rola na minha direção. Ela tem cabelos loiros e óculos. Há um corte profundo em sua testa que banhou seu rosto em sangue. Mas eu ainda sei quem ela é, e eu ofego em choque.

É Jan, esposa do padrinho Bryan, da reuniões de co-dependência. A mulher que faz dele miserável e quem ele não pode viver sem.

—Jan? — Eu digo. —Jan, você pode me ouvir? —

Minha mão examina seu pescoço e coloco meus dedos sob o ouvido dela para ver se consigo encontrar um pulso. O sangue no rosto dela está frio e foi pegajoso ao toque. Tudo nela é frio e começo a tremer incontrolavelmente. Eu chego no bolso do meu casaco e pego meu telefone, apenas para largá-lo imediatamente no monte de neve. Caindo de joelhos, começo a cavar e rasgo meus dedos pelo pó fresco.

—Ela está apenas com frio. Talvez alguma hipotermia, mas ela vai acordar assim que a aquecermos— eu digo para mim mesma.

Eu não posso sentir meu telefone, é como procurar por um anel perdido no oceano. Eu decido usar meus pés para afastar o pó. Eu vejo a borda e desenterro, meus dedos estão congelados.

Eu esfrego a neve no meu casaco e disquei 911.

—Qual é a sua emergência? —

—Acidente de carro em Eastbound 44, por favor me ajude!—

—Quantos veículos? Você conhece suas coordenadas?

—Eu só estou dirigindo há quinze minutos de Poughkeepsie, mas não sei até que ponto, por causa da neve. É só um caminhão. Ela está ferida. Por favor venha!—

—Fique na linha, senhora. Estamos enviando alguém para fora. Apenas uma pessoa ferida ou há mais passageiros no veículo? —

—Somente ela. —

—Ela é responsiva? —

—Não—, eu sufoco e agora estou chorando.

—Você conhece RCP, senhora? Você pode administrar RCP até os paramédicos chegarem lá?

—Sim—, eu soluço. —Vou ter que desligar o telefone. —

—Coloque-o no viva voz se você puder, minha senhora, e eu vou guiá-la através disso. —

Eu coloquei o telefone no banco e tirei o cabelo de Jan do rosto dela. —Jan, é Belén, por favor, por favor, não morra comigo. —

—Ela está respirando? Comece com a compressão no peito no meio do peito. —

—Ela está presa no cinto de segurança. Devo tentar deitá-la?

—Eu não quero que você a mova. Apenas faça as compressões no peito até a ambulância chegar.

—Devo respirar em sua boca? —

—Não se houver sangue, mas, no final das contas, a escolha é sua. —

—O rosto dela está coberto de sangue—, eu tento dizer, mas estou chorando.

—Então eu não iria, apenas trabalhe com o peito dela. —

Eu pressiono minhas duas mãos no meio do peito de Jan enquanto a nevasca silenciosa continua à nossa volta. Sou apenas eu e Jan na cabine de um caminhão em uma noite de Natal silenciosa, nós duas tentando acordar seu coração adormecido de volta. A dor aguda dispara no meu pulso e no meu cotovelo com cada estocada. Eu empurro o máximo que posso, por Jan, por Bryan, até por mim mesma. Não posso deixar Jan morrer no Natal.

Bryan passa todos os seus minutos tentando protegê-la e nunca é suficiente. Eu não posso decepcioná-lo. Não posso pedir a Bryan que enfrente um dia sem ela. Porque mesmo que os especialistas digam que é errado ou a pessoa nega que está doente, eu sei melhor do que ninguém que nada, *nada* nesta vida exceto Jan, tem a capacidade de preenchê-lo.

Eu não sei quanto tempo nós nos sentamos assim, comigo montada em seu colo enquanto sua cabeça descansa para o lado. Lágrimas correm pelo meu rosto, enquanto manchas de sangue espessas marcam as dela. Eu empurro e eu empurro, tentando transferir a vida em mim para ela, tentando arrastá-la de volta sobre o banco de neve da terra do nunca..

Eu nem sequer ouço as sirenes, mas vejo as luzes vermelhas e laranjas. A neve é banhada em sua cor brilhante, um assalto estonteante no branco, a calma pacífica da noite de Natal.

Eu acho que eles me puxam para fora dela e me carregam através da neve. Talvez eles me façam perguntas, mas estou muito traumatizada para saber.

Eles puseram Jan na ambulância e eu e Napoleão na viatura policial. Eles nos levam para a clínica de animais primeiro, por insistência minha e depois para o hospital. Eu respondo mais perguntas para um policial sonolento e obtenho meu cotovelo radiografado. A enfermeira me oferece biscoitos de Natal com meu Percocet. Eles também me oferecem Xanax e eu decido pegá-lo. Para o pior Natal de todos os tempos, a pílula pode ser o meu melhor presente de Natal. Eu me sento na sala de espera

enquanto eles processam minha papelada. A música do feriado está me assustando, porque nada vale a pena comemorar.

Então Bryan entra e fico em pé quando o vejo. Meu telefone está queimando no meu bolso desde que eu encontrei Jan, mas eu não queria ser o único a dizer a ele.

—Bryan!— Eu digo e gostaria de poder voltar quando ele se vira. Eu quase nunca vi um rosto humano parecer tão ferido.

—Fui eu quem a encontrou. Eu fiz RCP até a ambulância chegar lá. Eu fiz o meu melhor. Eu tentei salvá-la. —

—Eu estava tão preocupado. Eu sentei junto ao telefone por horas. Foi sua primeira noite fora com o novo caminhão. Quando ela não chegou em casa para o jantar de Natal, eu... —e então ele cai em um soluço.

—Vá, Bryan. Estou aqui se você precisar de mim.

Ele aperta minha mão e a dele está gelada. Seu rosto parece pálido, seus olhos assombrados. Eu odeio saber como ele está se sentindo.

O gigante sino de prata enfeitado que balança sobre a recepção está soprando suavemente na explosão de ar quente do sistema de aquecimento do hospital. Há uma árvore de Natal rosa no canto com luzes cor-de-rosa e pombas brancas brilhantes para decorações. Tudo parece ofensivo porque Bryan está prestes a perder sua esposa, a única pessoa que ele sabe amar.

Eu o ouço gritar. É um som horrível. O som de perder cada minuto com Jan e toda a dor que ele sente. Jan foi embora e

deixou Bryan sozinho. Talvez ela estivesse tentando escapar dele o tempo todo, mas nunca funcionou, não importando o que qualquer um deles fizesse, seja certo ou errado. Eu seguro meu braço e saio pelas portas automáticas nas rajadas de neve.

Eu me identifico com o grito de Bryan, sua batalha de angústia, porque não há nada que possa torná-lo melhor ou aliviar seu tormento. Apenas Jan poderia fazer isso. Apenas Jan poderia fazê-lo sentir-se inteiro. Eu sei porque eu sofro disso sozinha. Jan e Bryan também tinham a aflição, ambos eram amaldiçoados com a doença do amor.

Capítulo Vinte

Eu pego o caminho mais longo para o veterinário de manhã, porque eu não quero dirigir pelo local. Eu não quero saber se o caminhão ainda está lá, inclinado para o aterro. Eu não quero ver se há rastros na neve de quando ela saiu da estrada. Acima de tudo, não quero me perguntar se seus últimos pensamentos antes da morte eram de Bryan.

As estradas são aradas agora e muito mais fáceis de manobrar. Eu encontro meu caminho para o hospital de animais, embora quando cheguei ontem à noite na viatura da polícia, acho que estava delirando. É meu braço esquerdo que está para baixo e me considero feliz por poder ir buscá-la. A conta do veterinário será escandalosa o suficiente sem o custo adicional de uma entrega em domicílio.

Napoleão se animou e ela está extasiada em me ver. Seu semblante não é mais sem brilho e seus olhos têm sua clareza normal. Pago ao veterinário em dinheiro, são todas as minhas economias do trabalho de laboratório e um pouco retiradas antecipadamente do meu cartão de crédito. Eu acho que deveria ter ido para a escola veterinária.

Ela teve um gotejamento IV e alguns raios-x e esteroides. Há um crescimento em seu abdômen, mas não podemos especular sem uma biópsia. Terei que esperar que Lucy volte para casa porque não tenho o dinheiro. A cauda de Napoleão bate forte e rapidamente quando chegamos na entrada da garagem. Há outro carro estacionado. Eu não

reconheço, mas tem placas de Nova York. Eu desligo motor e tiro o cinto de segurança. Então Lucky sai de trás da casa e meu coração para quando eu o vejo.

Seu cabelo está raspado e ele está vestindo uma parka de inverno com pêlos ao redor do pescoço. Ele é tão alto e lindo e insanamente perfeito o homem poderia parar o trânsito, mesmo coberto por uma jaqueta de inverno gigantesca. Mas ele é mais do que isso, porque ele é Lucky, meu primo, meu *primo hermano,* que me conhece melhor do que eu mesmo. Sua postura grita masculinidade, toda a sua pessoa grita confiança.

Eu saio do carro e corro para os braços dele. Ele me levanta do chão e me gira antes de colocar um beijo no meu nariz.

—Eu senti sua falta, Len. Muito !—

—Você dirigiu na neve? Você está louco? — Eu pergunto, puxando-o para a casa pela mão, depois que deixamos Napoleão sair e ela corre à nossa frente. Eu tenho que usar minha mão direita para tirar a chave do meu bolso esquerdo e a tipóia de repente parece uma camisa de força.

—Eu saí ontem à noite, bem, esta manhã, cedo. Logo depois que você ligou para Tia Betty do hospital e contou sobre o acidente. —

—Você é louco, as estradas eram terríveis? —

—Você é a maluca. Dirigindo sozinha em uma enorme nevasca. —

Eu faço café e jogo pão na torradeira.

—Tia Betty disse que você a conhecia. Eu não queria que você estivesse sozinha. —

—Ela era Jan a esposa do meu padrinho. Provavelmente uma pessoa terrível e definitivamente uma alcoólatra furiosa. Mas ele a amava, Lucky, como nada mais. Uma partida feita no inferno, mas com participantes muito dispostos. Sabe o que eu quero dizer? —

—O que você quer dizer com 'seu padrinho'? Você está em AA, Len? Eu não sabia que você tinha um problema. —

Eu enrolo minhas pernas debaixo de mim e tomo um gole do meu café.

—Não. Grupo de co-dependência. É toda noite de terça-feira no porão de um restaurante chinês em um shopping center. É deprimente. É tudo sobre pessoas desperdiçando suas próprias vidas por excesso de cuidado com outras pessoas. Bem, uma outra pessoa. A maioria deles são facilitadores e seus parceiros usam isso a seu favor. Jan era alcoólatra e Bryan estava sóbrio. Mas isso não importava, porque ele estava embriagado de amor com Jan e tomava decisões tão ruins quanto ela. —

—Mas Len, por que você está aí? Você está em um relacionamento? —

Eu balancei minha cabeça e tomei outro gole do meu café. —Eu estou lá por sua causa, Lucky, porque meus sentimentos por você não são naturais e nem é o jeito que eu lido com eles. —

—Jesus, Len. Eu tento tomar decisões para nos ajudar a superar isso e, em vez de ajuda-la, parece piorar. Eu não quero que você seja fodida. Os sacrifícios que faço são para que você possa ser uma pessoa normal. —

Lucky fica de pé e anda a pequena sala de estar. Ele passa as mãos pelos cabelos e os enfia nos bolsos. Seu rosto está perturbado, mas a tensão o deixa ainda mais sexy. Lucky é intenso. Eu não consigo ter o suficiente de sua intensidade.

—Eu acho que há apenas uma coisa que me deixa bem, e essa coisa não é uma opção. Se você não tivesse me ajudado a perder minha virgindade, Lucky, eu ainda estaria em pé diante de você, virgem. Eu não posso ficar ligada sem você. Uma vez que eu provei seus lábios, arruinei todos os outros beijos para mim. Eu não os quero. Eu me ressinto de cada carícia que não é sua, Lucky. Seu toque me marcou primeiro e estou arruinada. —

Ele anda de volta para mim e eu posso ver o contorno de seu pau grosso através de seu jeans. Eu o liguei com minhas palavras e nem quis dizer. Sinto-me hiper vigilante e sonolenta, bêbada e doente de uma só vez. Eu vou perder a cabeça se ele me rejeitar e eu acabar presa em alguma enfermaria psiquiátrica, minha mente em um loop repetido do meu primeiro e último beijo com Lucky.

—Vamos encontrar uma escolta, alguém que possa te levar. Eu ficarei no quarto e ficarei com você, observando cada minuto. Nós nos olharemos como da última vez. É a única maneira de fazer isso. — Lucky está em uma missão, puxou sua jaqueta e está segurando a minha para mim. —Eu comprei uma bolsa assim que cheguei à cidade. Nós vamos bater naquele

ponto. Podemos encontrar alguém lá, quanto mais cedo melhor. —

—Por que você estava pegando uma bolsa? —

—Eu estou limpo, Bey. Eu prometo. Já faz muito tempo. Velhos hábitos são difíceis de morrer. —

—Incluindo eu—, murmuro, mas não acho que ele me ouve.

—Eu estava fodidamente nervoso em vir. —

Ele está me arrastando escada abaixo com meu braço bom e minha jaqueta está caindo sem o braço no lugar para segurá-lo. Eu paro no último degrau o ar frio do inverno pegando meu cabelo e fazendo minhas bochechas rosadas.

—Lucky, você planejou dormir na minha cama? —

Ele se vira e olha para mim, energia frenética dominando seu rosto.

—Você sabia que ficaríamos sozinhos aqui e não haveria ninguém para nos perturbar? Por que você veio aqui, Lucky? O que você quer de mim? —

Ele veio aqui para fazer amor comigo. Ele sabe disso tão bem quanto eu, mas está relutante em admitir isso.

Ele está balançando a cabeça de um lado para o outro, devagar, mas é assim que o rosto dele mostra a culpa, o que é, por si só, uma resposta suficiente para mim. Lucky é movido exatamente pelo mesmo motivo e está ainda mais envergonhado do que eu.

—Bey, vamos encontrar outro caminho. Podemos descobrir alguma coisa—, diz ele, mas já parece duvidoso.

—Então eu posso te foder por procuração? Eu prefiro não, Lucky. Eu prefiro passar minha vida inteira desejando. Eu fiquei molhada lá atrás no sofá, só de ver você duro. Meu corpo fala com o seu e eu não quero que ele pare. Eu prefiro essa conexão a sair de uma pessoa aleatória. Não é o que eu quero. —

—O que você quer, Bey? —

—Eu não quero morrer sem antes dar meu corpo para você. Eu quero você, Lucky. eu quero... — Eu respiro fundo, —Eu quero que você me foda. —

Eu juro que vejo seu rosto mudar quando as palavras saem da minha boca. Ele se transforma de ser meu primo irmão, o rosto que eu conheço tão bem, em um homem adulto cheio de luxúria e explodindo nas costuras com paixão suficiente para inflamar os dois.

—Lucky, esta pode ser nossa última chance. —

Eu exalo lentamente, fecho meus olhos e faço uma pequena oração em minha cabeça. Quando eu os abro, ele está me carregando, me levantando em seus braços e voltando pela porta da casa. Sua boca está na minha, seu beijo feroz que eu conheço bem, mas nunca consegui preencher. Ele está me preenchendo, ele está me beijando como ele é dono da minha mente, corpo e coração. E ele faz.

—Cama—, diz ele sem tirar a boca da minha.

Eu aponto para o meu quarto e ele bate a porta aberta. Eu tenho um colchão king-size e uma caixa de mola, mas nenhum quadro, então minha cama é baixa no chão. Lucky me coloca para baixo e eu chuto meus sapatos. Eu tiro minha mão do meu casaco, mas mal posso vestir minhas roupas, e muito menos tirá-las novamente.

Lucky tira a camisa com uma rápida garra nas costas e a puxa pela cabeça. Suas placas no pescoço balançam para frente quando ele se inclina para baixo, fazendo o trabalho rápido de suas botas e calças. Eu estou lutando com uma mão com o meu jeans. Lucky está de cueca e ele rasteja sobre mim, alinhando nossos corpos. Com o peso dele nos braços, ele me beija delicadamente. Então ele agarra o outro lado da minha calça jeans e os rasga pelas minhas pernas. Ele se abaixa sobre mim e sua enorme protuberância, coberta de roupas íntimas, pressiona contra o meu centro quente. Eu abro minhas pernas e o aproximo ainda mais de mim.

Lucky beliscou meu lóbulo da orelha e depois sua língua varreu bem dentro do meu ouvido, ele morde minha orelha e viaja seu amor mordendo meu queixo. Eu rolo meus quadris e pressiono sua protuberância. Ele empurra de volta com força, me dizendo com seu corpo que ele está no comando. Minha pele se arrepia e eu mordo para evitar de transar com ele.

Ele morde meu queixo até chegar aos meus lábios, em seguida, mordisca suavemente o inferior antes de sugá-lo completamente em sua boca e mergulhar com a língua.

Eu rolo meus quadris, eu não posso me ajudar. Meu corpo está em chamas e minha mente está sobrecarregada.

—Talvez eu possa acabar com você, Lenny? O que você acha disso? —

—Sim!— Eu digo, minha mão agarrando sua bunda pela primeira vez. Isso me deixa louca como ele é duro e musculoso.

—Diga isso, Len, eu quero ouvir você dizer isso de novo. — Ele está me provocando, arrastando sua protuberância dura através dos meus lábios macios. Eu esfrego contra ele tentando saciar a unidade furiosa, tentando levá-lo para dentro de mim.

—Por favor, foda-me, Lucky. Por favor, tire isso de mim. — Ele sai sem fôlego e desesperado e inflama algo nele. Ele rasga minha camisa, estalando alguns dos botões. Só vem a meio caminho devido a tipóia, más, meu sutiã tem um fecho dianteiro e ele o abre. Meus seios caem livres. Ele chupa um mamilo em sua boca e, em seguida, esfrega-o ao longo de seus lábios, movendo a cabeça. O outro ele tortura com círculos lentos de seu polegar até doer. Ele puxa aquele em sua boca e passa a língua sobre ele, então suga, puxando-o em um ponto. Primeiro, ele se concentra apenas no mamilo, depois abre a boca e puxa toda a aréola para dentro, roçando-a com os dentes.

Estou respirando ofegante, estou tão molhada e pronta, posso vir apenas esfregando-me contra o pau duro dele e ele ainda está dentro de cueca.

—Por favor, Lucky—, eu lamento.

Lucky desliza pelo meu corpo e beija meu braço machucado. Ele dá pequenas lambidas por toda minha barriga, mergulhando no meu umbigo. Meu corpo nada no calor enquanto ele me faz cócegas com a língua, direto do meu

umbigo, até que ele chega ao meu clitóris. Ele gentilmente lambe minhas dobras antes de mergulhar sua língua em mim. Minhas costas arqueiam com a sensação.

—Por favor—, eu imploro a ele.

—Diga, Belén, eu quero ouvir você me implorar. — Ele empurra com a língua novamente e eu estou quase caindo sobre a borda.

—Oh meu Deus, Lucky, por favor. Por favor, me foda!—

—Não—, ele diz definitivamente e me dá uma última lambida arrebatadora.

Eu recuo de sua rejeição. Eu não aguento mais. Eu não sei que tipo de jogo doentio ele está jogando, mas eu vou morrer por dentro se ele não me quiser depois disso.

Lucky se move rapidamente pelo meu corpo até nos encontrarmos cara a cara. Seu contato visual é escuro e intenso, e eu não posso tomar seu escrutínio.

Com um movimento rápido, ele se abaixa e libera seu pênis, ele está imediatamente dentro de mim até o fim e minha boca se abre em estado de choque.

—Estou apaixonado por você, Belén. Sempre fui. Eu não quero transar com você, eu quero ser o primeiro homem a fazer amor com você. —

Seus olhos seguram os meus e eu acho que eles estão cheios de emoção. Lucky está dentro de mim, ele é grosso e enorme e seu pênis pulsa e pula em antecipação. Bem ali sem se

mover nem um centímetro. Gritos caem da minha boca e meus músculos apertam e o molham. Eu inclino minha cabeça para trás enquanto os gritos suavizam e meu corpo treme todo.

Eu amo Lucky, o único. Finalmente.

Eu estou vidrada e o orgasmo ainda pulsa através de mim como brasas resfriadas. Eu olho para o rosto de Lucky e ele parece extasiado. Ele começa a me foder tão docemente. Ele dobra um dos meus joelhos e desliza todo o caminho para dentro de mim. Seu pau é incrível, é a sensação que eu sempre quis. Sendo levada por ele, meu próprio corpo alimentando seu prazer.

Ele desliza as mãos debaixo de mim e agarra minha bunda, em seguida, assalta minha boca novamente com seu beijo faminto. Eu puxo sua língua para dentro da minha boca e chupo suavemente quando eu empurro de volta para suas estocadas, meus quadris encontrando seu golpe, pegando seu ritmo. Seus testículos acertam minha outra entrada, acendendo redemoinhos de prazer que me assustam. Quero Lucky dentro de mim em todos os buracos possíveis, de todas as maneiras possíveis, quero que ele me leve.

—Belén, não posso aguentar muito mais tempo. Você está me matando—, ele diz.

Eu o beijo de volta suavemente e ele geme na minha boca. Eu empurro meus quadris mais rápido e seu osso púbico atinge o feixe de nervos, desencadeando o nascimento de outro orgasmo que começa na base da minha espinha.

—Eu vou gozar, Lucky. Estou chegando!—

Minhas palavras se transformam em um grito, sem sequer perceber. O orgasmo faz fronteira com a violência enquanto ela abre caminho através de mim. Minha buceta se contrai em torno de Lucky e eu posso sentir sua espessura grossa.

—Baby, eu vou gozar—, diz ele sussurrando, mesmo à beira de seu limite.

—Venha dentro de mim, Lucky—, eu digo e as unhas da minha mão boa agarram a carne de suas costas.

—Não seja louca—, diz Lucky, tentando parecer severo, mas seu rosto é apenas sensual e incrédulo. Eu posso dizer que ele quer.

—Eu estou tomando pílula, por favor? Eu quero que você venha dentro de mim, baby. Eu quero que você me marque. — Eu não sei quem eu sou quando estou falando assim, mas isso não importa. Estou em êxtase, estou em alta. Eu me apaixonei tanto por ele.

—Bey, oh Jesus! Foda-me! —Ele atira seu sêmen quente em mim e eu não sinto nada além de gratidão. Ele empurra com tanta força e rapidez que seus próprios gritos vibram com o movimento de seu corpo. Eu posso sentir seu pênis sacudir e pulsar como se estivesse tentando vir duas vezes. Então todo o seu corpo relaxa e seu peso cai em cima de mim.

—Ai!— Eu digo quando ele esmaga meu braço.

—Oh, merda, desculpe, Bey—, diz ele e ele rola para o meu lado.

Eu olho para o pênis dele e ainda está perfeitamente ereto. Lucky me vê olhando e agarra a base do seu eixo.

—Agora que fizemos amor, eu planejo foder você muitas vezes a partir de agora, assim que eu conseguir fazer isso de novo—, diz Lucky com um sorriso no rosto.

Eu sorrio para ele e ele sorri de volta. Parece um nevoeiro. Como o sol queimou toda a névoa. O céu em minha mente desapareceu. Aqui, sob o olhar de Lucky, me sinto sã. Sinto-me livre. Eu me sinto perfeita. Isso finalmente parece o meu verdadeiro eu.

Lucky

Belén adormece enfiada na dobra do meu braço. Não é como se não tivéssemos dormido juntos antes. Mas esse brilho é todo meu. Eu assumi o comando do corpo dela e não quero devolvê-lo. Vou fodê-la de mil maneiras diferentes e comer todas as suas virgindade. Porque, *porra*, eles sempre foram feitos para serem meus em primeiro lugar.

Eu não sei porque esperei por tanto tempo. Se eu soubesse que o alívio que eu teria, viria em seu rosto quando eu transasse nela, eu teria feito isso há muito tempo atrás. Talvez esteja confuso, mas pude ver na cara dela que Belén encontrou sua validação em mim. Como uma bela adormecida que finalmente acordou. Até seus lábios e bochechas são rosados, mais do que jamais foram.

Talvez ela esteja esperando todo esse tempo para eu libertá-la. Eu estava com muito medo de ver, eu acho. Como se eu não fosse homem o suficiente para lidar, como se eu não pudesse suportar todos esses sentimentos. Então Belén teve que esperar enquanto eu demorava para tirar a cabeça da minha bunda. Eu poderia estar transando com ela desde que ela tinha dezesseis anos e ao invés disso eu tinha que ir embora e estragar tudo o que estava acontecendo. Quando tudo o que ela precisava era de mim para convencê-la de que era linda, que ela era desejável. Ela não queria ouvir isso de ninguém. Isso só significou algo quando veio de mim e eu era muito covarde para dizer isso, quanto mais mostrar a ela.

Sua confiança, sua felicidade, Deus, até mesmo sua sanidade, sofreu. Eu não posso acreditar que a torturei assim. Tudo porque eu estava com medo de merda. Eu perdi

anos transando por aí, quando eu poderia estar amando alguém que me amava.

Eu mergulho meus lábios e os escovo contra o pescoço dela. Ela é tão macia, cada parte do corpo perfeita. Eu mordo levemente ao longo de sua mandíbula. Então eu a puxo para fora do sono com um longo beijo. Ela mal beija de volta, ela está exausta e seu braço bom voa acima de sua cabeça enquanto ela automaticamente tenta voltar a dormir.

Eu lambo seu mamilo e gentilmente chupo. Ela geme enquanto dorme e abre as pernas para mim. Meu pau está viciado nela. Eu sei o quão quente ela é, o quão sedoso o deslizar de sua boceta. Mas é uma coisinha quente e gananciosa como nada que eu já senti antes. Eu passo meus dedos através de suas dobras. Ela respira suavemente e murmura, —Lucky—, meu nome em seus lábios é sexy demais.

Agarrando meu eixo eu levanto e deslizo para dentro dela enquanto ainda está dormindo. Seus olhos se abrem rapidamente e depois suavizam quando ela vê meu rosto. Ela cora e eu sei que ela estava tendo sonhos comigo. Sonhos sujos pelo olhar em seu rosto e o suco em sua boceta.

—Eu quero foder você sujo, baby. Você está pronta para ter tudo de mim? —

Ela balança a cabeça docemente e não tem ideia do que estou pensando. Que ela concorda em qualquer coisa, faz meu pau saltar e ficar ainda mais duro do que estava antes.

—Você quer ser uma puta para mim? —

—Lucky, você pode fazer o que quiser. —

Meu pau pula novamente e um pequeno sorriso se espalha em seu rosto. Eu empurrei dentro dela com força, levando-a até o punho. Sua boca se abre em surpresa e seus olhos ficam vidrados novamente.

—Quantos buracos você tem, Belén? —

—Três—, diz ela, com os olhos agora cobertos de desejo.

—Quantos são meus? — Eu pergunto, empurrando duro novamente. Eu empurro sua perna para cima e passo seu suco bem em cima da sua entrada de trás. Ela se contorce quando eu pressiono o polegar para baixo.

—Quantos? — Eu pergunto.

Então ela me ataca.

—Eu nunca vou me arrepender de nada que você faz para mim, Lucky. — Seu rosto é puxado em uma carranca e seus lábios estão franzidos.

—Por que diabos você me bateu então, Bey? —

—Isso é por não fazer isso mais cedo!—

De repente, sinto que nunca tive um bom motivo.

—Desde o primeiro dia em sua cozinha, quando eu tinha treze anos e você me beijou, você deixou meu coração pendurado. Eu tentei gostar de outras pessoas, eu tentei superar isso. Eu precisava tanto de você, mas tudo que você fez foi me afastar e ir foder com outras mulheres. —

Seu braço está sobre o peito e eu a ataco. Eu puxo suas pernas para baixo com força para que ela volte reclinada. Eu ando até a cama para ela de joelhos e coloco meu pau em seu rosto. Eu pego o cabelo dela e meu pau.

—Abra sua boca e me mostre o que eu perdi. Se você pegar o que eu te dou então talvez eu faça todos esses anos valerem apena para você. —

Eu fodo seu rosto sem me segurar. Eu sei que é muito difícil, eu sei que é brutal, mas eu não posso me ajudar. Eu a queria há tanto tempo que estar dentro dela é tudo que posso pensar. Ela engasga e sua saliva engrossa a um lubrificante natural. Eu quero derramar em seu rosto e em toda a sua língua, mas não antes de eu estar em sua bunda. Eu quero ser o primeiro e único de Belén.

—Fique de joelhos, Bey—, eu digo friamente. Eu pego a saliva espessa que está pendurada em seu lábio inferior e, ao redor, coloco completamente em seu cú. Ela geme em torno do meu pau quando eu pressiono com um dedo.

—Você gosta disso, baby? —

Sua cabeça balança no meu pau enquanto ela balança a cabeça.

—Deixe-me saber se há algo que você não gosta. Eu vou fazer isso de qualquer maneira, mas vou tentar ser cuidadoso. — Eu sorrio quando digo isso e seus olhos se arregalam de surpresa.

Eu não sei o que deu em mim, eu não sou geralmente tão duro. É Belén quem chegou até mim, eu perdi minha cabeça com desejo. Talvez eu possa acabar com ela, talvez possamos nos satisfazer. Mas eu sei que estou realmente brincando comigo mesmo. Estar dentro de Belén alimenta o fogo. Isso me faz querer mais ela. Eu quero cada respiração, cada sorriso, cada manhã, o momento em que ela abre os olhos pela primeira vez.

Eu puxo sua boca do meu pau.

—Cospe na minha mão—, eu exijo. Ela cumpre imediatamente. —Cabeça para baixo, bunda no ar. —

Ela se vira e faz o que eu digo. Sua bunda virgem perfeita no ar para mim praticamente me mata. Eu bato uma bochecha com força e ela grita. Então eu puxo seus quadris para trás e enterro meu rosto em sua fenda. Aperto seu buraco apertado até que ela está se contorcendo debaixo de mim e empurrando seus quadris para trás. Eu pego a mão que ela cuspiu e passo em todo seu buraco apertado.

—Você está tentando me dizer que você gosta disso? —

—Sim—, ela diz, provavelmente corando novamente.

—Então diga. Me diga que você quer que eu faça isso. —

Ela hesita por um instante, como se não tivesse certeza de poder ir até lá, então sua voz sai rouca de uma maneira que eu nunca ouvi antes. O som disso me faz entrar. Eu quase quebro minha carga sem tocá-la.

—Por favor, foda minha bunda, Lucky. —

—Não consigo ouvir você. —

—Por favor, foda minha bunda!— Ela está se contorcendo sob meus dedos que estão soltando-a. Ela é uma cadela quente no cio, minha prima pequena e durona. E eu sou chicoteado Eu lamberia sua bunda por uma semana se ela me deixasse. Eu amo tudo sobre Belén e tomar seu corpo é a melhor experiência.

Eu cuspo na minha mão e lubrifico o meu eixo. Eu coloco na entrada dela e ela choraminga de medo.

—Não me diga que você está com medo, Belén, me diga o quanto você gosta. —

—Por favor, não me machuque—, ela sussurra.

—Jesus Cristo, Belén!— Eu digo, batendo na sua bunda. — Eu sou fodidamente louco por você. Acha que deixaria alguém colocar uma mão em você? Incluindo me a mim? —

—Não. —

—Você me implorou para te foder, então agora eu estou transando com você. Eu quero que você venha tão louca que você nunca vai esquecer—, eu digo. Eu bato sua buceta bem sobre seu clitóris e ela volta para a cabeça do meu pau sozinha.

—Você quer isso? —

—Sim—, diz ela, e vejo os músculos das costas dela tremerem.

—Então pegue. —

Belén empurra para trás e eu me empurro para frente e deslizo em seu pequeno buraco escuro. Meu pau palpita e eu tenho medo de ir fundo. Seus músculos ainda estão tensos de medo e suas pernas estão tremendo.

—Lucky, não se mova—, diz ela, o medo claro em sua voz.

Eu a pressiono e um gemido surpreendentemente alto vem de ambos os nossos lábios. Eu me movo lentamente, arrastando meu pau para dentro e fora de suas paredes apertadas. Nunca foi assim antes. Belén é incrível. Ela é tão inocente e tão loucamente linda. Todos esses anos de espera e toda a emoção são quase demais para mim. Meu saco está apertado, meu pau pronto para explodir. Eu coloquei uma mão na bunda dela e, inclinando-me para frente, trago a outra para estimular seu clitóris. Ela se move comigo enquanto eu a fodo e posso dizer que ela quer. Eu esfrego seu clitóris mais rápido porque não tenho como durar.

Seu primeiro grito ecoa na minha cabeça e minha carga jorra em sua bunda. Eu empurro dentro dela enquanto ela continua a gemer. Sua vagina está tão molhada que a evidência está escorrendo pelas coxas dela. Seus músculos começam a trabalhar e eu mergulho meus dedos para sentir o quão duro ela ordenha. Sua boceta ainda quer mais de mim. Ela veio ao lugar certo, porque eu me transformei em um maldito animal.

Ela caio para frente quando o orgasmo termina e eu saio de dentro dela.

Ela suspira alto e soa como um suspiro de perfeita satisfação.

—*Isso, eu* estava fodendo você, Belén. De agora em diante, tenha cuidado com o que você pede—, eu aviso, mergulhando minha língua em sua boca.

—Eu sou sua, Lucky. Você pode fazer o que quiser comigo. —

—Boa resposta—, eu digo, colocando seu corpinho debaixo do meu braço. Suas pernas se enrolam e ela sai em alguns minutos.

Sete meses no exterior e eu vou ter isso para lembrar. Os fogos de artifício com Belén são doidos. Sou mais viciado nela do que qualquer droga que já tomei. É ela que eu desejo alto. Eu sempre fui capaz de me conectar com qualquer mulher que eu quisesse. Eu fodo elas, eu deixo elas, mas meu coração fica queimando.

Mas Belén me surpreende, com ela é sempre diferente. Ela me leva para outro lugar completamente. Só ela consegue, e eu não entendo o porquê. Belén é a única que pode apagar meu fogo.

Belén

Não é como se Lucky e eu fossemos nos casar. Nós não vamos ligar para nossas mães e dizer-lhes: —Estamos em um relacionamento, agora lide com isso. — Elas ficariam decepcionadas e com o coração partido. Eu sei que minha mãe iria se culpar, e com tudo que ela sacrificou por mim, eu não

faria isso com ela. Lucky e eu dizemos a nós mesmos que o sexo pode nos ajudar a tirá-lo de nossos sistemas. Que precisávamos explorar esses sentimentos e agora podemos seguir em frente com a vida real. Dói dizer adeus a ele.

—Eu não quero dizer que vou ligar ou escrever quando não souber como será a situação lá. —

Estamos deitados no sofá, minha cabeça no colo dele. Fizemos sexo até nossos corpos doerem e adormecemos em exaustão.

—Está bem. Eu posso sentir você em meu coração e agora meu corpo vai lembrar de você também, — eu digo, alcançando minha mão para tocar seu rosto. E se sempre pudesse ser assim? E se Lucky e eu pudéssemos ficar deitados no sofá em frente à nossa família? E se pudéssemos ser verdadeiros amantes e esperar mais prazer do corpo um do outro?

—Antes, quando descobri que você estava implantado, fiquei obcecada como uma louca. Eu vou tentar não fazer isso desta vez —, eu digo com determinação. Se Lucky é corajoso o suficiente para fazer isso, então eu deveria ser corajosa o suficiente para apoiá-lo.

—Belén, se você puder seguir em frente, eu quero que você siga—, diz Lucky, mas ele parece quase engasgado. Ele acaricia meu cabelo com uma mão enquanto a outra fica nas minhas costas.

Eu aceno e começo a fungar. Eu vou chorar se eu disser alguma coisa.

—Porque não é que eu não queira. Nós não poderíamos ter filhos, não poderíamos dizer às pessoas quem nós éramos, e isso nem mesmo leva em conta nossas famílias. Tia Betty cortaria meu pau. Minha mãe me mataria. —

—Acredite em mim, eu estou ciente dos obstáculos—, eu digo, enrolando em seu colo. O cheiro de Lucky me conforta como nada mais. Seu toque é tudo que eu sonhei, e mais. —Não vamos falar sobre isso. Vamos apenas estar aqui onde estamos. —

—Eu tenho que sair em um par de horas—, diz Lucky, levando a mão à testa. Ele está angustiado, posso dizer porque conheço seu rosto tão bem.

—Então me ame por mais algumas horas—, eu digo e posso sentir seu pênis responder apenas com minhas palavras. Nós fomos feitos para ficar juntos assim, não há como negar isso. Lucky é dono de cada parte de mim, meu passado e meu futuro. Eu não acho que seguir em frente é possível. Como eu poderia querer passar de um amor tão completo e perfeito?

Lucky me puxa para cima e eu escalo seu colo. Suas mãos deslizam até meus quadris e eu os balanço contra ele enquanto ele me puxa para um beijo. O beijo de Lucky é amor concentrado lento e puro. Sua língua é de veludo e suavemente comanda minha boca enquanto seus lábios deslizam sobre os meus. Eu fico tonta com o beijo, deslumbrada com seu amor ardente.

Sua ereção cresce entre as minhas pernas e chama a umidade fora de mim. Eu posso sentir minha calcinha ficando úmida e meu corpo se prepara. Eu balanço suavemente contra ele e ele pega um punhado de carne onde meu quadril encontra

minha bunda. Sua boca se move de suave para dominante, mas ainda há muito amor nela. Lucky rasga minha blusa acima da minha cabeça e a joga do outro lado da sala.

—Você deve colocar sua tipóia de volta—, diz Lucky, beijando meu braço.

—Eu não posso usar essa coisa. Isso me faz sentir amarrada. —

Seus lábios saem pelo meu pescoço e pela minha clavícula. Ele beija meu ombro e depois a mancha bem em cima do meu peito.

—Eu não sei como dizer adeus a você—, sussurra Lucky, com o rosto no meu cabelo.

—Você não precisa. Eu sempre estarei aqui para você. —

—Eu quero coisas boas para você, Bey. Não tenho nada para oferecer. —

Ele esfrega meu peito e depois chupa o mamilo em sua boca quente. Sua língua roça e eu abro minhas pernas mais, minha bunda subindo em suas mãos.

—Belén—, Lucky respira e eu morro quando o ouço dizer meu nome, sua voz transbordando de tanta apreensão e saudade.

Inclinando-me para frente, coloquei minha mão em sua coxa e balancei minha perna, ajoelhando-me no chão entre os joelhos dele. Ele pega meu queixo e levanta a cabeça para olhar para ele.

—Você tem alguma idéia do que você faz comigo? —

—Eu quero te chupar. Eu quero fazer tudo com você, Lucky, todas as coisas que perdemos, todas as vezes que fomos interrompidos. —

Lucky se inclina para frente e captura minha boca. Ele envolve seus braços em minhas costas e me abraça apertado.

—Talvez eu devesse ter te levado quando você tinha treze anos, bem ali na cozinha de mamãe—, diz ele, levantando uma sobrancelha, um sorriso perfeito de Lucky rastejando em sua piada.

—Eu teria deixado você—, eu digo, puxando suas calças com apenas um braço.

—Tão sacana, Bey—, diz Lucky, seu sorriso agora se alargando. Ele aperta meu mamilo e eu me contorço por dentro. O calor sobe para a superfície da minha pele. Eu coro com isso. Estou sempre tão quente por ele. Eu me lembro daquele dia, tudo que eu senti.

De repente, não é mais uma piada. Estou de volta àquela cozinha, maravilhada com sua masculinidade e como meu próprio corpo responde a ele.

—Lembra como eu coloquei você no meu pau? — Sussurra Lucky. Nós dois estávamos tão loucos, tanto naquele dia quanto agora.

—Esses sentimentos eram novos. Eu nem sabia o que era, mas sabia que queria você. —

—Você teria me deixado, você não acha? —

—Sim—, eu digo, respirando em seu ouvido. Nós compartilhamos os mesmos segredos sujos. Minha própria pele se arrepia, enquanto sua bochecha roça a minha.

—Você era muito jovem—, diz Lucky.

—Eu era sua independentemente. Eu sempre pertenci a você. —

Lucky agarra a parte de trás da minha cabeça e me dá um beijo duro, com a outra mão, ele desfaz as calças e as empurra para baixo até as coxas, e elas caem até os tornozelos.

—Eu não quero falar sobre o futuro ou o que vamos fazer. Eu não quero falar sobre o que há de errado em estarmos juntos. Eu só quero sentir você. *Tudo o que quero sentir é você.* —

Ele corre para a frente no sofá, seu pau duro agarrado pela base. Ele acaricia meu rosto com sua ereção e eu viro e pego apenas a cabeça esponjosa entre meus lábios. Eu lentamente trabalho minha boca ao longo de seu comprimento até que ele esteja escorregadio com a minha saliva.

—Eu quero provar o seu gozo na minha boca—, eu digo, e seu pênis responde.

—Sabe quantos rostos de garotas eu vim, Bey, e imaginei o seu em vez disso? —

Meu coração aquece quando ele diz isso e provavelmente não é justo para todas as garotas que o queriam e acreditavam

que ele estava lá com elas quando elas o estavam chupando. Quantas vezes chegamos ao clímax pensando um no outro?

—Eu vou te dar a coisa real, Lucky, e você pode ver como se compara—, eu sussurro antes de tomar todo o seu comprimento na minha boca.

—Jesus Cristo, Belén, eu vou apenas da a merda que você diz. —

Eu coloco minhas duas mãos em suas coxas duras e balanço minha cabeça a tempo para o ritmo de seus quadris. Ele fode seu pau profundamente na minha garganta, mas sem a agressão da primeira vez. Eu não posso aguentar o suficiente dele. Eu quero levar tudo dele, o que quer que isso signifique, sufocando em seu pau ou levando na bunda se ele quiser. Eu quase quero que Lucky me machuque e me sinto confusa com esses desejos. É porque eu quero lembrar? É porque esse amor dói tanto por dentro que eu quero sentir o mesmo do lado de fora? Eu quero a dor gravada na minha carne assim como está tatuada no meu coração.

Eu o levo até que eu engasguei e meus olhos lacrimejam como se eu estivesse chorando. Lucky se afasta e levanta a cabeça novamente. Ele olha para mim com confusão e tanta ternura que faz uma estaca atravessar meu coração.

—Não se mate, baby. Venha sentar no meu colo, — ele diz, segurando sua ereção em uma mão e limpando a grossa saliva do meu rosto com a outra.

—Sinto-me com defeito. Eu acho que é incurável, — eu sussurro e limpo meu queixo com as costas da minha mão. —Eu ainda quero provar o seu gozo. Eu quero fazer tudo antes de você ir, então eu não estou te perguntando. —

Lucky acena e é muito reconfortante. Ele não acha que estou doente ou errada ou fodida. Ele entende meu desespero e quer me ajudar.

—Monte meu pau até que você goze e então eu vou sacudir na sua cara para que você possa saboreá-lo. —

Eu gemo alto e desmaio com suas palavras. Quanto mais sujo ele fica, mais eu gosto. Quanto mais brutal ele é, mais meu impulso é acionado. Estou tão molhada e enlouquecida pelo que ele disse. Eu fico de pé sobre ele, mas Lucky agarra minhas coxas e empurra meus quadris em direção ao seu rosto. Ele dá voltas na minha buceta com a sua lingua e minha cabeça nada. Ele se inclina para frente novamente e me puxa para baixo com força, seu pênis empalando dentro de mim. Eu gemo novamente e minha cabeça cai em êxtase. Lucky agarra minha bunda com força e se mexe comigo.

—Eu coloquei um feitiço de amor em você quando éramos crianças. —

Lucky responde batendo no punho.

—Eu acho que funcionou—, diz ele, sua respiração trabalhou com esforço. Eu coloco minha boa mão em seu ombro e monto seu pau duro com tudo o que tenho em mim.

—Você não está com raiva de mim? — Eu pergunto.

—Como eu poderia ficar? Você tem uma boceta mágica, Bey, e agora eu estou fodendo isso. —

Eu sinto que estou corando, mas talvez seja apenas a droga do amor que faz a minha temperatura subir e meu coração todo tonto.

—Além disso, eu me masturbei em sua cama tantas vezes quando você não estava em casa—, diz Lucky e, em seguida, belisca meus mamilos entre o polegar e dois dedos.

Eu sinto a sensação do meu corpo se aproximando da borda de um orgasmo. —Você fez? Eu vou vir só de pensar nisso. —

Lucky enfia dois dedos na minha boca e os enrola na minha língua. Eu tento sugá-los, mas ele os puxa de volta.

—Cospe, menina—, ele diz e eu cuspo em seus dedos.

—Eu já estou vindo, Lucky, eu não posso aguentar mais. —

—Espere, espere—, diz ele. Lucky chega ao meu redor e empurra dois dedos na minha bunda. Eu já estou chegando. Meus músculos do estômago se contraem e meus dedos cravam em seus ombros. Lucky passa os dois dedos na minha bunda e meu corpo explode com isso. Eu posso sentir meus músculos internos se contraindo em torno de seu pênis. Eu estou indo tão alto que posso morrer de acidente. Mais suavemente e eu me movo para cima e para baixo lentamente enquanto a onda de prazer recua em cada canto do meu corpo.

Lucky então me joga fora dele assim que eu me recupero. Ele me coloca ao longo do sofá e pega seu pênis em suas mãos e imediatamente começa a acariciá-lo.

—Abra sua boca, Belén. Você ainda quer que eu venha? —

—Sim—, eu lamento. Em seguida, rolei de quatro e corajosamente rasteje em direção a ele. Eu o alcanço assim que o sêmen começa a atirar. Eu envolvo meus lábios ao redor da ponta e engulo sua carga grossa. Lucky enfia o seu comprimento na minha garganta quando ele alcança o clímax. Meus lábios estalam quando ele puxa seu pênis para fora e Lucky pega meu queixo novamente.

—Nunca me deixe ir tão longe que eu te machuque. —

Eu aceno com a cabeça, mas tudo que eu estou pensando é sobre o quanto eu quero que ele faça.

Lucky me agarra sob os braços e me levanta no peito. Me embalando como uma criança, ele volta para o quarto e me deita na cama, então rasteja ao meu lado e envolve seu corpo ao redor do meu.

—Eu sempre vou levar o que você der. —

—Eu te amo muito, Lenny. Isso me mata. —

—Eu estou doente com isso também, Lucky. Eu te amo, é assustador demais. —

Adormecemos juntos, envoltos no corpo um do outro, tornando-nos um cobertor macio de conforto. Eu não sei o que vai acontecer conosco, mas não importa o que, pelo menos Lucky e eu compartilhamos esse mesmo amor doentio um pelo outro.

Lucky me acorda às três da manhã. Ele está suando frio e seus olhos percorrem a sala como se ele tivesse passado por algum trauma recente.

—Eu posso fazer as pazes com você, Len. Eu sabia como você estava arrasada quando eu estava com outras pessoas. Meu coração caiu quando o seu fez. Eu podia sentir quando você desmoronaria. Naquele dia na cozinha, soube que te quebrei. É o que me empurrou até a borda para te beijar. E depois com Yari. Eu fui tão cruel com você. Porra me rasga que eu te machuquei. —

—Eu te disse, Lucky. Eu sempre posso pegar o que você der. Eu posso lidar com isso, desde que seja de você quem vem. —

—Eu te adoro. Eu fui idiota em fugir de nós. Como um idiota, eu te afastei. —

Ele parece frenético, quase drogado, como se quisesse dizer tudo o possível esta noite.

—Estamos juntos agora, e isso é tudo o que importa—, eu digo, acariciando sua testa.

—Fique comigo para sempre quando eu voltar. Vamos começar uma nova vida...

Eu coloquei meu dedo nos lábios dele. Eu não quero que ele diga nada. Temo que isso vai dar azar.

—Eu prometo a você, Lucky, que não importa o que aconteça, aqui ou ali, para você ou para mim, nada mais se compara a esse amor. Nada. —

Lucky me puxa para um abraço e se agarra. Eu nunca o vi tão carente. Ele acena com a cabeça em concordância e olha nos meus olhos. Eu olho de volta para os seus estudando seu rosto como eu fiz quando criança, até que o sono mais uma vez o chama. Eu vejo seus cílios escuros tremularem em suas pálpebras, eu me lembro de suas sardas, agora comidas pelo tempo. A gordura queima a cicatriz na testa, a curva do lábio superior, o pequeno mergulho entre o lábio e o nariz, a sobrancelha que mostra muito bem como nosso amor pesa em seu coração.

Adormecemos juntos sob o doce e pesado mel, nosso amor enterrado embaixo como um belo segredo, que nós escondemos do mundo. Nós amamos profundamente no fundo de um poço, onde meu coração de vidro leva seu nome e nenhum de nós, jamais, sente vergonha por isso.

Lucky

Eu acordo ao romper da aurora. Esses são os fuzileiros navais para você, você até regula seu maldito relógio interno.

Belén está dormindo em meus braços. É a melhor coisa que já senti. Meu pau é duro e eu nem preciso transar com ela. Estou tão feliz quanto posso ser em segurá-la. Apenas cheiro ela e observo ela.

Eu fico parado e a escuto respirar, escuto seus batimentos cardíacos até meu braço doer e começo a me preocupar em

voltar para a cidade para me despedir de minha mãe e voltar para a base quando deveria.

A porta da frente bate e eu ouço alguém vasculhando o corredor. Eu sei que Belén tem uma companheira de quarto, mas eu pensei que ela tinha ido embora por um mês. Levanto-me da cama, pego meu jeans e entro na cozinha.

Ela é sua companheira de quarto, e está olhando no armário, pegando filtros de café.

—Lucy? — Eu digo, porque acho que foi o que Bey disse que o nome dela era.

Ela se vira e me olha dos meus pés descalços até o meu rosto. Eu não me incomodei em colocar uma camisa.

—Lucky—, diz ela e se vira para a cafeteira.

—Eu sou amigo de Belén—, eu sinto que não deveria dizer —primo—.

—Eu sei quem você é—, diz Lucy, derramando a água na máquina. —Quer um café? Quando você chegou aqui? —

—Anteontem. Eu pensei que ela disse que você estava fora por todo mês. —

—Eu estava, até receber o e-mail dela sobre Jan. Eu não queria que ela ficasse sozinha. Eu não sabia que você viria. —

—Jan. É por isso que vim. Quer dizer, eu iria de qualquer maneira, mas acabei chegando cedo. —

—Indo hoje? —

—Sim—, eu digo, inclinando um braço no fogão. Eu nem conheço essa garota, mas preciso de alguém para conversar. — Eu não quero deixá-la, no entanto. Eu tenho medo que ela não fique bem. — O estresse finalmente chega a mim e eu corro minhas mãos sobre o meu rosto, massageando minha testa com as palmas das minhas mãos.

—Ela vai ficar bem. vocês dois juntos? —Lucy pergunta, e eu não sei o quanto ela sabe, mas tenho certeza que ela está falando sobre sexo.

—Eu peguei ela uma dúzia de vezes entre ontem e hoje, se é para isso que você está querendo chegar. Não estou dizendo que ela precisava de sexo, mas espero que melhore as coisas. Eu nem mesmo me sei por que demorei tanto—

—O problema de Belén não é apenas que ela ama você como nada mais, Lucky. É que ela se convenceu de que é um distúrbio, que ela é de alguma forma anormal. —

—Eu sei. Isso é parcialmente minha culpa. Eu acho que ela precisava da garantia de que não era louca, de que não estava sozinha. Eu nunca dei isso a ela. Eu fodi, grandes momentos,Lucy. — Eu cruzo meus braços sobre o peito enquanto confio em uma completa estranha.

—Eu acho que isso ajudará. Eu sempre senti que seu coração estava realmente quebrado. Não há muito que você possa fazer como amigo —.

—Obrigado pelo que você fez. Obrigado por amá-la e por não julgar. —

—Merda, Lucky, olhe para mim—, diz Lucy e eu cavo como ela se parece. Ela usa um batom brilhante e o cabelo dela está cortado. Ela o joga para a frente, por isso faz um rabo de cavalo na frente. Ela está vestindo botas de brim e jeans e uma camiseta preta do Misfits. Ela parece que poderia chutar sua bunda se ela quisesse.

—Eu fui criada como Católico Apostólico Romano em uma casa muito devota. Acha que eles queriam ouvir o quanto meu coração doía? — Não estou dizendo que estive lá, mas entendi.

—Eu não acho que posso dizer adeus a ela—, eu digo, segurando minha mão no meu peito como se pudesse quebrar minhas costelas abertas. Estou prestes a quebrar na frente de uma estranha total.

—Vá então. Saia daqui. Eu vou cuidar disso. — Eu aceno com a cabeça, mas eu juro que não suporto pensar nisso. Me faz querer ficar chapado, me faz querer bater em alguém ou algo assim.

De volta ao seu quarto, pego minhas roupas, puxo minha camisa por cima da cabeça e aperto meus pés em minhas botas. Belén está dormindo pacificamente, ela parece um anjo. É preciso toda a minha força de vontade para não agarrá-la e beijá-la até acorda-la.

—Len, você é a melhor e pior coisa que já aconteceu comigo—, eu sussurro para ela enquanto eu saio da sala.

—Lucky, não fique tão triste—, Lucy me diz na cozinha. — Eu tenho um plano. Neste verão estou arrastando sua bunda para a Espanha. Não mais cientista-bibliotecária louca para

Belén. Estou pensando em Ibiza, Gibraltar, Sevilha e Mallorca. Sangría, chorizo, jeréz e museus. Muito sol, muita comida, talvez até conhecer alguns homens. —

—Eu acho que te amo por isso—, eu digo, meus olhos prestes a explodirem da pressão das lágrimas. Eu tenho que sair daqui. Eu não posso vê-la acordar, dar-lhe um beijo de adeus e então virar as costas para ela e sair pela porta. —

—Já faz quatro anos. Ela é como uma irmã para mim. —

Aperto a mão de Lucy e ela treme como um irmão, sabe até o final onde você bate nos ombros. Eu me viro e dou alguns passos para a porta.

—Tão fodido quanto parece, ela é para mim também. Eu não tenho ninguém mais perto. Duvido que eu vá. — Eu ponho minha mão na porta e abro-a. —Talvez nenhum homem? —

—Lucky, dê o fora daqui. —

Eu sorrio para Lucy e ela sorri de volta para mim.

Eu saio no quintal e olho para o céu. É azul agora, não o cinza pesado com o qual eu cheguei aqui. As nuvens de neve se esvaziaram e seguiram em frente. Meu coração bate no meu peito como se eu estivesse fugindo de alguma coisa. Acho que estive correndo de Belén todos esses anos. Eu nunca poderia escapar dela. Não tenho certeza se eu sempre quis.

Meu coração está vivo e bombeando meu sangue algo feroz, mas eu poderia jurar pela primeira vez na minha vida, não há nenhuma queimadura louca nele.

Capitulo Vinte e Um

Belén

A parte mais difícil de dizer adeus a Poughkeepsie é encontrar um novo lar para Napoleão. Lucy planeja viajar de mochila pela Europa e depois pela América do Sul. Ela tentou convencer seus pais em Chicago a aceitá-la e eles disseram que são alérgicos.

Eventualmente, chego ao plano perfeito. Estamos pesquisando como poderíamos conseguir que Napoleão se inscrevesse para se tornar um animal de serviço, seja em um hospital ou em uma casa de repouso na área. Eu estou lendo um artigo sobre como animais de companhia podem ser cruciais para a reabilitação de alguém, quando me ocorre que eu já conheço a pessoa perfeita.

Lucy me leva até Bryan, com Napoleão no banco de trás. Seu gramado precisa ser cortado, mas há flores de cerejeira na árvore em seu quintal da frente. Está chovendo pétalas cor-de-rosa perfeitas por toda a entrada e o chão abaixo dela.

Eu bato três vezes e ninguém responde. Eu me sinto como uma idiota por não chegar mais cedo. Mas Bryan aterroriza o inferno fora de mim. Ele é apenas um grau de separação do que eu poderia ser facilmente.

A porta de tela está fechada, mas a porta atrás está aberta. As luzes estão apagadas e a casa está escura. Abro a tela e entro na cozinha de Bryan.

As bancadas estão cobertas de latas de sopa descartadas e caixas de jantares de TV há muito tempo consumidos. Há jornais por toda a mesa da cozinha e alguns no chão. O e-mail que foi jogado está em cima de uma enorme pilha espalhada onde ele pousou.

—Bryan? — Eu chamo, minha voz trêmula e tímida.

Não há resposta, então eu acendo uma luz e faço meu caminho para a sala de estar.

Bryan está sentado em uma poltrona reclinável. Ele tem uma camiseta esticada e um par de calças de pijama.

—Bryan? — Eu digo, me sentindo tão apreensiva. Ele parece cinza e pastoso e eu não vejo o peito dele se movendo.

—Bryan? — Eu digo novamente, dando passos hesitantes para mais perto.

Seus olhos se abrem e eu suspiro de alívio quando eles fazem.

—Belén!— Bryan diz: —O que você está fazendo aqui? —

—Hey!— Eu digo correndo para dar-lhe um abraço. —Eu vim checar e ver como você estava. E também te perguntar se você queria adotar nosso cachorro. —

—Ajude-me—, diz Bryan, e eu pego seu pulso e ajudo a puxá-lo de pé. —Que tipo de cachorro você tem, Belén? Por que você não pode ficar com ela?

—Ela pertence a minha colega de quarto. Ela é um Pit bull misturado e os pais de Lucy não vão levá-la. Nós estamos indo para a Espanha por um mês inteiro e, em seguida, Lucy continuará suas viagens. Napoleão tem um tumor benigno, então ela tem que comer comida especial. Ela precisa de muita atenção e alguém que vai amá-la. —

—Eu nunca fui uma pessoa de cachorro—, diz Bryan, passando os dedos pelos cabelos. Parece que ele não toma banho há dias e seu rosto está coberto de barba por fazer. — Você trouxe ela com você agora? — Bryan pergunta, seu rosto se animando. Ele vai até a janela na cozinha e levanta as persianas, deixando a luz entrar.

—Ela está no carro com Lucy. Eu deveria ir buscá-la? —

—Certo. Desculpe o lugar é uma bagunça. —

—Eu sou muito boa em limpar e Lucy não é tão ruim—, eu digo, saindo pela porta. Minha mãe passaria pela casa de Bryan com um esfregão, um balde e uma garrafa de Fabuloso roxo. Explodindo Anthony Santos e dançando, ela pegaria toda a sujeira em pouco tempo.

Napoleão trota e vai direto para Bryan. Ele se ajoelha para coçá-la e seu rosto se quebra em um sorriso.

Duas horas depois, temos a casa quase impecável. Bryan está no quintal jogando uma bola de tênis para Napoleão e não sei qual dos dois estão se dando muito bem.

Lucy reuniu todo o lixo na cozinha e o classificou em latas de reciclagem. Estou tirando a poeira das fotos de Jan e Bryan na lareira. Em um deles eles estão vestindo colares floridos e camisas havaianas. O cabelo de Jan é longo e loiro e Bryan tinha um bigode e um bronzeado tropical. A próxima é a foto do casamento deles, parece incrivelmente datada. Jan tem um daqueles estranhos véus onde há um chapéu preso a ele. Bryan tem um smoking branco e um grande bigode espesso.

—Mil novecentos e oitenta e um—, diz Bryan, Napoleão de pé ao seu lado ofegante. —A casa parece ótima, Belén. Eu não posso te agradecer o suficiente. —

—Eu deveria ter vindo mais cedo, Bryan. Eu tenho sido uma amiga terrível. Eu estava com medo que você estivesse com raiva de mim. Eu estava com medo de que fosse minha culpa, porque eu não podia salvá-la. —

—Ninguém poderia salvá-la. Nem a própria Jan, — diz Bryan, enquanto uma das mãos distraidamente arranha a cabeça de Napoleão.

—Você acha que quer mantê-la? Eu percebo que é um tiro no escuro e totalmente injusto da nossa parte lançar um ataque surpresa em você assim. —

—Eu vou mantê-la, Belén. Eu acho que isso nos fará bem. —

—Sim, ela é um cachorro muito doce e ama atenção. —

—Eu quis dizer eu e você. Vá ver o mundo, Belén. Não deixe o universo inteiro se transformar em apenas uma pessoa. —

No Museo del Prado, verificamos nossas mochilas e passamos o dia inteiro olhando para pinturas. Temos dormido em albergues e navegado por trens-bala pelo país, ouvindo música ao vivo em bares e comendo como gulosas. Em Madrid, pretendemos aproveitar toda a arte incrível que a cidade tem para oferecer.

Quando nos deparamos com a pintura *Las Meninas*, de Diego Velázquez, reconheço-a imediatamente da história da arte. Velázquez foi nomeado pintor da corte do rei Filipe IV de Espanha, uma posição de prestígio que exigiu que ele pintasse todos os retratos reais. Algumas das figuras da pintura parecem muito estranhas. Nosso professor de história da arte explicou que o rei Filipe e todos os Habsburgos mantiveram sua linhagem real por séculos de endogamia. Que a família era conhecida por ter uma mandíbula escandalosamente grande e de aparência monstruosa, bem como crescimento atrofiado e algumas ocorrências de nanismo.

—Eu vou sair para fumar—, diz Lucy, enfiando a tampa da lente na câmera que comprou apenas para a viagem.

—Ok, eu vou tirar um minuto com este. —

Eu olho para as figuras na pintura como fiz naquele dia na aula quando cobrimos a unidade na Pintura da Era de Ouro Espanhola. Lembro-me de como os alunos gemeram e riram quando o professor explicou como o casamento e a reprodução interfamiliares comuns estavam na preservação de uma linhagem real. Aparentemente, a linhagem real teve precedência sobre as mutações genéticas recessivas e os estigmas.

Eu limpo as lágrimas dos meus olhos e nem percebi que comecei a chorar. Eu olho para o rosto da criança de aparência estranha na vanguarda e penso em como ela não tinha escolha de onde ela veio e nenhuma escolha sobre com quem ela se casaria, se seus filhos seriam deformados ou até mesmo capazes de sobreviver. Ela foi o experimento, não a raiz do problema.

Somos todos partes de uma narrativa que não escrevemos. Talvez Betty tivesse se apaixonado por Luis de qualquer maneira. Talvez ele fosse o único para ela, independentemente de qual família ele veio. Quando a caneta cai em nossas mãos, não podemos apagar o passado. Tudo o que podemos é a chance de criar um novo final. Betty fez o melhor que pôde com as circunstâncias que teve. O amor supostamente vergonhoso de minha mãe era realmente muito inocente.

Eu não escrevi Lucky na minha vida, mas tentei escrevê-lo fora disso. O único final que eu quero é um que tenha Lucky como parte dele.

Eu vejo Lucy no parque. Nós nos sentamos na grama e relaxamos até adormecermos no Parque del Retiro. Eu acordo com a cabeça no estômago de Lucy quando o sol já está começando a diminuir. Nós não sabemos onde vamos comer ou ter alguma ideia de onde vamos dormir. Lucy está mastigando uma folha de grama enquanto lê nosso guia de viagens. Ela tirou as botas e tem os pés descalços na grama.

—BeyBey, você quer ir para Portugal? Eles chamam Lisboa de —a cidade branca—. Parece incrível, confira essas fotos da praia. —

—Você continua mudando nosso itinerário—, eu digo, esfregando uma ameixa na minha blusa e dando uma mordida nela. —Estamos pulando os lugares que planejamos e depois parando em todos os lugares. —

—Esse é o ponto principal. Nós podemos fazer o que quisermos. Ir para onde quisermos. Essa é a definição de liberdade. —

Eu lanço meu caroço até onde posso. O céu é tão azul e a brisa cheira a flores.

—Eu vou para Portugal, que diabos? —

Lucy sorri para mim e se senta para calçar as botas.

—Você é um bom começo para você, Bey—.

Capítulo Vinte E Dois

Lucky

Estamos em uma missão de reconhecimento no sudoeste do Iraque. Esta é uma das nossas missões mais longas longe da base e o deserto da Arábia é infinito. Nós treinamos durante semanas as habilidades de sobrevivência específicas para a região, como sempre mantendo sua cabeça coberta porque o sol é tão quente que vai queimar um buraco através dele. Estamos olhando para os temps em torno de quarenta graus Celsius. Eles chamam esse deserto de Al-Dibdibah. Eu chamo de Orchard Beach e digo aos caras que a qualquer momento nós vamos bater na água, onde garotas com coxas grossas e bundas redondas estarão alinhadas por milhas apenas para flertar com a gente.

Há quatorze de nós no pelotão e todos nós somos bem relaxados, mas quatro dias por aqui podem fazer você se sentir como se estivesse estrelando um filme de Mad Max e a qualquer momento você vai se deparar com alguns loucos motociclistas prontos para matar você com canhões de fogo. Mas a única coisa que nos deparamos são alguns locais de aparência estoica.

Nosso cara Marc é um tradutor e paramos para negociar com eles e fazer algumas perguntas. Eles não estavam desistindo de nenhuma informação e isso não nos surpreendeu. Eu não posso acreditar que eles vivem como

fazem e enfiam uma barraca no meio do nada, ou em um rio, ele nuncas tem alguns por aqui. Ou que tal onde há uma floresta para que você consiga uma polegada de sombra.

Estamos procurando um fluxo de armas entre a cidade de Al Basrah e a Arábia Saudita. Se encontrarmos uma trilha, eles mandarão nossos esquadrões para a ação real. Eles podem até acabar usando drones. Somos apenas os guias turísticos e não conseguimos fazer nenhuma das coisas divertidas. Mas hoje vamos voltar porque nos aproximamos demais da fronteira. Parece que o encontro de troca de armas foi na verdade apenas um boato.

Eu gosto quando olho para cima e vejo um pássaro no céu. Não acontece com muita frequência, mas quando isso acontece eu pelo menos sinto que estou na Terra em vez de estar perdido em um poço de areia sem fim. Estamos viajando em veículos blindados, que podem navegar na areia, mas na maior parte do tempo estamos fora e andando. É um baixo risco de ataque no solo porque podemos ver por milhas em cada direção. Os únicos aviões que voaram sobre nós em quatro dias foram os nossos, deixando cair suprimentos. Comida, água e munição. A primeira carga que eles deixaram cair o nosso líder de esquadra disse que era noite de passeio ao Cassino de Areias.

Estou acostumado a esta vida. Acabou de se tornar o meu fluxo de trabalho. Em vez de sacar as compras nas Aldeias, ando pelo deserto a meio caminho do mundo. Eu penso na minha antiga vida e me pergunto o que teria acontecido se eu não tivesse saído. Eu ainda estaria usando, provavelmente negociando, ainda vivendo com minha mãe.

E penso em Bey. Sim, eu penso muito nela. Mais do que qualquer mulher que eu já conheci, ela me atingiu profundamente, deixou sua marca no interior. Lembro-me de como sua respiração parecia quando ela se excitou por mim beijando-a. Penso em todo o estresse e tensão e no trabalho necessário para evitá-la. Então penso em como foi bom jogar isso pela janela e finalmente levá-la.

Eu me pergunto se ela tem um homem e se ela ainda me usa para conseguir gozar. Eu me pergunto se ela está feliz e sorrindo e mostrando ao mundo todo o quão especial ela é. Não me deixarei pensar em seus olhos quando eles estavam assombrados, quando ela estava sofrendo tanto por me querer.

Belén, quem sabe o que ela acha desse deserto? Ela provavelmente sabe mais sobre isso do que eu e ela explicaria a geografia e nos ensinaria algo que nunca tínhamos ouvido sobre isso. O que ela faria de Lucky Cabrera, Jarhead? Sinto falta da risada dela, do cheiro dela e do corpinho apertado dela. Eu sinto falta de como seus dedos cavaram em mim quando ela gozou e como todo o seu corpo tremeu com a sensação e a emoção.

Eu preciso dela. Eu posso sentir isso como uma dor física no meu peito. Não há nada que eu possa preencher esse lugar, é reservado para Len e tenho certeza que vai doer toda a minha vida. Às vezes eu penso sobre o que ela disse, sobre como ela amava a dor porque era algo que compartilhamos. Então eu tento não lutar e apenas deixar machucar.

Estou pensando em Len quando o veículo atrás de mim explode.

Belén

Estamos em Cascais, na costa de Portugal, sentadas junto ao mar. A água é um profundo azul cobalto. Eu comi mais polvo do que qualquer um deveria. Lucy nos trouxe uns ouriços-do-mar frescos, que abrimos e comemos vivos da casca. Parece o Paraíso na beira de um penhasco.

—Você teve a chance de conversar com sua mãe? —

—Eu recebi um e-mail dela ela no internet café. Tentei ligar ontem à noite, mas ela não atendeu o telefone. —

—Podemos passar pelo posto de chamada internacional e tentar de novo. Talvez você possa pegá-la antes que ela saia para o trabalho. —

Lucy bebe o resto de sua Coca e paga a conta. Nós deixamos nossas mochilas no albergue assim nós estamos visitando com apenas uma carteira, uma máquina fotográfica e uma bolsa com trajes de natação e sandálias de dedo. Estou mais morena do que já estive na minha vida e meu cabelo ficou naturalmente ressecado pelo sol. Eu acho que toda a vitamina D me deu um impulso, eu não tenho nenhum problema em caminhar o dia todo e sair dançando à noite. Eu me pergunto se alguém me reconheceria, na escola ou nas alturas. Eu me pergunto se estou florescendo, se este é o momento em que minha mãe me contou.

Mami responde no terceiro toque. São seis da manhã, provavelmente eu a peguei apenas saindo do chuveiro.

Mas, em vez de excitação, ouço decepção em sua voz, como se ela estivesse esperando por outra pessoa, e não um telefonema de sua própria filha, ela parece decepcionada.

—Mãe, é Belén—, eu digo. —Estou ligando de Portugal. —

—Oh, *mi hija.* Eu estava esperando que talvez fosse uma ligação sobre Lucky. —

—Por quê? — Eu pergunto, mas o mundo todo se reduz a um ponto. Eu sei que algo aconteceu antes mesmo de ela soltar as palavras.

—Oh Belén, eu odeio te dizer assim. —

—Não há outro jeito, apenas me diga—, eu exijo.

—Seu batalhão foi atingido. Não havia sobreviventes. Eles estão voando os corpos para a Alemanha para identificação e, em seguida, devolvendo-os para casa. Pelo que sabemos, aconteceu na quarta-feira passada. Foram dias no deserto e foi uma emboscada inesperada. Pode ter sido um foguete. Eles não poderiam ter visto isso chegando. A bênção é que ninguém sofreu, *mi vida.* —

—Não Lucky. Não mãe. Não pode ser. —

—Nós enviamos registros odontológicos no início da semana. Estamos esperando para ouvir uma identificação positiva. —

—Não. Por favor mamãe. Não Lucky. —

—Belén, isso sempre foi uma possibilidade. Ele sabia e assumiu o risco. Ele queria servir o seu país. O maior presente de Lucky era proteger aqueles que ele amava. Ele morreu a serviço dos outros, é o que ele gostaria de ter. —

—Os corpos estão destruídos, eles já não são reconhecíveis? — Meu peito desmorona com o pensamento do corpo de Lucky, de algo tão bonito, não sendo mais parte deste mundo. E a pessoa dentro era tudo, ele era tudo que eu sempre quis.

—Eu não tenho certeza até que ponto, Belén. Awilda tem falado com as pessoas da base e também com os estrangeiros da Alemanha. Talvez você deva voltar para casa, amor. Nós precisamos de você. Todos nós precisamos estar juntos. —

—Onde na Alemanha? —

—É um hospital militar. Eu tenho isso aqui mesmo. O Centro Médico Regional Landstuhl. É perto de Landstuhl, na Alemanha. Eu acho que eles levam todos os feridos e vítimas lá. —

—Estou indo para a Alemanha. Eu tenho. Me dê o contato ou ligue para eles e diga que eu irei. —

Eu limpo o suor da minha testa e deixo cair a caneta que estou segurando.

—Belén, *amor,* você me ouviu? Não houve sobreviventes. Era o pelotão de Lucky e ninguém foi poupado. Eu te amo, *corazón,* e sei que é extremamente difícil, mas Lucky não está mais conosco. Ir para a Alemanha não vai fazê-lo voltar. —

Lucky

A explosão me lembra de um edifício sendo demolido. Há o choque do impacto, mas há a força que ricocheteia para fora depois, explodindo areia e detritos que causam a maior parte do dano. Estou de bruços no chão. Eu não posso me mover. O calor do fogo é um maldito inferno. É como se o deserto estivesse rindo. —Oh, você pensou *que* era quente, jovem sangue fresco, bem, tente um pouco *dessa* merda!—

Não consigo respirar, não tenho certeza se meus pulmões entraram em colapso ou se é porque o ar foi arrancado de mim. Eu não aguento o calor, então eu começo a empurrar com os

dedos dos pés, apenas movendo meus dedos do pé como uma salamandra escapando da lagoa. Meu braço é arremessado amortecendo minha cabeça, então minha posição é aerodinâmica e a ponta do pé realmente me move. Não rápido o suficiente ou longe o suficiente para fazer muita diferença.

As chamas e a fumaça negra morrem depois de algumas horas. Eu não acho que alguém tenha saído. Eu não ouço nenhum sinal de vida. Isso foi um movimento grande como uma cadela, definitivamente, uma grande arma. Provavelmente uma granada propulsada por foguete. Sauditas ou insurgentes. Disseram-nos que tínhamos autorização até a fronteira, que haveria cobertura aérea para ter certeza, mas de alguma forma a notícia saiu e, aparentemente, saiu para os desgraçados que não gostam particularmente de nós. Nunca fale com os nativos. Regra um do deserto da Arábia, todo mundo é um informante.

Eu não tenho muito tempo. Não neste calor, não sangrando como um porco preso sem qualquer forma de se levantar e sinalizar para sobrevoos. Suprimentos foram retirados ontem, então basicamente eu estou ferrado. Se eu sangrar ou derreter primeiro, ninguém vai saber.

Belén

Eu compro uma passagem para a Alemanha. Eu não tenho dinheiro para isso, mas coloco no meu cartão de crédito. Eu não terminei, é mais como um torpor. Lucy me diz que estou em estado de choque, mas sinto que a Terra parou sua rotação. Que todos os relógios pararam de funcionar e as flores pararam de crescer. Eu tenho que ver Lucky. Eu tenho que ver o corpo dele. Não há como aceitar uma caixa ou uma urna. Não é ele. Não pode ser. Lucky é uma parte tão grande de mim. Ele é minha vida inteira. Se fosse verdade, eu saberia. Se ele não estivesse mais comigo, eu seria capaz de sentir isso.

Lucky

A noite cai e o mesmo acontece com a temperatura. Eu me pergunto se estou paralisado ou se estou fodido por uma concussão. Eu pensei que não passaria pelo resto do dia. Mas aqui estou eu, ainda estou surfando mais longe. Eu sou capaz de mover minha mão um pouco também, então eu melhorei meu jogo.

Eu encontrei uma pedra com meu dedo cavando e estou segurando. Primeiro eu senti, então assim que eu puder mover todo o meu braço, ele irá para o meu bolso. Estou tentando não deixar minha mente vagar, mas está ficando cada vez mais difícil. Eu não quero deixar minha mente ir antes do meu corpo.

A noite é um apagão e as estrelas saem fortes. Céu de veludo escuro preenchido com uma mistura de estrelas que vão para sempre e sempre. Quanto mais eu olho, mais me perco neles. Eu olho para as camadas e acho que devo estar vendo outras galáxias, outros universos. Surpreende como sou pequeno, que minha vida não é importante, apenas outro grão de areia no deserto sem fim. Eu tento escolher as constelações, mas eu nunca fui muito para isso. Nós não vemos estrelas em Nova York, exceto as que dançam na Broadway.

Eu me pergunto se Belén está olhando para o mesmo céu, como naquela noite em que nos sentamos juntos no telhado, nas alturas. Não me importa quão insignificante eu seja. Eu só queria ser importante para uma pessoa.

Estou entrando e saindo e estou realmente desapegado. A noite dura mil anos e não sei dizer a metade do tempo se estou dormindo ou se minha mente está acordada. Eu juro que vejo uma estrela brilhante no céu, tão brilhante que brilha mais que as outras. Então passa pela terra com um rastro como um cometa.

Belén

Chego a Landstuhl às três da manhã, reservo um hotel, sento-me em uma cadeira na escrivaninha e olho pela janela. Eu nem fecho os olhos, mesmo estando exausta. Eu não posso comer, mas bebo xícara após xícara de água morna da torneira. Água que tem gosto de uma vitamina ruim ou talvez como se fosse venenosa, mas eu engulo de qualquer maneira. Não é justo que eu tenha que continuar se Lucky me deixar.

Se estou em choque, isso dura mais do que eu esperava. Se estou em negação, é um ótimo mecanismo de enfrentamento, porque quase não sinto nada. Sem nervos, alguma apreensão, talvez raiva sob a superfície. Eu não estou em contato com a dor ainda. Talvez meu corpo saiba que não poderia lidar com isso. Seja o que for que está me protegendo, sou muito grata por isso. Estou em algum tipo de casulo e tudo foi suspenso. Eu descanso meu queixo na minha mão enquanto olho para o céu noturno. As estrelas são brilhantes e abundantes, nada parecidas com o céu em que crescemos em Manhattan.

Lucky

Eu fiz isso durante a noite, porque o sol está fazendo a sua aparição. Não me fudeu o suficiente ontem, então está de volta com uma vingança.

Eu posso mover meu braço para alcançar meu cantil. Pego água na boca e, embora saiba que não deveria prolongá-la, não consigo parar de beber, minha sede nesse ponto é muito mais

forte que eu. Eu puxo a rocha para o meu rosto. É minha pedra de toque, minha arma, uma jóia preciosa no deserto, é a última coisa que vou tocar antes de conhecer meu criador.

Eu empurro minha mão para baixo e uso meu peito para ajudar a abrir meus próprios dedos sujos. Eu olho para ele e gemo alto. É um maldito pedaço de vidro de praia. Eu gemo e amaldiçoo e sopro ar através dos meus lábios. Que piada cruel. Eu não posso nem pegar.

—Belén!— Eu grito seu nome. Porra gritando ao vento e totalmente em vão. Gritando em nada e usando o meu último suspiro para fazê-lo.

Um show de imagens passa pela minha cabeça. Belén na cozinha. O som da risada dela. Joelho machucado no playground, chorando, chamando meu nome e mancando. Compartilhando comida, lambendo nossos dedos. Compartilhando segredos, sussurrando nos ouvidos um do outro. O som da respiração dela, o cheiro do cabelo dela. A curva de seu quadril bem antes de encontrar sua bunda. A sensação de seus lábios se abrindo para a minha língua. O gosto do beijo dela. A droga doce e intoxicante que o amor dela era.

Acho que grito muito o nome dela até a garganta secar. Dói abrir meus olhos por causa da areia e porque não há uma gota de água no meu corpo. Se houvesse, eu usaria para chorar lágrimas por Belén.

Eu perco a consciência, mas não solto minha rocha do deserto.

Belén

Eles me dizem que não é ortodoxo. Eles me dizem que tenho que esperar pelo vice-presidente. Eles me fazem assinar dez libras de papelada e obter uma identificação com foto do hospital.

Eu tenho que esperar por um oficial de comando militar especial que me leve para uma sala e explica que os soldados foram gravemente queimados e que muitas identificações visuais não eram possíveis. Eu assino todas as renúncias, incluindo um acordo de não divulgação e confidencialidade.

Demora quase todo o dia para provar o meu status de parentes-próximo, talvez o único momento na minha vida que eu estou emocionado por estar relacionado, carne e sangue, com meu primo.

—Assim, senhora—, diz uma enfermeira com um leve sotaque alemão. Muito da equipe é local, mas ainda mais parece são americanos.

Eu a sigo por um longo corredor. Eu ouço todos os passos.

—É um necrotério? —

—É mais como uma tabela de exames que eles usam para corresponder registros para identificação—.

—Eles são reconhecíveis? —

—Alguns deles. Seu primo é, do contrário eles não teriam concedido sua autorização. —

Tudo parece embaçado enquanto ela me guia em uma sala iluminada. Existem numerosos corpos aqui e vários funcionários no trabalho. Todo mundo fica em silêncio quando eu entro.

—Senhora Heredia, está aqui para identificar um parente próximo. —

Um homem de jaleco usando óculos de aro de metal acena com a cabeça e aponta para um cadáver. O corpo é coberto com um pano.

A enfermeira acena com a cabeça. O papel na base da tabela diz: —Cabrera—.

Ele puxa o lençol para trás e acho que naquele momento acontece o desabrochar, o que minha mãe me contou. Porque meu peito se abre. Eu sinto todos os tipos de mudanças milagrosas acontecendo em um nível celular. Todas as vezes que Lucky me tocou afetam meu corpo simultaneamente, como o som de instrumentos individuais se fundindo em sinfonia, como vozes convergentes se elevando em um coro harmônico. Eu ouço sua risada, vejo seu sorriso quase como se pudesse alcançá-lo e tocá-lo. Eu vejo a beleza em seu rosto quando ele estava quebrando dentro de mim, quando o nosso amor completamente o desfez e o colocou de joelhos. Eu posso provar esse amor e só gosto de pureza. A luz do sol está brilhando em sua pele, iluminando seu cabelo, sinto a suavidade de seu beijo, o calor abrangente do verdadeiro amor que compartilhamos. Talvez Lucky se foi, talvez o que sentimento seja estranho, mas mesmo que ele não esteja aqui comigo, sei que, não importa o que aconteça, tudo ficará bem.

Lucky pega todo o meu coração e é *para sempre* uma parte de mim.

—Não é ele—, eu digo definitivamente. Eu sinto muito que seja outra pessoa. Lamento que alguém tenha perdido a vida e sei que todos esses homens provavelmente significaram tanto para alguem.

—Mostre a ela os outros três, poderia ter havido uma mudança acidental. —

—Não é ele—, digo três vezes seguidas.

Eu acredito em milagres e acredito no amor verdadeiro.

—Obrigado, Srta. Heredia. Ele poderia estar entre qualquer um dos outros, o problema é que esses corpos estão em estágios avançados de decomposição ou completamente irreconhecíveis. Estamos trabalhando por processo de eliminação. Seu trabalho nos deu um salto, mas temo que isso não signifique, de modo algum, que seu primo não seja um dos mortos aqui. Ele foi confirmado com o batalhão. —

Eu aceno com a cabeça.

—Obrigada a todos por me permitirem olhar. — Eu faço uma oração por esses homens e as pessoas que os amam.

Eu saio do hospital em um estado de sonho. Eu não sei como eu tinha tanta certeza que Lucky não estava entre eles. De alguma forma eu sabia, no fundo do meu coração. Seu corpo ainda fala comigo mesmo quando estamos a milhares de quilômetros, talvez até mundos separados.

Lucky

Há meia dúzia deles no máximo. Eles falam árabe, o que eu não sei. Eles têm uniformes e isso não é a norma para insurgentes nessas partes.

Eles abrem um cantil e a seguram nos meus lábios. Não consigo fazer minha boca funcionar, não posso falar. Um deles levanta minha cabeça e eu penso o quão fodido é que eles querem me hidratar antes de cortar minha garganta. Eles me colocaram em uma maca e me colocaram atrás de um caminhão utilitário leve, o tipo que é normalmente usado para transportar soldados. Não faço ideia de como eles dirigem essa coisa pelo deserto.

Há quatro caras sentados atrás, dois de cada lado. Estou completamente indefeso. Eu gostaria que eles se apressassem e me matassem. Eu não quero ser torturado ou me tornar parte de algum vídeo tático de medo. Não tenho outra opção senão morrer por minha conta.

Capítulo Vinte E Três

Belén

Aqui não é nada pior do que voltar para casa sem Lucky. Não é realmente em casa sem ele. Apenas Mami, eu e Titi, mas perdemos nossa luz brilhante, a que nos guiava.

Nós ouvimos dos militares de tempos em tempos. Como os restos poderiam ter sido negligenciados devido à atomização acelerada. O que significa que não sobrou o suficiente de Lucky para deixar uma pegada de poeira. Quando a área estabilizar, eles retornarão ao local e coletarão amostras de DNA.

Eu sou a única que não desiste da esperança. Mami diz que estou sendo delirante. Ela tenta me impedir de falar com Titi sobre isso, porque ela acha que eu vou machucá-la mais com a minha —incapacidade de deixar ir e aceitar o que aconteceu. — Eu não quero dar a ninguém falsas esperanças, ou acreditar em coisas que não é verdade. Titi decola para uma longa pausa na República Dominicana. Ela não suporta mais o apartamento, não suporta o bairro. Tudo o que ela vê lembra dele. Ela nem sequer quer olhar para mim porque sabe o quanto eu o amava.

Não é como se eu não lamentasse, isso é tudo que faço. Minha vida perdeu toda a sua cor, e mesmo que um pequeno pedaço de mim tenha alguma esperança, as chances são de uma em um milhão que Lucky vai aparecer vivo, e muito menos chegar em casa para um enterro.

Eu pego um emprego de pesquisa no hospital. Não é o meu emprego dos sonhos, mas paga bem, e estou de volta ao laboratório, onde me sinto confortável. Estou de volta ao antigo bairro. Estou de volta ao meu antigo quarto.

—Despeje isso—, Mami diz uma noite enquanto eu estou andando do trabalho. Ela está segurando meu feitiço de amor para mim como se fosse uma maldição do mal.

—Por que importa se ele se foi? — Ela tem um pequeno altar para Lucky na sala de estar com fotos e velas. Eu realmente não vejo a diferença.

—É azar, é o que é. Isso te impede de seguir em frente. —

Estou hesitante em jogar fora. Eu me pergunto se a doença retornará e arruinará o pouco que resta de mim.

Eu pego o pote de mel dela e desço todas as escadas do prédio. Levantando a tampa da lata de lixo, eu a atiro em cima do lixo. O mel escureceu em um âmbar espesso, não consigo mais ver o fundo. Eu me pergunto se ainda é bom. se foi mantido na sua doçura.

***

Eu não choro tanto assim. Eu tenho muito mais controle do que jamais imaginei ser possível. Meu luto é suave, como uma ferida lenta que sempre está infectada. Algumas coisas me atingiram com força, como lugares em que fomos quando crianças. Mas esses lugares também me confortam mais e muitas vezes me sinto atraído por eles.

Como hoje no parquinho onde saímos quando éramos pequenos. Onde Lucky sempre me incluiu e me protegeu de outras crianças. Lembro-me daquele dia em que o observei através do aspersor, ele ainda era indescritível, meu amante irritantemente rigoroso, mas generoso.

Eu ando pelo parque e sento em um balanço. Não há muitas crianças brincando, é muito perto do jantar. Os traficantes estão fora e eu os vejo se exibindo, sempre tentando competir por quem é o macho mais machão. Estou feliz que Lucky tenha saído, mesmo que tenha pago o melhor preço. Ele não teria sido feliz nesse papel e acredito que ele nunca teria sido capaz de sair das drogas.

Um dos caras parte da multidão. Ele enfia as mãos nos bolsos e avança em minha direção, olhando para o chão.

É o Jaylee. O homem com quem eu estranhamente perdi minha virgindade e não falei desde então. Ele é um homem estonteante, mesmo que sua ambição seja questionável. Ele era um bom amigo para Lucky. Eu o amo por isso. Parece que eu deveria me sentir constrangida ou, pelo menos, desajeitada em vê-lo. Mas tudo que sinto é paz e um oceano agitado de nostalgia.

—Ei, Belén, como você está? — Ele diz, levantando alguns pedregulhos. Ele senta no balanço ao meu lado e enfia as mãos nos bolsos.

—Eu estou bem, Jaylee. Eu estou supondo que você já sabe? —

—Sim. É uma merda. Ele foi um dos melhores. Esses são sempre aqueles que vão. —

—É difícil de acreditar. Não faz muito tempo que estávamos todos jogando aqui. —

—Ele amava você. Eu sei que você já sabe disso. Mas eu ainda tenho que dizer isso. O que o tornava tão forte era o quanto ele lutaria contra isso. Passou toda a porra da sua vida lutando contra o que seu corpo estava dizendo, o que ele sentia em seu coração. Foi difícil ouvi-lo falar sobre isso. —

—Eu não sabia que ele falou sobre isso. —

—Ele falou muito sobre isso. É preciso um homem forte para fazer isso, lutar contra o amor quando é tudo o que você quer. Mas ele era um campeão do caralho. —

Eu empurro para trás com meus pés e solto para que o balanço se mova. Jaylee parece diferente. Sombrio mesmo. Não o brincalhão alegre que eu lembro. Parece que ele passou pelo inferno.

—Eu aprendi algo com ele, cara. Que você *sabe* quando é amor de verdade e você não escolhe quando ou com quem isso acontece. Você precisa se segurar, porque a vida é muito curta. —

—Você está apaixonado, Jaylee? — Eu pergunto a ele enquanto balanço minhas pernas suavemente. Esta é a sua situação. Ele está lutando contra o amor agora, assim como Lucky fez toda a sua vida.

—Primeira vez—, diz ele e bate o punho contra o coração. —Pessoa errada, que faz tudo parecer certo. Você entende como vai, Bey, hein? —

—Espero que de certo. Eu realmente quero dizer isso, Jaylee. Desejo-lhe o melhor—, digo enquanto pulo do balanço.

—Ei, sinto muito por aquela noite. Sinto que eu deveria dizer alguma coisa. Eu não sei como ele se sentou através disso. É isso que quero dizer quando falo sobre a luta nele. —

—Eu não mudaria nada. Ele estava me mostrando que tipo de homem ele era. —

Jaylee acena com a cabeça e fica em silêncio.

—Eu vou te ver por aí, Jaylee. Se cuida. —

Saio do parquinho e ando de volta para o apartamento. Não havia nada que pudéssemos ter feito diferente. Lucky e eu sempre fomos destinados a dificuldades. Eu me lembro de que tudo acontece por um motivo.

Lucky

Eu acordei em um hospital, IV no meu braço. Está tudo nublado pra caralho e ninguém fala inglês. Eu faço perguntas e eles acenam com a cabeça. Agora eu sei como Tia Betty e minha mãe se sentiram quando estavam fora do barco nos Estados Unidos. Eu tento me concentrar na escrita ao meu redor, mas estou perdido. Eles com certeza não estão falando francês e eu sei que não estou na Alemanha. Eu tento lembrar quem compõe

as forças aliadas, mas meu cérebro simplesmente não está funcionando direito.

Eu acho que estou sedado. Eu ainda não consigo mexer meu corpo. Se eles estão planejando me matar, essa é uma maneira prática de fazer isso. Talvez eles queiram que eu tenha uma aparência saudável para as câmeras, então quem assiste ao vídeo não pode dizer: —Ele provavelmente teria morrido independentemente—. Talvez eu esteja no Egito. Talvez eu tenha sido levado pelos sauditas.

Eu acho que muito tempo passa. Eu acordo com um cavalheiro mais velho parado em cima de mim, óculos de aro preto escorregando pelo nariz. Ele está olhando para uma prancheta, lápis atrás da orelha, usando um estetoscópio.

—Doutor? — Eu pergunto. Eu me sinto frenético. Se alguém não me disser onde estou ou o que aconteceu, vou me partir mentalmente. Esqueça meu corpo, está tudo acabado quando sua mente se vai.

—Sim—, diz ele, abaixando o quadro e sorrindo para mim.

—Oh, Jesus Cristo. Obrigado foda! Onde diabos estamos? —

—Ninguém te contou? — Seu sotaque soa britânico, sua testa está enrugada em preocupação.

Eu tenho a sensação arrepiante de que ele está prestes a dizer: —Eu sou Deus e você está no céu—. Ou talvez ele diga o inferno, mas ele não se parece com o diabo.

—Você está em Amã, no Hospital Militar Queen Alia. Você foi encontrado pela nossa Brigada de Forças Especiais. Eles trouxeram você aqui para tratamento. —

—Eu estou na Jordânia? Puta merda, eu não posso acreditar que eles me acharam lá fora. Eles estavam olhando ou simplesmente tropeçaram em mim? —

—Eu não conheço todos os detalhes. Eu acho que foi acidental. Eu diria que você teve muita sorte. —

—Por que não consigo me mexer? O que diabos está errado comigo? —

—Você sofreu uma lesão cerebral traumática. Pode demorar um pouco para sair disso. Uma ressonância magnética completa deve nos informar se houve algum dano nervoso extenso. Eles vão te mover em breve. Demorou um pouco para chegar até este ponto. Seu exército virá até você quando for adequado. —

—Há quanto tempo eu estou aqui? —

—Um mês, mais ou menos alguns dias. —

—Cristo, minha família sabe? —

—Nós não tínhamos uma identidade em você quando eles te trouxeram. Para ser honesto, ninguém estava correndo porque não achamos que você conseguiria. Você estava em coma induzido por inchaço e sangramento. Nós o trouxemos de volta o mais suavemente possível. Quando você estiver pronto, alguém vai tirar todas as suas informações. —

—Posso ligar para eles? Minha família, quero dizer. —

—Eu vou ver se posso obter autorização para que você possa fazer isso hoje. —

Eu posso mover meus braços. Eu mexo meus dedos. Eu nunca perdi o movimento nos meus dedos. Eu me lembro do vidro da praia e olhando para o universo. Eu me pergunto se era real, se alguma coisa era.

—Eu encontrei um pedaço de vidro de praia no deserto—, eu digo, soando louco para mim mesmo.

—Você quer dizer isso? —, O médico responde e se inclina para abrir a pequena gaveta na mesa de cabeceira. Ele produz a rocha transparente e a segura até a luz. —Você tinha isso em sua mão quando eles te pegaram. Você segurou ele nas primeiras noites. —

—O que é isso? —

—Eles chamam isso de vidro do deserto. É raro, no entanto, não impossível —.

—O que diabos é o vidro do deserto? De onde vem isso? — pergunto, tentando levantar a cabeça.

—Provém da Líbia, provavelmente, remonta a quase 30 milhões de anos. A origem é de um impacto maciço. Ou um meteorito, ou possivelmente até um raio. Algo muito espetacular. Ninguém sabe ao certo, mas essas são as teorias —.

—Não, merda? —

—A areia desgasta as arestas e puli com a passagem do tempo, assim como o oceano faz com o vidro. Eles aparecem de vez em quando no deserto da Arábia. —

—Eu pensei que era Deus falando comigo. Como se o universo estivesse tentando me dizer alguma coisa. —

—Talvez fosse. Você fez muito melhor do que esperávamos, — ele diz, empurrando seus óculos grossos na ponta do nariz.

—Vale alguma coisa? — Pergunto. Eu não sei porque estou perguntando. Eu vou me agarrar a essa coisa pelo resto da minha vida, eu sei disso.

—Talvez, para museus, talvez colecionadores. Eu diria que valeu a pena, seja o que for que o universo lhe dissesse quando você o encontrasse. —

—Belén. —

—Ah sim. Eu vejo o seu ponto. Isso poderia ter sido. A luz que os levou a Belém. Eu não sou cristão, mas fui educado em Oxford. Eu também prefiro a teoria científica de que foi um meteorito ou cometa que eles viram em vez de uma aparição sagrada. Seu copo do deserto poderia ter vindo de lá, a luz que eles dizem pairou sobre Belém. —

Eu tenho relâmpagos correndo pelo meu corpo. Eu posso sentir tudo, como sensação retornou e eu não estou mais pendurado na borda do abismo. Talvez meu corpo não esteja paralisado. Talvez eu não esteja morto afinal.

—Você é realmente um médico? —

—Eu sou, tanto quanto você é um soldado, meu garoto. Agora, descanse um pouco. Seus sinais vitais são muito bons. Vou checar o telefonema. —

Belén

Eu subo a colina que passa pelo Cemitério Trinity. Subi esta colina de mãos dadas com Lucky tantas vezes. Ele me puxou junto, nunca correu na minha frente ou me deixou para trás para me defender sozinha. Lucky estava sempre cuidando de mim, como eu sei que ele está agora, se ele passou adiante ou não. Desde que éramos crianças pequenas, quando as crianças deveriam ser cruéis, não cuidassem umas das outras, Lucky me protegia. Eu acho que ele sempre levava o que nossas mães diziam seriamente, ou isso, ou ele me amava fortemente desde tenra idade. Lucky foi meu herói. Mesmo quando ele fez coisas que me machucaram, essas mesmas coisas me fizeram mais forte.

Lucky

Quando o médico sai, percebo algumas coisas. Uma delas é que a vida é curta e você nunca sabe quando será tomada. Se eu morresse lá no deserto, todos teriam que continuar sem mim, minha mãe, Betty e, claro, Belén. Eu acho que elas estariam de

coração partido, muitas lágrimas seriam derramadas, mas eventualmente elas continuariam sem mim. Eu me tornaria outra memória com um final bem triste.

Se eu fosse para casa agora, Belén e eu estaríamos juntos, diríamos ao resto deles para se foder e pensar que fomos abençoados com uma segunda chance. Eu não posso nem me deixar pensar sobre a nossa reunião na cama. Isso rivalizaria com as coisas das quais as lendas são feitas, elas nomeariam uma constelação atrás de nós. Belén e eu somos explosivos juntos, nunca conheci nada parecido e não espero conhecer.

Mas o outro tipo de coisa importante que continua tocando, se todos pensam que estou morto, talvez seja a melhor coisa que poderia acontecer. Uma pausa limpa, um novo começo, ajuda Belén a se separar de mim. Ela merece muito mais e nós dois juntos só causa mais doença. Uma doença que, quando se apodera de nós, é forte o suficiente para nos fazer errar. Nada dura para sempre e isso provavelmente se aplica a nós. Eu não acho que eu poderia sobreviver a Belén caindo de amor comigo. De jeito nenhum.

Não se trata apenas de ter filhos ou nossa família e o resto do mundo achando que está errado. É sobre Belén não se odiar e acreditar em seu coração que ela é ruim. Tire-me da foto e, de repente, mesmo de longe, posso ver melhor o futuro de Belén.

É quando eu decido que não estou nem no céu nem no inferno. Eu estou preso no purgatório e cabe a mim decidir se eu fico ou se eu saio dessa.

Eu só não sei se posso andar sozinho quando toda a minha vida eu andei ao lado dela.

Epílogo

Belén

As mãos do Luke parecem minúsculas enquanto ele se esforça para esfregar o giz de cera sobre a inscrição. Ele tem apenas três anos, mas está tão empolgado em fazer isso, contando os dias para o Memorial Day. Ele disse a todos os seus professores na pré-escola sobre o nosso projeto. Eu seguro os cantos do papel dele enquanto o vento tenta leva-lo.

—Isso é tudo, mamãe? —

—Eu acho que sim, Luke. Vamos dar uma olhada nisso. —

Todas as palavras vieram perfeitamente no papel.

Lucky —Sorte— Cabrera

Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA

16 de julho de 1989 - 23 de junho de 2012

Eu ainda tenho um nó na garganta apenas lendo. Nós nunca recebemos um corpo ou mesmo uma identificação positiva no DNA. Para uma pessoa tão incrível, é difícil aceitar que realmente não resta nada dele.

—Você me deu o nome de meu tio Lucky, certo, mamãe? — Luke pergunta.

—Sim. E depois do irmão de papai, Luke, que morreu na guerra como Lucky. —

Meu telefone toca com um texto e eu tiro do meu bolso.

Querida, eles não têm limonada. Chá gelado em vez disso? Luke está comendo salada de ovo hoje em dia? Eu esqueço.

Eu sorrio quando leio.

Sim e Sim eu mando de volta.

Adam perdeu seu irmão gêmeo Luke no Afeganistão, então ele tem um profundo buraco em seu coração, assim como eu faço. Ligamos essas perdas e ajudamos a ligar a dor do outro.

—Vamos encontrar o tio Luke, e então encontrar o papai para o almoço. —

—Ok, mamãe. Por que o tio Lucky foi para a guerra? —

—Chama-se fazer um sacrifício, Luke. —

—O que é isso? —

—Um sacrifício é quando você se importa com alguém ou algo mais do que você mesmo. Está dando um salto gigantesco de fé quando você não sabe qual será o resultado. —

Ele puxa minha mão enquanto seguimos para o túmulo do irmão de Adam.

Adam é um cientista de pesquisa como eu sou. Nós nos conhecemos em um projeto e logo descobrimos o quanto

tínhamos em comum. Eu fui completamente honesta sobre o sexo desde o primeiro dia. Adam levou tão extremamente lento e gentil comigo, era impossível não se apaixonar por ele. Ele nunca me acusou de ser vergonhosa ou estranha.

—Mutações de gene eu posso falar, Belén. Mas o amor, esse é o maior mistério do universo —, ele diria.

Mami e Titi amam o bebê Luke com uma paixão que é feroz. Ele é a nova luz da nossa família e ninguém consegue o suficiente dele.

Minha vida é tão cheia que seria ingrato dizer que está faltando de alguma forma. Eu adoro meu marido e meu filho e eu tento viver todos os dias como se fosse o meu último.

Meu coração está cheio também, uma câmara incandescente de vidro de praia cor de amora meticulosamente reconstituída. E eu seria negligente em não mencionar que há uma luz que paira sobre mim, sempre protegendo. Ela brilha tanto que às vezes me ilumina de dentro para fora. Eu tive muita dor, mas eu me agarro a isso também. Minha dor por amar Lucky não é uma doença, é uma fonte de força magnífica, é a parte mais bonita de mim.

Eu não me considero amaldiçoada, eu me considero sortuda.

FIM

Sobre a autora

Mara White é uma escritora contemporânea de romances e eróticos que adota histórias de amor proibidas com questões difíceis, como raça, gênero e desigualdade. Ela possui um diploma da Ivy League, mas também trabalhou em mais clubes de striptease do que ela pode lembrar. Ela não é uma ex-estrela da telenovela mexicana, ao contrário do que os tablóides poderiam dizer, mas ela é uma ex-bailarina e sempre permanecerá uma em seu coração. Ela mora em Nova York com o marido e dois filhos e, sim, quando não está escrevendo, pode encontrá-la no parquinho.

Se você quiser entrar em contato, ela adoraria ouvir de você!

Agradecimentos

Um tremendo obrigado a:

Meu marido e meus filhos, bem como minha família estendida.

Meus primeiros leitores, Ramona, Jill, Yaya, GMG, Leslie, Ellen, Outono, Jenae, Supreet, Jiya, e Stylo.

Para Robin Bateman e sua família pela informação técnica.

Minha editora, Leanne Rabesa, que fez um belo trabalho com essa história.

Minha editora, Sue Rohan.

Minha capa, Daniela Medina, que sempre tem o toque mágico.

Meus consultores culturais, Leslie De Jesus e Diana Rosa, Carlos e Saralinda.

Meus gráficos, Glendon e Tabatha na Streetlight Graphics e Michele Catalano na Michele Catalano Creative.

Minha publicista, Neda Amini na Flirty Subs PR. Obrigado por me encontrar e vir para o resgate!

Todos os blogueiros incríveis que me ajudam muito. Eu tenho um grande amor e respeito pela dedicação necessária para fazer o que você faz - isso não passa despercebido.

Meus leitores, você é tudo, não há como eu poder fazer isso sem toda a sua gentileza e entusiasmo. Obrigado por ler, por me procurar e por deixar comentários.

Para Katy Evans, que não apenas escreve histórias incríveis, mas também dá os melhores conselhos. Ela foi a primeira pessoa a ler os Maldeamores e a primeira pessoa a amá-la.

E finalmente, para Lucky e Belén. Foi um prazer trabalhar com vocês dois, apesar de você ter sequestrado minha mente por sete semanas seguidas e mal me deixar dormir! (Brincadeira, adorei cada minuto! Vamos fazer de novo algum dia!)